O LIVRO QUE INSPIROU O FILME



O LADO BOM DA VIDA

MATTHEW QUICK

intrinseca

Esta obra foi editada, convertida e disponibilizada
pelo site
LeLivros.com e seus parceiros.



A

O LADO BOM DA VIDA

Matthew Quick

O LADO BOM

DA VIDA

Para Alicia... la raison

Um número infinito de dias até

meu inevitável reencontro com Nikki

Não preciso olhar para cima para saber que mamãe está fazendo outra visita surpresa. Suas unhas dos pés estão sempre cor-de-rosa nos meses de verão, e eu reconheço o motivo floral impresso em suas sandálias de couro; ela as comprou na última vez em que me tirou do lugar ruim e me levou ao shopping.

Mais uma vez, mamãe me encontrou de roupão, exercitando-me sozinho no pátio, e eu sorrio por saber que ela vai gritar com o Dr. Timbers, perguntando por que preciso ficar preso aqui se vou ser deixado sozinho o dia inteiro.

— Quantas flexões exatamente você vai fazer, Pat? — pergunta mamãe quando começo a segunda série de cem sem falar com ela.

— Nikki... gosta... de... homens... com... peitoral... forte — respondo, pronunciando uma palavra a cada flexão, saboreando as gotas salgadas de suor que escorrem para dentro de minha boca.

O calor de agosto é forte, ideal para queimar gordura.

Mamãe me observa por cerca de um minuto e, então, ela me choca. Sua voz vacila ao dizer:

— Quer vir para casa comigo hoje?

Paro as flexões, viro o rosto para minha mãe, sou ofuscado pelo sol intenso do meio-dia... e vejo imediatamente que ela está falando sério, porque parece preocupada, como se estivesse cometendo um erro, que é como minha mãe fica quando está falando sério de verdade, em vez de apenas falar sem parar por horas a fio sempre que não está preocupada ou com medo.

— Desde que prometa que não vai procurar Nikki outra vez — acrescenta —, você pode finalmente voltar para casa e morar comigo e com seu pai até lhe arranjarmos um emprego e o instalarmos em um apartamento.

Volto para minhas flexões, mantendo os olhos fixos em uma formiga preta e brilhante escalando uma folha de grama embaixo de meu nariz, mas minha visão periférica captura as gotas de suor que escorrem pelo meu rosto e pingam no chão.

— Pat, só diga que vai voltar para casa comigo, e eu vou cozinhar para você e você poderá visitar seus velhos amigos e finalmente dar continuidade à sua vida. Por favor. Eu preciso

que você queira isso. Por mim, Pat. Por favor.

Flexões duas vezes mais rápido, meu peitoral ardendo, crescendo... dor, calor, suor, mudança.

Não quero ficar no lugar ruim, em que ninguém acredita no lado bom das coisas, no amor ou em finais felizes, e onde todo mundo me diz que Nikki não vai gostar de meu novo corpo, nem vai querer me ver quando acabar o tempo separados. Mas também tenho medo de que as pessoas de minha antiga vida não sejam tão entusiásticas quanto estou tentando ser agora.

Ainda assim preciso me afastar dos médicos deprimentes e das enfermeiras feias — com seus intermináveis comprimidos em copinhos descartáveis — se quiser começar a pensar direito, e já que mamãe será muito mais fácil de enganar do que os profissionais de saúde, eu me levanto e digo:

— Só vou morar com vocês até o fim do tempo separados.

Enquanto mamãe assina os documentos, tomo um último banho em meu quarto e em seguida encho a mochila com roupas e o porta-retratos com a foto de Nikki. Eu me despeço de meu colega de quarto, Jackie, que apenas me olha de sua cama como sempre faz, a baba escorrendo de seu queixo como um fio de mel claro. Pobre Jackie, com seus tufos de cabelo aleatórios, sua

cabeça de formato estranho e seu corpo flácido. Que mulher poderia amá-lo?

Ele pisca para mim. Encaro isso como um adeus e boa sorte, então pisco de volta com os dois olhos — o que significa boa sorte em dose dupla para você, Jackie, o que eu acho que ele entende, já que grunhe e bate a cabeça contra o ombro, como sempre faz quando entende o que alguém está tentando lhe dizer.

Meus outros amigos estão na aula de relaxamento musical, à qual não compareço porque o jazz suave me faz ficar muito bravo às vezes. Pensando que talvez eu devesse me despedir dos sujeitos que me protegeram enquanto estive internado, olho pela janela da sala de música e vejo meus colegas sentados como indianos em tapetes roxos de ioga, cotovelos apoiados nos joelhos, palmas das mãos unidas à frente de seus rostos, olhos fechados. Por sorte, o vidro da janela impede que o jazz suave penetre em meus ouvidos. Meus amigos parecem realmente relaxados — em paz —, então decido não interromper a sessão. Odeio despedidas.

Trajando jaleco branco, o Dr. Timbers está esperando por mim quando encontro com minha mãe no saguão, onde se

erguem três palmeiras em meio a sofás e poltronas reclináveis, como se o lugar ruim estivesse em Orlando e não em Baltimore.

— Aproveite a vida — diz ele com aquela sua expressão de sobriedade; e aperta minha mão.

— Assim que acabar o tempo separados — digo, e sua expressão fica taciturna, como se eu tivesse dito que ia matar a mulher dele, Natalie, e suas três filhas louras, Kristen, Jenny e Becky, porque ele não acredita nem um pouco no lado bom da vida, ocupando-se incessantemente em pregar a apatia, a negatividade e o pessimismo.

Mas faço questão de que ele compreenda que não conseguiu me infectar com suas deprimentes filosofias de vida — e que estarei esperando ansiosamente pelo fim do tempo separados.

Assim, digo para o Dr. Timbers:

— Vou deitar e rolar.

Isso é exatamente o que Danny, meu único amigo negro no lugar ruim, me disse que falaria para o Dr. Timbers quando saísse. Eu me sinto um pouco culpado por roubar a frase de despedida de Danny, mas funciona. Sei disso porque o Dr. Timbers faz uma careta como se eu tivesse dado um soco na boca do estômago dele.

Enquanto minha mãe dirige, deixando Maryland e atravessando Delaware, passando por todas aquelas lanchonetes e centros comerciais, ela explica que o Dr. Timbers não queria me deixar sair do lugar ruim, mas que, com a ajuda de alguns advogados e do terapeuta de sua amiga — o homem que será o meu novo terapeuta —, ela deu início a uma batalha judicial e conseguiu convencer algum juiz de que podia cuidar de mim em casa, então eu lhe agradeço.

Na ponte Delaware Memorial, ela olha para mim e pergunta se eu quero melhorar, dizendo:

— Você quer melhorar, Pat. Não é?

Eu concordo com a cabeça e digo:

— Quero.

Então voltamos para Nova Jersey, voando pela 295.

Enquanto descemos a Haddon Avenue em direção ao coração de Collingswood — minha cidade natal —, vejo que a rua principal está diferente. Tantas butiques novas, novos restaurantes caros e estranhos bem-vestidos caminhando pelas calçadas que eu me pergunto se essa é mesmo a minha cidade natal. Começo a me sentir ansioso, respirando com dificuldade, como às vezes me sinto.

Mamãe me pergunta o que eu tenho, e, quando digo, ela volta a prometer que meu novo terapeuta, o Dr. Patel, vai fazer com que eu me sinta normal rapidinho.

Quando chegamos em casa, desço imediatamente até o porão e parece que é Natal. Encontro o banco supino que minha mãe havia me prometido tantas vezes, uma estante com os pesos, a bicicleta ergométrica, os halteres e o Stomach Master 6000, que eu tinha visto na televisão de madrugada e cobiçado durante todo o tempo, não sei quanto, em que estive no lugar ruim.

— Obrigado, obrigado, obrigado! — digo para mamãe, e lhe dou um enorme abraço, erguendo-a e dando um giro no ar.

Quando a ponho no chão, ela sorri e diz:

— Bem-vindo ao lar, Pat.

Começo a malhar com avidez, alternando séries de supinos horizontais, flexões, abdominais no Stomach Master 6000, levantamentos com as pernas, polichinelos, horas na bicicleta, sessões de hidratação (tento beber quinze litros de água por dia, ingerindo séries intermináveis de porções de H2O em copos de doses, para hidratação intensiva), e há também meus escritos, que são em sua maioria anotações diárias como esta, para que Nikki possa ler sobre a minha vida e saber exatamente o que eu

andei fazendo desde que começou o tempo separados. (Minha memória começou a falhar no lugar ruim, por causa dos remédios, de modo que comecei a escrever tudo que acontece comigo, registrando o que vou precisar dizer a Nikki quando terminar o tempo separados, para atualizá-la sobre minha vida. Mas os médicos no lugar ruim confiscaram tudo que eu escrevi antes de voltar para casa, então tive que recomeçar.)

Quando finalmente saio do porão, percebo que todas as minhas fotos com Nikki foram retiradas das paredes e do consolo da lareira.

Pergunto à minha mãe onde foram parar as fotos. Ela me diz que nossa casa foi assaltada algumas semanas antes de eu voltar e que as fotos foram roubadas. Pergunto por que um ladrão iria querer fotos minhas com Nikki, e minha mãe diz que sempre coloca suas fotos em porta-retratos muito caros.

— Por que o ladrão não levou o restante das fotos da família? — pergunto.

Mamãe diz que o ladrão roubou todos os porta-retratos caros, mas que ela tinha negativos das fotos de família e as substituiu.

— Por que você também não substituiu minhas fotos com Nikki? — pergunto.

Mamãe diz que não tem os negativos daquelas fotos, sobretudo porque foram os pais de Nikki que pagaram as fotos do casamento e só lhe deram cópias das que ela mais gostou. Nikki dera para mamãe as outras fotos de nós dois que não eram do casamento e, bem, no momento não estamos em contato nem com Nikki nem com a família dela porque estamos no tempo separados.

Digo para minha mãe que, se aquele ladrão voltar, vou quebrar as rótulas dele e espancá-lo até ele ficar a um fio da morte, e ela diz:

— Acredito que você faria isso mesmo.

Meu pai e eu não nos falamos nenhuma vez durante a primeira semana que estive em casa, o que não é assim tão surpreendente, visto que ele está sempre trabalhando. Ele é gerente distrital de todos os Big Foods de South Jersey. Quando papai não está trabalhando, ele está em seu escritório, com a porta fechada, lendo ficção histórica, geralmente romances sobre a Guerra Civil. Mamãe diz que ele precisa de tempo para se acostumar com minha presença em casa outra vez, e eu lhe dou esse tempo de bom grado, principalmente porque de qualquer forma tenho um pouco de medo de falar com ele. Eu me lembro

dele gritando comigo na única vez em que me visitou no lugar ruim, e disse coisas terríveis sobre Nikki e sobre o lado bom das coisas em geral. Encontro com papai nos corredores de nossa casa, é claro, mas ele não olha para mim ao passar.

Nikki gosta de ler, e, como ela sempre desejou que eu lesse livros de literatura, começo a fazer isso, principalmente para poder participar daquelas conversas durante o jantar nas quais eu costumava ficar calado — conversas com os amigos literatos de Nikki, todos professores de inglês que acham que sou um bufão iletrado, que é como um dos amigos dela me chama quando eu o provoco por ele ser um homem tão minúsculo. “Ao menos não sou um bufão iletrado”, responde Philip; e Nikki cai na gargalhada.

Minha mãe tem um cartão da biblioteca e pega livros para mim agora que estou em casa e posso ler o que quiser sem ter de passar pela análise do Dr. Timbers, que, por acaso, é um fascista no que diz respeito à censura de livros. Começo com O grande Gatsby, que termino em apenas três noites.

A melhor parte é o ensaio introdutório, que afirma que o romance trata principalmente do tempo e do fato de que a pessoa não pode nunca recuperá-lo, que é exatamente como me

sinto em relação a meu corpo e a meus exercícios — mas, então, eu também sinto como se houvesse um número infinito de dias até meu inevitável reencontro com Nikki.

Quando li a história propriamente dita — que conta como Gatsby ama Daisy, embora não consiga nunca ficar com ela, por mais que tente —, tive vontade de rasgar o livro ao meio, ligar para Fitzgerald e dizer que o livro dele está todo errado, embora eu saiba que Fitzgerald provavelmente já morreu. Em especial quando Gatsby é baleado mortalmente em sua piscina na primeira vez em que vai nadar naquele verão, Daisy nem mesmo vai ao enterro dele, Nick e Jordan se separam e Daisy acaba com o racista do Tom, cuja necessidade de sexo basicamente mata uma mulher inocente, dá para ver claramente que Fitzgerald nunca se deu o trabalho de olhar para a parte brilhante que há por trás das nuvens ao pôr do sol, porque não há nenhum lado bom no fim daquele livro, vou lhe contar.

Eu entendo por que Nikki gosta desse romance, já que é muito bem escrito. Mas o fato de ela gostar do livro também me deixa preocupado agora, pensando que Nikki não deve acreditar muito em finais felizes, porque ela diz que O grande Gatsby é o maior romance já escrito por um americano, e no entanto ele

termina de modo tão triste. De uma coisa eu tenho certeza: Nikki vai ficar muito orgulhosa quando eu lhe disser que finalmente li seu livro favorito.

Eis outra surpresa: vou ler todos os romances do programa de seu curso de literatura americana, só para ela ficar orgulhosa, para que ela saiba que realmente me interesso pelas coisas que ela ama e que estou fazendo um verdadeiro esforço para salvar nosso casamento, especialmente porque agora poderei conversar com seus sofisticados amigos literatos, dizendo coisas como: "Tenho trinta anos. Tenho cinco anos a mais do que deveria ter para mentir para mim mesmo e chamar isso de honra", que é o que Nick diz lá para o final do famoso romance de Fitzgerald, mas a frase funciona para mim também, porque eu também tenho trinta anos, de modo que, quando eu disser isso, vou parecer muito inteligente. Provavelmente estaremos conversando durante o jantar, e a citação fará Nikki sorrir e então gargalhar, porque ela ficará muito surpresa por eu realmente ter lido O grande Gatsby. Isso faz parte do meu plano, em todo caso, dizer essa frase bem casualmente, quando ela menos estiver esperando que eu "derrame sabedoria" — para usar outra das falas do meu amigo negro Danny.

Meu Deus, mal posso esperar.

Ele não prega o pessimismo

Minha sessão de exercícios é interrompida no meio do dia, quando mamãe desce a escada e diz que eu tenho uma consulta com o Dr. Patel. Pergunto se posso ir mais tarde, à noite, depois da minha série diária de levantamento de pesos, mas mamãe diz que terei de voltar ao lugar ruim em Baltimore se não comparecer às consultas com o Dr. Patel, e ela chega a fazer referência à decisão do tribunal, dizendo que posso ler a papelada caso eu não acredite nela.

Então tomo banho e mamãe me leva de carro até o consultório do Dr. Patel, que fica no primeiro andar de uma casa enorme em Voorhees, perto da estrada Haddonfield-Berlin.

Quando chegamos, eu me sento na sala de espera enquanto mamãe preenche mais papelada. A essa altura, dez árvores já devem ter sido derrubadas só para documentar minha saúde mental, coisa que Nikki detestaria ouvir, uma vez que ela é uma ambientalista entusiástica que me dava pelo menos uma árvore da floresta tropical todo Natal — na verdade era apenas um pedaço de papel atestando que eu possuía a árvore —, e agora eu

me sinto mal de verdade por ter zombado desses presentes e, quando Nikki voltar, eu nunca mais vou debochar do desmatamento das florestas tropicais.

Enquanto estou sentado folheando uma revista Sports Illustrated, ouvindo uma estação de música ambiente que o Dr. Patel sintoniza em sua sala de espera, subitamente começo a escutar acordes sensuais de sintetizador, pratos suaves ao fundo, a caixa marcando um erótico batimento cardíaco, o rebrilhar de poeira de fada, e, então, o devasso saxofone soprano. Você conhece a música: “Songbird”. Então eu me levanto da poltrona, berrando, chutando cadeiras, derrubando a mesa de centro, pegando pilhas de revistas, jogando-as contra as paredes e gritando:

— Não é justo! Não tolerarei nenhum truque! Não sou um rato de laboratório emocional!

Então um pequeno homem indiano — com cerca de um metro e meio, vestindo um suéter de tricô em pleno verão, calça social e tênis impecavelmente brancos — calmamente me pergunta o que há de errado.

— Desliguem essa música! — grito. — Desliguem isso! Agora!

O homenzinho é o Dr. Patel, logo noto, porque ele manda a

secretária desligar a música, e, quando ela obedece, Kenny G sai de minha cabeça e eu paro de gritar.

Cubro o rosto com as mãos para que ninguém me veja chorar, e, após alguns minutos, minha mãe começa a afagar minhas costas.

Muito silêncio... Então, o Dr. Patel me pede para acompanhá-lo até o consultório. Eu o sigo, relutante, enquanto mamãe ajuda a secretária a arrumar a bagunça.

O consultório dele é agradavelmente estranho.

Duas poltronas reclináveis de couro, uma de frente para a outra, e plantas parecidas com aranhas — longas trepadeiras repletas de folhas brancas e verdes — penduradas no teto, emoldurando uma grande janela voltada para uma banheira de pedra para pássaros e um jardim repleto de flores coloridas. Mas não há mais nada na sala, exceto uma caixa de lenços de papel no estreito espaço entre as duas poltronas. O chão é de madeira de lei amarela e o teto e as paredes foram pintados para parecerem o céu — nuvens bem realistas flutuam por todo o consultório, o que tomo por um bom sinal, já que adoro nuvens. Uma única luminária ocupa o centro do teto, e parece um bolo brilhante com cobertura de baunilha de cabeça para baixo, mas o

teto em torno da luz foi pintado para parecer o sol. Raios amigáveis projetam-se do centro.

Devo admitir que me sinto calmo assim que entro no consultório do Dr. Patel, nem me lembro mais de ter ouvido a música de Kenny G.

O Dr. Patel pergunta em qual poltrona eu gostaria de relaxar. Escolho a preta em vez da marrom e imediatamente me arrependo, pensando que escolher a preta me faz parecer mais deprimido do que se eu tivesse escolhido a marrom e, na verdade, não estou nem um pouco deprimido.

Quando o Dr. Patel se senta, puxa uma alavanca no lado de sua poltrona, o que faz o apoio de pés se erguer. Ele se recosta e entrelaça os dedos atrás de sua cabeça diminuta, como se estivesse prestes a assistir a um jogo de futebol.

— Relaxe — orienta ele. — E nada de Dr. Patel. Pode me chamar de Cliff. Gosto que minhas sessões sejam informais. Amigáveis, certo?

Ele parece bastante gentil, de modo que puxo a minha alavanca, recostando-me, e tento relaxar.

— Então — começa ele. — Aquela música do Kenny G realmente o perturbou. Também não sou fã dele, mas...

Fecho os olhos, murmuro uma única nota e conto silenciosamente até dez, esvaziando minha mente.

Quando abro os olhos, ele diz:

— Quer falar sobre Kenny G?

Fecho os olhos, murmuro uma única nota e conto silenciosamente até dez, esvaziando minha mente.

— Muito bem. Quer me contar um pouco sobre Nikki?

— Por que você quer saber sobre Nikki? — pergunto, de modo muito defensivo, devo admitir.

— Se eu quiser ajudá-lo, Pat, preciso conhecê-lo, certo? Sua mãe me disse que você quer reatar com Nikki, que esse é o seu maior objetivo na vida. Então, achei melhor iniciarmos por aí.

Começo a me sentir melhor porque ele não diz que um reencontro está fora de questão, o que parece sugerir que o Dr. Patel acha que uma reconciliação entre mim e minha mulher ainda é possível.

— Nikki? Ela é ótima — digo. Sorrio, sentindo o calor que enche meu peito sempre que pronuncio o nome dela, sempre que vejo o rosto dela em minha mente. — Ela é a melhor coisa que já me aconteceu. Eu a amo mais do que a própria vida. Mal posso esperar pelo fim do tempo separados.

— Tempo separados?

— É. Tempo separados.

— O que é o tempo separados?

— Há alguns meses eu concordei em dar um pouco de espaço para Nikki, e ela concordou em voltar para mim quando sentisse que tinha trabalhado as próprias questões o bastante para que pudéssemos voltar a ficar juntos. Então, estamos meio que separados, mas apenas temporariamente.

— Por que vocês se separaram?

— Principalmente porque eu não dava atenção a ela e trabalhava o tempo inteiro, presidindo o Departamento de História da Jefferson High School e trabalhando como técnico de três esportes. Eu nunca estava em casa, e ela passou a se sentir solitária. Também descuidei de minha aparência, a ponto de ficar de uns cinco a uns trinta e cinco quilos acima do peso, mas estou trabalhando nisso tudo e estou disposto a fazer terapia de casal, como ela queria que eu fizesse, porque sou um homem mudado.

— Vocês estabeleceram uma data?

— Uma data?

— Para o fim do tempo separados.

— Não.

— Então o tempo separados é algo que pode se prolongar indefinidamente?

— Teoricamente, acho que... sim. Especialmente porque não tenho permissão de entrar em contato com a Nikki ou com a família dela.

— Por quê?

— Hum... Não sei bem. Quer dizer, amo os meus sogros tanto quanto amo Nikki. Mas não importa, porque estou achando que Nikki vai voltar antes do esperado, e então ela vai ajeitar tudo com os pais dela.

— Em que você baseia tal ideia? — pergunta ele, mas gentilmente, com um sorriso amigável nos lábios.

— Acredito em finais felizes — digo para ele. — E acho que esse filme já durou o bastante.

— Filme? — questiona o Dr. Patel, e acho que ele seria igual a Gandhi se usasse aqueles óculos de armação de metal e tivesse a cabeça raspada, o que é estranho, especialmente porque estamos reclinados em poltronas de couro, em uma sala iluminada e alegre, enquanto, bem, Gandhi está morto, certo?

— Sim. Você nunca percebeu que a vida é como uma série de filmes?

— Não. Conte para mim.

— Bem, a pessoa tem aventuras. Todas começam com encrencas, mas logo você assume seus problemas e se torna uma pessoa melhor, trabalhando duro, que é o que fertiliza o final feliz e permite que ele floresça; como o final de todos os filmes de Rocky, Rudy, Karate Kid, as trilogias de Star Wars e Indiana Jones, e Os Goonies, que são os meus filmes favoritos, embora eu tenha jurado me abster de filmes até a volta de Nikki, porque agora minha vida é o filme a que vou assistir e, bem, está sempre passando. Além disso, eu sei que está quase na hora do final feliz, quando Nikki vai voltar, porque progredi muito com a ajuda do fisiculturismo, dos medicamentos e da terapia.

— Ah, entendi — diz o Dr. Patel em meio a um sorriso. — Eu também gosto de finais felizes, Pat.

— Então você concorda comigo. Acha que terei minha mulher de volta?

— O tempo dirá — diz o Dr. Patel, e vejo na hora que Cliff e eu vamos nos dar bem, porque ele não prega o pessimismo como o Dr. Timbers e o pessoal do lugar ruim; Cliff não diz que devo encarar o que ele acha que é minha realidade.

— É engraçado, porque todos os outros terapeutas com quem

estive disseram que Nikki não vai voltar. Mesmo depois de lhes contar sobre as melhorias que venho fazendo em minha vida, sobre como estou me aperfeiçoando, eles continuam “invejando o que é meu”, que é uma expressão que aprendi com meu amigo negro, o Danny.

— As pessoas podem ser cruéis — comenta o Dr. Patel com um olhar solidário que me faz confiar ainda mais nele.

É então que me dou conta de que ele não está anotando todas as minhas palavras em um arquivo, e eu realmente gosto disso, preciso dizer.

Digo a ele que gostei da sala, e conversamos sobre meu gosto por nuvens e sobre como a maioria das pessoas perdeu a habilidade de ver o lado bom das coisas, embora a luz por trás das nuvens seja uma prova quase diária de que ele existe.

Faço perguntas sobre a família dele, apenas para ser simpático, e descubro que ele tem uma filha que estuda em uma escola cujo time de hóquei sobre grama está em segundo lugar em South Jersey. Ele também tem um filho no primário que quer ser ventríloquo e pratica todas as noites com um boneco de madeira chamado Grover Cleveland, que, por acaso, também foi o único presidente dos EUA a ter dois mandatos não

consecutivos. Não entendo muito bem por que o filho de Cliff batizou seu boneco de madeira com o nome de nosso vigésimo segundo e vigésimo quarto presidente, mas não digo nada. Em seguida, Cliff diz que tem uma mulher chamada Sonja, que foi quem pintou tão lindamente a sala onde estamos, o que nos leva a conversar sobre como as mulheres são maravilhosas e como é importante valorizar sua mulher enquanto você a tem porque, senão, você pode perdê-la de uma hora para outra — já que Deus realmente quer que valorizemos nossas mulheres. Digo para Cliff que espero que ele nunca tenha de passar pelo tempo separados, e ele diz que espera que meu tempo separados termine logo, o que é uma coisa bem gentil de se dizer.

Antes de eu ir embora, Cliff diz que vai alterar minha medicação, o que pode levar a alguns efeitos colaterais indesejáveis, e que devo relatar imediatamente para minha mãe caso sinta qualquer desconforto, insônia ou ansiedade — porque pode demorar algum tempo até ele descobrir a combinação certa de remédios —, e eu prometo fazer isso.

No caminho de volta para casa digo para minha mãe que gostei muito do Dr. Cliff Patel e que estou me sentindo muito mais esperançoso quanto à terapia. Eu lhe agradeço por ter me

tirado do lugar ruim, dizendo que é muito mais provável que Nikki venha a Collingswood do que a um hospital psiquiátrico, e, quando digo isso, mamãe começa a chorar, o que é muito estranho. Ela até para o carro no acostamento, descansa a cabeça sobre o volante e, com o motor ligado, chora por um longo tempo, fungando, tremendo e fazendo ruídos de choro. Então eu afago as costas dela, como ela fez comigo no escritório do Dr. Patel quando ouvi aquela tal música e, após uns dez minutos mais ou menos, ela simplesmente para de chorar e me leva para casa.

Para compensar a hora que passei sentado com Cliff, eu me exercito até tarde, e quando vou para cama meu pai ainda está em seu escritório com a porta fechada, de modo que mais um dia se passa sem que eu fale com ele. Acho estranho morar com alguém com quem você não pode falar, especialmente quando esse alguém é seu pai, e o pensamento me deixa um pouco triste. Como mamãe ainda não foi à biblioteca, não tenho nada para ler. Então fecho os olhos e penso em Nikki, até que ela venha se juntar a mim em meus sonhos — como sempre.

Um fogo laranja entra na minha cabeça

Sim, realmente acredito no lado bom das coisas, principalmente porque eu o tenho visto quase todos os dias quando saio do porão, enfio a cabeça e os braços em um saco de lixo — de modo que meu torso fique embalado em plástico e eu sue mais — e então corro. Sempre tento coordenar os dezessete quilômetros de corrida das minhas dez horas de exercícios diários com o pôr do sol, para que eu possa terminar correndo para oeste através das quadras esportivas do Knight's Park, onde, quando criança, eu jogava beisebol e futebol.

Enquanto corro pelo parque, olho para cima e adivinho o que o dia tem a oferecer.

Se as nuvens estão bloqueando o sol, sempre tento ver aquela luz por trás delas, o lado bom das coisas, e me lembro de continuar tentando, porque eu sei que, embora as coisas possam parecer sombrias agora, minha esposa logo voltará para mim. Ver o contorno brilhante desses tufos brancos e acinzentados é eletrizante. (E você pode até recriar o efeito, erguendo a mão a poucos centímetros de uma lâmpada e acompanhando o contorno de sua mão com os olhos até ficar temporariamente cego.) Dói olhar para as nuvens, mas também ajuda, como a maioria das coisas que causam dor. Então eu preciso correr e, à

medida que meus pulmões queimam, minhas costas se rebelam contra aquela sensação de punhalada e os músculos de minha perna endurecem e o centímetro e meio de pele solta ao redor de minha cintura balança, sinto que minha penitência diária está sendo cumprida e que talvez Deus fique satisfeito o bastante para me conceder alguma ajuda, que acho ser o motivo de Ele ter me mostrado nuvens interessantes ao longo de toda a semana.

Desde que minha mulher pediu que passássemos um tempo separados, eu perdi mais de vinte e cinco quilos, e minha mãe diz que em breve vou estar com o mesmo peso que eu tinha quando jogava futebol no time do colégio no ensino médio, que é também o peso que eu tinha quando conheci Nikki, e estou pensando que talvez ela tenha ficado aborrecida com o peso que ganhei durante os cinco anos em que estivemos casados. Ela vai ficar surpresa de me ver tão musculoso quando o tempo separados terminar!

Se não há nuvens no pôr do sol — que foi o que aconteceu ontem — quando eu olho para o céu, um fogo laranja entra na minha cabeça, me cega, e é quase igualmente bom, porque também queima e faz tudo parecer divino.

Quando corro, eu sempre finjo que estou correndo em direção

a Nikki, e isso me dá a impressão de que estou diminuindo o tempo que terei de esperar para vê-la novamente.

O pior fim imaginável

Sabendo que Nikki leciona uma disciplina sobre Hemingway todos os anos, eu peço um dos melhores romances de Hemingway.

— Um com uma história de amor, se possível, porque realmente preciso estudar o amor, para que eu consiga ser um marido melhor quando Nikki voltar — explico para minha mãe.

Quando volta da biblioteca, minha mãe me conta que o bibliotecário disse que Adeus às armas é a melhor história de amor de Hemingway. Então eu abro o livro, ansioso, e me sinto mais inteligente à medida que viro as primeiras páginas.

Enquanto leio, procuro frases citáveis para que eu possa "derramar sabedoria" na próxima vez que Nikki e eu sairmos com seus amigos literatos — para que eu possa dizer para aquele quatro-olhos do Phillip: "Um bufão iletrado conheceria esta frase?" E, então, derramar um pouco de Hemingway casualmente.

Mas o romance não passa de um truque.

O tempo todo você torce para que o narrador sobreviva à guerra e, depois, tenha uma vida agradável ao lado de Catherine Barkley. Ele escapa de todo tipo de perigo — chega a sobreviver a uma explosão — e finalmente foge para a Suíça com Catherine grávida, que ele tanto ama. Eles moram nas montanhas durante algum tempo, apaixonados e vivendo uma boa vida.

Hemingway deveria ter terminado por aí, porque esse era o final feliz que essas pessoas mereciam depois de lutarem para sobreviver à guerra sombria.

Mas não.

Em vez disso, ele cria o pior fim imaginável: Hemingway faz Catherine morrer de hemorragia após dar à luz um bebê natimorto. É o final mais torturante que eu já vi, e que provavelmente jamais verei na literatura, no cinema e até mesmo na televisão.

Termino o livro chorando, um pouco pelos personagens, sim, mas também porque Nikki ousa dar aula sobre esse livro para crianças. Não posso imaginar por que alguém gostaria de expor adolescentes impressionáveis a um final tão terrível. Por que ela simplesmente não diz para os alunos do ensino médio que sua luta para se tornarem pessoas melhores não vai dar em nada?

Tenho de admitir que, pela primeira vez desde que o tempo separados começou, estou furioso com Nikki por ensinar tal pessimismo em sala de aula. Não vou citar Hemingway tão cedo, nem quero ler outro de seus livros. E, se ele ainda fosse vivo, eu escreveria uma carta para ele agora mesmo e ameaçaria estrangulá-lo até a morte com minhas próprias mãos, só por ele ser tão deprimente. Não é à toa que ele se matou com um tiro na cabeça, como diz o ensaio introdutório.

Só tenho amor por você

A secretária do Dr. Patel desliga o rádio assim que me vê entrando na sala de espera, o que me faz rir porque ela tenta parecer casual, como se eu não fosse perceber. Ela parece assustada, girando o botão com cuidado — do modo como as pessoas fazem as coisas depois de terem assistido a um de meus episódios de crise, como se eu não fosse mais humano, mas um enorme animal selvagem.

Depois de uma breve espera, encontro Cliff para minha segunda consulta, como farei toda sexta-feira daqui em diante. Escolho a marrom dessa vez, e nós nos sentamos nas poltronas reclináveis de couro entre as nuvens, falando sobre quanto

gostamos de mulheres e “tirando uma onda”, que é outra das expressões de Danny.

Cliff me pergunta se eu gostei de meus novos remédios, e digo que sim, embora eu realmente não tenha notado qualquer efeito e tenha tomado apenas cerca da metade dos comprimidos que minha mãe me deu na semana passada, escondendo alguns sob a língua e cuspindo-os na privada quando ela me deixava sozinho.

Ele me pergunta se eu tenho experimentado qualquer efeito colateral indesejado — falta de ar, perda de apetite, sonolência, sentimentos suicidas, sentimentos homicidas, perda de virilidade, ansiedade, coceira, diarreia —, e eu digo que não.

— E alucinações? — pergunta Cliff, e se inclina um pouco para a frente, estreitando os olhos.

— Alucinações? — pergunto.

— Alucinações.

Dou de ombros, digo que não acho que tenho tido alucinações, e ele me diz que eu saberia caso as tivesse.

— Avise sua mãe caso você veja alguma coisa bizarra ou horripilante — diz ele. — Mas não se preocupe, porque provavelmente você não terá alucinações. Apenas uma pequena porcentagem de pessoas alucina quando toma essa combinação

de remédios.

Confirmo com um gesto de cabeça e prometo que relatarei quaisquer alucinações para minha mãe, mas de fato não acredito que eu vá ter alucinações, não importa o tipo de remédios que ele me dê, especialmente porque sei que ele não vai me dar LSD nem nada parecido. Imagino que pessoas mais fracas talvez reclamem de seus medicamentos, mas eu não sou fraco e posso controlar minha mente bastante bem.

* * *

Estou no porão tomando doses de água, no meu intervalo de três minutos entre abdominais no Stomach Master 6000 e levantamentos com as pernas no banco de supino, quando sinto o inconfundível aroma amanteigado dos petiscos de caranguejo de minha mãe e começo a salivar impiedosamente.

Como adoro petiscos de caranguejo, deixo o porão, entro na cozinha e vejo que minha mãe não apenas está assando petiscos de caranguejo, que são feitos de carne de caranguejo amanteigada e queijo cheddar sobre pães ingleses, mas também está fazendo a sua pizza caseira de três carnes — hambúrguer, linguiça e frango — e aquelas asas de frango apimentadas que ela recebe do Big Foods.

— Por que você está assando petiscos de caranguejo? — pergunto, esperançoso, porque sei por experiência que ela só faz petiscos de caranguejo quando vamos receber visitas.

Nikki adora petiscos de caranguejo e comeria um prato inteiro se você o colocasse na frente dela, e então reclamaria ao voltar para casa mais tarde, dizendo que está se sentindo gorda por ter comido demais. Quando eu era emocionalmente abusivo, costumava dizer que não queria ouvir as queixas dela toda vez que ela comia demais. Mas, da próxima vez que Nikki comer petiscos de caranguejo demais, vou dizer que ela não comeu muito e que, de qualquer forma, ela está magra demais. Vou dizer que ela precisa ganhar alguns quilos, porque eu gosto que minhas mulheres pareçam mulheres de verdade e não a "Madame Seis da Tarde: um espeto para cima, outro para baixo", que é mais uma expressão que aprendi com Danny.

E eu espero que o fato de minha mãe estar fazendo petiscos de caranguejo signifique que o tempo separados acabou e que Nikki está a caminho da casa dos meus pais, o que parece ser a melhor surpresa de boas-vindas que minha mãe poderia organizar — e como mamãe está sempre tentando fazer coisas legais para mim e para meu irmão, eu me preparo mentalmente para meu

reencontro com Nikki.

Meu coração bate ao menos cinquenta vezes durante os poucos segundos que minha mãe demora para responder a minha pergunta.

— Os Eagles vão jogar contra os Steelers hoje à noite em um amistoso de pré-temporada — informa minha mãe, o que é estranho, porque ela sempre odiou esportes e mal sabe que a temporada de futebol americano é no outono, muito menos quais equipes estarão jogando em determinado dia. — Seu irmão virá assistir ao jogo com você e seu pai.

Meu coração começa a bater ainda mais rápido, porque não vejo meu irmão desde pouco depois que o tempo separados começou, e, assim como meu pai, ele disse algumas coisas realmente terríveis sobre Nikki na última vez em que conversamos.

— Jake está ansioso para vê-lo, e você sabe quanto seu pai ama os Eagles. Mal posso esperar para ver os meus três homens reunidos no sofá outra vez, como nos velhos tempos.

Minha mãe abre um sorriso tão largo para mim que acho que ela vai irromper em lágrimas novamente, então me viro e volto ao porão para fazer flexões com os punhos fechados até meu

peitoral começar a queimar e eu não conseguir mais sentir os nós dos dedos.

Sabendo que provavelmente não permitirão que eu saia para correr mais tarde, porque vamos ter uma noite em família, visto um saco de lixo e vou correr mais cedo, passando pelas casas de meus amigos do ensino médio, por St. Joseph — que é a igreja católica que eu costumava frequentar —, pela Collingswood High School (viva a turma de 89!) e pela casa perto do parque que era dos meus avós antes de eles morrerem.

Meu antigo melhor amigo me vê quando eu passo em frente à sua nova casa na Virginia Avenue. Ronnie está acabando de chegar em casa após o trabalho, caminhando do carro até a porta da frente, quando passo por ele na calçada. Ele me olha nos olhos e, depois de eu ter passado, grita:

— Pat Peoples? É você? Pat! Ei!

Corro ainda mais rápido, porque meu irmão, Jake, está vindo falar comigo. Jake não acredita em finais felizes, e eu não tenho recursos emocionais para lidar com Ronnie agora, porque ele nunca veio nos visitar em Baltimore, embora tenha prometido várias vezes. Nikki costumava chamar Ronnie de “pau-mandado”, dizendo que a esposa dele, Veronica, “guarda a agenda de Ronnie

no mesmo lugar onde guarda os colhões dele: na bolsa”.

Nikki me disse que Ronnie nunca viria me visitar em Baltimore, e ela estava certa.

Ele também nunca me visitou no lugar ruim, mas costumava me escrever dizendo como sua filha, Emily, era ótima, e eu imagino que ainda seja, embora não tenha conhecido Emily ainda para confirmar o que diziam as cartas.

Quando volto para casa, o carro de Jake está lá — um elegante BMW prateado, que meio que significa que agora meu irmão está se dando bem no quesito “encher o bolso de grana”, como diz Danny. Entro sorrateiramente pela porta dos fundos e subo a escada até o chuveiro. Depois de tomar banho e vestir roupas limpas, respiro fundo e sigo o som de vozes que vem da sala.

Jake se levanta quando me vê. Veste uma calça elegante com risca de giz e uma camisa polo num tom de azul ovo de tordo, justa o bastante para mostrar que ele ainda está em forma. Ele também está usando um relógio coberto de diamantes, o que Danny chamaria de balangandã do Jake. O cabelo do meu irmão também ficou um tanto mais ralo, mas a cabeça está coberta de gel e tem uma aparência chique.

— Pat? — chama ele.

— Eu não disse que você não o reconheceria? — diz mamãe.

— Você está parecendo o Arnold Schwarzenegger. — Ele apalpa meus bíceps, coisa que eu odeio de verdade porque não gosto de ser tocado por ninguém, exceto por Nikki. Mas como ele é meu irmão, não digo nada. — Você está supersarado! — acrescenta ele.

Olho para o chão, porque me lembro do que ele disse sobre Nikki. Ainda estou bravo, mas ao mesmo tempo estou feliz por rever meu irmão depois de não vê-lo por um tempo que me parece uma eternidade.

— Ouça, Pat. Eu deveria ter ido vê-lo mais vezes em Baltimore, mas esses lugares me assustam e eu... eu... eu simplesmente não podia vê-lo daquele jeito, está bem? Você está bravo comigo?

Eu ainda estou um pouco bravo com Jake, mas então me lembro de outra frase de Danny, muito apropriada para deixar de ser dita, então falo:

— Só tenho amor por você.

Jake me olha por um segundo como se eu tivesse dado um soco no estômago dele. Ele pisca algumas vezes quase como se estivesse a ponto de chorar, e então me abraça com os dois

braços.

— Desculpe-me — diz ele, e me retém por mais tempo do que eu gosto, o que não é muito tempo, a menos que seja Nikki quem esteja me abraçando.

Quando Jake me solta, diz:

— Tenho um presente para você.

Ele puxa uma camiseta dos Eagles de um saco plástico e a joga para mim. Eu a seguro e vejo que é a de número 84, que é o número de um wide receiver do qual não lembro o nome. Aquele jovem receiver, Freddie Mitchell, usava o número 84? Penso isso, mas não digo nada, porque não quero insultar meu irmão, que foi muito gentil ao me comprar um presente.

— Quem é Baskett? — pergunto, já que é o nome que vejo escrito na camiseta.

— O novato que é a sensação, Hank Baskett? Ele é o grande nome da pré-temporada. Essas camisetas estão bombando nas ruas da Filadélfia. E agora você tem uma para usar nos jogos deste ano.

— Usar nos jogos?

— Agora que voltou para casa, vai querer seu lugar de volta, certo?

— No Vet?

— No Vet? — Jake ri e olha para minha mãe. Ela parece assustada. — Não, no Lincoln Financial Field.

— O que é Lincoln Financial Field?

— Eles não deixavam vocês assistirem à TV naquele lugar? É a casa dos Eagles, o estádio no qual seu time já jogou três temporadas.

Eu sei que Jake está mentindo para mim, mas não digo nada.

— Enfim, você tem um lugar ao lado do meu e ao de Scott. Ingressos para a temporada, mano. Você está empolgado ou o quê?

— Eu não tenho dinheiro para comprar ingressos para a temporada — explico, porque deixei Nikki ficar com a casa, com os carros e com as contas bancárias quando começou o tempo separados.

— Deixa comigo. — Jake me dá um soco no braço. — Posso não ter sido um bom irmão nos últimos anos, mas vou compensar tudo isso agora que você está em casa.

Agradeço a meu irmão, e então mamãe começa a chorar novamente. Ela chora tanto que tem de sair da sala, o que é estranho, já que Jake e eu estamos fazendo as pazes e ingressos

de temporada para os jogos dos Eagles são um belo presente — sem contar a camiseta.

— Vista a sua camiseta do Baskett, mano.

Eu a visto, e é bom estar usando o verde dos Eagles, sobretudo por ser uma camiseta que Jake escolheu especialmente para mim.

— Você vai ver como esse menino Baskett vai se dar bem este ano — diz Jake de uma forma estranha, como se meu futuro estivesse de algum modo ligado ao wide receiver novato dos Eagles, Hank Baskett.

Eu tenho mais medo dele do que

de qualquer outro ser humano

Depois que voltei para Nova Jersey, pensei que estava em segurança, porque eu não achava que Kenny G pudesse deixar o lugar ruim, o que agora percebo que é bobagem, porque Kenny G é extremamente talentoso, cheio de recursos e uma força poderosa a ser considerada.

Tenho dormido no sótão porque é muito quente aqui em cima. Depois que meus pais vão para a cama, subo as escadas, desligo o ventilador, entro em meu velho saco de dormir de inverno, fecho o zíper para que apenas meu rosto fique exposto e, em seguida, suo meus quilos. Sem o ventilador, a temperatura sobe rapidamente, e logo meu saco de dormir fica encharcado de suor e eu sinto que estou ficando magro. Venho fazendo isso há várias noites e nada de estranho ou incomum aconteceu até agora.

Entretanto, hoje à noite, no sótão, estou suando, suando e suando, e, na escuridão, de repente ouço os acordes sensuais de sintetizador. Mantenho os olhos fechados, murmuro uma única nota e conto até dez em silêncio, sabendo que só estou tendo alucinações, como o Dr. Patel disse que eu poderia ter, mas

Kenny me dá um tapa no rosto, e quando abro os olhos lá está ele no sótão dos meus pais, a juba de cabelos encaracolados formando uma auréola ao redor de sua cabeça, como Jesus. A testa perfeitamente bronzeada, aquele nariz, aquela eterna barba por fazer e o maxilar proeminente. Os três primeiros botões de sua camisa estão abertos, de modo que dá para ver alguns pelos no seu peito. O Sr. G pode não parecer malvado, mas eu tenho mais medo dele do que de qualquer outro ser humano.

— Como? Como você me encontrou? — pergunto.

Kenny G pisca para mim e depois leva seu brilhante sax soprano aos lábios.

Eu estremeço, mesmo estando encharcado de suor.

— Por favor — imploro. — Me deixe em paz!

Mas ele inspira profundamente e seu sax soprano começa a tocar as notas brilhantes de “Songbird” e logo eu estou de pé no meu saco de dormir, batendo repetidas vezes com o punho de minha mão direita na pequena cicatriz branca acima da minha sobrancelha direita, tentando fazer aquela música parar... Os quadris de Kenny G estão balançando bem diante de meus olhos... E a cada solavanco no cérebro eu grito: “Pare! Pare! Pare! Pare!” A extremidade de seu instrumento está bem na minha

cara, agredindo-me com jazz suave... Eu sinto o sangue subindo a minha testa... O solo de Kenny G atinge o clímax... Bum, bum, bum, bum...

Então minha mãe e meu pai estão tentando conter meus braços, mas eu continuo gritando:

— Parem de tocar essa música! Apenas parem! Por favor!

Quando minha mãe cai no chão, meu pai me chuta forte na barriga — o que faz Kenny G desaparecer e a música parar —, e no instante em que eu recuo com falta de ar, papai pula no meu peito e me dá um soco no rosto, e de repente minha mãe está tentando tirar papai de cima de mim e eu estou chorando como um bebê, minha mãe está gritando com meu pai, dizendo para ele parar de me bater, e então ele me larga e ela me diz que vai ficar tudo bem, mesmo depois de meu pai ter me dado um soco na cara com toda a força.

— Já chega, Jeanie. Ele vai voltar para o hospital amanhã de manhã, logo que acordar — diz meu pai, e depois desce a escada pisando com força.

Mal consigo pensar, de tão alto que estou chorando e soluçando.

Minha mãe senta-se ao meu lado e diz:

— Está tudo bem, Pat. Eu estou aqui.

Deito a cabeça no colo dela e choro até dormir enquanto mamãe acaricia meu cabelo.

* * *

Quando abro os olhos, o ventilador está ligado outra vez, o sol atravessa a cortina da janela mais próxima, e mamãe ainda está acariciando meu cabelo.

— Dormiu bem? — pergunta, forçando um sorriso. Seus olhos estão vermelhos e as faces riscadas de lágrimas.

Por um segundo eu me sinto bem, deitado ao lado da minha mãe, o peso de sua mãozinha pequena sobre minha cabeça, a voz suave, persistente, no meu ouvido, mas logo a lembrança do que aconteceu na noite passada me obriga a me sentar e, em seguida, meu coração está batendo forte e uma onda de pavor atravessa meus membros.

— Não me mande de volta para o lugar ruim. Me desculpe. Eu sinto muito. Por favor — peço, implorando com tudo que tenho, porque esse é o tanto que odeio o lugar ruim e o pessimista do Dr. Timbers.

— Você vai ficar aqui mesmo, conosco — diz mamãe olhando-me nos olhos, como faz quando está dizendo a verdade

e, em seguida, me dá um beijo na bochecha.

Descemos para a cozinha, onde ela prepara para mim ovos mexidos com queijo e tomate, e eu engulo de verdade todas as minhas pílulas, porque sinto que devo isso à minha mãe depois de tê-la feito cair no chão e de ter deixado meu pai furioso.

Fico chocado quando olho para o relógio e vejo que já são onze horas da manhã, de modo que começo a malhar assim que meu prato fica vazio, dobrando o tempo de todos os exercícios apenas para manter minha série.

O jantar formal

Ronnie finalmente vem me visitar no porão e diz:

— Eu estava a caminho de casa, então só tenho alguns minutos.

Quando termino minha série de supinos, sorrio, porque sei o que essa afirmação significa. Veronica não sabe que ele veio me ver, e Ronnie precisa ser rápido se não quiser ser pego fazendo algo sem a permissão dela, como dizer olá para seu melhor amigo, que ele não vê há muito tempo.

Quando eu me sento, ele pergunta:

— O que aconteceu com seu rosto?

Eu toco a minha testa.

— Ontem as minhas mãos escorregaram e eu deixei a barra cair em cima de mim.

— E isso fez seu rosto inchar desse jeito?

Dou de ombros porque realmente não quero dizer para ele que meu pai me deu um soco.

— Cara, você realmente emagreceu e ficou bombado. Gostei da sua academia — diz ele, olhando para o meu banco de halteres e para o Stomach Master 6000.

Então ele me estende a mão.

— Acha que eu poderia vir aqui malhar com você?

Levanto-me, aperto a mão dele e digo:

— Claro.

Sei que essa é apenas mais uma das falsas promessas de Ronnie.

— Ouça, me desculpe por nunca ter ido visitá-lo quando você estava em Baltimore, mas tinha a Emily e, bem, você sabe como é. Mas acho que as cartas nos mantiveram próximos. E agora que você está em casa, podemos nos ver o tempo todo, certo?

— Até parece... — começo a dizer, mas mordo a língua.

— Até parece o quê?

— Nada.

— Você ainda acha que a Veronica o odeia?

Eu fico quieto.

Ele sorri e diz:

— Bem, se ela o odiasse mesmo, ela o convidaria para jantar amanhã à noite?

Olho para Ronnie, tentando avaliar se ele está falando sério ou não.

— Veronica vai fazer um grande jantar de boas-vindas para

você. Então, você vem ou não vem?

— Claro — respondo, ainda não acreditando nos meus ouvidos, porque as promessas de Ronnie geralmente não vêm acompanhadas de palavras específicas como “amanhã”.

— Ótimo. Esteja em minha casa às sete horas para tomarmos um drinque. O jantar será às oito, e vai ser um jantar formal à luz de velas, com três pratos, portanto, vista algo bonito, está bem? Você sabe como é a Veronica quando se trata de jantares formais — diz Ronnie. Então ele me abraça, mesmo eu estando suado, o que tolero apenas por estar tão chocado com o convite de Veronica. Com uma mão no meu ombro, Ronnie me olha nos olhos e diz: — É bom ter você de volta, Pat.

Ao vê-lo subir correndo a escada, penso na quantidade de coisas ruins que Nikki e eu falaríamos a respeito de Ronnie e Veronica caso o tempo separados tivesse acabado e Nikki fosse ao jantar formal comigo.

— Jantar formal — diria Nikki. — Ainda estamos no primário?

Meu Deus, como Nikki odeia Veronica.

Se eu tiver uma recaída

Sabendo que se eu usar a roupa errada Veronica vai dizer que eu estraguei sua noite — como ela disse certa vez, quando fui de bermuda e sandálias a um jantar formal —, não consigo parar de pensar no que vou vestir para o jantar, tanto que nem lembro que é sexta-feira e, logo, dia de ver o Dr. Patel, até minha mãe me chamar no meio do meu treinamento, dizendo:

— Vamos sair em quinze minutos. Já para o chuveiro!

Na sala das nuvens, escolho a poltrona marrom. Cliff e eu nos reclinamos.

— Sua mãe contou que você teve uma semana e tanto. Quer falar sobre isso? — pergunta ele.

Então eu conto sobre o jantar formal de Veronica e sobre como minhas roupas velhas não cabem em mim, porque perdi muito peso e não tenho roupas chiques, fora a camiseta que meu irmão me deu recentemente, e estou muito estressado por ter de ir a um jantar, e gostaria apenas de poder passar algum tempo sozinho com Ronnie, levantando pesos, para não ter que ver Veronica, que até mesmo Nikki diz que é uma pessoa má.

Dr. Patel faz gestos positivos com a cabeça algumas vezes, daquele jeito dele, e então diz:

— Gostou da camiseta que seu irmão lhe deu? Sente-se à

vontade usando-a?

Digo que adorei minha camiseta nova.

— Então use isso e eu tenho certeza de que Veronica também vai gostar.

— Você tem certeza? — pergunto. — Porque Veronica tem uma ideia muito particular sobre o que se deve vestir em jantares formais.

— Sim, tenho certeza — diz ele, e eu me sinto muito melhor.

— E quanto à calça?

— O que há de errado com a calça que você está vestindo agora?

Olho para a calça cáqui que minha mãe comprou para mim na Gap outro dia, porque ela disse que eu não deveria ir de moletom às consultas com meu terapeuta, e embora a calça não seja tão elegante quanto minha nova camiseta dos Eagles, ela me parece boa o bastante, então dou de ombros e paro de me preocupar com o que vestir no jantar de Veronica.

Cliff tenta me fazer falar sobre Kenny G, mas eu só fecho os olhos, murmuro uma única nota e conto até dez em silêncio toda vez que ele diz o nome do Sr. G.

Então Cliff diz que sabe que eu fui rude com minha mãe,

sacudindo-a na cozinha e atirando-a no chão, no sótão, o que me deixa muito triste porque eu amo muito minha mãe, que me resgatou do lugar ruim e até assinou todos aqueles documentos — e, no entanto, não posso negar o que Cliff disse. Sinto a culpa aquecer meu peito até eu não aguentar mais. Verdade seja dita, eu desabo e choro — aos prantos — por pelo menos cinco minutos.

— Sua mãe está arriscando muito, porque ela acredita em você.

Suas palavras me fazem chorar ainda mais.

— Você quer ser uma boa pessoa, não é mesmo, Pat?

Confirmo. Choro. Quero mesmo ser uma boa pessoa. Quero de verdade.

— Vou aumentar a dosagem dos seus remédios — diz Dr. Patel. — Talvez você se sinta um pouco lento, mas deve ajudar a conter os seus ímpetos violentos. Você precisa saber que são suas ações que fazem de você uma boa pessoa, não sua vontade. E se você tiver outro episódio de crise, talvez eu tenha de recomendar que volte à unidade de saúde mental para tratamentos mais intensivos, que...

— Não. Por favor. Eu vou me comportar — digo rapidamente,

sabendo que é menos provável que Nikki volte se eu tiver uma recaída e voltar para o lugar ruim. — Confie em mim.

— Eu confio — responde o Dr. Patel com um sorriso.

Não sei como isso funciona

Depois de malhar mais um pouco no porão, visto o saco de lixo e corro meus dezessete quilômetros. Depois, tomo banho, borrifo um pouco de uma das colônias do meu pai e entro no meio da névoa, como mamãe me ensinou a fazer no ensino médio. Passo um desodorante debaixo do braço e visto minha nova calça cáqui e minha camiseta de Hank Baskett.

Quando pergunto à minha mãe como estou, ela diz:

— Muito bonito. Muito bonito. Mas você realmente acha que deve vestir a camisa dos Eagles em um jantar? Você pode vestir uma das camisas da Gap que eu comprei para você, ou pode pedir emprestada uma camisa polo de seu pai.

— Não, tudo bem — digo, sorrindo com confiança. — O Dr. Patel disse que seria uma boa ideia vestir esta camiseta.

— Ele disse isso? — pergunta minha mãe, rindo, e então pega um arranjo de flores e tira uma garrafa de vinho branco da geladeira.

— O que é isso?

— Dê essas flores para Veronica e diga a ela que eu agradeço. Ronnie tem sido um bom amigo para você. — Então minha mãe parece que vai chorar outra vez.

Despeço-me com um beijo e, com as mãos cheias de flores e vinho, desço a rua e atravesso o Knight's Park até a casa de Ronnie.

Ronnie abre a porta vestindo uma camisa social e uma gravata, o que me faz pensar que o Dr. Patel estava errado, afinal de contas, e que estou malvestido. Mas Ronnie olha para minha camiseta nova, verifica o nome nas costas, provavelmente para se certificar de que não estou vestindo uma camisa desatualizada de Freddie Mitchell, e diz:

— Hank Baskett é o cara! Onde você conseguiu essa camisa tão no início da temporada? É ótima!

Isso me faz sentir muito melhor.

Nós seguimos o cheiro de comida por sua elegante sala de estar e sua elegante sala de jantar até a cozinha, onde Veronica está dando de comer a Emily, e me surpreendo ao ver que ela parece muito mais velha do que um bebê recém-nascido.

— Hank Baskett chegou — informa Ronnie.

— Quem? — pergunta Veronica, mas ela sorri quando vê as flores e o vinho. — Pour moi?

Ela olha por um segundo para meu rosto inchado, mas não diz nada, e fico agradecido. Eu lhe entrego o que minha mãe mandou, e Veronica dá um beijo na minha bochecha não inchada.

— Bem-vindo de volta, Pat — cumprimenta ela, o que me surpreende, porque ela parece sincera. — Espero que você não se importe, mas convidei mais uma pessoa para jantar — acrescenta Veronica. Ela pisca para mim e, em seguida, abre a tampa da única panela sobre o fogão, liberando um aroma quente de tomate e manjericão.

— Quem? — pergunto.

— Você vai ver — diz ela sem levantar os olhos do molho que está mexendo.

Antes que eu reaja, Ronnie tira Emily de sua cadeira de bebê, dizendo:

— Venha conhecer o tio Pat. — E isso me soa estranho até eu perceber que ele está falando de mim. — Diga olá para o tio Pat, Emily.

Ela acena a mãozinha para mim, e então estou com Emily nos

braços. Seus olhos escuros examinam meu rosto, e ela sorri como se aprovasse.

— Pap — diz ela, apontando para meu nariz.

— Viu como minha menina é inteligente, tio Pat? — diz Ronnie, acariciando o cabelo preto e sedoso de Emily. — Ela já sabe seu nome.

Emily tem o cheiro do purê de cenouras que cobre as suas bochechas até Ronnie limpá-lo com um lenço umedecido. Eu preciso admitir que Emily é uma bela criança, e imediatamente entendo por que Ronnie me escreveu tantas cartas falando sobre a filha — e por que ele a ama tanto. Começo a pensar em ter filhos com Nikki um dia e fico tão feliz que dou um beijo na testa da pequena Emily, como se o bebê fosse de Nikki e eu fosse o pai. E então beijo a testa de Emily de novo, e de novo, até que ela ri.

— Cerveja? — pergunta Ronnie.

— Eu realmente não deveria beber, porque estou tomando remédios e...

— Cerveja — diz Ronnie.

E então estamos tomando cervejas em sua varanda enquanto Emily está sentada no colo do pai sugando uma mamadeira cheia

de suco de maçã.

— É bom poder tomar uma cerveja com você — diz Ronnie, pouco antes de bater sua garrafa de Yuengling Lager na minha.

— Quem vem para o jantar?

— A irmã de Veronica, Tiffany.

— Tiffany e Tommy? — pergunto, lembrando-me do marido de Tiffany que conheci no casamento de Ronnie e Veronica.

— Só Tiffany.

— Onde está o Tommy?

Ronnie toma um longo gole de sua cerveja, ergue o olhar para o pôr do sol, e diz:

— Tommy morreu há algum tempo.

— O quê? — pergunto, porque eu não sabia. — Meu Deus, sinto muito.

— Apenas lembre-se de não falar sobre Tommy esta noite, está bem?

— Claro. — Bebo alguns goles grandes de cerveja. — Então, como ele morreu?

— Como foi que quem morreu? — diz uma voz de mulher.

— Oi, Tiffany — cumprimenta Ronnie, e de repente ela está de pé conosco na varanda. Tiffany está usando um vestido de

noite preto, sapatos de salto, um colar de diamantes, e sua maquiagem e seu cabelo parecem perfeitos demais para mim, como se ela estivesse tentando com muito afinco ficar atraente, como as velhas senhoras fazem às vezes. — Você se lembra de Pat?

Eu me levanto e, enquanto apertamos as mãos, o modo como Tiffany olha nos meus olhos me faz sentir realmente estranho. Voltamos para dentro de casa e, depois de alguma conversa fiada, Tiffany e eu estamos sozinhos em extremos opostos do sofá da sala enquanto Veronica termina de preparar o jantar e Ronnie leva Emily para a cama.

— Você está muito bonita — digo, quando o silêncio se torna constrangedor.

Antes de o tempo separados começar, eu nunca elogiava a aparência de Nikki, e acho que isso realmente feria a sua autoestima. Imagino que agora posso praticar, elogiando a aparência das mulheres, de modo que isso me venha naturalmente quando Nikki voltar, embora Tiffany esteja de fato bonita, mesmo tendo usado muita maquiagem. Ela é alguns anos mais velha que eu, mas tem um corpo esbelto e um cabelo preto comprido e sedoso.

— O que houve com seu rosto? — pergunta Tiffany sem olhar para mim.

— Acidente com levantamento de pesos.

Ela fica olhando para as próprias mãos, que estão juntas sobre seu colo. As unhas foram recentemente pintadas de vermelho-sangue.

— Então, onde você está trabalhando agora? — pergunto, pensando que essa é uma pergunta segura.

O nariz dela fica franzido, como se eu tivesse soltado um pum.

— Fui demitida do meu emprego há alguns meses.

— Por quê?

— Isso importa? — pergunta, então se levanta e vai até a cozinha.

Viro o resto de minha segunda cerveja e espero Ronnie voltar.

* * *

O jantar é elegante, com velas acesas, pratos sofisticados e talheres especiais, mas desconfortável, visto que Tiffany e eu ficamos em completo silêncio enquanto Veronica e Ronnie falam de nós como se não estivéssemos lá.

— Pat é fascinado por história. Ele sabe tudo sobre todos os presidentes dos EUA. Vá em frente. Pergunte a ele qualquer

coisa — incentiva Ronnie.

Quando Tiffany não ergue a cabeça de seu prato, Veronica diz:

— Minha irmã faz dança moderna e se apresentará em um concurso daqui a dois meses. Você deveria vê-la dançar, Pat. É tão lindo. Meu Deus, queria eu saber dançar como minha irmã. Se ela permitir, este ano vamos todos assistir a sua apresentação, e você realmente deveria vir conosco.

Confirmo com um gesto cuidadoso de cabeça quando Tiffany ergue os olhos do prato para ver qual será minha resposta, pensando que irei apenas para treinar um pouco de gentileza. Além disso, Nikki provavelmente gostaria de ir a uma apresentação de dança, e eu quero fazer as coisas que Nikki gosta de fazer de agora em diante.

— Pat e eu vamos malhar juntos — informa Ronnie. — Veja como meu camarada está em forma. Ele me põe no chinelo. Preciso descer àquele porão com você, Pat.

— Tiffany adora praia, não é mesmo, Tiff? Nós quatro deveríamos levar Emily à praia durante um final de semana em setembro, depois que os turistas forem embora. Poderíamos fazer um piquenique. Você gosta de piqueniques, Pat? Tiffany adora

piqueniques. Não é mesmo, Tiff?

Ronnie e Veronica trocam informações sobre seus convidados por quase quinze minutos seguidos e, finalmente, há uma calmaria. Então pergunto se algum deles ouviu falar da implosão do Vet, e, para minha surpresa, Ronnie e Veronica confirmam que ele foi demolido há anos, exatamente como meu pai disse, o que me preocupa muito, porque não tenho nenhuma lembrança disso nem dos anos que supostamente transcorreram desde então. Penso em perguntar há quanto tempo Emily nasceu, porque eu me lembro de ter recebido uma carta de Ronnie com uma foto logo após o nascimento, mas fico com medo e não pergunto.

— Odeio futebol — diz Tiffany. — Mais do que tudo no mundo.

Então, todos nós comemos sem dizer nada durante algum tempo.

Os três pratos que Ronnie prometera eram cerveja, lasanha guarnecida com aspargos assados e torta de limão. Todos os três estão ótimos, e digo isso para Veronica — novamente praticando para quando Nikki voltar —, ao que ela responde:

— Você achou que minha comida seria ruim?

Sei que ela disse isso de brincadeira, mas Nikki usaria a pergunta para provar quão malvada Veronica pode ser. Penso que, se Nikki estivesse comigo ao irmos para casa, ficaríamos acordados na cama, conversando, como costumávamos fazer quando estávamos um pouco bêbados. Sentado agora à mesa de Ronnie, tal pensamento me deixa triste e feliz ao mesmo tempo.

Quando terminamos nossos pedaços de torta, Tiffany se levanta e diz:

— Estou cansada.

— Mas mal terminamos de comer — diz Veronica. — E temos o Trivial Pursuit para jogar e...

— Eu disse que estou cansada.

Há um silêncio.

— Bom — diz Tiffany afinal —, você vai me acompanhar até minha casa ou não vai?

Levo um segundo para me dar conta de que Tiffany está falando comigo, mas respondo rapidamente:

— Claro.

Já que estou praticando ser gentil, o que mais eu poderia ter dito... certo?

* * *

A noite está quente, mas não muito abafada. Tiffany e eu andamos um quarteirão antes de eu perguntar onde ela mora.

— Com meus pais, está bem? — diz, sem olhar para mim.

— Ah. — Percebo que a casa dos Webster fica a apenas umas quatro quadras de onde estamos.

— Você também mora com seus pais, não é?

— Sim.

— Portanto, não tem nada demais.

Está escuro, acho que devem ser umas nove e meia. Com os braços cruzados sobre o peito, Tiffany caminha muito rápido com suas sandálias de salto, e logo estamos em frente à casa dos pais dela.

Quando ela se vira para mim, eu acho que simplesmente vai dizer boa-noite, mas diz:

— Olha, eu não marco um encontro com ninguém desde a faculdade, então não sei como isso funciona.

— Como o que funciona?

— Notei o jeito como você estava olhando para mim. Não me venha com essa, Pat. Moro em um anexo nos fundos, que é completamente separado da casa, então não há nenhuma chance de meus pais nos pegarem juntos. Odiei o fato de você ter usado

uma camiseta de futebol no jantar, mas você pode me comer, contanto que apague as luzes primeiro. Está bem?

Estou chocado demais para falar, e por um longo tempo apenas ficamos parados.

— Ou não — acrescenta Tiffany pouco antes de começar a chorar.

Estou tão confuso que começo a falar, pensar e me preocupar, tudo ao mesmo tempo, sem saber realmente o que fazer ou dizer.

— Olha, gostei de passar um tempo com você, e acho que você é realmente bonita, mas sou casado — digo, e mostro meu anel de casamento como prova.

— Eu também — diz, e mostra o anel de diamantes em sua mão esquerda.

Eu me lembro do que Ronnie me falou sobre o marido dela ter morrido, o que faz dela uma viúva e não uma mulher casada, mas não digo nada, porque estou praticando ser gentil em vez de ter razão, coisa que aprendi na terapia e de que Nikki vai gostar.

Fico realmente triste ao ver que Tiffany ainda usa o anel de casamento.

E, de repente, Tiffany está me abraçando de modo que seu rosto está entre meus peitorais, e ela está chorando e enchendo

de maquiagem minha camiseta nova de Hank Baskett. Não gosto de ser tocado por ninguém, exceto por Nikki, e realmente não quero que Tiffany manche a camiseta que meu irmão foi tão legal em me dar — uma camiseta com letras e números bordados de verdade —, mas me surpreendo ao ver que estou retribuindo o abraço dela. Descanso meu queixo em seu cabelo preto sedoso, sinto o cheiro de seu perfume e, de repente, também estou chorando, o que me assusta um bocado. Nossos corpos estremecem juntos, e viramos dois chafarizes. Choramos juntos por pelo menos dez minutos, e depois ela me larga e corre para os fundos da casa de seus pais.

Quando chego em casa, meu pai está assistindo à televisão. Os Eagles estão jogando com os Jets em um jogo de pré-temporada que eu não sabia que estava passando. Ele nem sequer olha para mim, talvez porque agora eu seja um torcedor tão desleixado dos Eagles. Minha mãe me avisa que Ronnie ligou, dizendo que era importante e que eu deveria ligar de volta para ele imediatamente.

— O que aconteceu? O que é isso em sua camisa? É maquiagem? — pergunta minha mãe e, quando eu não respondo, ela diz: — É melhor você retornar a ligação de Ronnie.

Mas eu só deito na cama e fico olhando para o teto do quarto

até o sol nascer.

Cheios de lava derretida

A foto que tenho de Nikki é um retrato de seu rosto, e hoje me arrependo de não ter dito para ela quanto eu gostava dele.
Ela pagou um fotógrafo profissional para tirar a foto, e chegou a fazer o cabelo e a maquiagem no salão de beleza local antes de ir para o estúdio; além disso também fez sessões em cabines de bronzeamento na semana anterior à que a foto foi tirada, já que meu aniversário é no final de dezembro e a foto foi meu presente de vigésimo oitavo aniversário.
O rosto de Nikki está virado, de modo que se vê mais a bochecha esquerda do que a direita, emoldurada pelo seu cabelo encaracolado, louro-acobreado. Dá para ver sua orelha esquerda, e ela está usando os brincos de pingente de diamante que eu dei para ela em nosso primeiro aniversário de casamento. Ela só fez sessões em cabines de bronzeamento para que aparecessem as sardas de seu nariz, que eu amo, e das quais sinto falta todo inverno. Dá para ver claramente as pequenas sardas na foto, e Nikki disse que essa era a ideia principal, e que ela até tinha dito ao fotógrafo para focar nelas, porque eu adoro suas sardas sazonais. Seu rosto é como uma espécie de triângulo de cabeça

para baixo, visto que seu queixo é meio pontudo. Seu nariz é como o focinho de uma leoa, longo e régio, e seus olhos são da cor da grama. Na foto ela está fazendo aquela cara amuada que eu adoro — não é bem um sorriso amigável, não é bem um sorriso debochado — e os lábios são tão brilhantes que eu não consigo evitar beijar a imagem cada vez que olho para ela. Então eu beijo a foto novamente, sentindo a frieza do vidro, deixando uma mancha em forma de beijo, que eu limpo com a minha camisa.

— Meu Deus, eu sinto tanta saudade, Nikki — digo, mas a foto permanece silenciosa como sempre. — Desculpe-me por não ter gostado dessa foto a princípio, porque você não acreditaria no quanto eu gosto dela agora. Sei que disse a você que esse não era um presente muito bom, antes de eu começar a praticar ser gentil em vez de ter razão. Sim, eu havia pedido especificamente uma nova churrasqueira, mas estou feliz por ter a foto agora, porque me ajudou a passar por todo aquele tempo no lugar ruim e me fez querer ser uma pessoa melhor, e eu estou mudado agora, então não apenas me dou conta como também sou grato pela reflexão e pelo esforço por trás deste presente. É a única imagem que eu tenho de você desde que

uma pessoa malvada roubou todas as nossas fotos que estavam na casa de minha mãe, porque as fotos estavam em porta-retratos caros, e...

De repente, por algum motivo, lembro-me de que há um vídeo do nosso casamento, e nesse vídeo Nikki está andando, dançando e falando, e há até uma parte em que Nikki fala diretamente para a câmera, como se estivesse falando comigo, e ela diz: “Eu amo você, Pat Peoples, meu bolinho garanhão e sexy”, o que me fez rir muito na primeira vez em que assistimos ao vídeo com os pais dela.

Bato na porta do quarto dos meus pais, e então bato novamente.

— Pat? — chama minha mãe.

— Eu tenho que trabalhar amanhã de manhã, sabia? — diz meu pai, mas eu o ignoro.

— Mãe? — digo para a porta.

— O que foi?

— Onde está o vídeo do meu casamento?

Há um silêncio.

— Você se lembra do vídeo do meu casamento, certo?

Ela continua sem dizer nada.

— Ainda está na caixa de papelão dentro do armário da sala de estar com todos os outros vídeos?

Através da porta ouço ela e meu pai sussurrando, e, em seguida, minha mãe diz:

— Acho que demos nossa cópia desse vídeo para você, querido. Deve estar na sua antiga casa. Sinto muito.

— O quê? Não, está lá embaixo, no armário da sala de estar. Esqueça, eu mesmo vou encontrá-lo. Boa noite — digo, mas quando abro o armário da sala de estar e procuro na caixa de vídeos, a fita não está lá.

Eu me viro e vejo que minha mãe me seguiu. Ela está de camisola. Ela está roendo as unhas.

— Onde está a fita?

— Nós a demos para...

— Não minta para mim!

— A gente deve ter esquecido em algum lugar, mas vai aparecer mais cedo ou mais tarde.

— Esquecido em algum lugar? Esse vídeo é inesquecível! — É apenas uma fita de vídeo, mas não posso deixar de ficar com raiva, o que eu sei que é um de meus problemas. — Como você pôde perdê-la quando sabe quanto era importante para mim?

Como?

— Acalme-se, Pat. — Minha mãe ergue as palmas das mãos de modo a ficarem bem diante de seu peito e, em seguida, dá um passo cuidadoso em minha direção, como se estivesse tentando chegar perto de um cão raivoso. — Relaxe, Pat. Apenas relaxe.

Mas eu sinto que fico cada vez mais irritado e, por isso, antes de dizer ou fazer qualquer coisa estúpida, lembro que estou a ponto de ser enviado de volta para o lugar ruim, onde Nikki nunca vai me encontrar. Passo correndo por minha mãe, desço até o porão e faço quinhentos abdominais no Stomach Master 6000. Quando termino, ainda estou com raiva, por isso pedalo a bicicleta ergométrica durante quarenta e cinco minutos e depois tomo doses de água até me sentir hidratado o bastante para tentar quinhentas flexões. Somente quando sinto como se meus peitorais estivessem cheios de lava derretida posso me considerar calmo o suficiente para dormir.

Quando subo, tudo está silencioso e nenhuma luz está vazando por debaixo da porta do quarto dos meus pais, de modo que pego minha foto de Nikki, levo-a para o sótão, desligo o ventilador, entro em meu saco de dormir, ponho a foto ao lado de minha cabeça, dou-lhe um beijo de boa-noite e então começo a

suar mais alguns quilos.

Não venho ao sótão desde a vez em que Kenny G me visitou. Tenho medo de que ele volte, mas também me sinto um pouco gordo. Fecho os olhos, murmuro uma única nota, conto silenciosamente até dez diversas vezes e, na manhã seguinte, acordo ileso.

Errando como Dimmesdale errou

Talvez os puritanos fossem simplesmente mais burros do que as pessoas modernas, mas não consigo acreditar no tempo que os habitantes de Boston do século XVII demoraram para descobrir que seu líder espiritual engravidara a safada local. Resolvi o mistério já no capítulo oito, quando Hester se volta para Dimmesdale e diz: “Falai por mim!” A letra escarlate, de Hawthorne, era leitura obrigatória no ensino médio e, se eu soubesse que o livro tinha tanto sexo e espionagem, talvez eu o tivesse lido aos dezesseis anos. Meu Deus, mal posso esperar para perguntar a Nikki se ela enfatiza o lado picante do livro em suas aulas, porque sei que os adolescentes realmente leriam o livro se ela o fizesse.

Não gostei muito de Dimmesdale, porque ele tinha uma mulher incrível e ainda assim negou-se a ter uma vida ao lado dela. Agora entendo que não teria sido fácil para ele explicar como engravidara a esposa adolescente de outro homem, especialmente considerando que ele era membro do clero, mas se há um tema que Hawthorne faz questão de abordar é que o tempo cura todas as feridas, lição que Dimmesdale aprende,

embora tarde demais. Além disso, acho que Deus gostaria que Pearl tivesse tido um pai, e provavelmente considerou o desprezo de Dimmesdale para com a filha um pecado maior do que ele ter feito sexo com a esposa de outro homem.

Agora, me solidarizo com Chillingworth — e muito. Quer dizer, ele mandou a jovem noiva para o Novo Mundo, tentando dar-lhe uma vida melhor, e ela engravidou de outro homem, o que foi um belo de um tapa na cara, certo? Mas ele era muito velho e desagradável e não tinha nada que ter se casado com uma menina tão jovem. Quando ele começou a torturar Dimmesdale psicologicamente, dando-lhe todas aquelas raízes e ervas estranhas, Chillingworth me fez lembrar do Dr. Timbers e sua equipe. Então percebi que Chillingworth jamais tentaria ser gentil, de modo que desisti de torcer por ele.

Mas eu simplesmente amei Hester, porque ela via o lado bom das coisas. Mesmo quando aquela multidão desagradável de barbudos com chapéus e gordas estava contra ela, dizendo que ela também deveria ser marcada na testa, Hester manteve suas convicções, costurou, ajudou as pessoas como podia e fez seu melhor para criar a filha, até quando Pearl provou ser um tanto diabólica.

Embora Hester não tenha conseguido ficar com Dimmesdale no final — o que, para mim, é um defeito do livro —, tenho a impressão de que ela viveu uma vida plena, viu a filha crescer e se casar bem, o que foi legal.

Mas me dei conta de que ninguém realmente deu valor a Hester até que fosse tarde demais. No momento em que ela mais precisava de ajuda, foi abandonada, e somente quando ofereceu ajuda aos outros foi amada. Isso meio que sugere que é importante dar valor às boas mulheres em nossa vida antes que seja tarde demais, o que é uma mensagem muito boa para se transmitir aos alunos. Eu gostaria que meus professores tivessem me ensinado isso, porque certamente teria tratado Nikki de forma diferente. Mas talvez esse seja o tipo de coisa que você tenha de aprender vivendo a sua vida — errando como Dimmesdale errou, e como eu também errei, suponho.

Aquela passagem em que Dimmesdale e Hester finalmente estão juntos na cidade pela primeira vez me fez desejar que o tempo separados já tivesse terminado para que eu pudesse ir com Nikki a algum lugar público e pedir desculpas por ter sido tão idiota no passado. Então eu diria a ela o que penso sobre o clássico de Hawthorne, o que certamente a deixaria muito feliz.

Meu Deus, ela vai ficar tão impressionada quando souber que eu realmente cheguei a ler um livro escrito em inglês arcaico!

Você gosta de filmes estrangeiros?

Cliff me pergunta sobre o jantar formal de Veronica e eu percebo que minha mãe já discutiu o assunto com ele — provavelmente, em um esforço para me fazer usar as camisas de colarinho que ela comprou para mim na Gap, que minha mãe adora e eu não adoro. Assim que me sento na poltrona marrom, Cliff aborda o assunto, segurando o queixo do modo como ele faz toda vez que pergunta algo que minha mãe já respondeu.

Mesmo percebendo o ardil de Cliff, fico feliz em informá-lo de que ele estava certo ao me aconselhar a vestir a camiseta que meu irmão me deu. Surpreendentemente, ele não quer falar sobre a roupa que eu vesti, mas sobre Tiffany, perguntando o que penso a respeito dela, como ela me fez sentir, e se eu gostei de sua companhia.

No começo, sou educado e respondo dizendo que Tiffany estava bonita, muito bem-vestida e que tinha um belo corpo, mas Cliff continua insistindo em descobrir a verdade, como fazem os terapeutas, porque todos eles têm algum tipo de habilidade

psíquica que lhes permite ver através das mentiras, e, portanto, sabem que você acabará se cansando desse jogo e colocando a verdade para fora.

Finalmente digo:

— Bem, eu não gosto de dizer isso, mas o fato é que a Tiffany é um pouco safada.

— Como assim? — pergunta Cliff.

— Quero dizer que ela é meio que uma vadia.

Cliff inclina-se um pouco para a frente em sua poltrona. Ele parece surpreso e também desconfortável o bastante para me fazer sentir desconfortável.

— Em que você baseia essa sua observação? Ela estava vestida de modo provocativo?

— Não. Eu já disse. Ela estava usando um vestido bonito. Mas, assim que terminamos a sobremesa, ela me pediu para acompanhá-la até em casa.

— E o que há de errado nisso?

— Nada. Mas, no final da caminhada, ela me pediu para ter relações sexuais com ela. E não usou essas palavras.

Cliff tira os dedos do queixo, recosta-se e diz:

— Ah.

— Pois é. Isso também me chocou muito, especialmente porque ela sabe que sou casado.

— Então, você fez?

— Eu fiz o quê?

— Sexo com Tiffany.

A princípio, não compreendo o que Cliff disse, mas quando entendo fico com raiva.

— Não!

— Por que não?

Eu não posso acreditar que Cliff me fez essa pergunta, ainda mais porque ele é um homem bem casado, mas eu lhe dou a honra de uma resposta mesmo assim.

— Porque eu amo a minha mulher! É por isso!

— Foi o que pensei — diz ele.

Isso faz com que eu me sinta um pouco melhor. Ele está apenas testando os meus princípios, o que é perfeitamente compreensível, porque as pessoas fora das instituições de saúde mental precisam ter boas regras morais para que o mundo continue a funcionar sem grandes interrupções; e para que os finais felizes floresçam.

Então eu digo:

— Eu nem entendo por que Tiffany me pediu para fazer sexo com ela, aliás. Quer dizer, não sou um sujeito atraente; ela é bonita, e com certeza poderia conseguir alguém muito melhor do que eu. Então agora estou achando que talvez ela seja ninfomaníaca. O que você acha?

— Não sei dizer se ela é ninfomaníaca ou não — responde ele. — Mas sei que às vezes as pessoas dizem e fazem o que pensam que os outros desejam que elas digam e façam. Talvez Tiffany na verdade não quisesse fazer sexo com você e apenas tenha lhe oferecido algo que achou que você valorizaria, para que você a valorizasse.

Penso na explicação durante um segundo e digo em seguida:

— Então você está me dizendo que Tiffany achou que eu queria fazer sexo com ela?

— Não necessariamente. — Ele volta a segurar o queixo. — Sua mãe me disse que você chegou em casa com a camiseta manchada de maquiagem. Você se importa se eu perguntar como isso aconteceu?

Com relutância, porque não gosto de fazer fofoca, conto para ele que Tiffany estava usando o anel de casamento, mesmo depois que o marido morreu, e como nos abraçamos e choramos

na frente da casa dos pais dela.

Cliff balança a cabeça e diz:

— Parece que Tiffany realmente precisa de um amigo e que ela pensou que fazer sexo levaria você a querer ser amigo dela. Mas me conte outra vez como você lidou com a situação.

Então conto para ele exatamente o que nos levou ao abraço e como a deixei manchar minha camiseta de Hank Baskett com maquiagem e...

— Onde você conseguiu uma camiseta de Hank Baskett? — pergunta ele.

— Eu já disse. Meu irmão me deu.

— Foi isso que você usou no jantar?

— Sim, exatamente como você me disse para fazer.

Cliff sorri e até dá uma risadinha, o que me surpreende. Então acrescenta:

— O que seus amigos disseram?

— Ronnie disse que Hank Baskett é o cara.

— Hank Baskett é mesmo o cara. Aposto que ele fará ao menos sete touchdowns nesta temporada.

— Cliff, você torce para os Eagles?

Ele entoa o grito de guerra dos Eagles:

— E!-A!-G! L!-E!-S! Eagles!

Isso me faz rir, porque ele é o meu terapeuta e eu não sabia que terapeutas podiam gostar de futebol americano.

— Bem, agora que sei que você tem sangue verde como eu, vamos ter que conversar sobre os Birds fora do horário da consulta — diz Cliff. — Então, você realmente deixou Tiffany manchar com maquiagem a sua camisa novinha do Hank Baskett?

— Sim, e é uma camisa com os números bordados, não uma daquelas baratas impressas.

— Uma camisa oficial de Hank Baskett! — exclama ele. — Isso certamente foi muito gentil de sua parte, Pat. Parece que tudo que Tiffany precisava era de um abraço, o que você ofereceu a ela, porque você é um cara legal.

Não posso deixar de sorrir, porque realmente estou tentando ser um cara legal.

— Sim, eu sei, mas agora ela está sempre me seguindo pela cidade.

— Como assim?

Então digo para Cliff que, desde o jantar, sempre que visto um saco de lixo e saio de casa para correr, Tiffany está à espera

do lado de fora, usando sua roupa de corrida e uma bandana cor-de-rosa.

— Muito educadamente, eu disse a ela que não gosto de correr com outras pessoas e pedi que me deixasse em paz, mas ela ignorou o meu pedido e simplesmente correu a uma distância de um metro e meio atrás de mim o tempo todo. No dia seguinte, fez a mesma coisa, e continua fazendo. De alguma forma, ela descobriu os meus horários, e está sempre lá fora quando saio de casa uma hora antes do pôr do sol, pronta para me seguir como uma sombra para onde quer que eu corra. Eu corro rápido, e ela me acompanha. Corro por ruas perigosas, e ela me segue. Ela nunca se cansa, também, e continua correndo rua abaixo quando eu finalmente paro em frente à minha casa. Ela nem sequer me diz oi ou tchau.

— Por que você não quer que ela o siga? — pergunta Cliff.

Então pergunto como a mulher dele, Sonja, se sentiria se uma mulher gostosa o acompanhasse toda vez que ele saísse para correr.

Ele sorri, do modo como os homens fazem quando estão sozinhos, falando sobre mulheres de um modo sexual, e então diz:

— Você acha Tiffany gostosa?

Isso me surpreende porque eu não sabia que os terapeutas tinham autorização para falar com os pacientes como se fossem amigos deles, e eu me pergunto se isso significa que Cliff me considera seu amigo agora.

— Claro que ela é gostosa — respondo. — Mas eu sou casado.

Ele segura o queixo e diz:

— Há quanto tempo você não vê a Nikki?

Respondo que não sei.

— Talvez há alguns meses — digo.

— Você realmente acredita nisso? — pergunta ele, voltando a segurar o próprio queixo.

Quando respondo que sim, percebo que estou gritando e chego a deixar escapar um palavrão. Imediatamente me sinto mal, porque Cliff estava falando comigo como um amigo, e as pessoas sãs não devem gritar ou xingar os amigos.

— Desculpe-me — digo quando Cliff começa a parecer assustado.

— Tudo bem — concorda, forçando um sorriso. — Eu tenho que acreditar que você diz as coisas com sinceridade. — Ele

coça a cabeça por um segundo e então diz: — Minha mulher adora filmes estrangeiros. Você gosta de filmes estrangeiros?

— Com legendas?

— Sim.

— Odeio esse tipo de filme.

— Eu também — admite Cliff. — Principalmente porque...

— Não têm finais felizes.

— Exato — diz Cliff, apontando um dedo marrom para o meu rosto. — Em geral, são tão deprimentes.

Balanço a cabeça concordando plenamente com ele, apesar de não assistir a um filme há muito tempo, e não pretender fazê-lo até Nikki voltar, porque agora estou assistindo ao filme da minha própria vida enquanto a vivo.

— Minha mulher vivia implorando para que eu a levasse para ver esses filmes estrangeiros com legendas — explica Cliff. — Parecia que todo dia ela me perguntava se podíamos ver um filme estrangeiro, até que eu cedi e comecei a levá-la. Toda quarta-feira íamos ao Ritz para assistir a algum filme deprimente.

E você sabe o que aconteceu?

— O quê?

— Depois de um ano, simplesmente paramos de ir.

— Por quê?

— Ela parou de pedir.

— Por quê?

— Não sei. Mas talvez se você der atenção a Tiffany, se chamá-la para correr com você e, talvez, para jantar fora algumas vezes... talvez, depois de algumas semanas, ela se canse de segui-lo e o deixe em paz. Permita que ela consiga o que quer, e talvez depois de um tempo ela não queira mais. Entendeu?

Entendi, sim, mas não consigo deixar de perguntar:

— Você acha que isso vai funcionar mesmo?

E Cliff dá de ombros de um modo que me faz acreditar que sim.

Dividir cereais com passas

Voltando de carro do consultório de Cliff pergunto à minha mãe se ela acha que chamar Tiffany para sair é a melhor maneira de eu me livrar dela de uma vez por todas, e minha mãe responde:

— Você não deveria estar tentando se livrar de ninguém. Você precisa de amigos, Pat. Todo mundo precisa.

Não digo nada em resposta. Temo que minha mãe esteja torcendo para que eu me apaixone por Tiffany, porque sempre que ela chama Tiffany de minha "amiga" ela fala com um sorriso nos lábios e um olhar esperançoso, o que me incomoda tremendamente, porque mamãe é a única pessoa na minha família que não odeia Nikki. Além disso, sei que minha mãe fica olhando pela janela quando eu saio para correr porque, quando volto da corrida, ela me provoca:

— Vi que sua amiga apareceu outra vez.

Mamãe entra na garagem, desliga o motor do carro, e diz:

— Posso lhe emprestar dinheiro se você quiser levar sua amiga para jantar.

Novamente, o modo como ela diz a palavra "amiga" me faz sentir um formigamento, no mau sentido. Não digo nada em resposta, e minha mãe faz uma coisa estranhíssima: ela ri.

Termino o meu levantamento de pesos do dia, visto um saco de lixo e, quando começo a me alongar no gramado em frente de casa, vejo que Tiffany está correndo de um lado para outro ao longo do quarteirão de meus pais, esperando que eu inicie minha corrida. Digo para mim mesmo que devo convidá-la para jantar, para que essa loucura acabe e eu volte a ficar sozinho em minhas corridas, mas simplesmente começo a correr, e Tiffany me segue.

Passo pela escola, desço a Collings Avenue até a Black Horse Pike, dobro à esquerda e depois volto a dobrar à esquerda na Oaklyn, desço o Kendall Boulevard até a Oaklyn Middle School, passo pelo Manor Bar até a White Horse Pike, dobro à direita e em seguida à esquerda na Cuthbert, e corro até a Westmont. Quando chego ao Crystal Lake Diner, eu me viro e começo a correr no mesmo lugar. Tiffany faz o mesmo e olha para os próprios pés.

— Ei — digo para ela. — Você quer jantar comigo neste restaurante?

— Hoje à noite? — pergunta ela, sem olhar para mim.

— Sim.

— A que horas?

— Nós teremos que vir a pé, porque não tenho permissão para dirigir.

— A que horas?

— Estarei na frente de sua casa às sete e meia.

Em seguida, a coisa mais incrível acontece: Tiffany simplesmente se afasta de mim, e eu não posso acreditar que finalmente consegui que ela me deixasse em paz. Fico tão feliz que mudo o meu trajeto e corro ao menos vinte e cinco quilômetros em vez de dezessete, e, quando o sol se põe, as nuvens a oeste estão todas carregadas de eletricidade, o que eu sei que é um bom presságio.

* * *

Em casa, digo para minha mãe que preciso de algum dinheiro para poder levar Tiffany para jantar. Ela tenta esconder o sorriso enquanto pega a bolsa na mesa da cozinha.

— Aonde você vai levá-la?

— Ao Crystal Lake Diner.

— Você não vai precisar de mais do que quarenta dólares, certo?

— Acho que não.

— Estarão na bancada da cozinha quando você descer.

Tomo banho, passo desodorante, uso a colônia de meu pai e visto a minha calça cáqui e a camisa verde-escura que mamãe comprou para mim ontem mesmo, na Gap. Por alguma razão, minha mãe compra sistematicamente guarda-roupas inteiros para mim, e todas as peças são da Gap. Quando desço, ela diz que preciso pôr a camisa para dentro da calça e usar um cinto.

— Por quê? — pergunto, pois realmente não me importo se pareço respeitável ou não. Eu só quero me livrar de Tiffany de uma vez por todas. Mas quando mamãe diz “Por favor”, eu lembro que estou tentando ser gentil em vez de ter razão, e também que estou em dívida com minha mãe porque ela me resgatou do lugar ruim, de modo que subo a escada e coloco o cinto de couro marrom que ela comprou para mim no início da semana.

Mamãe entra no meu quarto com uma caixa de sapatos e diz:

— Vista um par de meias e experimente isto aqui.

Abro a caixa e encontro ali um elegante mocassim de couro marrom.

— Jake disse que este é o tipo de sapato que os homens de sua idade costumam usar em encontros casuais — explica minha mãe.

Quando calço os sapatos e me olho no espelho, vejo como a minha cintura está fina, e acho que estou quase tão elegante quanto meu irmão mais novo.

Com quarenta dólares no bolso, atravesso o Knight’s Park até a casa dos pais de Tiffany. Ela está do lado de fora, me esperando na calçada, mas vejo que sua mãe está espiando pela janela. A Sra. Webster se esconde atrás das cortinas quando nossos olhares se cruzam. Tiffany não diz oi e começa a andar antes que eu tenha tempo de parar. Ela está vestindo uma saia rosa até o joelho e um suéter preto de verão. Suas

sandálias plataforma a fazem parecer mais alta, e seu cabelo está um tanto volumoso ao redor das orelhas, caindo sobre os ombros. Usou delineador demais e seus lábios estão muito rosados, mas devo admitir que está linda, e digo isso para ela:

— Uau, você está muito bonita hoje.

— Gostei dos seus sapatos — diz ela em resposta, e então caminhamos durante trinta minutos sem dizer mais nada.

Sentamo-nos em um nicho do restaurante, e a garçonete nos serve água. Tiffany pede chá, e eu digo que água está bom para mim. Enquanto leio o cardápio, preocupo-me se terei dinheiro suficiente, o que é bobagem, eu sei, porque tenho duas notas de vinte e a maioria dos pratos custa menos de dez dólares, mas eu não sei o que Tiffany vai pedir, e talvez ela queira sobremesa, e há também a gorjeta.

Nikki me ensinou a dar boas gorjetas. Ela diz que as garçonetes trabalham muito para ganhar pouco. Nikki sabe disso porque foi garçonete durante toda a época da faculdade — quando estávamos no La Salle —, então agora eu sempre dou boas gorjetas quando saio para comer, só para compensar as vezes no passado em que briguei com Nikki por causa de alguns trocados, dizendo que quinze por cento eram mais do que suficientes, porque ninguém me dava gorjeta, quer fizesse bem o meu trabalho quer não. Agora eu acredito em dar boas gorjetas, porque estou

praticando ser gentil em vez de ter razão — e enquanto leio o cardápio, penso: e se não sobrar dinheiro suficiente para eu poder dar uma gorjeta generosa?

Estou tão preocupado com tudo isso que não devo ter escutado o pedido de Tiffany, porque de repente ouço a garçonete dizer:

— Senhor?

Quando baixo o cardápio, tanto Tiffany quanto a garçonete estão me encarando, como se estivessem preocupadas. Então digo:

— Cereais com passas. — Porque me lembro de ter lido que esse prato custa apenas dois dólares e vinte e cinco centavos.

— Leite?

— Quanto é o leite?

— Setenta e cinco centavos.

Acho que posso bancar isso, então digo:

— Sim, por favor.

E, em seguida, entrego o cardápio de volta para a garçonete.

— Só isso?

Confirmo com um gesto de cabeça e a garçonete suspira de forma audível antes de nos deixar a sós.

— O que você pediu? Não ouvi — digo para Tiffany, tentando parecer educado, mas secretamente preocupado se vai sobrar dinheiro para dar

uma boa gorjeta.

— Só chá — responde ela.

Então ambos olhamos pela janela para os carros no estacionamento.

Quando chega o cereal com passas, abro a caixa com uma porção individual e a despejo na tigela que a lanchonete fornece gratuitamente. O leite vem em uma leiteira em miniatura, e eu o derramo sobre os flocos marrons e as passas açucaradas. Empurro a tigela até o meio da mesa e pergunto a Tiffany se ela gostaria de me ajudar a comer o cereal.

— Você tem certeza? — pergunta ela e, quando eu digo que sim, ela pega a colher e nós comemos.

Ao recebermos a conta, o total é de quatro dólares e cinquenta e nove centavos. Entrego as duas notas de vinte para a nossa garçonete e a mulher ri, balança a cabeça e diz:

— Quer troco?

Quando digo “Não, obrigado”, pensando que Nikki gostaria que eu desse uma boa gorjeta, a garçonete diz para Tiffany:

— Querida, eu estava enganada a respeito desse aqui. Voltem em breve vocês dois, está bem?

E vejo que a mulher está satisfeita com a gorjeta, porque ela meio que saltita ao caminhar em direção à caixa registradora.

Tiffany não diz nada a caminho de casa, então faço o mesmo. Quando

chegamos na casa dela, digo que me diverti muito.

— Obrigado — digo.

Então, estendo a mão, só para que Tiffany não tenha uma ideia errada.

Ela olha para a minha mão e então para mim, mas não retribui o gesto.

Por um segundo, acho que vai começar a chorar novamente, mas ela diz:

— Lembra quando eu disse que você poderia me comer?

Confirmo com um gesto de cabeça lentamente, porque gostaria de não me lembrar daquilo tão claramente.

— Não quero que você me coma, Pat. Está bem?

— Está bem — respondo.

Ela dá a volta na casa dos pais, e então eu fico sozinho outra vez.

Ao chegar em casa, minha mãe me pergunta animadamente o que comemos no jantar e, quando eu digo que comemos cereais com passas, ela ri e diz:

— Falando sério, o que vocês comeram?

Eu a ignoro, vou para meu quarto e tranco a porta.

Deitado na minha cama, pego a foto de Nikki e conto tudo sobre o jantar, e como dei uma boa gorjeta para a garçonete e como Tiffany parecia triste e quanto eu estou ansioso com o fim do tempo separados para que Nikki e eu possamos dividir cereais com passas em algum restaurante e caminhar em meio ao ar gelado do início de setembro... e

então estou chorando de novo.

Começo a soluçar e enterro o rosto no meu travesseiro para que meus pais não me ouçam.

Canto e soletro e brado

Levanto-me às quatro e meia da manhã e começo a malhar para terminar antes do início do jogo, e, quando finalmente subo do porão, a casa inteira cheira a petiscos de caranguejo, pizza de três carnes e asas de frango apimentadas.

— Que cheiro bom — digo para minha mãe enquanto visto meu saco de lixo, e depois saio para a corrida de dezessete quilômetros.

Fico chocado ao ver que Tiffany está correndo de um lado para outro no quarteirão, já que ela não correu atrás de mim ontem, e também porque hoje estou correndo pela manhã, que não é meu horário normal de correr.

Corro em direção ao Knight’s Park e, quando olho por cima do ombro, vejo que ela está me seguindo novamente.

— Como você sabia que hoje eu correria mais cedo? — pergunto.

Mas ela mantém a cabeça baixa e continua a me seguir em silêncio.

Corremos nossos dezessete quilômetros, e, quando volto para casa, Tiffany se afasta sem dizer nada, como se não tivéssemos

comido cereais com passas no restaurante e nada tivesse mudado.

Vejo o BMW prateado de meu irmão estacionado na frente da casa dos meus pais, então entro pela porta dos fundos, subo correndo as escadas e entro no chuveiro. Depois do banho, visto minha camiseta de Hank Baskett — que minha mãe lavou e tirou as manchas de maquiagem dos números — e depois sigo o som do show antes do jogo até a sala de estar, pronto para torcer pelos Birds.

Meu melhor amigo, Ronnie, está sentado ao lado de meu irmão, o que me surpreende. Ambos estão vestindo camisetas verdes com o número 18 e o nome Stallworth nas costas. A camiseta de Ronnie é uma réplica barata com números impressos, mas a de Jake é oficial. Papai está em sua cadeira, usando sua camiseta número 5 de McNabb, também uma réplica.

Quando digo “Força, Birds!”, meu irmão se volta para mim, ergue as duas mãos e diz “Ahhhhhhhhhhhhh!”, até que Ronnie e meu pai também se levantam, olham para mim, erguem as mãos e dizem “Ahhhhhhhhhhhhhhh!”. Quando eu levanto as mãos e digo “Ahhhhhhhhhhhh!”, nós quatro começamos a cantar,

soletrando rapidamente as letras com nossos braços e corpos — “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!” —, estendendo dois braços e uma perna para fazer um E, tocando as pontas dos dedos acima de nossas cabeças para fazer um A, e assim por diante.

Ao terminarmos, meu irmão dá a volta no sofá, pousa um braço sobre meu ombro e começa a entoar o nosso canto de guerra, do qual me lembro, e canto com ele. “Voem, Eagles, voem! A caminho da vitória!” Estou tão feliz por estar cantando com meu irmão que nem me irrito por ele estar com o braço sobre meu ombro. Andamos em volta do sofá enquanto cantamos “Lutem, Eagles, lutem! Marquem um, dois, três touchdowns!” Olho para meu pai e ele não desvia o olhar. Apenas começa a cantar com mais entusiasmo. Ronnie passa o braço em torno de mim e, então, eu me vejo entre meu irmão e meu melhor amigo. “Para baixo. Para cima. E observem nossas águias voando!” Vejo que minha mãe veio até a sala para assistir e está novamente com a mão sobre a boca, como ela costuma fazer quando está prestes a rir ou a chorar. Mas seus olhos parecem felizes, de modo que sei que ela está rindo sob as mãos. “Voem Eagles, voem. A caminho da vitória!” Então Ronnie e Jake tiram os braços do meu pescoço para poderem fazer as letras novamente com seus

corpos. “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!” Nosso rosto está vermelho e meu pai, ofegante, mas todo mundo está muito feliz e pela primeira vez sinto que realmente estou em casa.

Minha mãe serve a comida em bandejas especiais para assistir à TV, e o jogo começa.

— Eu não deveria beber — digo quando minha mãe distribui garrafas de Budweiser.

Mas meu pai diz:

— Você pode beber cerveja durante os jogos dos Eagles.

Mamãe dá de ombros e sorri quando me entrega uma cerveja gelada. Pergunto ao meu irmão e a Ronnie por que eles também não estão vestindo camisetas do Baskett, já que Baskett é o cara, e eles me dizem que os Eagles o trocaram por Donté Stallworth, e que Donté Stallworth é o cara agora. Como estou vestindo minha camiseta do Baskett, eu insisto em que Baskett é o cara.

Meu pai sopra ar através dos dentes e meu irmão diz, arrogante:

— Veremos.

Isso é uma coisa estranha para ele dizer, considerando que foi ele quem me deu a camisa do Baskett, afinal de contas, e me garantiu que Baskett era realmente o cara há apenas duas semanas.

Minha mãe assiste ao jogo nervosa, como sempre, porque ela sabe que, se os Eagles perderem, meu pai vai ficar de mau humor uma semana inteira e vai gritar muito com ela. Ronnie e Jake fazem comentários sobre diferentes jogadores e olham as telas de seus celulares para ver se chegaram atualizações sobre outros jogos e jogadores, porque os dois jogam futebol fantasia, que é um jogo de computador que lhe dá pontos se você escolher jogadores que marcarem touchdowns e ganharem jardas. Olho para meu pai de vez em quando, certificando-me de que ele me veja torcendo, porque sei que ele só está disposto a se sentar na mesma sala que o filho mentalmente perturbado se eu estiver torcendo pelos Birds com todas as minhas forças. Devo admitir que é bom estar sentado na mesma sala que meu pai, mesmo sabendo que ele me odeia e sem que eu o tenha perdoado cem por cento por ter me dado um chute e um soco no rosto no sótão. Os Houston Texans marcam primeiro, e meu pai começa a xingar muito alto, tanto que minha mãe sai da sala dizendo que vai nos trazer mais cervejas, e Ronnie olha para a televisão, fingindo que não ouviu o que meu pai disse, que foi: “Melhorem essa defesa de merda, seus babacas analfabetos bem pagos! Esses são os Texans, não as Vaqueiras de Dallas. Os Texans,

porra! Puta merda!”

— Relaxe, pai — tranquiliza Jake. — Esse jogo está no papo.

Mamãe distribui as cervejas e papai bebe em silêncio durante algum tempo, mas, quando McNabb não intercepta uma bola, meu pai começa a apontar o dedo para a televisão e xinga ainda mais alto, dizendo coisas sobre McNabb que fariam meu amigo Danny ficar furioso, porque Danny diz que apenas pessoas negras podem usar aquelas palavras.

Felizmente, Donté Stallworth é realmente o cara, porque, quando McNabb começa a mandar a bola para ele, os Eagles abrem vantagem e meu pai para de xingar e volta a sorrir.

No intervalo, Jake convence meu pai a se juntar a nós lá fora para jogarmos um pouco de bola, e em seguida nós quatro estamos jogando bola na rua. Um de nossos vizinhos sai de casa com o filho, e os convidamos a se juntarem a nós. O garoto deve ter uns dez anos e não consegue nos acompanhar de seu quintal, mas como ele está vestindo uma camiseta verde, nós arremessamos a bola para ele diversas vezes. O menino deixa cair todos os passes, mas torcemos por ele mesmo assim; a criança sorri descontroladamente, e o pai balança a cabeça, satisfeito, sempre que olha para algum de nós.

Jake e eu estamos bem afastados, e fazemos passes longos um para o outro, e muitas vezes temos de correr ainda mais longe para pegar a bola. Nenhum de nós dois deixa cair nenhum passe, porque somos excelentes atletas.

Na maior parte do tempo meu pai fica apenas em pé ali, bebericando sua cerveja, mas nós jogamos algumas bolas fáceis, que ele pega com uma mão e, em seguida, atira para Ronnie, que está mais próximo dele. Ronnie tem um braço fraco, mas nem Jake nem eu comentamos isso, porque ele é nosso amigo e estamos todos vestindo verde e o sol está brilhando e os Eagles estão ganhando e nós estamos cheios de boa comida quente e cerveja gelada e realmente não importa que a habilidade atlética de Ronnie não seja igual à nossa.

Quando mamãe anuncia que o intervalo está quase terminando, Jake corre em direção ao menino. Meu irmão ergue as mãos e grita “Ahhhhhhhhhhhhh” até o pai do menino fazer o mesmo. O menino demora apenas um segundo para entender e então ergue as mãos e grita “Ahhhhhhhhhh”, e então todos nós entoamos o canto de guerra dos Eagles — fazendo as letras com nossos braços e pernas — antes de corrermos de volta para a sala de estar de nossas respectivas casas.

Donté Stallworth continua a ser o cara no segundo tempo, ganhando quase cento e cinquenta jardas e um touchdown, enquanto Baskett não pega decentemente nenhuma das bolas arremessadas para ele e não faz nenhuma recepção válida. Não fico tão chateado com isso porque uma coisa engraçada acontece no fim do jogo.

Quando os Eagles ganham de 24 a 10, todos nós nos levantamos para entoar o canto de guerra, como sempre fazemos quando os Birds ganham um jogo de temporada. Meu irmão apoia os braços sobre os meus ombros e os de Ronnie e diz:

— Vamos lá, papai.

Meu pai está um pouco bêbado com toda aquela cerveja e tão feliz com a vitória dos Eagles e com o fato de McNabb ter arremessado mais de trezentas jardas que se junta a nós e apoia um braço sobre os meus ombros, o que me choca a princípio, não porque eu não goste de ser tocado, mas porque meu pai não apoia o braço sobre os meus ombros há muitos anos. O peso e o calor de seu braço me dão uma sensação boa, e, enquanto entoamos o grito de guerra e depois o canto, vejo minha mãe olhando para nós da cozinha, onde ela está lavando pratos. Ela sorri para mim embora esteja chorando de novo, e eu me

pergunto por quê, enquanto canto e soletro e brado nosso grito de guerra.

Jake pergunta a Ronnie se ele precisa de uma carona para casa, e meu melhor amigo diz:

— Não, obrigado. Hank Baskett vai me acompanhar até a minha casa.

— Eu? — pergunto, porque Hank Baskett é o nome pelo qual Ronnie e Jake me chamaram durante todo o jogo, então eu sei que ele na verdade quer dizer eu.

— Sim — diz ele, e pegamos a bola antes de sair.

Quando chegamos ao Knight's Park, arremessamos a bola de um lado para outro a apenas vinte metros de distância, porque Ronnie tem um braço fraco, e depois de alguns lançamentos meu melhor amigo me pergunta o que eu acho da Tiffany.

— Nada — respondo. — Não acho nada sobre ela. Por quê?

— Veronica me disse que Tiffany o segue quando você corre.

É verdade?

Pego um passe instável e digo:

— É. É meio estranho. Ela sabe os meus horários e tudo. — E lanço uma espiral perfeita por cima do ombro direito de Ronnie, para que ele possa pegá-la na corrida.

Ele não se vira.

Ele não corre.

A bola passa por cima de sua cabeça.

Ronnie recupera a bola, corre de volta ao seu lugar e diz:

— Tiffany é um pouco estranha. Você entende o que quero dizer com estranha, Pat?

Pego o seu passe ainda mais instável, pouco antes de a bola atingir o meu joelho direito, e digo:

— Acho que sim.

Eu sei que Tiffany é diferente da maioria das garotas, mas também sei o que é estar separado de seu cônjuge, que é algo que Ronnie não entende. Então eu pergunto:

— Estranha como? Estranha como eu?

Ele fica sem graça e então explica:

— Não. Eu não quis dizer isso... É que Tiffany está se consultando com um terapeuta...

— Eu também.

— Eu sei, mas...

— Então, o fato de eu me consultar com um terapeuta me torna estranho?

— Não. Apenas me escute por um segundo. Estou tentando

ser seu amigo, está bem?

Olho para a grama enquanto Ronnie se aproxima. Realmente não quero ouvir Ronnie falar sobre isso, porque Ronnie é o único amigo que eu tenho agora que estou fora do lugar ruim, e tivemos um dia tão bom, os Eagles ganharam e meu pai apoiou o braço no meu ombro e...

— Eu sei que você e Tiffany saíram para jantar, o que é ótimo. Vocês dois precisam de amigos que entendam o que é a perda.

Não gosto do jeito como ele usa coletivamente a palavra perda, como se eu tivesse perdido Nikki para sempre, porque ainda estou esperando terminar o tempo separados e eu não a perdi ainda. Mas não digo nada e deixo que ele continue.

— Veja — começa Ronnie —, gostaria de lhe dizer por que Tiffany foi demitida do emprego.

— Isso não é da minha conta.

— Se você pretende continuar saindo com ela para jantar, é, sim. Ouça, você precisa saber que...

Ronnie me conta aquilo que acredita ser a história de como Tiffany perdeu o emprego, mas a maneira como conta demonstra que ele está sendo tendencioso. Ele conta a história exatamente como faria o Dr. Timbers, expondo aquilo que ele chamaria de

“fatos”, sem se importar com o que estava acontecendo na cabeça da Tiffany. Ele me diz o que os colegas de trabalho dela escreveram em seus relatórios, ele me diz o que o chefe disse para os pais dela e o que o terapeuta tem dito para Veronica — que é o contato de apoio da Tiffany e, portanto, tem conversas telefônicas semanais com o terapeuta dela —, mas ele não me diz o que Tiffany pensa ou o que está acontecendo no coração dela: os sentimentos horríveis, os impulsos conflitantes, as necessidades, o desespero, tudo que a torna diferente de Ronnie e Veronica, que têm um ao outro, têm a filha Emily, um bom salário e uma casa e tudo o mais que evita que as pessoas os chamem de “estranhos”. O que me espanta é que Ronnie está me dizendo tudo isso de uma forma amigável, como se estivesse tentando me salvar da Tiffany, como se soubesse mais sobre esse tipo de coisa do que eu, como se eu não tivesse passado os últimos meses em uma instituição para doentes mentais. Ele não entende Tiffany e com certeza não me entende, mas não digo isso para Ronnie, porque estou praticando ser gentil em vez de ter razão, de modo que Nikki possa me amar de novo quando acabar o tempo separados.

— Então não estou dizendo para você ser cruel ou fazer

fofocas sobre ela. Apenas se proteja, está bem? — aconselha Ronnie. Eu concordo com um gesto de cabeça. — Bem, é melhor eu voltar para casa e para Veronica. Talvez eu apareça esta semana para uma sessão de levantamento de pesos. Beleza? Novamente confirmo com um gesto de cabeça e o vejo correr para longe, o passo saltitante sugerindo que ele acredita que sua missão está cumprida. É óbvio que ele só teve permissão para assistir ao jogo porque Veronica queria que ele me falasse sobre Tiffany, provavelmente porque Veronica pensou que eu talvez fosse tirar proveito de sua irmã ninfomaníaca, o que me deixa furioso, e, antes que me dê conta, estou tocando a campainha dos Webster.

— Olá? — cumprimenta a mãe de Tiffany quando a porta se abre.

Ela tem uma aparência mais velha, com cabelos grisalhos e um casaco pesado, apesar de ser apenas setembro e de ela estar dentro de casa.

— Posso falar com a Tiffany?

— Você é o amigo do Ronnie, não é? Pat Peoples?

Apenas balanço a cabeça, porque eu sei que a Sra. Webster sabe quem eu sou.

— Você se importa se eu perguntar o que você quer com a nossa filha?

— Quem está aí? — Ouço o pai da Tiffany gritar do outro cômodo.

— É apenas o amigo do Ronnie, Pat Peoples! — grita a Sra. Webster. Para mim, diz: — Então, o que você quer com a nossa Tiffany?

Olho para a bola de futebol americano na minha mão e respondo:

— Quero jogar bola. É uma bela tarde. Talvez ela queira respirar um pouco de ar fresco no parque.

— Só jogar bola? — pergunta a Sra. Webster.

Mostro o meu anel de casamento para provar que não quero fazer sexo com a filha dela e digo:

— Veja, sou casado. Só quero ser amigo da Tiffany, está bem?

A Sra. Webster parece um pouco surpresa com a minha resposta, o que é estranho, porque eu tinha certeza de que essa era a resposta que ela queria ouvir. Mas, depois de um instante, ela diz:

— Dê a volta pelos fundos e bata na porta.

Então eu bato na porta dos fundos, mas ninguém atende.

Bato mais três vezes e depois vou embora.

Estou no meio do parque quando ouço um farfalhar atrás de mim. Ao me virar, Tiffany está andando rápido em minha direção, vestindo uma roupa de corrida rosa feita de um material que farfalha quando uma perna da calça esfrega na outra.

Quando ela está a uns dois metros, faço um arremesso simples, de mulherzinha, mas ela se afasta e a bola cai no chão.

— O que você quer? — pergunta ela.

— Quer jogar bola?

— Odeio futebol americano. Eu já lhe disse isso, não foi?

Já que ela não quer jogar, decido fazer minha pergunta:

— Por que você me segue quando eu corro?

— Honestamente?

— Sim — respondo.

Ela estreita os olhos e faz uma expressão malvada.

— Estou estudando você.

— O quê?

— Eu disse que estou estudando você.

— Por quê?

— Para ver se você está em forma o suficiente.

— Em forma o suficiente para quê?

Mas em vez de responder a minha pergunta ela diz:

— Eu também estou estudando sua ética de trabalho, sua resistência, a maneira como você lida com a tensão mental, sua capacidade de perseverar quando não tem certeza do que está acontecendo ao seu redor e...

— Por quê?

— Não posso lhe dizer ainda — responde ela.

— Por que não?

— Porque não terminei de estudá-lo.

Quando ela se afasta, eu a sigo ao redor do lago, pela ponte de pedestres, e saímos do parque. Mas nenhum de nós fala de novo. Ela me leva até a Haddon Avenue, e passamos pelas novas lojas e restaurantes sofisticados, por diversos outros pedestres, crianças em skates e homens que erguem os punhos para o ar e dizem “Força, Eagles!” quando veem a minha camisa de Hank Baskett.

Tiffany deixa a Haddon Avenue e atravessa conjuntos habitacionais até estarmos na frente da casa dos meus pais, onde ela para, olha para mim e, após quase uma hora de silêncio, pergunta:

— Seu time ganhou?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Vinte e quatro a dez.

— Que sorte — diz Tiffany, e depois vai embora.

O melhor terapeuta do mundo

Na manhã da segunda-feira depois de os Eagles terem vencido os Texans, uma coisa engraçada acontece. Estou fazendo alguns alongamentos iniciais no porão quando meu pai desce pela primeira vez desde que eu voltei para casa.

— Pat? — chama ele.

Paro os alongamentos, levanto-me e fico de frente para ele. Ele está no último degrau da escada, parado, como se tivesse medo de pôr um pé no meu território.

— Pai?

— Você tem um bocado de aparelhos aqui.

Não digo nada, porque sei que ele provavelmente está bravo com a minha mãe por ela ter me comprado uma academia.

— Há uma ótima cobertura sobre os Eagles nos jornais de hoje — diz ele. Então, ele me mostra as seções de esporte do Courier Post e do The Philadelphia Inquirer. — Levantei cedo e terminei de ler os dois para que você pudesse se atualizar a respeito do time. Pelos seus comentários ontem durante a partida, percebi que você não conhece todos os jogadores e achei que talvez gostaria de acompanhar a temporada, agora que está

em casa e... bem, vou deixá-los no topo da escada a partir de agora.

Estou chocado demais para falar ou me mover, porque meu pai leva as páginas de esporte para o trabalho desde que Jake e eu éramos crianças. Jake costumava brigar com papai o tempo todo por causa disso, pedindo que, pelo menos, ele trouxesse de volta as páginas de esportes para que pudéssemos ler as matérias depois que terminássemos o dever de casa. Mas meu pai sempre saía com os jornais antes de nos levantarmos da cama e nunca trazia as seções de esporte de volta, dizendo que as esquecera ou as perdera no trabalho. Jake finalmente fez uma assinatura quando arranjou seu primeiro emprego arrumando prateleiras no Big Foods local, e desde então começamos a ler juntos as páginas de esporte todas as manhãs antes da escola. Ele tinha doze, eu tinha treze anos.

Faço trezentos abdominais no Stomach Master 6000 antes de me permitir pegar o jornal no último degrau da escada. Enquanto sinto os músculos da minha barriga doerem e queimarem, temo que meu pai esteja apenas me pregando uma peça e que na verdade tenha deixado ali as seções de entretenimento ou de gastronomia, mas, quando termino as flexões e vou até a escada,

vejo que ele realmente deixou as páginas de esporte de ambos os jornais.

Na hora de tomar as pílulas matinais, encontro minha mãe na cozinha, fritando ovos. Meu lugar está posto na bancada de café da manhã, e meus cinco comprimidos estão dispostos em fila sobre um guardanapo.

— Veja. — E mostro para ela o que meu pai me deu.

— Páginas de esportes, hein? — diz mamãe acima do som da fritura dos ovos.

— É. — Sento-me e ponho todos os cinco comprimidos na boca, tentando decidir quantos engolirei hoje. — Mas por quê?

Mamãe raspa os ovos mexidos da frigideira para meu prato com a espátula, sorri e diz:

— Seu pai está fazendo um esforço, Pat. Mas eu não faria muitas perguntas se fosse você. Aceite o que ele lhe dá e fique feliz. É o que devemos fazer, certo?

Ela sorri para mim, esperançosa, e nesse momento decido engolir todos os cinco comprimidos, então tomo um gole de água e faço exatamente isso.

* * *

Todos os dias dessa semana, ouço a porta do porão abrir e fechar

e, quando vou ver o primeiro degrau, encontro as seções de esportes, que leio de cabo a rabo enquanto tomo o café da manhã com minha mãe.

A grande novidade é o próximo jogo dos Giants, que todo mundo acha que será fundamental para vencermos a NFC Leste, especialmente desde que os Giants perderam para o Indianapolis Colts no primeiro jogo. Uma derrota os colocaria em 0-2 e os Eagles em 2-0. O jogo está sendo alardeado como um clássico, e eu tenho um ingresso, graças a Jake, o que me deixa muito animado.

Todas as noites espero meu pai voltar do trabalho, com esperança de que ele queira conversar comigo sobre o próximo jogo — para que eu possa usar os nomes dos jogadores atuais e provar a ele que voltei a ser um torcedor de verdade —, mas ele sempre leva o seu jantar para o escritório e tranca a porta. Algumas vezes chego a ir até o escritório e ergo o punho para bater à porta, mas me acovardo todas as noites. Mamãe diz:

— Dê um tempo a ele.

* * *

Sentado na poltrona marrom, falo sobre meu pai com o Dr. Cliff durante a minha consulta de sexta-feira. Conto a ele que agora

meu pai deixa as páginas de esportes para mim, e que sei que isso é uma coisa importante para ele, mas que eu gostaria que ele conversasse mais comigo. Cliff escuta, mas diz pouco sobre meu pai. Em vez disso, continua a falar sobre Tiffany, o que é um pouco chato, porque ela só tem me seguido quando eu corro, e mais nada.

— Sua mãe disse que você vai à praia com a Tiffany amanhã — diz Cliff, e depois sorri, como os homens fazem às vezes quando estão falando de mulheres e sexo.

— Vou com Ronnie e Veronica e a bebê, Emily, também. O objetivo é levar Emily à praia, porque ela não foi muitas vezes neste verão e logo vai fazer frio. As crianças pequenas adoram praia, Cliff.

— Você está animado para ir?

— Sim. Acho que sim. Quer dizer, vou ter de me levantar supercedo para dar uma boa malhada, e terminar quando voltarmos para casa, mas...

— E para ver a Tiffany em traje de banho?

Pisco diversas vezes antes de entender o que ele disse.

— Você mencionou antes que ela tem um corpo bonito — acrescenta Cliff. — Está ansioso para vê-lo? Talvez ela vá de

biquíni. O que você acha?

Fico bravo por um segundo — porque meu terapeuta está sendo meio desrespeitoso —, mas então percebo que Cliff está testando os meus princípios novamente, certificando-se de que estou apto a ficar fora do hospital psiquiátrico, por isso sorrio, balanço a cabeça e digo:

— Cliff, eu sou casado, lembra?

Ele balança a cabeça em retribuição, sabiamente, e pisca, dando a entender que passei no teste.

Falamos um pouco mais sobre como passei uma semana inteira sem ter um episódio de crise, o que, de acordo com Cliff, é uma prova de que os remédios estão funcionando — porque ele não sabe que cuspo ao menos metade dos comprimidos na privada —, e, na hora de eu ir embora, Cliff diz:

— Só tenho mais uma coisa para lhe dizer.

— O quê?

Ele me choca ao ficar de pé, erguer as duas mãos e gritar:

— Ahhhhhhhhhhhhh!

Então eu me levanto, ergo as duas mãos e também grito:

— Ahhhhhhhhhh!

— E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES! — cantamos em uníssono,

representando as letras com os nossos braços e pernas, e de repente eu me sinto muito feliz.

Cliff prevê uma vitória de 21-14 para os Eagles enquanto me acompanha até a porta de seu consultório, e, depois que eu concordo com o seu prognóstico, chegamos à sala de espera e minha mãe pergunta:

— Vocês estavam cantando o grito de guerra dos Eagles?

Cliff ergue as sobrancelhas e dá de ombros para a minha mãe, mas, quando ele se vira e retorna ao consultório, começa a assobiar “Voem, Eagles voem”, e eu percebo que tenho o melhor terapeuta do mundo.

A caminho de casa, minha mãe pergunta se Cliff e eu conversamos sobre outra coisa além dos Eagles durante a terapia, e, em vez de responder à pergunta dela, digo:

— O papai vai começar a falar comigo à noite caso os Eagles vençam os Giants?

Mamãe franze a testa e segura o volante com força.

— A triste realidade é que talvez sim, Pat. Talvez ele comece mesmo — diz ela, e eu fico esperançoso.

A cabeça de Tiffany flutuando

sobre as ondas

Quando Ronnie vem me buscar em sua minivan — que tem três fileiras de assentos —, Tiffany já está com o cinto de segurança, junto à cadeirinha de Emily; então eu me sento na fileira do fundo, levando a bola de futebol americano e a bolsa que minha mãe preparou para mim, que contém uma toalha, uma muda de roupa e um lanche embrulhado, mesmo eu tendo dito para ela que Ronnie levaria sanduíches comprados na delicatéssen local. Claro que minha mãe sente a necessidade de ficar na varanda da frente e acenar, como se eu tivesse cinco anos. Veronica, que está sentada ao lado do motorista, inclina-se sobre Ronnie e grita para minha mãe:

— Obrigada pelo vinho e pelas flores!

Minha mãe toma isso como um convite para caminhar até a minivan e começar uma conversa.

— Você gostou das roupas que eu comprei para Pat? — pergunta minha mãe quando chega à janela de Ronnie.

Ela se abaixa e dá uma boa olhada em Tiffany, mas Tiffany já virou a cabeça e está olhando pela janela para a casa do outro lado da rua.

A roupa que estou usando é ridícula: uma camisa polo laranja-berrante, short de natação verde-limão e chinelos. Eu não queria usar nada disso, mas sabia que Veronica provavelmente daria um chilique se eu usasse uma de minhas camisetas com mangas cortadas e um short de ginástica. Como Veronica e minha mãe têm praticamente o mesmo gosto, deixei minha mãe escolher as roupas. Além disso, ela fica realmente feliz em fazer isso.

— Ele está ótimo, Sra. Peoples — elogia Veronica, e Ronnie balança a cabeça, concordando.

— Olá, Tiffany — cumprimenta minha mãe, enfiando um pouco mais a cabeça dentro do carro, mas Tiffany a ignora.

— Tiffany? — chama Veronica, mas Tiffany continua a olhar pela janela.

— Você já conhece Emily? — pergunta Ronnie.

Então ele sai do carro, solta Emily de sua cadeirinha e a coloca nos braços de minha mãe. A voz da mamãe fica toda esquisita quando ela fala com Emily, e, de pé ao lado dela, Veronica e Ronnie são só sorrisos.

Isso se prolonga por alguns minutos, até que Tiffany vira a cabeça e diz:

— Achei que estivéssemos indo para a praia hoje.

— Desculpe-me, Sra. Peoples — diz Veronica. — Minha irmã é um pouco rude às vezes, mas acho que deveríamos mesmo ir andando para que possamos almoçar na praia.

Minha mãe concorda rapidamente e diz:

— Divirta-se, Pat.

Então, Ronnie volta a afivelar Emily em sua cadeirinha. Mais uma vez fico com a impressão de ter cinco anos.

A caminho da praia, Ronnie e Veronica falam com Tiffany e comigo da mesma forma que falam com Emily, como se não estivessem realmente esperando uma resposta, dizendo coisas que realmente não precisam ser ditas.

— Mal posso esperar para chegar à praia.

— Vamos nos divertir tanto!

— O que vamos fazer primeiro: mergulhar, caminhar ou jogar bola?

— Que dia agradável.

— Vocês estão se divertindo?

— Mal posso esperar para comer aqueles sanduíches!

Depois de vinte minutos dessa não conversa, Tiffany diz:

— Será que podemos ter algum tempo de silêncio?

E passamos o restante do trajeto ouvindo os gritos de Emily...

que seus pais alegam ser uma cantoria.

Atravessamos a Ocean City e uma ponte até uma praia que eu não conheço.

— Tem menos gente aqui — explica Ronnie.

Quando estacionamos, Emily é instalada em algo parecido com uma mistura de carrinho de bebê e veículo quatro por quatro, que Veronica empurra. Tiffany leva a barraca de praia. Ronnie e eu carregamos o isopor, cada um segurando uma alça. Atravessamos uma passarela de madeira sobre uma duna de areia coberta de vegetação e descobrimos que temos a praia só para nós.

Não há ninguém à vista.

Após uma breve discussão sobre se a maré está subindo ou descendo, Veronica escolhe um trecho de areia seca e tenta estender uma toalha enquanto Ronnie começa a cravar o pau da barraca na areia. Mas há uma brisa soprando e Veronica tem dificuldades porque o vento teima em dobrar as bordas da toalha. Se fosse qualquer outra pessoa que não Veronica, eu seguraria uma ponta da toalha para ajudar, mas não quero que gritem comigo, então aguardo instruções antes de fazer qualquer coisa. Tiffany faz o mesmo, mas Veronica não pede ajuda.

Talvez um pouco de areia tenha sido soprada pelo vento, porque Emily começa a gritar e a esfregar os olhos.

— Legal — ironiza Tiffany.

Veronica imediatamente vai socorrer Emily, mandando-a piscar, mostrando como fazer, mas Emily só grita ainda mais alto.

— Não posso suportar um bebê chorando agora — acrescenta Tiffany. — Faça-a parar de chorar. Veronica, você pode, por favor, fazê-la...

— Você se lembra do que a Dra. Lily disse? Sobre o que a gente conversou hoje de manhã? — diz Veronica por cima do ombro, lançando um olhar severo para Tiffany antes de voltar a atenção para Emily.

— Então agora estamos falando sobre a minha terapeuta na frente do Pat? Sua vaca — xinga Tiffany, balançando a cabeça. Então ela caminha rapidamente para longe de nós.

— Meu Deus — exclama Veronica. — Ronnie, você cuida da Emily?

Ronnie confirma com um gesto de cabeça solenemente, e em seguida Veronica sai correndo atrás de Tiffany, chamando:

— Tiff? Volte. Vamos. Desculpe-me. Eu realmente sinto muito.

Ronnie lava os olhos de Emily com água mineral e depois de dez minutos, mais ou menos, ela para de chorar. Estendemos a toalha sob a sombra da barraca, firmando os cantos com o isopor, nossos chinelos e sandálias e o supercarrinho de bebê de Emily — mas Veronica e Tiffany não voltam.

Após cada centímetro da pele de Emily ter sido coberto com protetor solar, Ronnie e eu brincamos com ela na beira da água. Ela gosta de correr atrás das ondas quando recuam. Ela gosta de cavar buracos na areia, e temos de prestar atenção para que ela não coma areia, o que me parece estranho; por que alguém ia querer comer areia? Ronnie leva Emily para o mar, e nós três flutuamos sobre as ondas durante algum tempo.

Pergunto se não deveríamos estar preocupados com Veronica e Tiffany, e Ronnie responde:

— Não. Elas só estão tendo uma sessão de terapia em algum lugar na praia. Logo estarão de volta.

Não gosto do jeito como ele enfatiza a palavra “terapia”, como se a terapia fosse uma espécie de ideia ridícula, mas não falo nada.

Depois de nos secarmos, nos deitamos na toalha — Ronnie e Emily na sombra, eu no sol. Cochilo rapidamente.

Quando abro os olhos, o rosto de Ronnie está junto ao meu; ele está dormindo. Sinto um toque no meu ombro e, quando me viro, vejo que Emily deu a volta na toalha. Ela sorri para mim e diz:

— Pap.

— Deixe o papai dormir — sussurro.

Então eu a pego e a levo para a água.

Durante algum tempo, nós ficamos sentados cavando um pequeno buraco na areia molhada, mas então Emily se levanta e começa a correr atrás da espuma de uma onda que recua, rindo e apontando.

— Quer nadar? — pergunto para ela, e ela acena com a cabeça uma vez, de modo que a tomo em meus braços e começo a entrar na água.

O mar está mais bravo e as ondas estão bem mais altas, então eu ultrapasso rapidamente a arrebentação até a água bater no meu peito. Emily e eu começamos a flutuar sobre as ondas. À medida que elas aumentam de tamanho, preciso saltar e bater as pernas com força para manter nossas cabeças acima da água, mas Emily adora e começa a dar gritinhos, a rir e a bater palmas toda vez que subimos. Isso se prolonga por uns bons dez minutos

e eu me sinto muito feliz; beijo as bochechas rechonchudas dela diversas vezes. Alguma coisa em Emily me faz querer flutuar com ela sobre as ondas para o resto da vida, e eu decido que, quando terminar o tempo separados, terei uma filha com Nikki o mais rápido possível, porque nada me fez tão feliz, nem de longe, desde que começou o tempo separados.

As ondas ficam ainda maiores. Ergo Emily e a coloco sobre os meus ombros para que as ondas não batam no rosto dela, e seus gritos parecem sugerir que ela gostou de estar tão alto.

Nós flutuamos para cima.

Nós flutuamos para baixo.

Estamos tão felizes.

Nós estamos tão, tão felizes.

Mas então ouço alguém gritando:

— Pat! Pat! Paaaaaaat!

Viro-me e vejo que Veronica está correndo muito rapidamente pela praia, com Tiffany seguindo-a mais atrás. Fico preocupado que talvez algo esteja errado, então começo a ir em direção a elas.

As ondas estão muito grandes agora, e sou obrigado a tirar Emily dos meus ombros e segurá-la contra o meu peito para

garantir sua segurança, mas logo conseguimos abrir caminho em direção a Veronica, que agora está correndo em meio à arrebentação.

Quando chego mais perto, Veronica parece muito aborrecida. Emily começa a gritar e estender os braços para a mãe.

— Que diabo você está fazendo? — pergunta Veronica quando entrego Emily para ela.

— Só estava nadando com Emily — respondo.

Os gritos de Veronica devem ter acordado Ronnie, porque ele corre para se juntar a nós.

— O que aconteceu?

— Você deixou Pat levar Emily para o mar? — pergunta Veronica, e pelo jeito como ela diz meu nome é óbvio que ela não quer que Emily fique sozinha comigo, porque acha que eu vou machucar a menina de alguma forma, o que é injusto, principalmente porque Emily só começou a chorar quando ouviu os gritos de Veronica; portanto, foi Veronica quem na verdade assustou a própria filha.

— O que você fez com ela? — pergunta Ronnie para mim.

— Nada — respondo. — Nós só estávamos nadando.

— O que você estava fazendo? — pergunta Veronica para

Ronnie.

— Devo ter caído no sono e...

— Meu Deus, Ronnie. Você deixou Emily sozinha com ele?

A maneira como Veronica diz “ele”, o choro de Emily, Ronnie me acusando de ter feito algo terrível com a filha, o sol queimando o meu peito e as minhas costas nuas, Tiffany assistindo a tudo... De repente eu me sinto como se estivesse prestes a explodir. Definitivamente sinto um episódio de crise se aproximando, então, antes de explodir, faço a única coisa que me vem à cabeça: começo a correr pela praia para longe de Veronica, de Ronnie, de Emily, do choro e das acusações. Corro o mais rápido que posso e, de repente, percebo que agora sou eu quem está chorando, provavelmente porque estava apenas nadando com Emily e estava me sentindo tão bem, e estava tentando ser bom e pensando que de fato estavasendo bom, e eu decepcionei o meu melhor amigo, e Veronica gritou comigo, o que não é justo, porque tenho tentado tanto, e quanto tempo este maldito filme vai durar, e quão mais precisarei me aperfeiçoar e...

Tiffany me ultrapassa.

Passa por mim como um borrão.

De repente, só uma coisa importa: preciso ultrapassá-la.

Começo a correr mais rápido e a alcanço, mas ela aumenta a velocidade e corremos lado a lado por algum tempo, até eu engatar aquela marcha que as mulheres não têm. Então a ultrapasso e mantenho a minha velocidade de homem por um minuto ou dois antes de abrandar a corrida e permitir que ela me acompanhe. Nós corremos lado a lado na praia por um longo tempo sem que nenhum de nós diga uma palavra.

Tenho a impressão de que se passa uma hora antes de darmos meia-volta, e de que se passa mais uma hora até enxergarmos novamente a barraca de Ronnie e Veronica, mas, antes que os alcancemos, Tiffany muda de direção e começa a correr para o mar.

Eu a sigo — correndo diretamente em direção às ondas —, e a água salgada bate gelada contra a minha pele depois de uma corrida tão longa. Logo estamos fundo demais e não dá mais pé, e vejo a cabeça de Tiffany flutuando sobre as ondas, que diminuíram consideravelmente. Seu rosto está um pouco bronzeado, e seu cabelo escuro e molhado parece tão natural, e eu vejo sardas no nariz dela que não estavam ali mais cedo pela manhã... Então eu nado até ela.

Uma onda me ergue e, quando desço do outro lado, fico

surpreso ao perceber que nossos rostos estão muito próximos. Por um segundo Tiffany me faz lembrar tanto de Nikki que eu fico com medo de nos beijarmos acidentalmente, mas Tiffany se afasta alguns metros antes que isso aconteça, e eu fico grato. Seus dedos dos pés vêm à tona e ela começa a boiar, de frente para o horizonte.

Inclino-me para trás, olho para a linha onde o céu encontra a água, permito que meus dedos dos pés também venham à tona e boio ao lado de Tiffany durante um longo tempo, sem que nenhum de nós diga uma palavra.

Ao voltarmos para a toalha, Emily está dormindo com uma mão na boca, e Veronica e Ronnie estão deitados de mãos dadas, à sombra. Quando ficamos acima deles, de pé, eles abrem os olhos com dificuldade e sorriem para nós como se nada de ruim tivesse acontecido antes.

— Como foi a corrida? — pergunta Ronnie.

— Queremos ir para casa agora — diz Tiffany.

— Por quê? — pergunta Ronnie, sentando-se. — Nós ainda nem comemos nosso almoço. Pat, você realmente quer ir para casa?

Veronica não diz nada.

Eu olho para o céu. Não há nuvens. Nada além de azul.

— Sim, eu quero — respondo, e então estamos na minivan, voltando para Collingswood.

Uma colmeia cheia de abelhas verdes

— Ahhhhhhhhh!

Acordo e me sento, o coração disparado. Quando meus olhos conseguem focar, vejo meu pai ao lado de minha cama com as mãos acima da cabeça. Ele está usando sua camiseta número 5 de McNabb.

— Ahhhhhhhhhhhhh! — ele continua a gritar, até que eu me levanto da cama, ergo as mãos e grito:

— Ahhhhhhhhhh!

Nós cantamos, fazendo as letras com os nossos braços e pernas.

— E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!

Quando terminamos, em vez de dizer bom-dia ou qualquer outra coisa, meu pai simplesmente sai do meu quarto com uma corridinha.

Olho para o relógio, que marca cinco e cinquenta e nove da manhã. O jogo começa à uma da tarde. Prometi comparecer ao

esquenta que Jake marcou no estacionamento do estádio às dez horas, o que me dá duas horas para fazer levantamento de pesos e uma hora para correr; então eu levanto pesos, e Tiffany está me esperando lá fora às oito, exatamente como disse que estaria. Fazemos uma corrida curta, talvez uns dez ou doze quilômetros.

Depois de um banho, visto minha camiseta do Baskett e peço a minha mãe uma carona até a estação de trem, mas ela diz:

— Seu motorista está esperando por você lá fora. — Mamãe me beija no rosto e me dá algum dinheiro. — Divirta-se e não deixe que seu irmão beba demais.

Lá fora, vejo meu pai em seu sedã, o motor ligado. Entro no carro e digo:

— Pai, você vai ao jogo?

— Seria bom se eu pudesse — diz ele.

Ele engata a marcha a ré até a rua.

A verdade é que meu pai ainda obedece a uma proibição que ele mesmo se impôs e, portanto, não está autorizado a comparecer aos jogos dos Eagles. No início dos anos oitenta, meu pai brigou com um torcedor dos Dallas Cowboys que ousou se sentar no Nível 700, onde ficavam os lugares mais baratos do

Vet e onde se sentavam os torcedores mais fanáticos dos Eagles.

A história que ouvi de meu agora falecido tio foi a seguinte: Quando os Cowboys marcaram um touchdown, esse torcedor dos Dallas deu um pulo e começou a comemorar em altos brados, de modo que as pessoas começaram a jogar cerveja e cachorros-quentes nele. O único problema era que meu pai estava sentado na fileira da frente da que estava esse torcedor dos Dallas, então a cerveja, a mostarda e a comida choveram sobre papai também.

Aparentemente, meu pai perdeu o controle, atacou o torcedor dos Dallas e bateu nele até deixá-lo a um fio da morte. Meu pai chegou a ser preso, condenado por agressão grave e foi detido durante três meses. Se meu tio não tivesse pagado a hipoteca, teríamos perdido a casa. Papai perdeu o seu bilhete de temporada e desde então nunca mais foi a um jogo dos Eagles.

Jake diz que poderíamos pôr o papai para dentro, já que ninguém verifica mesmo as identidades no portão, mas papai não quer voltar, e diz: “Enquanto deixarem torcedores de times adversários entrarem em nossa casa, eu não posso confiar em mim mesmo.”

Isso é meio engraçado, porque vinte e cinco anos após meu

pai ter espancado aquele torcedor dos Dallas, ele é apenas um homem velho e gordo que provavelmente não bateria em outro homem velho e gordo como ele, muito menos em um torcedor arruaceiro dos Dallas com coragem para vestir uma camiseta dos Cowboys em um jogo dos Eagles. No entanto, meu pai de fato me bateu com muita força no sótão há apenas algumas semanas — então talvez seja mesmo sensato ele ficar longe dos jogos.

Atravessamos a ponte Walt Whitman, pintada de verde-hospital, e ele fala sobre como este pode ser um dia importante na história dos Eagles, especialmente porque os Giants venceram os dois jogos no ano passado.

— Vingança! — fica gritando indiscriminadamente. Ele também me diz que eu devo torcer bem alto para que Eli Manning, que eu sei (por ler as páginas de esporte) que é o quarterback dos Giants, não seja capaz de falar ou de escutar nada durante os ajuntamentos. — Grite como um louco porque você é o décimo segundo homem! — diz meu pai.

O modo como ele fala comigo, nunca realmente parando tempo suficiente para eu poder dizer algo, o faz parecer louco, eu sei, embora a maioria das pessoas pense que eu sou o louco da família.

Quando estamos parados, esperando na fila do pedágio da ponte, papai deixa de falar sobre os Eagles tempo suficiente para dizer:

— É bom que você esteja indo aos jogos com Jake novamente. Seu irmão sentiu muito a sua falta. Você se dá conta disso, não é? Você precisa ter tempo para dedicar à família, não importa o que aconteça em sua vida, porque Jake e sua mãe precisam de você.

É uma grande ironia ele dizer isso, especialmente porque mal dirigiu a palavra a mim desde que voltei para casa e nunca passa muito tempo comigo, com minha mãe ou com Jake, mas fico feliz por meu pai finalmente estar falando comigo. Todo o tempo que já passei com Jake ou com ele sempre teve a ver com esportes — principalmente com os Eagles —, e eu sei que isso é tudo que ele consegue dar emocionalmente, então aceito o que ele está falando e digo:

— Queria que você fosse ao jogo conosco, pai.

— Eu também — diz ele, e entrega ao coletor do pedágio uma nota de cinco dólares.

Depois de pegar a primeira rampa de saída, ele me deixa a cerca de dez quarteirões do novo estádio, para dar a volta e evitar

o tráfego.

— A volta é por sua conta — diz ele quando eu saio. — Não vou voltar para buscá-lo neste zoológico.

Agradeço a carona, e pouco antes de eu fechar a porta ele levanta as mãos dentro do carro e grita:

— Ahhhhhhhhh!

Então ergo as minhas mãos e grito:

— Ahhhhhhhh!

Um grupo de homens bebendo cerveja junto a um carro ali perto nos ouve, então levantam as mãos e gritam:

— Ahhhhhhhhhh!

Homens unidos por um time, entoamos juntos o hino dos Eagles. Meu peito se enche de calor, e eu lembro quão divertido é estar no sul da Filadélfia em um dia de jogo.

Enquanto caminho em direção ao estacionamento oeste do Lincoln Financial Field, seguindo as instruções que meu irmão me deu por telefone na noite anterior, percebo que muitas pessoas estão vestindo camisetas dos Eagles. Verde por toda parte. As pessoas estão fazendo churrasco, bebendo cerveja em copos descartáveis, arremessando bolas de futebol americano para lá e para cá, ouvindo o show de abertura do jogo em rádios

AM sintonizados na WIP 610, e quando eu passo todos eles me saúdam, me lançam bolas e gritam “Força, Birds!”, só porque estou vestindo uma camiseta dos Eagles. Vejo meninos com seus pais. Velhos com seus filhos adultos. Homens gritando e cantando e sorrindo, como se fossem meninos outra vez. E percebo que senti muita falta de tudo isso.

Mesmo não querendo, procuro o Vet com o olhar e só encontro um estacionamento. Há também um novo campo de beisebol dos Phillies, chamado Citizens Bank Park. À entrada tremula uma faixa enorme com o nome de algum novo jogador chamado Ryan Howard. Tudo isso parece sugerir que Jake e papai não estavam mentindo quando disseram que o Vet fora demolido. Tento não pensar nas datas que eles mencionaram e me concentro em aproveitar o jogo e passar o tempo com meu irmão.

Encontro o estacionamento certo e começo a procurar a tenda verde com a bandeira preta dos Eagles tremulando no topo. O estacionamento está repleto de tendas, churrasqueiras e festas em toda parte, mas depois de uns dez minutos encontro meu irmão.

Jake está usando sua camiseta comemorativa número 99, de

Jerome Brown. (Jerome Brown foi tackle defensivo do Pro Bowler duas vezes e morreu em um acidente de carro em 1992.) Meu irmão está bebendo cerveja em um copo verde, ao lado de nosso amigo Scott, que está cuidando da churrasqueira. Jake parece feliz, e, por um segundo, eu simplesmente aproveito para vê-lo sorrir, enquanto põe um braço sobre os ombros de Scott, a quem não vejo desde a última vez em que estive no sul da Filadélfia. O rosto de Jake está vermelho, e ele parece um pouco bêbado, mas meu irmão sempre foi um bêbado alegre, então não me preocupo. Assim como meu pai, nada faz Jake mais feliz do que um dia de jogo dos Eagles.

Quando Jake me vê, ele grita:

— Hank Baskett veio festejar conosco! — E depois corre para me saudar com a mão espalmada e um encontrão no peito.

— E aí, cara? — cumprimenta Scott, também batendo a mão na minha. O sorriso enorme no rosto dele indica que está feliz em me ver. — Cara, você está mesmo enorme. O que você tem levantado? Carros? — Sorrio orgulhoso no momento em que ele dá um soco no meu braço, como os homens fazem quando são amigos. — Faz anos que não vejo você... quer dizer, hum... faz quantos meses mesmo?

Ele e meu irmão trocam um olhar, que eu percebo, mas antes que eu diga qualquer coisa, Scott grita:

— Ei, vocês, seus gordos aí na tenda! Quero lhes apresentar meu amigo, o irmão do Jake, Pat.

A tenda tem o tamanho de uma pequena casa. Entro pela lateral e vejo um enorme televisor de tela plana sobre engradados. Cinco sujeitos muito gordos estão sentados em cadeiras dobráveis, assistindo ao show antes do jogo, todos vestindo camisetas dos Eagles. Scott me diz o nome de cada um. Depois que diz o meu, os homens me cumprimentam com acenos de mão e de cabeça e em seguida voltam a assistir ao show. Todos eles possuem palmtops, e seus olhos se movem rapidamente das telas pequenas que têm nas mãos para a tela grande no fundo da tenda. Quase todos usam fones de ouvido, que eu suponho estarem ligados a celulares.

Quando saímos da tenda, Scott diz:

— Não ligue para eles. Estão todos tentando obter informações de última hora. Serão um pouco mais amigáveis depois de terem feito suas apostas.

— Quem são? — pergunto.

— Colegas de trabalho. Agora sou técnico de computação da

Digital Cross Health. Fazemos sites na internet para médicos de família.

— Como eles estão assistindo à TV aqui no estacionamento? — pergunto.

Meu irmão me faz dar a volta até os fundos da tenda, aponta para um pequeno motor sobre um quadrado de metal e diz:

— Gerador a gasolina. — Então, ele aponta para um pequeno disco acinzentado empoleirado no topo da tenda e diz: — Antena parabólica.

— O que eles fazem com todo esse equipamento quando entram para assistir ao jogo? — pergunto.

— Ah — diz Scott, rindo —, eles não têm ingressos.

Jake serve uma Yuengling Lager em um copo descartável e a entrega para mim, e eu noto três isopores cheios de latas e garrafas de cerveja, provavelmente quatro ou cinco caixas. Eu sei que o copo descartável é para driblar a polícia, que pode prender quem estiver com uma lata de cerveja aberta na mão, mas não quem está com um copo descartável. O saco lotado de recipientes vazios no lado de fora da tenda indica que Jake e Scott estão muito à minha frente.

Enquanto Scott termina de preparar o café da manhã —

salsichões e ovos mexidos em uma panela que ele colocou sobre a chama a gás —, ele não me faz muitas perguntas sobre o que eu tenho feito, o que acho bom. Tenho certeza de que meu irmão já falou para Scott sobre o tempo que passei no lugar ruim e sobre a minha separação de Nikki, mas acho bom o fato de Scott permitir a minha reentrada no mundo dos Eagles sem um interrogatório.

Scott me conta sobre sua vida, e descubro que, enquanto eu estava no lugar ruim, ele se casou com uma mulher chamada Willow, e eles agora têm gêmeas de três anos chamadas Tami e Jeri-Lyn. Scott me mostra a foto que ele tem em sua carteira, e as meninas estão vestidas iguais, usando fantasias cor-de-rosa de bailarina — tutus e meias-calças —, mãos esticadas para cima sobre tiaras de prata, apontando para o céu.

— Minhas pequenas dançarinas. Moramos no lado da Pensilvânia agora. Havertown — explica Scott, movendo meia dúzia de salsichões para a grelha de cima da churrasqueira, de modo a mantê-los aquecidos enquanto assa o próximo lote.

Penso em Emily e eu flutuando sobre as ondas ainda ontem, e mais uma vez prometo a mim mesmo que vou providenciar a minha própria filha assim que acabar o tempo separados.

Tento não fazer o cálculo em minha cabeça, mas não consigo evitar. Se ele tem gêmeas que têm três anos e se casou algum tempo depois que eu o vi pela última vez — mas antes de a esposa engravidar —, significa que não vejo Scott há pelo menos quatro anos. Talvez ele tenha engravidado a namorada e depois se casado com ela, mas é claro que eu não posso perguntar isso a ele. Já que suas filhas têm três anos, a matemática indica que eu e ele não nos falamos há pelo menos três ou quatro anos.

Minha última lembrança de Scott foi no Vet. Eu tinha vendido os meus ingressos de temporada para o irmão de Scott, Chris, uma ou duas temporadas antes, mas Chris costumava viajar com frequência para comparecer a reuniões de negócios, o que me permitiu comprar de volta meus ingressos para alguns jogos em casa quando ele estava fora da cidade. Vim de Baltimore para ver os Eagles jogarem contra os Dallas. Não lembro quem ganhou ou qual foi o placar do jogo. Mas me lembro de estar sentado entre Scott e Jake no Nível 700 quando o time dos Dallas marcou um touchdown. Um palhaço atrás de nós se levantou e começou a aplaudir enquanto abria o casaco, revelando uma camiseta de Tony Dorsett. Todos em nossa seção começaram a vaiar e a jogar comida nesse torcedor dos Dallas,

que não parava de sorrir.

Jake estava tão bêbado que mal conseguia ficar de pé, mas saiu correndo atrás do cara, escalando mais de três fileiras de assentos. O torcedor dos Dallas, que estava sóbrio, empurrou Jake para longe com facilidade, mas, quando Jake caiu nos braços dos torcedores bêbados dos Eagles, ouviu-se um brado e a camiseta de Tony Dorsett foi arrancada do visitante e rasgada em vários pedaços antes de os seguranças chegarem e expulsarem uma dúzia de torcedores.

Jake não foi expulso do jogo.

Scott e eu conseguimos levar Jake para cima, para longe da confusão, e, quando os seguranças chegaram, estávamos no banheiro masculino, jogando água no rosto de Jake, tentando deixá-lo sóbrio.

Na minha mente, isso aconteceu no ano passado, talvez há uns onze meses. Mas eu sei que se mencionar esse incidente agora, enquanto estamos fazendo um churrasco na frente do Linc, vão me dizer que isso ocorreu há mais de três ou até quatro anos, então não falo nada, mesmo querendo, porque sei que a resposta de Jake e Scott me ajudaria a descobrir o que o restante do mundo acha a respeito do tempo. Da mesma forma, não

saber o que o restante do mundo acha que aconteceu desde então é aterrorizante. É melhor não pensar muito nisso.

— Beba umas cervejas — sugere Jake para mim. — Sorria. É dia de jogo!

Então começo a beber, apesar de os vidrinhos cor de laranja nos quais vêm os meus comprimidos terem adesivos que me proíbem de beber álcool.

Depois que os sujeitos gordos dentro da tenda são alimentados, devoramos o lanche em pratos descartáveis, e, em seguida, Scott, Jake e eu começamos a fazer uns arremessos.

No estacionamento, as pessoas estão em toda parte, não apenas festejando, mas vagando. Rapazes vendendo camisetas roubadas ou feitas em casa, mães exibindo filhas em trajes de líderes de torcida, que darão um grito de guerra se você doar um dólar para o clube local de apoio às líderes de torcida, mendigos malucos dispostos a contar piadas vulgares em troca de comida e cerveja, strippers de shorts e jaquetas de cetim distribuindo passes gratuitos para os clubes de cavalheiros locais, bandos de crianças pequenas com capacetes e uniformes angariando doações para o seu time de futebol infantil, universitários distribuindo amostras grátis de novos refrigerantes, bebidas

esportivas, doces ou junk food e, é claro, setenta mil outros torcedores bêbados dos Eagles, exatamente como nós. Basicamente, é um carnaval verde de futebol americano.

Quando decidimos arremessar a bola, eu já tomei duas ou três cervejas, e aposto que Jake e Scott já tomaram ao menos dez cada um, então nossos lances não são muito precisos. Nós nos chocamos contra carros estacionados, derrubamos algumas mesas de comida, atingimos as costas de um ou dois sujeitos, mas ninguém se importa, porque somos torcedores dos Eagles vestindo camisetas dos Eagles, prontos e dispostos a torcer para os Birds. De vez em quando, alguém pula na nossa frente e intercepta um de nossos lances, mas eles sempre devolvem a bola com uma risada e um sorriso.

Gosto de jogar futebol americano com Jake e Scott, porque isso faz com que eu me sinta como um menino, e, quando era menino, eu era a pessoa por quem Nikki se apaixonou.

Mas então algo ruim acontece.

Jake vê primeiro, aponta e diz:

— Ei, vejam aquele babaca.

Eu me viro e vejo um homem grande usando uma camiseta dos Giants, a uns vinte metros de nossa tenda. Está usando um

capacete vermelho, branco e azul, e o pior é que ele está com um menino, também usando uma camiseta dos Giants. O cara caminha até um grupo de torcedores dos Eagles, que a princípio o recebem mal, mas que acabam lhe entregando uma cerveja.

De repente, meu irmão está caminhando em direção a esse torcedor dos Giants, então Scott e eu o seguimos. Meu irmão começa a gritar enquanto caminha:

— Ba-ba-ca! Ba-ba-ca! Ba-ba-ca!

A cada sílaba, ele aponta o dedo indicador para o capacete do sujeito. Scott faz o mesmo, e, antes que eu perceba, estamos cercados por uns vinte sujeitos usando camisetas dos Eagles, que também estão gritando e apontando. Tenho de admitir que é emocionante fazer parte dessa multidão, unidos em nosso ódio contra os torcedores da equipe adversária.

Quando alcançamos o torcedor do Giants, seus amigos — todos torcedores dos Eagles — riem e suas expressões parecem dizer “Nós lhe avisamos que isso ia acontecer”. Mas, em vez de agir com remorso, o torcedor dos Giants ergue as mãos como se tivesse acabado de realizar um truque de mágica ou algo assim, dá um sorriso largo e balança a cabeça como se estivesse gostando de ser chamado de babaca. Ele chega a levar a mão à

orelha, como se dissesse: “Eu não consigo ouvi-los.” O menino que está com ele, que tem a mesma pele clara e o mesmo nariz chato — provavelmente seu filho —, parece aterrorizado. A camiseta do rapazinho chega a seus joelhos, e, quando a cantoria de “ba-ba-ca” aumenta de intensidade, a criança se agarra à perna do pai e tenta se esconder atrás da coxa dele.

Meu irmão faz a multidão mudar o grito para “Os Giants são uns merdas”, e mais torcedores dos Eagles se juntam a nós. Agora, são ao menos cinquenta pessoas. É então que a criança desata a chorar, soluçando. Quando os torcedores dos Eagles percebem que o menino está assustado de verdade, a multidão sorri e se dispersa respeitosamente.

Jake e Scott estão rindo enquanto caminhamos de volta para a nossa tenda, mas eu não me sinto assim tão bem. Gostaria que não tivéssemos feito aquela criança chorar. Sei que o torcedor dos Giants foi um idiota por usar uma camiseta dos Giants em um jogo dos Eagles, e que foi culpa dele o fato de seu filho ter chorado, mas também sei que o que fizemos foi cruel, e esse é o tipo de comportamento que Nikki odeia, e que eu estou tentando...

Sinto as mãos dele explodirem em minhas costas. Eu tropeço

e quase caio para a frente. Quando me viro, vejo o grande torcedor dos Giants. Ele não está mais usando capacete e seu filho não está com ele.

— Você gosta de fazer criancinhas chorarem? — pergunta para mim.

Estou chocado demais para falar. Havia ao menos cinquenta pessoas gritando, mas ele me escolheu. Por quê? Eu nem estava gritando. Nem mesmo estava apontando. Quero dizer isso a ele, mas minha boca não funciona, então fico ali parado, balançando a cabeça.

— Se você não quer arranjar confusão, não use uma camiseta dos Giants em um jogo dos Eagles — diz Scott.

— Você não deve ser um pai muito bom para trazer seu filho para cá vestido assim — acrescenta Jake.

Rapidamente, a multidão se reúne. Um círculo de uniformes verdes nos rodeia agora, e acho que esse torcedor dos Giants deve ser louco. Um de seus amigos se aproximou para tentar acalmá-lo. O amigo é um homem pequeno, com cabelos compridos e bigode, e está vestindo uma camiseta dos Eagles.

— Vamos, Steve. Vamos embora daqui. Eles não fizeram por mal. Foi apenas uma brincadeira.

— Qual é o seu problema, porra? — exclama Steve.

Então, ele me empurra de novo, suas mãos explodindo no meu peito.

Neste momento, os torcedores dos Eagles começam a gritar:

— Ba-ba-ca! Ba-ba-ca! Ba-ba-ca!

Steve está me encarando, rangendo os dentes de modo que os tendões de seu pescoço se movem como cordas. Ele também levanta pesos. Seus braços parecem ainda maiores que os meus, e ele é dois a cinco centímetros mais alto do que eu.

Olho para Jake, pedindo ajuda, e vejo que até ele parece um pouco preocupado.

Jake se coloca na minha frente, ergue as mãos para indicar que não pretende fazer mal algum, mas, antes que possa dizer qualquer coisa, o torcedor dos Giants agarra a camiseta comemorativa de Jerome Brown de meu irmão e joga Jake no chão.

Eu o vejo atingir o concreto — as mãos de meu irmão arrastando no asfalto —, em seguida, sangue escorrendo entre seus dedos, e os olhos de Jake parecem atordoados e amedrontados.

Meu irmão está ferido.

Meu irmão está ferido.

MEU IRMÃO ESTÁ FERIDO.

Eu explodo.

A sensação ruim em meu estômago sobe pelo meu peito como um foguete e atinge minhas mãos — e, antes que eu possa me conter, avanço como uma carreta. Atinjo o rosto de Steve com uma esquerda, e então a minha direita atinge o lado sul de seu queixo, levantando-o do chão. Eu o vejo flutuar no ar como se ele estivesse deixando seu corpo cair para trás numa piscina. Suas costas atingem o concreto, seus pés e suas mãos estremecem uma vez, então ele não se move mais, a multidão fica em silêncio e eu começo a me sentir muito mal — muito culpado.

Alguém grita:

— Chamem uma ambulância!

Outro grita:

— Digam para trazerem um saco de cadáver azul e vermelho!

— Desculpe-me — murmuro, porque tenho dificuldade para falar. — Me desculpe.

Então começo a correr novamente.

Abro caminho em meio à multidão, pelas ruas, ao redor de carros, ouvindo as buzinas e os xingamentos dos motoristas que

gritam comigo. Sinto minha barriga borbulhar, e então estou vomitando minhas tripas na calçada — ovos, linguiças, cerveja —, e muitas pessoas estão gritando comigo, me chamando de bêbado, dizendo que sou um babaca e começo a correr novamente o mais rápido que eu posso, para longe dos estádios. Quando sinto que vou vomitar novamente, paro e percebo que estou sozinho. Não há mais torcedores dos Eagles em parte alguma. Uma cerca de arame e, mais além, um armazém que parece abandonado.

Vomito novamente.

Na calçada, ao lado da poça de vômito que estou fazendo, vejo cacos de vidro brilhando ao sol.

Choro.

Eu me sinto péssimo.

Percebo que mais uma vez não consegui ser gentil; que perdi completamente o controle; que feri seriamente outra pessoa e, portanto, agora nunca mais vou conseguir que Nikki volte para mim. O tempo separados vai durar para sempre, porque minha esposa é uma pacifista que nunca ia querer que eu batesse em alguém, em nenhuma circunstância, e tanto Deus quanto Jesus estavam obviamente torcendo para que eu oferecesse a outra

face, então sei que realmente não deveria ter batido naquele torcedor dos Giants, e agora estou chorando de novo porque sou uma porcaria de um desperdício, um inútil de merda.

Ando mais meia quadra sentindo meu peito arfar loucamente, e então paro.

— Meu Deus — rezo. — Por favor, não me mande de volta para o lugar ruim. Por favor!

Olho para o céu.

Vejo uma nuvem passar logo abaixo do sol.

A parte superior é toda de um branco elétrico.

Eu me recomponho.

Não desista, penso. Ainda não.

— Pat! Pat! Espere!

Olho para trás em direção aos estádios, e meu irmão está correndo em minha direção. No minuto que se segue, Jake vai ficando cada vez maior, e então está bem na minha frente, curvando-se, bufando, ofegante.

— Sinto muito — desculpo-me. — Sinto muito, muito mesmo.

— Pelo quê?

Jake ri, pega o celular do bolso, disca um número e mantém o

pequeno telefone contra o ouvido.

— Encontrei — diz Jake ao telefone. — É, diga isso a ele.

Jake me entrega o aparelho. Eu o levo até a orelha.

— É o Rocky Balboa na linha?

Reconheço a voz de Scott.

— Escuta, o babaca que você derrubou, bem, ele acordou e está puto da vida. É melhor você não voltar para a tenda.

— Ele está bem? — pergunto.

— Você deveria estar mais preocupado com você mesmo.

— Por quê?

— Nós nos fizemos de bobos quando a polícia chegou e ninguém foi capaz de identificar você ou seu irmão, mas, desde que os tiras se foram, o grandalhão está à sua procura no estacionamento. Faça o que quiser, mas não volte para cá, porque esse torcedor dos Giants está atrás de vingança.

Entrego o telefone para Jake, sentindo-me um tanto aliviado em saber que não feri Steve gravemente, mas também entorpecido, porque perdi o controle outra vez. Além disso, estou com um pouco de medo do torcedor dos Giants.

— Então, vamos para casa, agora? — pergunto para Jake quando ele termina de falar com Scott.

— Para casa? Você está brincando? — pergunta, e começamos a caminhar de volta para o Linc.

Quando passo um longo tempo sem dizer nada, meu irmão pergunta se estou bem.

Não estou bem, mas não digo isso.

— Olha, aquele idiota atacou você e me jogou no chão. Você só defendeu a sua família — diz Jake. — Você deveria estar orgulhoso. Você foi um herói.

Embora eu tenha defendido meu irmão, embora não tenha ferido seriamente o torcedor dos Giants, não me sinto nem um pouco orgulhoso. Eu me sinto culpado. Eu deveria ser internado novamente no lugar ruim. Sinto como se o Dr. Timbers estivesse certo a meu respeito: não pertenço ao mundo real, porque sou incontrolável e perigoso. Mas é claro que não falo isso a Jake, principalmente porque ele nunca foi internado e não entende qual é a sensação de perder o controle, e agora ele só quer assistir ao jogo de futebol americano, e nada disso tem sentido para ele, porque ele nunca foi casado e nunca perdeu alguém como Nikki e não está tentando nem um pouco melhorar a sua vida, porque ele nunca sentiu o conflito que acontece dentro de meu peito todo maldito dia — as explosões químicas que

iluminam meu cérebro como se fosse Quatro de Julho e as terríveis necessidades e impulsos e...

Do lado de fora do Linc, a multidão forma filas enormes, e, com centenas de outros torcedores, esperamos para sermos revistados. Eu não me lembro de ter sido revistado no Vet. Gostaria de saber quando se tornou necessário revistar as pessoas em jogos da NFL, mas não pergunto para Jake, porque ele agora está cantando “Voem, Eagles, voem” com centenas de outros torcedores bêbados dos Eagles.

Depois de sermos revistados, subimos os degraus, apresentamos os nossos ingressos e, então, estamos dentro do Lincoln Financial Field. Gente por toda parte. É como uma colmeia cheia de abelhas verdes, e o zum-zum é ensurdecedor. Muitas vezes temos de nos virar de lado para passar entre as pessoas enquanto atravessamos o corredor para chegar à nossa seção. Sigo Jake, com medo de nos separarmos, pois eu certamente me perderia.

Chegamos ao banheiro masculino, e Jake faz todo mundo ali dentro cantar o grito de guerra dos Eagles outra vez. As filas para os mictórios são longas, e fico espantadíssimo que ninguém esteja fazendo xixi na pia, porque no Vet — ao menos no Nível

700 — as pias eram usadas como mictórios extras.

Quando finalmente chegamos aos nossos lugares, vejo que estamos na extremidade leste do estádio, a apenas umas vinte fileiras do campo.

— Como você conseguiu lugares tão bons? — pergunto a Jake.

— Eu conheço um cara — responde ele, e sorri com orgulho.

Scott já está sentado e me dá os parabéns pela briga, dizendo:

— Você acabou com aquele torcedor dos Giants!

Isso me faz sentir péssimo outra vez.

Jake e Scott cumprimentam quase todos na seção, e como os outros torcedores chamam Scott e meu irmão pelo nome, fica óbvio que ambos são bastante populares por aqui.

Quando o homem da cerveja passa, Scott nos paga uma rodada, e fico espantado ao encontrar um porta-copos no banco à minha frente. Você jamais encontraria um luxo desses no Vet.

Pouco antes dos jogadores dos Eagles serem anunciados, clipes dos filmes do Rocky são mostrados nos enormes telões em cada extremidade do campo — Rocky correndo pelo antigo pátio do Arsenal da Marinha, Rocky socando quartos de carne no refrigerador, Rocky subindo correndo a escadaria do museu — e

Jake e Scott dizem: “Esse é você. Esse é você!”, a ponto de eu ficar com medo que alguém os ouça, entenda que fui eu quem brigou com o torcedor dos Giants no estacionamento e avise à polícia para me levar de volta para o lugar ruim.

Quando o time dos Eagles é anunciado, fogos de artifício explodem, as líderes de torcida começam a pular, todo mundo fica de pé, Jake continua dando tapinhas nas minhas costas e estranhos batem as mãos na minha, e subitamente paro de pensar sobre a briga no estacionamento. Começo a pensar no meu pai, que deve estar assistindo ao jogo em nossa sala de estar — minha mãe servindo-lhe asas de frango, pizzas e cervejas, torcendo para que os Eagles vençam apenas para que seu marido fique de bom humor por uma semana. Novamente me pergunto se meu pai vai começar a conversar comigo de noite caso os Eagles ganhem hoje e, de repente, é dado o pontapé inicial e estou torcendo como se minha vida dependesse do resultado desse jogo.

Os Giants marcam primeiro, mas os Eagles respondem com um touchdown, após o qual o estádio inteiro entoa o grito de guerra dos Eagles, pontuado pelo hino do time, com orgulho ensurdecedor.

Ao fim do primeiro quarto de jogo, Hank Baskett consegue a primeira recepção de sua carreira na NFL, uma de vinte e cinco jardas. Todos em nossa seção me cumprimentam com tapinhas nas costas, porque estou vestindo minha camiseta oficial de Hank Baskett, e eu sorrio para meu irmão por ele ter me dado um presente tão legal.

O jogo é todo dos Eagles depois disso, e no início do quarto final eles estão ganhando de 24-7. Jake e Scott estão muito felizes, e começo a imaginar a conversa que vou ter com meu pai quando chegar em casa — quão orgulhoso ele vai ficar de minha gritaria sempre que Eli Manning tentava organizar uma jogada.

Mas então os Giants marcam dezessete pontos seguidos no quarto final, e os torcedores da Filadélfia ficam chocados.

Na prorrogação, Plaxico Burress derruba Sheldon Brown na área de finalização, e os Giants vão embora da Filadélfia com uma vitória.

É algo horrível de se ver.

Fora do Linc, Scott diz:

— É melhor vocês não voltarem para a tenda. Com certeza aquele babaca estará lá esperando.

Então nos despedimos de Scott e seguimos a multidão até a

entrada do metrô.

Jake tem passagens. Atravessamos as catracas, descemos ao subsolo e abrimos caminho até um vagão de metrô já lotado. As pessoas gritam “Não tem mais lugar!”, mas Jake se espreme entre os outros corpos e depois também me puxa para dentro. O peito do meu irmão está contra as minhas costas; estranhos estão esmagando meus braços. As portas finalmente se fecham e meu nariz quase toca o vidro da janela.

O cheiro de cerveja exalado pelas glândulas sudoríparas de todos é pungente.

Não gosto de estar tão perto de tantos estranhos, mas não falo nada, e logo chegamos ao City Hall.

Depois de sairmos do trem, passamos por outra catraca, subimos até o centro da cidade e começamos a andar pela Market Street, passando pelas antigas lojas de departamento, pelos novos hotéis e pelo The Gallery.

— Quer conhecer meu apartamento? — pergunta Jake quando chegamos à parada entre a Oitava e a estação de metrô da Market Street, que é onde eu devo pegar o trem que atravessa a ponte Ben Franklin até Collingswood.

Quero, sim, conhecer o apartamento de Jake, mas estou

cansado e ansioso para chegar em casa e levantar alguns pesos antes de dormir. Pergunto se poderia visitá-lo outro dia.

— Claro — responde ele. — É bom ter você de volta, irmão. Você foi um verdadeiro torcedor dos Eagles hoje.

Balanço positivamente a cabeça.

— Diga ao papai que os Birds vão se redimir na semana que vem contra o San Fran.

Balanço a cabeça novamente.

Meu irmão me surpreende, abraçando-me com os dois braços e dizendo:

— Eu amo você, mano. Obrigado por me proteger no estacionamento.

Digo-lhe que também o amo, e então ele começa a descer a Market Street cantando “Voem, Eagles voem” a plenos pulmões.

Desço para a estação de trem, insiro os cinco dólares que minha mãe me deu na máquina, compro uma passagem, insiro-a na catraca, desço mais escadas, chego à plataforma e começo a pensar no menininho com a camiseta dos Giants. Quanto ele deve ter chorado quando se deu conta de que o pai fora nocauteado? Será que o menino chegou a ver o jogo? Alguns homens vestindo camisetas dos Eagles estão sentados nos bancos

cromados. Todos fazem um aceno de cabeça solidário para mim ao ver a minha camiseta de Hank Baskett. Um homem na outra extremidade da plataforma grita:

— Malditos Birds!

E depois chuta uma lixeira de metal. Outro homem que está ao meu lado balança a cabeça e murmura:

— Malditos Birds.

Quando o trem chega, decido ficar junto às portas, e enquanto a composição desliza através do céu escuro, atravessando o rio Delaware pela ponte Ben Franklin, olho para o horizonte da cidade e volto a me lembrar daquele menino chorando. Sinto-me péssimo quando penso naquele menino.

Desço do trem em Collingswood, atravesso a plataforma ao ar livre, desço a escadaria, insiro o meu cartão na catraca automática e depois corro para casa.

Minha mãe está sentada na sala de estar, tomando chá.

— Como está o papai? — pergunto.

Ela balança a cabeça e aponta para o televisor.

A tela está rachada e parece uma teia de aranha.

— O que aconteceu?

— Seu pai quebrou a tela da TV com o abajur de leitura.

— Porque os Eagles perderam?

— Não. Na verdade, ele fez isso quando os Giants empataram o jogo no final do último quarto. Seu pai teve de assistir à derrota dos Eagles na televisão do dormitório — explica minha mãe. — Como está seu irmão?

— Ele está bem — respondo. — Onde está papai?

— No escritório.

— Ah.

— Sinto muito que o seu time tenha perdido — diz minha mãe, só para ser gentil, eu sei.

— Tudo bem — respondo.

Então desço ao porão, onde levanto pesos durante horas tentando esquecer aquele pequeno torcedor dos Giants chorando, mas ainda assim não consigo tirar aquela criança de minha mente.

Por algum motivo, adormeço no tapete que cobre parte do chão do porão. Em meus sonhos, revivo a briga diversas vezes, só que, em vez de o torcedor dos Giants trazer a criança para o jogo, ele traz Nikki, e ela também está vestindo uma camiseta dos Giants. Toda vez que nocauteio o sujeito, Nikki abre caminho por entre a multidão, toma a cabeça de Steve em suas mãos,

beija a testa dele e depois olha para mim.

Pouco antes de eu sair correndo, ela diz:

— Você é um animal, Pat. E eu nunca mais vou amá-lo.

Choro enquanto sonho e tento não bater no torcedor dos Giants toda vez que a lembrança passa pela minha mente, mas não consigo controlar meu eu do sonho, do mesmo modo que não consegui controlar meu eu acordado depois de ver o sangue nas mãos de Jake.

Acordo ao ouvir a porta do porão sendo fechada e vejo luz vazando através das pequenas janelas sobre a máquina de lavar e a secadora. Subo a escada e não consigo acreditar que as páginas de esporte estão ali.

Estou muito perturbado com o sonho que tive, mas entendo que foi apenas um sonho, e, apesar de tudo que aconteceu, meu pai ainda está me deixando as páginas de esporte após uma das piores derrotas da história dos Eagles.

Então respiro fundo. Permito-me sentir esperança novamente e começo a minha série de exercícios.

Colega boca suja

Estou no Crystal Lake Diner com Tiffany, na mesma mesa em que nos sentamos da última vez, comendo a nossa porção individual de cereais com passas e bebendo chá quente. Nós não dissemos nada na caminhada até aqui, não dissemos nada enquanto esperávamos a garçonete trazer o leite, a tigela e a caixa. Estou começando a entender que temos o tipo de amizade que não requer muitas palavras.

Enquanto a observo levar os flocos marrons e as passas açucaradas aos lábios cor-de-rosa, tento decidir se quero contar a ela o que aconteceu no jogo dos Eagles.

Já faz dois dias que estou pensando naquela criança chorando, escondendo-se atrás da perna do pai, e me sinto muito culpado por ter batido no torcedor grandalhão dos Giants. Não disse nada para minha mãe, porque a notícia a deixaria preocupada. Meu pai não fala comigo desde que os Eagles perderam para os Giants, e não verei o Dr. Cliff até a próxima sexta-feira. Além disso, começo a achar que Tiffany é a única que poderia entender, já que ela parece ter um problema semelhante ao meu e está sempre explodindo, como na praia, quando Veronica sem

querer mencionou o terapeuta dela na minha frente.

Olho para Tiffany, curvada em seu assento, os cotovelos na mesa. Está usando uma camisa preta que faz seu cabelo parecer ainda mais preto. Está maquiada demais, como de costume. Parece triste. Parece com raiva. Parece diferente de todas as outras pessoas que conheço — ela não consegue fingir aquela expressão feliz que os outros fingem quando sabem que estão sendo observados. Ela não precisa fingir comigo, o que me faz confiar nela, de certa forma.

De repente, Tiffany ergue a cabeça e olha nos meus olhos.

— Você não está comendo.

— Desculpe-me — digo, e olho para os brilhos dourados sobre a toalha de plástico da mesa.

— As pessoas vão pensar que sou uma egoísta se me virem comendo enquanto você assiste.

Então mergulho a minha colher na tigela, derramo umas gotinhas de leite sobre a mesa brilhante, e levo à boca uma pequena quantidade de cereais com passas encharcada de leite.

Mastigo.

Engulo.

Tiffany balança a cabeça em sinal de aprovação e em seguida

volta a olhar pela janela.

— Uma coisa ruim aconteceu no jogo dos Eagles — digo, e logo me arrependo.

— Não quero saber de futebol americano — diz Tiffany e suspira. — Odeio futebol americano.

— Na verdade não é sobre futebol.

Ela continua a olhar pela janela.

Olho e confirmo que só há carros estacionados lá fora, nada de interessante. Então digo:

— Bati com tanta força em um sujeito... chegando a erguê-lo do chão... que pensei que talvez o tivesse matado.

Tiffany olha para mim. Estreita os olhos e meio que sorri, como se estivesse prestes a gargalhar.

— Bem, e então?

— Então o quê?

— Você matou o sujeito?

— Não. Não, não matei. Eu o nocauteei, mas ele acabou acordando.

— Você deveria tê-lo matado? — pergunta Tiffany.

— Não sei. — Fico um pouco chocado com a pergunta. — Quer dizer, não! Claro que não.

— Então por que você bateu nele com tanta força?

— Ele empurrou meu irmão no chão de concreto e minha cabeça simplesmente explodiu. Foi como se eu tivesse abandonado meu corpo e meu corpo estivesse fazendo algo que eu não queria fazer. Não cheguei a falar sobre isso com ninguém e esperava que você quisesse me ouvir para que eu pudesse...

— Por que o sujeito empurrou seu irmão no chão?

Conto toda a história para ela, do início ao fim, dizendo que não consigo parar de pensar no filho do sujeito grandalhão. Ainda fico vendo o menino escondido atrás da perna do pai, ainda o vejo chorando, soluçando, nitidamente amedrontado. Também conto para ela sobre o meu sonho — aquele em que Nikki conforta o torcedor dos Giants.

Quando termino a história, Tiffany diz:

— E daí?

— E daí?

— E daí que eu não entendo por que você está tão chateado.

Por um segundo acho que ela deve estar brincando comigo, mas o rosto de Tiffany fica impassível.

— Estou chateado porque sei que Nikki vai ficar brava comigo quando eu lhe contar o que aconteceu. Estou chateado porque

decepcionei a mim mesmo, e o tempo separados certamente será prolongado agora, porque Deus vai querer proteger Nikki até eu aprender a me controlar melhor, e, assim como Jesus, Nikki é uma pacifista, razão pela qual ela não gostava que eu fosse aos turbulentos jogos dos Eagles, para começar, e eu não quero ser mandado de volta para o lugar ruim, e, meu Deus, sinto tanta falta da Nikki, dói tanto e...

— Foda-se a Nikki — diz Tiffany, e depois leva outra colher de cereais com passas à boca.

Fico olhando para ela.

Ela mastiga com indiferença.

Ela engole.

— Como? — pergunto.

— O torcedor dos Giants me parece um idiota completo, assim como seu irmão e seu amigo Scott. Você não começou a briga. Você só se defendeu. E se a Nikki não consegue lidar com isso, se a Nikki não o apoia quando você está para baixo, então digo: ela que se foda.

— Não ouse falar assim da minha mulher — repreendo, ouvindo a raiva em minha voz.

Tiffany revira os olhos para mim.

— Não vou permitir que nenhum de meus amigos fale assim da minha mulher.

— Sua mulher, é? — ironiza Tiffany.

— É. Minha mulher, Nikki.

— Você quer dizer sua mulher, Nikki, que o abandonou enquanto você estava se recuperando em um hospital psiquiátrico. Por que sua mulher, Nikki, não está sentada aqui com você agora, Pat? Pense bem. Por que você está comendo essa merda de cereais com passas comigo? Você só pensa em agradar a Nikki, e, ainda assim, sua preciosa Nikki parece não pensar nem um pouco em você. Onde ela está? O que Nikki está fazendo agora? Você acredita mesmo que ela está pensando emvocê?

Estou chocado demais para falar.

— Foda-se a Nikki, Pat. Foda-se ela! FODA-SE A NIKKI! — Tiffany bate a palma das mãos na mesa, fazendo as tigelas de cereais pularem. — Esqueça-a. Ela se foi. Você não enxerga isso?

A garçonete vem até nossa mesa. Ela leva as mãos aos quadris. Contrai os lábios. Olha para mim. Olha para Tiffany.

— Ei, colega boca suja — diz a garçonete.

Quando observo ao nosso redor, os outros clientes estão

olhando para a minha amiga boca suja.

— Isso aqui não é um bar, certo?

Tiffany olha para a garçonete e balança a cabeça.

— Quer saber? Foda-se você também — diz Tiffany.

Então ela se levanta, atravessa a lanchonete e sai pela porta.

— Estou só fazendo o meu trabalho — explica a garçonete. — Caramba!

— Desculpe-me — digo, e entrego para ela todo o dinheiro que tenho: uma nota de vinte dólares que minha mãe me deu quando eu disse que queria levar a Tiffany para comer cereais com passas.

Pedi que ela me desse duas notas de vinte, mas mamãe disse que eu não podia dar quarenta dólares à garçonete quando a refeição custa apenas cinco, mesmo depois de eu falar para ela sobre dar boas gorjetas, coisa que aprendi com Nikki, como vocês já sabem.

A garçonete diz:

— Obrigada, cara. Mas é melhor você ir atrás da sua namorada.

— Ela não é minha namorada — explico. — É só uma amiga.

— Tanto faz.

* * *

Tiffany não está do lado de fora da lanchonete.

Olho para a rua, mais à frente, e a vejo correndo para longe de mim.

Quando eu a alcanço, pergunto o que há de errado.

Ela não responde e continua correndo.

Em um ritmo rápido, corremos lado a lado de volta para Collingswood, até a casa de seus pais, onde Tiffany entra pela porta dos fundos sem dizer adeus.

O fim implícito

Nessa noite eu tento ler A redoma de vidro, de Sylvia Plath.

Nikki costumava falar sobre como esse romance de Plath é importante, afirmando:

— Toda jovem deveria ser obrigada a ler A redoma de vidro.

Pedi que minha mãe pegasse esse livro na biblioteca sobretudo porque quero entender as mulheres, para poder compreender os sentimentos de Nikki e tudo o mais.

A capa do livro é muito feminina, com uma rosa seca pendurada de cabeça para baixo, suspensa sobre o título.

Plath menciona a execução dos Rosenberg na primeira página,

e me dou conta de que estou diante de uma leitura deprimente, pois, como ex-professor de história, sei quão deprimente foi o período da Ameaça Vermelha e do macarthismo. Logo depois de fazer referência aos Rosenberg, a narradora começa a falar sobre cadáveres e sobre ver uma cabeça decepada enquanto toma café da manhã.

A personagem principal, Esther, é estagiária em uma boa revista nova-iorquina, mas está deprimida. Ela se apresenta com nomes falsos aos homens que encontra. Esther meio que tem um namorado chamado Buddy, mas ele a trata muito mal, fazendo-a crer que ela deveria ter filhos e ser dona de casa em vez de se tornar escritora, que é o que ela quer ser.

Esther acaba enlouquecendo, passa por uma terapia de eletrochoque, tenta se matar tomando muitos remédios para dormir e é enviada para um lugar ruim como aquele onde eu estava.

Esther se refere a um homem negro que serve comida em seu lugar ruim como “o Preto”. Isso me faz pensar em Danny e em quão furioso meu amigo ficaria caso lesse esse livro, especialmente porque Esther era branca e Danny diz que apenas as pessoas negras podem usar termos raciais controversos como

“preto”.

A princípio, mesmo sendo deprimente, o livro me deixa animado porque lida com saúde mental, um assunto que estou muito interessando em aprender. Além disso, quero ver como Esther vai melhorar, como ela finalmente encontrará o próprio final feliz para dar seguimento à sua vida. Tenho certeza de que Nikki faz seus alunos lerem esse livro para que adolescentes deprimidas vejam que há esperança, e que você só precisa resistir durante o tempo suficiente.

Então continuo a ler.

Esther perde a virgindade, tem uma hemorragia durante o processo e sangra quase até a morte — como Catherine em Adeus às armas —, e eu me pergunto por que as mulheres estão sempre tendo hemorragias na literatura americana. Mas Esther sobrevive, apenas para descobrir que sua amiga, Joan, se enforcou. Esther vai ao funeral, e o livro termina assim que ela entra em uma sala cheia de terapeutas que decidirão se a personagem é saudável o bastante para sair de seu lugar ruim. Não sabemos o que acontece com Esther, se ela melhora ou não, e isso me deixa furioso, especialmente depois de eu ter passado a noite inteira lendo.

Quando o sol começa a brilhar através da janela do meu quarto, leio a biografia resumida na parte de trás do livro e descubro que todo o “romance” é, basicamente, a história de vida de Sylvia Plath, e que a autora acabou enfiando a cabeça em um forno, matando-se como Hemingway, só que sem a arma, e eu percebo que esse é o fim implícito do livro, já que todo mundo sabe que o romance é, na verdade, uma biografia de Sylvia Plath. Chego a rasgar o livro ao meio e jogar as duas metades na parede do meu quarto.

Porão.

Stomach Master 6000.

Quinhentas flexões.

Por que Nikki obriga adolescentes a lerem um romance tão deprimente?

Banco de halteres.

Supinos.

Levantamentos sucessivos de halteres de sessenta e cinco quilos.

Por que as pessoas leem livros como A redoma de vidro?

Por quê?

Por quê?

Por quê?

* * *

Fico surpreso quando Tiffany aparece no dia seguinte para nossa corrida ao pôr do sol. Não sei o que dizer para ela, por isso não digo nada... como de costume.

Corremos.

Corremos no dia seguinte também, mas não discutimos os comentários que Tiffany fez sobre minha mulher.

Uma forma aceitável de lidar com isso

Na sala das nuvens, escolho a poltrona preta, porque estou me sentindo um pouco deprimido. Por alguns minutos, não falo nada. Estou com medo que Cliff me mande de volta para o lugar ruim caso eu lhe conte a verdade, mas me sinto tão culpado ali sentado... Então começo a falar com Cliff, desabafando tudo de uma vez em um emaranhado aleatório de frases: o torcedor grandalhão dos Giants, o pequeno torcedor dos Giants, minha briga, a derrota dos Eagles para os Giants, meu pai quebrando a tela da televisão, o fato de ele continuar a me trazer as páginas de esportes, mas se recusar a falar comigo, meu sonho com a Nikki vestindo uma camiseta dos Giants, Tiffany dizendo “Foda-se a

Nikki", mas ainda querendo correr comigo todos os dias; e por fim, Nikki ensinando Sylvia Plath a adolescentes indefesos, eu rasgando A redoma de vidro ao meio e Sylvia Plath enfiando a cabeça em um forno.

— Um forno?! — exclamo. — Por que alguém enfiaria a cabeça em um forno?

O desabafo é poderoso, e então percebo que em algum momento no meio da minha falação comecei a chorar. Quando termino, cubro o rosto, porque Cliff é meu terapeuta, sim, mas também é homem, torcedor dos Eagles e talvez meu amigo. Começo a soluçar por trás de minhas mãos.

Tudo fica silencioso na sala das nuvens por alguns minutos, e então Cliff finalmente fala:

— Odeio os torcedores dos Giants. São tão arrogantes, sempre querendo falar sobre L.T., que não passava de um porcaria, viciado em cocaína. Dois Super Bowls, sim, mas as temporadas XXI e XXVI foram há algum tempo, mais de quinze anos se passaram desde então. E estivemos lá há apenas dois anos, certo? Mesmo tendo perdido.

Estou surpreso.

Eu tinha certeza de que Cliff ia gritar comigo por ter batido no

torcedor dos Giants, que ele novamente ameaçaria me mandar de volta para o lugar ruim, e o fato de mencionar Lawrence Taylor parece tão aleatório que baixo as minhas mãos e vejo que Cliff está de pé, embora ele seja tão pequeno que sua cabeça não fica muito acima da minha, mesmo eu estando sentado. Além disso, acho que ele deu a entender que os Eagles estavam no Super Bowl há dois anos, o que me deixa muito chateado, porque não tenho absolutamente nenhuma lembrança disso, então tento esquecer o que Cliff disse sobre o nosso time ter ido às finais.

— Você não odeia os torcedores dos Giants? — pergunta ele.

— Não são detestáveis? Vamos, diga a verdade.

— Sim, odeio — respondo. — Muito. Meu irmão e meu pai também.

— Por que aquele homem usaria uma camiseta dos Giants em um jogo dos Eagles?

— Não sei.

— Será que ele achou que não seria ridicularizado?

Não sei o que dizer.

— Todo ano eu vejo esses torcedores idiotas dos Dallas, dos Giants e dos Redskins entrarem em nossa casa vestindo as suas cores, e todo ano esses mesmos torcedores são espancados pelos

torcedores bêbados dos Eagles. Quando vão aprender?

Estou chocado demais para falar.

Será que isso significa que Cliff tem ingressos de temporada?

Especulo, mas não pergunto.

— Você não estava apenas defendendo seu irmão, também estava defendendo seu time! Certo?

Percebo que estou confirmando com um aceno de cabeça.

Cliff se senta. Ele puxa a alavanca da poltrona, erguendo o apoio para os pés, e eu olho para as solas gastas de seus mocassins baratos.

— Quando estou sentado nesta cadeira, sou seu terapeuta. Quando não estou nesta cadeira, sou um colega torcedor dos Eagles. Entendeu?

Concordo com um gesto de cabeça.

— A violência não é uma solução aceitável. Você não precisava ter batido no torcedor dos Giants.

Concordo novamente.

— Eu não queria bater nele.

— Mas você bateu.

Olho para minhas mãos. Meus dedos estão se contorcendo.

— Que alternativas você tinha? — pergunta ele.

— Alternativas?

— O que mais você poderia ter feito, fora bater no torcedor dos Giants?

— Não tive tempo de pensar. Ele estava me empurrando e jogou meu irmão no chão...

— E se ele fosse Kenny G?

Fecho os olhos, murmuro uma única nota e conto silenciosamente até dez, esvaziando minha mente.

— Sim, esse seu murmurar. Por que não tenta isso quando sentir que está a ponto de bater em alguém? Onde você aprendeu essa técnica?

Estou um pouco bravo com Cliff por ele ter mencionado Kenny G, o que foi um golpe baixo, especialmente porque ele sabe que o Sr. G é o meu maior inimigo, mas me lembro de que Cliff não gritou comigo quando contei a verdade e estou grato por isso, então digo:

— Nikki costumava murmurar uma única nota sempre que eu a ofendia. Ela disse que aprendeu isso na aula de ioga. E sempre que ela murmurava, aquilo me pegava desprevenido. Eu ficava muito perturbado, porque é estranho se sentar ao lado de alguém que está murmurando uma única nota com os olhos fechados, e

Nikki ficava murmurando aquela nota por um tempão. Quando ela finalmente parava, eu ficava agradecido, e também ficava mais consciente de seu desagrado e mais receptivo aos seus sentimentos, que é algo que eu não entendia até recentemente.

— Então é por isso que você murmura toda vez que alguém menciona Kenny...

Fecho os olhos, murmuro uma única nota e conto silenciosamente até dez, esvaziando minha mente.

Quando termino, Cliff diz:

— Isso permite que você expresse o seu descontentamento de uma forma única, desarmando aqueles que o rodeiam. Tática muito interessante. Por que não usá-la em outras áreas de sua vida? E se você tivesse fechado os olhos e murmurado quando o torcedor dos Giants empurrou você?

Eu não tinha pensado nisso.

— Você acha que ele teria continuado a empurrá-lo se você tivesse fechado os olhos e murmurado?

Provavelmente não, eu acho. O torcedor dos Giants teria pensado que eu era louco, que foi exatamente o que eu pensei da Nikki quando ela usou essa tática comigo pela primeira vez.

Cliff sorri e balança a cabeça para mim em sinal de aprovação

quando lê a expressão em meu rosto.

Falamos um pouco sobre Tiffany. Ele diz que parece que Tiffany tem sentimentos românticos em relação a mim e alega que ela provavelmente tem ciúmes de meu amor por Nikki, o que eu acho que é bobagem, especialmente porque Tiffany nem fala comigo e parece sempre tão distante quando estamos juntos. Além disso, Tiffany é muito bonita, enquanto eu não envelheci nada, nada bem.

— Ela é só uma mulher estranha — respondo.

— E não são todas assim? — responde Cliff, e rimos um pouco, porque as mulheres realmente são muito difíceis de entender às vezes.

— E o meu sonho? Ver Nikki com uma camiseta dos Giants? O que você acha que significa?

— O que você acha que isso significa? — pergunta Cliff.

Quando dou de ombros, ele muda de assunto.

Cliff diz que a obra de Sylvia Plath é muito deprimente de se ler, e que a filha dele penou muito ao ler recentemente A redoma de vidro, porque ela está fazendo um curso de literatura americana na Eastern High School.

— E você não reclamou com a direção? — perguntei.

— A respeito de quê?

— De sua filha ser obrigada a ler histórias tão deprimentes.

— Não. Claro que não. Por que eu faria isso?

— Porque esse romance ensina os jovens a serem pessimistas. Nenhuma esperança no fim, nenhum final feliz. Os adolescentes devem aprender que...

— A vida é dura, Pat, e os jovens têm de saber quão difícil ela pode ser.

— Por quê?

— Para que sejam solidários. Para que compreendam que algumas pessoas têm mais dificuldades do que eles e que uma passagem por este mundo pode ser uma experiência totalmente diferente, dependendo de quais substâncias químicas estão ativas na mente de um indivíduo.

Eu não tinha pensado dessa maneira, que a leitura de livros como A redoma de vidro ajudava outras pessoas a entenderem como era ser Esther Greenwood. E então me dou conta de que sinto muita compaixão por Esther, e que, se ela fosse uma pessoa real na minha vida, eu teria tentado ajudá-la, só porque eu conheceria os seus pensamentos bem o suficiente para entender que ela não era simplesmente perturbada, mas que sofria porque

o mundo fora cruel com ela e porque ela estava deprimida devido às substâncias químicas que se agitavam em sua mente.

— Então você não está bravo comigo? — pergunto quando vejo Cliff olhar para o relógio, o que significa que nossa sessão está quase no fim.

— Não. Nem um pouco.

— Sério? — pergunto, porque sei que Cliff provavelmente vai registrar todos os meus fracassos recentes em um arquivo assim que eu sair. Que ele provavelmente acha que falhou como meu terapeuta, pelo menos esta semana.

Cliff se levanta, sorri para mim e depois olha através da janela para um pardal que se lava na banheira de pedra.

— Antes que você saia, Pat, quero lhe dizer uma coisa muito importante. É uma questão de vida ou morte. Você está me ouvindo? Porque realmente quero que você se lembre disso. Está bem?

Começo a me preocupar, porque Cliff parece muito sério, mas engulo em seco, balanço a cabeça e digo:

— Está bem.

Cliff se volta.

Cliff me encara.

Seu rosto parece sombrio, e por um segundo fico muito nervoso.

Mas então ele ergue as mãos e grita:

— Ahhhhhhhhh!

Eu rio porque Cliff me enganou com a brincadeira. E imediatamente me levanto, ergo as mãos e grito:

— Ahhhhhhhhh!

— E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!

Cantamos em uníssono, usando braços e pernas em um esforço para representar cada letra com nossos corpos, e eu tenho de dizer, por mais estúpido que possa parecer, que cantar com Cliff me faz sentir muito melhor. E, a julgar pelo sorriso em seu pequeno rosto moreno, ele sabe o valor do que está fazendo por mim.

Equilibrada com muito cuidado, como se a coisa toda pudesse cair quando ligarmos os dutos de aquecimento neste outono

Do porão, ouço meu pai dizer:

— Pode pôr bem aqui, nesta mesa.

Ouço três pares de pés caminhando pela sala de estar, e logo

escuto algo pesado ser apoiado no chão. Depois de uns quinze minutos, sons de futebol universitário explodem no andar de cima — bandas, tambores, cantos de guerra — e eu me dou conta de que meu pai substituiu a televisão da sala de estar.

Ouço os passos dos entregadores saindo, e depois meu pai aumenta tanto o volume que posso escutar as observações dos comentaristas mesmo estando no subsolo, com a porta do porão fechada. Não acompanho futebol americano universitário, então não conheço mesmo os jogadores nem os times que estão sendo discutidos.

Faço alguns abdominais e simplesmente ouço, secretamente torcendo para que papai desça ao porão para me contar sobre a nova televisão e me chamar para assistir ao jogo com ele. Mas ele não faz isso.

De repente, mais ou menos meia hora após a saída dos entregadores, o volume da televisão diminui, e escuto minha mãe perguntar:

— Que diabo é isso?

— É uma televisão de alta definição com som surround — explica meu pai.

— Não, isso é uma tela de cinema, e...

— Jeanie...

— Não venha com “Jeanie” para cima de mim.

— Eu trabalho muito para ganhar nosso dinheiro e não vou deixar você me dizer como gastá-lo!

— Patrick, essa televisão é ridícula. Nem cabe na mesa. Quanto você pagou por ela?

— Não importa.

— Você quebrou a televisão antiga só para poder comprar uma maior, não foi?

— Meu Deus, Jeanie. Por favor, dá para parar de me atormentar uma vez na vida?

— Estamos com o orçamento apertado. Nós concordamos que...

— Ah. Está bem. Estamos com o orçamento apertado.

— Nós concordamos que...

— Nós temos dinheiro para alimentar Pat. Nós temos dinheiro para comprar um novo guarda-roupa para Pat. Nós temos dinheiro para montar uma academia dentro de casa para Pat. Temos dinheiro para os remédios de Pat. Pois bem, a meu ver, também temos dinheiro para comprar uma merda de uma televisão nova.

Ouço os passos de minha mãe saindo da sala de estar. Pouco antes de meu pai voltar a aumentar o volume, eu a ouço caminhar até o seu quarto, onde sei que ela vai chorar porque meu pai gritou com ela outra vez.

E é culpa minha eles estarem com pouco dinheiro.

Sinto-me péssimo.

Faço abdominais no Stomach Master 6000 até a hora de correr com Tiffany.

Quando finalmente subo as escadas, vejo que a televisão do papai é um desses novos modelos de tela plana anunciados durante o jogo dos Eagles contra os Houston, e é quase do tamanho da mesa de nossa sala de jantar. É enorme; apenas o terço central cabe sobre a mesa de canto, fazendo parecer que a televisão está equilibrada com muito cuidado, como se a coisa toda pudesse cair quando ligarmos os dutos de aquecimento neste outono. Mesmo assim, embora eu me sinta mal pela mamãe, tenho de admitir que a qualidade da imagem é excelente e que os alto-falantes sobre suportes atrás do sofá enchem a casa de som, dando a impressão de que o jogo de futebol americano universitário está acontecendo ali, na nossa sala de estar — e começo a ficar ansioso para assistir a um jogo dos Eagles no novo

aparelho, pensando que os jogadores vão aparecer quase em tamanho real.

Fico atrás do sofá por um segundo, admirando a nova televisão do meu pai, na esperança de que ele dê algum sinal de que percebeu minha presença. Chego a dizer:

— Pai, você comprou uma televisão nova?

Mas ele não responde.

Ele está bravo com minha mãe por ela ter questionado a compra dele, e agora vai ficar de mau humor. Não vai falar com ninguém pelo restante do dia, sei disso por experiência, então saio de casa e encontro Tiffany correndo de um lado para outro na rua.

Tiffany e eu corremos juntos, mas não nos falamos.

Quando volto para casa, Tiffany continua a correr sem nem mesmo se despedir, e enquanto corro pela garagem a caminho da porta dos fundos, vejo que o carro de minha mãe não está mais ali.

Caixa “Pat”

Por volta das onze da noite minha mãe ainda não voltou para casa, e eu começo a ficar preocupado, pois todas as noites às dez

e quarenta e cinco eu preciso tomar remédios que me ajudam a dormir. Não é do feitio da mamãe esquecer os meus horários de tomar remédios.

Bato na porta do quarto dos meus pais. Como ninguém responde, abro a porta. Meu pai está dormindo com a pequena televisão do quarto ligada. O brilho azul faz a pele dele parecer alienígena, como um grande peixe em um aquário iluminado, só que sem guelras, escamas ou barbatanas. Vou até meu pai e balanço levemente seu ombro.

— Pai? — Eu o balanço mais um pouco. — Pai?

— O que focê quer? — pergunta ele sem abrir os olhos.

Ele está deitado de lado, e o lado esquerdo de sua boca está esmagado contra o travesseiro.

— Mamãe ainda não chegou em casa. Estou preocupado.

Ele não diz nada.

— Onde ela está?

Ele continua sem dizer nada.

— Estou preocupado com a mamãe. Você acha que devemos ligar para a polícia?

Espero uma resposta, mas só ouço meu pai roncando suavemente.

Depois de desligar a televisão, deixo o quarto de meus pais e desço até a cozinha.

Digo para mim mesmo que, se meu pai não está preocupado, eu também não devo ficar. Mas sei que não é do feitio da mamãe sair sem me dizer aonde vai, especialmente sem falar comigo sobre os meus remédios.

Abro o armário da cozinha e tiro os oito frascos, todos com meu nome impresso nos rótulos. Neles há também muitos nomes compridos e deprimentes de remédios, mas eu só os conheço pelas cores, então abro todas as tampas e procuro o que preciso.

Dois comprimidos brancos e vermelhos para dormir, e também um verde com uma faixa amarela, mas não sei para que serve o verde com a faixa amarela. Talvez seja um ansiolítico.

Tomo os três comprimidos porque quero dormir e também porque sei que é o que mamãe ia querer que eu fizesse. Talvez minha mãe esteja me testando. Como meu pai brigou com ela hoje cedo, quero agradá-la ainda mais do que normalmente, embora não saiba muito bem por quê.

Fico deitado na cama me perguntando onde mamãe poderia estar. Gostaria de ligar para seu celular, mas não sei o número.

Será que ela sofreu um acidente de carro? Será que teve um derrame ou um ataque cardíaco? Mas então me dou conta de que algum policial ou médico do hospital já teria nos ligado caso alguma dessas coisas tivesse acontecido, porque ela certamente levou os cartões de crédito e os documentos com ela. Será que ela se perdeu? Mas então ela teria usado o celular para ligar para casa e avisar que estava atrasada. Será que ficou farta de mim e do meu pai e fugiu de casa? Penso nisso e percebo que, fora os momentos em que ela brinca comigo sobre Tiffany ser minha "amiga", não vejo minha mãe rir ou sorrir há muito tempo. Inclusive, pensando bem, frequentemente a vejo chorando ou parecendo prestes a chorar. Será que ela ficou de saco cheio de lidar com meus remédios? Será que me esqueci de dar descarga certa manhã e minha mãe encontrou alguns de meus comprimidos na privada e agora está com raiva de mim por eu ter escondido os comprimidos sob a língua? Será que falhei com minha mãe como falhei com Nikki, e agora Deus também está tirando minha mãe de mim? Talvez mamãe nunca volte para casa e...

No momento em que começo a me sentir seriamente ansioso, quase precisando bater o punho da mão direita contra a minha

testa, ouço um carro entrando na garagem.

Quando olho pela janela, vejo o sedã vermelho de mamãe.

Desço as escadas correndo.

Já estou do lado de fora da porta antes de ela chegar à varanda dos fundos.

— Mãe? — chamo.

— Eu mesma — diz ela através das sombras da garagem.

— Onde você estava?

— Fora.

Quando ela entra no círculo de luz branca projetado pela iluminação da porta dos fundos, parece prestes a cair para trás, de modo que eu desço os degraus e a ajudo, segurando os ombros dela com um braço. Sua cabeça está um tanto vacilante, mas ela consegue olhar para mim, apertar os olhos e dizer com a voz pastosa:

— Nikki é uma tola por ter deixado você escapar.

O fato de ela mencionar Nikki me deixa ainda mais ansioso, especialmente o que ela diz sobre eu ter escapado, porque eu não escapei e estaria mais do que disposto a voltar para Nikki agora e sempre; eu é que fui tolo por nunca ter dado valor a Nikki como ela era, coisa que minha mãe sabe muito bem. Mas

dá para sentir o cheiro de álcool no hálito dela, percebo sua voz pastosa e noto que, provavelmente, é apenas o álcool fazendo ela dizer besteiras. Mamãe não costuma beber, mas esta noite está visivelmente bêbada, e isso também me preocupa.

Eu a ajudo a entrar em casa e a faço sentar no sofá da sala de estar. Em questão de minutos, ela apaga.

Seria uma má ideia colocar minha mãe bêbada na cama ao lado de meu pai mal-humorado, por isso ponho um braço sob seus ombros e outro sob seus joelhos, levanto-a e a levo para meu quarto. Mamãe é pequena e leve, de modo que não tenho dificuldade para subir a escada com ela no colo. Eu a deito em minha cama, tiro seus sapatos, jogo o edredom sobre seu corpo e depois vou buscar um copo de água na cozinha.

Quando volto ao andar de cima, procuro um frasco de Tylenol e pego dois comprimidos brancos.

Ergo a cabeça da minha mãe, faço com que ela se sente, balanço-a levemente até que ela abra os olhos e digo para ela tomar os comprimidos com a água. A princípio, ela diz:

— Deixeu dormir...

Mas me lembro da época da faculdade e sei quanto essa água pré-cama e remédio contra dor de cabeça podem reduzir a

ressaca na manhã seguinte. Afinal minha mãe toma os comprimidos, bebe meio copo de água e imediatamente volta a dormir.

Observo-a descansar por alguns minutos e penso que ela ainda é bonita, e que eu realmente amo minha mãe. Gostaria de saber aonde ela foi beber, com quem ela bebeu e o que bebeu, mas na verdade estou apenas feliz por ela estar em casa a salvo. Tento não pensar nela virando copos em algum bar deprimente repleto de solteirões de meia-idade. Tento não pensar em minha mãe falando mal de meu pai para uma de suas amigas e depois dirigindo bêbada para casa. Mas é só o que consigo pensar: o fato de que minha mãe foi levada a beber — de que eu estou levando minha mãe a beber, e meu pai também não está ajudando muito.

Depois de pegar minha foto emoldurada de Nikki, subo até o sótão, ponho Nikki ao lado do meu travesseiro e entro no meu saco de dormir. Deixo as luzes acesas para que eu possa dormir olhando para o nariz sardento de Nikki, e é exatamente o que faço.

* * *

Quando abro os olhos, Kenny G está de pé em cima de mim, as pernas formando uma ponte sobre meu corpo, um pé de cada

lado de meu peito; os acordes sensuais de sintetizador iluminam suavemente a escuridão.

Lembranças da última vez que o Sr. G visitou o sótão de meus pais passam pela minha cabeça — meu pai me dando socos e pontapés, ameaçando me mandar de volta para o lugar ruim —, então fecho os olhos, murmuro uma única nota e, silenciosamente, conto até dez, esvaziando minha mente.

Mas Kenny G é determinado.

Mais uma vez, o Sr. G leva o sax soprano aos lábios e começa a tocar “Songbird”. Mantenho os olhos fechados, murmuro uma única nota e, silenciosamente, conto até dez, esvaziando minha mente, mas ele continua a soprar seu instrumento. A pequena cicatriz branca acima da minha sobrancelha direita começa a queimar e a coçar enquanto a melodia tremula em direção ao clímax. Quero desesperadamente bater meu punho contra minha testa, mas, em vez disso, permaneço com os olhos fechados, murmuro uma única nota e, silenciosamente, conto até dez, esvaziando minha mente.

Logo quando o jazz suave de Kenny G começa a parecer invencível...

Sete, oito, nove, dez.

De repente, silêncio.

Quando abro os olhos, vejo o rosto de Nikki, seu nariz cheio de sardas. Beijo o vidro do porta-retratos, sentindo-me muito aliviado porque Kenny G parou de tocar. Saio de meu saco de dormir, vasculho todo o sótão — afasto algumas caixas empoeiradas e outros itens, procurando atrás de fileiras de varais de roupas velhas —, e Kenny G se foi.

— Eu o derrotei — murmuro. — Ele não fez com que eu batesse na minha testa, e...

Vejo uma caixa com o nome “Pat” escrito e começo a experimentar aquela sensação ruim que tenho às vezes, quando algo de desagradável está para acontecer. Sinto como se estivesse com muita vontade de ir ao banheiro, embora eu saiba que não estou.

A caixa está nos fundos do sótão. Estava escondida sob um tapete bordado que afastei enquanto procurava Kenny G. Tenho de abrir caminho em meio à bagunça que fiz durante a busca, mas logo alcanço a caixa. Abro as abas no topo e vejo minha jaqueta de futebol da Collingswood High School. Retiro-a da caixa e ergo a coisa empoeirada. A jaqueta parece tão pequena. Acho que eu rasgaria as mangas de couro amarelo caso tentasse

vesti-la agora. Então, coloco a relíquia sobre outra caixa ali por perto. Quando volto a olhar dentro da caixa “Pat”, fico chocado e com medo, e começo a arrumar o sótão para que fique exatamente como estava antes de eu começar a procurar pelo Sr. G.

Quando o sótão está arrumado de novo, deito-me no saco de dormir com a sensação de que estou sonhando. Várias vezes durante a noite me levanto, afasto o tapete bordado e olho para a caixa “Pat”, só para ter certeza de que não estava alucinando antes. Toda vez que faço isso, seu conteúdo condena minha mãe e faz com que eu me sinta traído.

A letra da minha mãe aparece

O sol irrompe através da janela do sótão e toca meu rosto, aquecendo-o, até que eu abro os olhos e saúdo o dia com as pálpebras semicerradas. Depois de um beijo, devolvo Nikki à cômoda do meu quarto e descubro que mamãe ainda está dormindo na minha cama. Noto que o copo de água que deixei para ela está vazio, e fico contente por tê-lo deixado ali, mesmo estando com raiva da mamãe agora.

Enquanto desço a escada, sinto cheiro de algo queimando.

Chego à cozinha, e meu pai está diante do fogão. Está vestindo o avental vermelho da mamãe.

— Pai?

Quando meu pai se vira, vejo que ele está com uma espátula em uma das mãos e uma luva de forno rosa na outra. Atrás dele, a carne chia e uma espessa coluna de fumaça sobe em direção ao exaustor.

— O que você está fazendo?

— Cozinhando.

— Cozinhando o quê?

— Bife.

— Por quê?

— Estou com fome.

— Você está fritando o bife?

— Estou preparando o bife ao estilo cajun da Louisiana.

Escurecido.

— Será que não é melhor você baixar o fogo? — sugiro, mas ele volta para o que estava fazendo e continua a virar o bife de novo e de novo, então eu desço ao porão e começo a me exercitar.

O alarme de incêndio toca por cerca de quinze minutos.

Quando volto à cozinha duas horas depois, a frigideira que meu pai usou está preta e ainda em cima do fogão, agora todo engordurado, e há um prato e alguns talheres na pia. Meu pai está assistindo à ESPN em sua nova televisão, e o sistema de som surround parece fazer a casa tremer. O relógio do micro-ondas indica que são oito e dezessete da manhã. Minha mãe se esqueceu de meus remédios novamente, então pego os oito frascos, retiro as tampas e busco as cores certas. Logo eu tenho uma dúzia de comprimidos alinhados sobre o balcão, e confiro para ter certeza de que as cores são mesmo as que eu tomo todas as manhãs. Engulo todos os comprimidos, pensando que talvez minha mãe esteja me testando de novo e, embora tecnicamente esteja bravo com ela, também estou muito preocupado agora, então subo até meu quarto e vejo que ela ainda está dormindo. No andar de baixo, fico atrás do sofá e digo:

— Pai?

Mas ele me ignora, de modo que volto para a academia no porão e continuo a me exercitar, ouvindo os comentaristas da ESPN recapitulando os jogos universitários e falando sobre os próximos acontecimentos da NFL. Suas vozes chegam a mim com clareza através do piso acima de minha cabeça. Li no jornal

que os Eagles são favoritos no jogo contra o San Francisco, o que me deixa animado para assistir ao jogo com meu pai, que ficará de ótimo humor se os Eagles vencerem — e, portanto, mais propenso a falar comigo também.

No meio da manhã, mamãe desce ao porão, o que é um alívio, porque eu estava começando a me preocupar que ela estivesse realmente doente. Estou montado na bicicleta e — porque encontrei a caixa “Pat” na noite passada — apenas continuo a pedalar quando mamãe chama:

— Pat?

Não olho para minha mãe, mas, usando a visão periférica, vejo que ela tomou banho, está com o cabelo penteado, maquiada e usa um belo vestido de verão. Mamãe também cheira bem: lavanda.

— Você tomou seus comprimidos ontem à noite? — pergunta.

Confirmo com um gesto de cabeça.

— E hoje de manhã?

Repito o gesto.

— O Dr. Patel me disse que eu deveria ter deixado você controlar seus remédios logo que você voltou para casa, que este era um passo em direção à sua independência. Mas eu estava

sendo mãe quando você não precisava que eu agisse como uma mãe. Então, parabéns, Pat.

É estranho ela me dar os parabéns, especialmente porque não ganhei nenhum prêmio ou nada parecido, mas só consigo pensar no que aconteceu ontem à noite, em por que mamãe chegou em casa bêbada. Então pergunto:

— Onde você esteve ontem à noite? Saiu com as amigas?

De soslaio outra vez, eu a observo olhar para o velho tapete marrom abaixo de nós.

— Obrigada por ter me colocado na cama ontem à noite. A água e o Tylenol ajudaram. Foi meio que uma inversão de papéis, hein? Bem, eu gostei do seu gesto. Obrigada, Pat.

Percebo que ela não respondeu a minha pergunta, mas não sei o que dizer, então não digo nada.

— Seu pai tem sido um ogro ultimamente, e simplesmente cansei. Então vou fazer algumas exigências, e as coisas vão mudar um pouco por aqui. Ambos os meus homens vão começar a cuidar um pouco mais de si. Você precisa tocar sua vida, e estou cansada da maneira como seu pai me trata.

De repente esqueço tudo sobre a caixa “Pat” e olho para minha mãe enquanto pedalo.

— Você está brava comigo? Fiz alguma coisa errada?

— Não estou brava com você, Pat. Estou, sim, brava com seu pai. Ele e eu tivemos uma longa conversa ontem à tarde, enquanto você estava correndo. As coisas talvez fiquem um pouco tensas aqui em casa durante algumas semanas, mas acho que vai ser melhor para todos nós a longo prazo.

Um pensamento terrível me ocorre e me apavora.

— Você não vai nos deixar, mãe, vai?

— Não. Não vou — responde minha mãe me olhando nos olhos, o que me faz acreditar cem por cento no que ela está dizendo. — Eu nunca deixaria você, Pat. Mas vou, sim, sair hoje, porque estou farta dos jogos dos Eagles. Vocês dois vão ter que se virar com a comida sozinhos.

— Aonde você vai? — pergunto, pedalando mais rápido.

— Sair — responde minha mãe.

Em seguida, ela beija a pequena cicatriz branca em minha testa suada e vai embora.

* * *

Fico tão nervoso com o que mamãe me disse que não como nada o dia inteiro. Apenas bebo minha água e faço minha série de exercícios. Como os Eagles vão jogar às quatro e quinze,

completo a série. Durante todo o tempo, espero secretamente que meu pai desça ao porão e me convide para assistir ao jogo da NFL de uma da tarde, mas ele não aparece.

No meio da tarde subo do porão e paro atrás do sofá por um segundo.

— Pai? — chamo. — Pai?

Ele me ignora e continua assistindo ao jogo de uma da tarde, e eu nem sequer olho para ver quem está jogando, porque estou muito nervoso com o que minha mãe me disse. Visto o saco de lixo e torço para que Tiffany esteja lá fora, porque realmente gostaria de conversar com alguém. Mas depois de me alongar por quinze minutos, Tiffany não aparece, e então corro sozinho, pensando que é engraçado que, quando quero correr sozinho, Tiffany está sempre ali me esperando, mas hoje não está.

Estou com muita fome, e a dor no meu estômago aumenta enquanto corro, coisa que eu aprecio, porque significa que estou perdendo peso e, bem, tenho a sensação de que talvez tenha engordado um pouco na semana passada, especialmente depois de beber cerveja com Jake no último fim de semana. Isso me lembra de que não falo com Jake desde que os Eagles perderam para os Giants e me pergunto se ele virá assistir ao jogo comigo e

com papai hoje. Já que a dor ficou mais aguda, decido correr mais do que o normal, forçando-me a ir além. Fora isso, estou com um pouco de medo de ir para casa, agora que minha mãe me deixou sozinho com meu pai o dia todo, e não sei o que ela quis dizer com “mudanças”. Continuo desejando que Tiffany estivesse correndo comigo para que eu pudesse conversar com ela e dizer como me sinto, o que é um desejo estranho, já que ela geralmente nunca diz muito em resposta, e na última vez que tentei falar com ela sobre os meus problemas ela começou a xingar em voz muito alta em um lugar público e disse coisas realmente terríveis sobre Nikki. Ainda assim, começo a ter a impressão de que Tiffany é minha melhor amiga, o que é meio estranho e assustador.

Ao fim da corrida, desço minha rua e não vejo o BMW prateado de Jake. Talvez ele tenha pegado o trem na Filadélfia. Torço para não ser deixado sozinho com meu pai durante o jogo, mas de alguma forma sei que é exatamente isso que vai acontecer.

Quando entro em casa, meu pai ainda está sozinho no sofá, agora com a camiseta de McNabb e assistindo ao final do jogo de uma da tarde. Há uma pequena coleção de garrafas de cerveja

aos seus pés, como pinos de boliche.

— Jake vem? — pergunto ao meu pai.

Mas ele me ignora novamente.

No andar de cima, tomo banho e visto minha camiseta de Hank Baskett.

Quando chego à sala de estar, a preparação do jogo dos Eagles está começando, então me sento na ponta do sofá que não está ocupada pelo meu pai.

— Que droga de barulho é esse? — pergunta meu pai, e então abaixa o volume.

Percebo que meu estômago está fazendo estranhos barulhos borbulhantes, mas respondo:

— Não sei.

E meu pai aumenta o volume outra vez.

Como eu imaginava, a nova televisão é incrível. Os jogadores se aquecendo no campo parecem em tamanho real, e a qualidade do som me faz sentir como se eu estivesse em São Francisco, sentado na linha de cinquenta jardas. Percebendo que meu irmão não vai conseguir chegar antes do início do jogo, fico de pé quando entra um comercial e grito:

— Ahhhhhhhhh!

Mas meu pai me olha como se quisesse me dar um soco na cara outra vez. Então me sento e não digo mais nada.

O locutor anuncia que Donté Stallworth teve uma contusão inesperada, então começo a torcer para que Baskett receba mais lançamentos, já que o receiver oficial dos Eagles está fora do jogo.

Os Eagles armam uma boa jogada e marcam ponto em sua primeira posse de bola com um passe para Westbrook, momento em que o humor de meu pai muda completamente. Ele estica o braço por cima do sofá e bate na minha coxa diversas vezes, repetindo:

— Touchdown, Eagles! Touchdown, Eagles!

Começo a me sentir esperançoso em relação a meu pai, mas, quando os Eagles dão a saída de bola, ele volta a ser pessimista, dizendo:

— Não comemore demais. Lembre-se do que aconteceu na semana passada.

E é quase como se ele estivesse falando sozinho, avisando a si mesmo de não ser excessivamente otimista.

A defesa se mantém forte, e o atacante L. J. Smith marca um touchdown a apenas alguns minutos do fim do primeiro quarto,

marcando 13-0. Embora no passado os Eagles já tenham perdido mesmo depois de abrirem grandes vantagens, parece seguro dizer que hoje os Birds são o time superior. Meu pensamento se confirma quando Akers marca o ponto extra e meu pai pula de seu assento e começa a cantar “Voem, Eagles voem”. Então eu pulo e canto com ele, e ambos entoamos o grito de guerra, soletrando com nossos braços e pernas:

— E!-A!-G!-L!E!-S! EAGLES!

No intervalo, meu pai me pergunta se estou com fome e, quando respondo que sim, ele pede uma pizza e me traz uma Bud da geladeira. Com os Eagles ganhando de 14-0, ele é todo sorrisos, e enquanto saboreamos a nossa cerveja, ele diz:

— Agora, tudo de que precisamos é que seu menino Baskett consiga uma ou duas recepções.

Como se as palavras de meu pai fossem uma prece atendida, o primeiro arremesso bem-sucedido de McNabb no segundo quarto é para Baskett, a oito jardas. Meu pai e eu torcemos em altos brados pelo novato que ainda não assinou contrato com o time.

A pizza chega durante o intervalo, e os Eagles estão ganhando de 24-3.

— Se Jake estivesse aqui — diz meu pai —, este dia seria perfeito.

Meu pai e eu estivemos tão felizes que me esqueci que Jake não está conosco.

— Onde está Jake? — pergunto, mas meu pai me ignora.

No terceiro quarto, o running back do San Francisco perde a bola na linha de uma jarda dos Eagles e o tackle defensivo Mike Patterson pega a bola e corre em direção à linha de finalização do campo adversário. Meu pai e eu estamos de pé, aplaudindo o atacante de cento e cinquenta quilos enquanto ele atravessa toda a extensão do campo, e os Eagles marcam 31-3.

O San Francisco marca alguns touchdowns ao fim da segunda metade, mas não importa, porque a vitória está fora de seu alcance, e os Eagles ganham de 38-24. Ao fim do jogo, meu pai e eu cantamos “Voem, Eagles, voem” e entoamos o hino uma última vez, celebrando a vitória, e depois meu pai simplesmente desliga a televisão e volta para seu escritório, sem nem mesmo se despedir de mim.

A casa fica muito silenciosa.

Umas dez garrafas de cerveja estão espalhadas no chão, a caixa de pizza, ainda sobre a mesa de centro, e eu sei que a pia

está cheia de louça empilhada, além da frigideira em que meu pai fritou seu bife de manhã. Como estou praticando ser gentil, acho que devo ao menos limpar a sala de estar para que mamãe não tenha de fazê-lo. Levo as garrafas de Bud para a lata de reciclagem na garagem e jogo a caixa da pizza na lata de lixo do lado de fora. Quando volto para dentro de casa, há alguns guardanapos usados no chão e, ao me abaixar para pegá-los, vejo uma bola de papel amassado embaixo da mesa de centro.

Pego a bola, desamasso-a e percebo que não é um, são na verdade dois pedaços de papel. A letra da minha mãe aparece. Aliso os papéis sobre a mesa de centro.

Patrick,

Preciso lhe dizer que não permitirei mais que você ignore as decisões que tomamos juntos, nem permitirei que você me trate mal, sobretudo na frente dos outros. Encontrei um novo amigo que me incentivou a me impor mais em um esforço para obter o seu respeito. Saiba que estou fazendo isso para salvar nosso casamento.

Suas opções:

1.Devolva a televisão monstruosa que você comprou, e tudo voltará ao normal.

2.Fique com a televisão monstruosa, e você deve concordar com as seguintes exigências:

A.Você deve jantar à mesa comigo e com Pat cinco vezes por semana.

B.Você deve caminhar durante meia hora, seja com Pat ou comigo, cinco noites por semana.

C.Você deve ter uma conversa diária com Pat, durante a qual lhe fará ao menos cinco perguntas e ouvirá as respostas, que você deverá relatar para mim todas as noites.

D.Você deverá participar de alguma atividade recreativa uma vez por semana comigo e com Pat, como jantar em um restaurante, ver um filme, ir ao shopping, jogar basquete no quintal etc.

O não cumprimento das opções 1 ou 2 me forçará a entrar em greve. Não limparei mais a casa, não comprarei ou prepararei sua comida, não lavarei suas roupas, nem compartilharei sua cama. Até que você declare qual opção você quer seguir, considere sua esposa em greve.

Com as melhores intenções,

Jeanie

Não é do feitio da mamãe ser assim tão firme com papai, e eu me pergunto se o “novo amigo” a orientou na redação da carta de duas páginas. É muito difícil imaginar papai devolvendo a nova televisão, especialmente depois de assistir à vitória dos Eagles no novo aparelho. A compra será com certeza considerada um bom augúrio, e meu pai vai querer assistir ao jogo dos Eagles da semana que vem na mesma televisão para não dar azar para os Birds, o que é compreensível. Mas as exigências que a mamãe fez — especialmente a que diz que meu pai terá de falar comigo todas as noites — também parecem incrivelmente improváveis, embora eu ache que seria legal jantarmos juntos, como uma família, e talvez até ir a um restaurante, mas não ao cinema, já que agora só estou disposto a assistir ao filme da minha própria vida.

De repente, sinto necessidade de falar com meu irmão, mas não sei o número do telefone dele. Encontro a agenda no armário em cima do fogão e ligo para o apartamento de Jake. Uma mulher atende ao terceiro toque. Sua voz é linda.

— Alô? — atende ela.

Sei que não é meu irmão do outro lado, mas ainda assim digo:

— Jake?

— Quem está falando?

— É Pat Peoples. Estou à procura de meu irmão, Jake. Quem é você?

Ouço a mulher cobrir o telefone com a mão, e então a voz de meu irmão soa alta e clara:

— Você viu aquela roubada de bola de noventa e oito jardas? Você viu a corrida do Patterson?

Quero perguntar sobre a mulher que atendeu o telefone de meu irmão, mas estou com um pouco de medo de descobrir quem ela é. Talvez eu já devesse saber, mas de algum modo me esqueci. Então falo simplesmente:

— Sim, vi.

— Muito incrível, cara. Não sabia que um tackle defensivo podia correr tanto.

— Por que você não veio assistir ao jogo comigo e com papai?

— Sinceramente?

— Sim.

— Não posso mentir para meu irmão. Mamãe me ligou hoje de manhã e pediu para eu não ir. Então fui a um bar com Scott. Ela também ligou para Ronnie. Eu sei disso porque Ronnie me ligou para se certificar de que estava tudo bem. Eu disse a ele

para não se preocupar.

— Por quê?

— Ele tem motivo para se preocupar?

— Não. Por que mamãe pediu que você e Ronnie não viessem?

— Ela disse que isso lhe daria a chance de ficar sozinho com papai. Que isso forçaria papai a falar com você. Então, ele falou?

— Um pouco.

— Bem, isso é bom, não é?

— Encontrei um bilhete da mamãe para o papai.

— Quê?

— Encontrei um bilhete da mamãe para o papai.

— Entendi. Dizendo o quê?

— Eu vou ler para você.

— Vá em frente.

Leio o bilhete para ele.

— Caramba. Mamãe mandou bem.

— Você sabe que agora ele não vai devolver a televisão, não é?

— Não depois da vitória de hoje.

— Pois é, e estou preocupado que papai não seja capaz de atender às exigências dela.

— Bem, provavelmente não, mas talvez ele tente, pelo menos, certo? E tentar seria bom para ele. E para mamãe.

Jake muda de assunto mencionando a jogada de Baskett no segundo quarto, que acabou sendo a sua única recepção do jogo.

Meu irmão não quer mais falar sobre nossos pais. Ele diz:

— Baskett está crescendo. Ele é um novato que ainda não assinou contrato, e está conseguindo recepções. Isso é incrível.

Mas não me parece nada incrível. Jake diz que está ansioso para me ver na próxima segunda-feira à noite, quando os Eagles jogarão contra os Green Bay Packers. Ele me convida para almoçar na cidade antes de irmos ao esquenta no estacionamento com Scott e os homens gordos, e então desligamos o telefone.

Está ficando tarde, e minha mãe ainda não voltou.

Começo a ficar preocupado com ela, então lavo todos os pratos. Por uns bons quinze minutos, esfrego — com palha de aço — a frigideira que meu pai queimou. Passo aspirador na sala de estar. Papai deixou cair um pouco de molho de pizza no sofá, então pego um spray de limpeza no armário do corredor e faço o melhor que posso para remover a mancha, esfregando levemente e, em seguida, com um pouco mais de força em movimentos

circulares, como está escrito na lateral da embalagem. Minha mãe chega em casa quando estou de joelhos limpando o sofá.

— Seu pai mandou você limpar a bagunça dele? — pergunta minha mãe.

— Não — respondo.

— Ele falou para você sobre a carta que escrevi para ele?

— Não, mas eu a encontrei.

— Bem, então você sabe. Não quero que você limpe nada, Pat. Vamos deixar este lugar apodrecer até seu pai entender o recado.

Quero dizer para ela que encontrei a caixa “Pat” no sótão, quero dizer que senti muita fome hoje, que realmente não quero viver em uma casa imunda e que preciso fazer uma coisa de cada vez — conseguir o fim do tempo separados em primeiro lugar —, mas mamãe parece muito determinada, e quase orgulhosa.

Então, concordo em ajudá-la a deixar a casa imunda. Ela diz que vamos pedir comida e que, quando meu pai não estiver lá, tudo será como era antes de ela escrever aquele bilhete, mas que, quando meu pai estiver em casa, seremos desleixados. Digo para minha mãe que, enquanto ela estiver em greve, ela pode dormir na minha cama, já que quero dormir no sótão mesmo. Quando

ela diz que vai dormir no sofá, insisto em que ela fique na minha cama, e ela agradece.

— Mãe? — chamo quando ela se volta para sair.

Ela olha para mim.

— Jake tem uma namorada? — pergunto.

— Por quê?

— Liguei para ele hoje e uma mulher atendeu o telefone.

— Talvez ele tenha uma namorada, sim — responde ela, e vai embora.

A indiferença que minha mãe demonstra em relação à vida amorosa de Jake me dá a impressão de que estou esquecendo alguma coisa. Se Jake estivesse com uma namorada nova e mamãe não soubesse disso, ela teria me feito um milhão de perguntas. Sua falta de interesse indica que mamãe está escondendo um segredo, talvez algo maior do que o que encontrei na caixa “Pat”. Mamãe deve estar me protegendo, eu acho, mas ainda quero saber do quê.

Invasão Asiática

Depois de uma série de exercícios relativamente curta e uma corrida ainda mais breve — e silenciosa — com Tiffany, pego um

trem para a Filadélfia. Seguindo as instruções de Jake, desço a Market Street em direção ao rio, viro à direita na rua Dois e sigo a rua até seu prédio.

Quando chego ao endereço, surpreendo-me ao descobrir que Jake mora em um arranha-céu com vista para o rio Delaware. Preciso dizer meu nome ao porteiro e o de quem vou visitar antes que ele me permita entrar no edifício. É apenas um homem velho que veste um uniforme esquisito e diz “Força, Eagles” quando vê minha camiseta do Baskett, mas saber que meu irmão tem um porteiro é um tanto impressionante, independentemente do uniforme do sujeito.

No elevador, outro velho usando um tipo diferente de uniforme esquisito — tem até um desses chapéus de macaco, sem abas — me leva ao décimo andar depois que eu lhe informo o nome do meu irmão.

As portas do elevador se abrem e eu atravesso um corredor azul, pisando sobre um espesso tapete vermelho. Quando encontro o número 1.021, bato na porta três vezes.

— E aí, Baskett? — cumprimenta meu irmão depois de abrir a porta. Ele está usando sua camiseta comemorativa de Jerome Brown, porque hoje é dia de jogo outra vez. — Entre.

Há uma enorme janela na sala de estar e posso ver a ponte Ben Franklin, o Aquário de Camden e pequenos barcos flutuando no rio Delaware. É uma vista linda. Imediatamente noto que meu irmão tem uma televisão de tela plana tão fina que poderia ser pendurada na parede como um quadro. E é ainda maior do que a televisão do papai. Mas o mais estranho de tudo é que há um pequeno piano de cauda na sala de estar.

— O que é isso? — pergunto.

— Olha só — diz Jake.

Ele se senta no banco do piano, ergue a tampa do teclado e começa a tocar. Fico impressionado que ele saiba tocar “Voem, Eagles, voem”. A versão não é nada de mais, apenas uma progressão de acordes simples, mas é definitivamente o hino dos Eagles. Quando Jake começa a cantar, canto junto com ele. Quando termina, entoamos o grito de guerra, e então Jake me diz que tem tido aulas de piano nos últimos três anos. Ele ainda toca outra música para mim, muito diferente de “Voem, Eagles voem”. Essa música me é familiar, surpreendentemente suave, como um gatinho andando sobre grama alta, e parece muito improvável que Jake tenha composto algo tão bonito. Chego a sentir meus olhos umedecerem enquanto meu irmão toca com os

olhos fechados, movendo o tronco para a frente e para trás, seguindo o ritmo da música, o que também é engraçado, porque ele está vestindo uma camiseta dos Eagles. Ele comete alguns erros, mas eu nem ligo, porque ele está se esforçando muito para tocar a música corretamente para mim e é isso que importa, não é?

Quando termina, aplaudo bem alto e Jake pergunto o que ele estava tocando.

— Pathétique. Sonata para Piano número 8. Beethoven. Parte do segundo movimento. Adagio cantabile — explica Jake. — Você gostou?

— Muito. — Estou realmente impressionado. — Quando você aprendeu a tocar?

— Quando Caitlin veio morar comigo, ela trouxe o piano e tem me ensinado tudo sobre música desde então.

Começo a me sentir tonto, porque nunca ouvi falar dessa tal Caitlin, e acho que meu irmão acabou de dizer que ela mora aqui com ele, o que significa que ele está em um relacionamento sério sobre o qual não sei absolutamente nada. Isso não parece correto. Irmãos devem saber sobre as companheiras uns dos outros. Finalmente consigo dizer:

— Caitlin?

Meu irmão me leva até seu quarto, onde há uma cama enorme com dossel de madeira e dois grandes armários combinando que parecem guardas, um de frente para o outro. Ele pega um porta-retratos com uma foto em preto e branco sobre a mesa de cabeceira e o entrega para mim. Na foto, o rosto de Jake está pressionado contra o de uma linda mulher. Ela tem o cabelo louro e curto, cortado quase como o de um homem, e tem um ar muito delicado, mas é bonita. Ela está de vestido branco. Jake está de smoking.

— Esta é Caitlin — diz Jake. — Às vezes ela toca na Orquestra da Filadélfia e faz muitas gravações em Nova York também. É pianista clássica.

— Por que eu nunca ouvi falar de Caitlin?

Jake tira o retrato da minha mão e o coloca sobre a cômoda. Nós caminhamos de volta para a sala e nos sentamos em seu sofá de couro.

— Eu sabia que você estava chateado por causa da Nikki, então não queria lhe dizer que eu estava... bom... muito bem casado.

Casado? A palavra me atinge como uma onda gigante e, de

repente, estou encharcado de suor.

— Mamãe até tentou tirar você daquele lugar em Baltimore para assistir à cerimônia, mas você tinha acabado de ser internado e eles não quiseram deixá-lo sair. Mamãe não queria que eu lhe contasse sobre Caitlin ainda, por isso não contei no começo, mas você é meu irmão, e agora que está em casa queria que soubesse da minha vida, e Caitlin é a melhor parte dela. Contei tudo sobre você para ela, e, se você quiser, pode conhecê-la hoje. Pedi para ela sair esta manhã, enquanto eu lhe dava a notícia. Posso ligar para ela agora e podemos almoçar juntos antes de descermos até o Linc. Então, você quer conhecer minha esposa?

Quando dou por mim, estou em um pequeno e elegante café na South Street, sentado diante de uma linda mulher que segura a mão do meu irmão debaixo da mesa e sorri incessantemente para mim. Jake e Caitlin conduzem a conversa, e é muito semelhante a quando estou com Veronica e Ronnie. Jake responde a maioria das perguntas que Caitlin me faz, porque não estou falando muito mesmo. Nenhuma menção é feita a Nikki, ao tempo que passei no lugar ruim ou a quão estranho é o fato de Caitlin estar casada com meu irmão há anos sem que eu a tenha

conhecido. Quando o garçom vem, digo que não estou com fome porque não tenho muito dinheiro comigo, apenas os dez dólares que minha mãe me deu para pagar o metrô, uma vez que já gastei cinco dólares na passagem de trem. Mas meu irmão faz pedidos para nós três e diz que é por sua conta, o que é legal da parte dele. Comemos sanduíches de presunto sofisticados com uma espécie de pasta de tomates secos, e, quando termino, pergunto a Caitlin se a cerimônia foi bonita.

— Que cerimônia? — pergunta ela, e eu a pego olhando para a pequena cicatriz branca acima de minha sobrancelha direita.

— A cerimônia do seu casamento.

— Ah! — exclama ela, e então olha carinhosamente para meu irmão. — Sim. Foi muito bonita. Fizemos a missa na Catedral de St. Patrick, em Nova York, e depois uma pequena recepção no New York Palace.

— Há quanto tempo estão casados?

Meu irmão lança um olhar para a esposa que eu não deixo de perceber.

— Já faz algum tempo — explica ela.

Isso me deixa louco, porque todo mundo aqui sabe que eu não me lembro dos últimos anos — e, como ela é mulher, Caitlin

sabe exatamente há quanto tempo está casada com Jake. É óbvio que está sendo vaga para tentar me proteger. Isso faz com que eu me sinta péssimo, apesar de saber que Caitlin está tentando ser gentil.

Meu irmão paga a conta, e então acompanhamos Caitlin de volta até o apartamento. Jake beija sua mulher na portaria do edifício, e seu amor por ela é evidente. Mas então Caitlin dá um beijo na minha bochecha e, com o rosto a apenas poucos centímetros do meu, diz:

— Estou feliz por finalmente tê-lo conhecido, Pat. Espero que nos tornemos bons amigos.

Balanço a cabeça porque não sei mais o que dizer, e então Caitlin diz:

— Força, Baker!

— É Baskett, bobinha — diz Jake, e Caitlin fica vermelha antes de se beijarem outra vez.

Jake chama um táxi e diz ao motorista:

— City Hall.

No táxi, digo ao meu irmão que não tenho dinheiro para pagar o táxi, mas ele diz que eu nunca terei de pagar nada quando estiver em sua companhia, o que é gentil da parte dele, mas o

modo como diz isso me dá uma sensação um pouco estranha.

No subsolo do City Hall, compramos passagens de metrô, passamos por uma roleta e depois esperamos a Linha Laranja, que vai para o sul.

Embora seja apenas uma e meia da tarde e o jogo só vá começar daqui a sete horas, e, apesar de ser segunda-feira, dia em que a maioria das pessoas tem de trabalhar, muitos homens usando camisetas dos Eagles já estão esperando na plataforma. Isso me faz perceber que Jake não está trabalhando hoje — e me faz perceber que nem mesmo sei o que Jake faz da vida, o que realmente começa a me assustar. Penso bem e lembro que meu irmão cursava administração na faculdade, mas não consigo lembrar onde ele trabalha, então pergunto a ele.

— Sou corretor de opções — responde.

— O que é isso?

— Trabalho no mercado de ações.

— Ah! — exclamo. — Para quem você trabalha?

— Para mim mesmo.

— Como assim?

— Trabalho para mim mesmo e realizo todos os meus negócios pela internet. Sou autônomo.

— E é por isso que você pode largar o trabalho tão cedo para sair comigo.

— Essa é a melhor parte de ser autônomo.

Fico muito impressionado com a capacidade de Jake de sustentar a si mesmo e à sua esposa atuando no mercado de ações, mas ele não quer falar sobre trabalho. Ele acha que não sou inteligente o bastante para entender o que ele faz; Jake nem tenta me explicar.

— Então, o que achou de Caitlin? — pergunta.

Mas o trem chega, e nós nos juntamos à manada de torcedores dos Eagles antes que eu possa responder.

— O que você achou de Caitlin? — pergunta novamente depois que encontramos lugares para nos sentarmos e o trem começa a se mover.

— Ela é ótima — respondo, evitando contato visual com meu irmão.

— Você está com raiva de mim porque eu não lhe contei sobre Caitlin logo de cara.

— Não, não estou.

Quero contar tudo para ele: que Tiffany me segue quando corro; que encontrei a caixa “Pat”; que mamãe ainda está em

greve e que há pratos sujos na pia e que papai fez as camisetas brancas dele ficarem cor-de-rosa quando as lavou; que meu terapeuta, o Dr. Cliff, diz que eu preciso ficar neutro e não me envolver nos problemas conjugais dos meus pais, apenas me concentrar em melhorar minha própria saúde mental — mas como posso fazer isso quando meu pai e minha mãe estão dormindo em quartos separados, e papai está sempre me dizendo para limpar a casa enquanto minha mãe me diz para deixar tudo sujo? —, e que já estava sendo difícil para mim manter a cabeça no lugar antes de descobrir que meu irmão toca piano, negocia ações na bolsa de valores e está morando com uma bela musicista, e que eu perdi seu casamento de gala e, portanto, nunca verei meu irmão se casar, o que é algo que eu queria muito ter visto, porque amo meu irmão. Mas, em vez de dizer qualquer uma dessas coisas, digo:

— Jake, estou com um pouco de medo de encontrar aquele torcedor dos Giants de novo.

— É por isso que você está tão quieto hoje? — pergunta meu irmão, como se ele tivesse esquecido tudo que aconteceu no último jogo. — Duvido que um torcedor dos Giants apareça no jogo do Green Bay, mas de qualquer forma vamos ficar em um

estacionamento diferente para o caso de algum amigo daquele babaca estar nos procurando. Você está comigo. Não se preocupe. Os caras gordos estão armando a tenda no estacionamento atrás do Wachovia Center. Não precisa se preocupar mesmo.

* * *

Quando chegamos ao cruzamento da Broad com a Pattison, saímos do vagão do metrô e subimos de volta à luz do dia. Sigo meu irmão em meio à pequena multidão de torcedores fanáticos que — assim como nós — começam a festejar no estacionamento sete horas antes do começo do jogo, em plena segunda-feira. Passamos pelo Wachovia Center e, quando avistamos a tenda verde dos homens gordos, não posso acreditar no que vejo.

Os homens gordos estão do lado de fora da tenda com Scott e estão gritando com alguém escondido atrás da circunferência coletiva deles. Um imenso ônibus escolar pintado de verde avança lentamente em direção à nossa tenda. No capô do ônibus há uma pintura de Brian Dawkins, e a semelhança é incrível. (Dawkins é um Pro Bowler regular, free safety dos Birds.) À medida que nos aproximamos, vejo as palavras A INVASÃO

ASIÁTICA escritas na lateral do ônibus, que está lotado de homens de pele morena. A essa hora da tarde o estacionamento está repleto de vagas livres, então me pergunto qual será o motivo da discussão.

Logo reconheço a voz que argumenta:

— A Invasão Asiática estaciona neste mesmo lugar em todos os jogos dos Birds desde que o Linc foi inaugurado. Isso dá sorte para os Eagles. Nós somos torcedores fanáticos dos Eagles, assim como vocês. Superstição ou não, estacionar nosso ônibus Invasão Asiática neste mesmo lugar é crucial para que os Birds ganhem esta noite.

— Nós não vamos mudar a nossa tenda de lugar — diz Scott.

— De jeito nenhum, porra. Vocês deviam ter chegado aqui mais cedo.

Os homens gordos reiteram a opinião de Scott, e as coisas começam a ficar tensas.

Vejo Cliff antes que ele me veja.

— Mudem a tenda de lugar — digo para nossos amigos.

Scott e os homens gordos voltam-se para mim. Parecem surpresos com a minha ordem, quase perplexos, como se eu os tivesse traído.

Meu irmão e Scott trocam um olhar, e, em seguida, Scott pergunta:

— Hank Baskett, o destruidor de torcedores dos Giants, diz “mudem a tenda de lugar”?

— Hank Baskett diz “mudem a tenda de lugar” — afirmo.

Scott se vira e encara Cliff, que fica chocado ao me ver. Scott diz:

— Hank Baskett diz “mudem a tenda de lugar”. Então mudamos a tenda de lugar.

Os caras gordos reclamam, mas começam a desmontar a tenda, e logo ela é transferida para um local a três vagas dali, perto da van de Scott, momento em que o ônibus da Invasão Asiática avança e estaciona. Uns cinquenta homens indianos saem do veículo, todos usando uma camiseta verde com o número 20 de Dawkins. Parecem um pequeno exército, e logo várias churrasqueiras são acesas e o cheiro de curry nos rodeia. Cliff foi discreto e não me cumprimentou, e percebo que essa foi a sua maneira de dizer: “Você é quem manda, Pat.” Ele simplesmente desapareceu em meio às outras camisetas do Dawkins para que eu não precisasse explicar a nossa relação, o que foi gentil da parte dele.

Quando nossa tenda termina de ser rearmada e os sujeitos gordos estão lá dentro assistindo à televisão, Scott diz:

— Ei, Baskett. Por que você deixou aqueles adoradores de vacas ficarem com o nosso lugar no estacionamento?

— Nenhum deles está adorando uma vaca — digo.

— Você conhece aquele baixinho? — pergunta Jake.

— Qual baixinho, eu?

Nós nos viramos e vemos Cliff com uma travessa de legumes e cubos de carne espetados em palitos de madeira.

— Kebabs. Espetinhos indianos. São deliciosos. Para vocês, por nos permitirem estacionar o ônibus Invasão Asiática no lugar de costume.

Cliff ergue a travessa e cada um de nós pega um kebab indiano. A carne é picante, mas deliciosa, assim como os legumes.

— E os sujeitos dentro da tenda? Será que eles também gostariam de um kebab?

— Ei, seus gordos! — grita Scott. — Comida.

Os homens gordos saem da tenda e participam da comilança. Logo todos estão balançando a cabeça e elogiando a comida deliciosa de Cliff.

— Desculpem o aborrecimento — diz Cliff, muito gentilmente.

Ele está sendo tão gentil — mesmo depois de ouvir Scott chamá-lo de adorador de vaca — que não posso deixar de apresentá-lo como um amigo, por isso digo:

— Cliff, este é meu irmão, Jake, meu amigo Scott, e... — esqueço os nomes dos homens gordos, então apenas digo — amigos de Scott.

— Merda — xinga Scott. — Era só você ter dito que era amigo do Baskett aqui e não teríamos enchido seu saco. Quer uma cerveja?

— Por favor — diz Cliff, colocando a bandeja vazia sobre o chão de concreto.

Scott entrega um copo de plástico verde para cada um de nós, todos nos servimos de garrafas de Yuengling Lager, e então estou bebendo cerveja com meu terapeuta. Fico com medo de que Cliff grite comigo por beber quando estou tomando remédios, mas ele não faz isso.

— Vocês se conhecem de onde? — pergunta um dos caras gordos, e percebo que ele está falando de mim e de Cliff.

Estou tão feliz por estar bebendo cerveja com Cliff que

respondo “Ele é meu terapeuta” antes que possa me lembrar de mentir.

— E somos amigos também — acrescenta Cliff rapidamente.

Isso me surpreende, mas faz com que eu me sinta muito bem, especialmente porque ninguém pergunta nada sobre o fato de eu precisar de um terapeuta.

— O que seus amigos estão fazendo? — pergunta Jake para Cliff.

Eu me viro e vejo uns dez sujeitos desenrolando enormes mantas de grama sintética.

— Eles estão estendendo os campos de Kubb.

— Quê? — perguntam todos.

— Venham comigo, vou mostrar a vocês.

E é assim que começamos a jogar o que Cliff chama de Jogo Sueco Viking enquanto esquentamos antes do futebol americano de segunda-feira à noite.

— Por que um bando de indianos joga um jogo sueco viking? — pergunta um dos homens gordos.

— Porque é divertido — responde Cliff, muito descolado.

Os indianos são muito generosos com a sua comida e também sabem muito sobre os Eagles. Eles explicam como funciona o

Kubb, que é um jogo no qual você arremessa bastões de madeira para derrubar os kubbs de seu oponente, que são blocos de madeira enfileirados em linhas opostas. Os kubbs derrubados são jogados no campo do adversário e erguidos onde caem. Para ser sincero, ainda não estou muito certo de como funciona tudo isso, mas sei que o jogo termina quando você limpa o campo do adversário de seus kubbs e derruba o rei kubb, que é o bloco de madeira mais alto, que fica no centro do campo de grama sintética.

Cliff me surpreende perguntando se pode ser meu parceiro de jogo. Durante toda a tarde, ele me diz em qual bloco devo mirar, e ganhamos muitos jogos entre turnos de espetinhos indianos e goles de nossa Yuengling Lager e da India Pale Ale da Invasão Asiática servidas em copos de plástico verde. Jake, Scott e os homens gordos se integram muito bem à festa da Invasão Asiática — temos indianos em nossa tenda e eles têm caras brancos em seus campos de Kubb —, e penso que, para que pessoas diferentes se entendam bem, basta o interesse comum por um time e algumas cervejas.

Volta e meia, um dos indianos grita “Ahhhhhhhhhhh!” e, quando todos entoamos o grito de guerra, somos mais de

cinquenta homens, e nosso “E!-A!-G!-L!-E!-S! Eagles!” é ensurdecedor.

Cliff é mortal com seus bastões de madeira. Ele praticamente carrega a nossa equipe nas costas enquanto jogamos Kubb contra diversas outras duplas, mas acabamos ganhando o torneio, que valia dinheiro e do qual eu nem sabia que estava participando até ganharmos. Um dos amigos de Cliff me dá cinquenta dólares. Cliff explica que foi Jake quem pagou minha taxa de inscrição no torneio, por isso tento dar o dinheiro para meu irmão, mas Jake não aceita. Finalmente, decido pagar rodadas de cerveja dentro do Linc e paro de discutir com meu irmão sobre dinheiro.

Depois que o sol se põe, quando está quase na hora de entrar no Lincoln Financial Field, pergunto a Cliff se posso falar com ele a sós, e, quando nos afastamos do ônibus da Invasão Asiática, digo:

— Tudo bem a gente estar fazendo isso?

— Isso o quê? — indaga ele, e seu olhar embaçado indica que ele está um pouco bêbado.

— Estarmos passando tempo juntos, como camaradas. O que meu amigo Danny chamaria de “representando”.

— Por que não?

— Bem, porque você é meu terapeuta.

Cliff sorri, ergue um dedo moreno e diz:

— O que eu disse? Quando não estou naquela cadeira reclinável de couro...

— Você é um camarada torcedor dos Eagles.

— É isso aí — diz ele, e me dá um tapinha nas costas.

* * *

Depois do jogo pego uma carona de volta para Jersey no ônibus da Invasão Asiática, e os indianos e eu cantamos “Voem, Eagles, voem” diversas vezes, porque os Eagles derrotaram os Packers por 31-9 em cadeia nacional. Quando os amigos de Cliff me deixam na frente de casa já passa da meia-noite, mas o motorista engraçado, que se chama Ashwini, toca a buzina do ônibus da Invasão Asiática — uma gravação especial de todos os seus cinquenta membros gritando “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!”. Fico preocupado que talvez eles tenham acordado toda a vizinhança, mas não posso deixar de rir quando o ônibus verde se afasta.

Meu pai ainda está acordado, sentado no sofá da sala de estar, assistindo à ESPN. Quando ele me vê, não diz oi, mas começa a cantar em voz alta “Voem, Eagles, voem. A caminho da vitória...”. Então canto a música mais uma vez com meu pai, e, quando

terminamos, ele continua a cantarolar o grito de guerra ao se dirigir para o quarto sem fazer uma única pergunta sobre o meu dia, que foi extraordinário para dizer o mínimo, mesmo que Hank Baskett só tenha conseguido duas recepções de vinte e sete jardas e ainda não tenha encontrado a zona de finalização. Penso em recolher as garrafas de cerveja vazias de meu pai, mas me lembro do que minha mãe disse sobre manter a casa imunda enquanto ela está em greve.

No porão, levanto pesos e tento não pensar que perdi o casamento de Jake, o que ainda me deixa um pouco triste, mesmo com a vitória dos Birds. Preciso gastar a cerveja e os kebabs indianos, então levanto pesos por várias horas.

Suportando a imundície relativa

Quando peço para ver as fotos do casamento de Jake, minha mãe se faz de boba.

— Que fotos de casamento? — pergunta ela.

Mas quando digo para ela que conheci Caitlin — que almoçamos juntos e que eu já aceitei a existência de minha cunhada —, minha mãe parece aliviada e diz:

— Bem, então acho que posso pendurar as fotos do

casamento novamente.

Ela me deixa sentado na sala de estar, junto à lareira. Quando volta, ela me entrega um pesado álbum de fotos encadernado em couro branco e começa a dispor grandes porta-retratos sobre o consolo da lareira: fotos de Jake e Caitlin anteriormente escondidas para o meu bem. Enquanto folheio as páginas do álbum de casamento do meu irmão, minha mãe também pendura alguns retratos de Jake e Caitlin nas paredes.

— Foi um dia lindo, Pat. Todos queríamos que você estivesse lá.

A imensa catedral e a recepção luxuosa indicam que a família de Caitlin deve ter o que Danny chama de “bufunfa”, então pergunto o que o pai de Caitlin faz da vida.

— Durante anos, ele foi violinista da Filarmônica de Nova York, mas agora dá aulas na escola de música Juilliard. Teoria musical. O que quer que isso signifique. — Mamãe termina de pendurar as fotos emolduradas e se senta ao meu lado no sofá.

— Os pais de Caitlin são gente boa, mas não são realmente o nosso tipo de gente, o que se tornou dolorosamente óbvio durante a recepção. Como eu me saí nas fotos?

Nas fotos, minha mãe está usando um vestido marrom-

chocolate e uma faixa vermelho-sangue sobre os ombros nus. A cor de seu batom combina perfeitamente com a da faixa, mas ela está usando muita maquiagem nos olhos, o que a faz parecer um guaxinim. Por outro lado, seu cabelo está arrumado com aquilo que Nikki chamaria de “um penteado clássico” e está muito bonito, então digo à minha mãe que ela é muito fotogênica, o que a faz sorrir.

O rosto do meu pai está tenso. Ele não parece à vontade em nenhuma das fotos, então pergunto se ele aprova Caitlin.

— No que diz respeito a seu pai, ela vem de um mundo diferente, e ele não gostou nem um pouco de interagir com os pais dela, mas está feliz por Jake, do jeito não expressivo dele, mas está — diz mamãe. — Ele entende que Caitlin faz seu irmão feliz.

Isso me faz pensar em como meu pai estava estranho no meu casamento, recusando-se a falar com alguém a menos que falassem com ele primeiro, e só então respondendo com monossílabos. Lembro-me de ter ficado com raiva de meu pai durante o jantar de ensaio do casamento, porque ele nem sequer olhava para Nikki, muito menos interagia com a família dela. Lembro-me de minha mãe e meu irmão me dizendo que papai

não lidava bem com mudanças, mas a explicação dos dois não significou nada para mim até o dia seguinte.

No meio da missa, o padre perguntou às pessoas presentes se elas incluiriam Nikki e eu em suas orações, e, conforme fomos instruídos, nos voltamos para ouvir a resposta. Instintivamente olhei para meus pais, curioso em saber se meu pai diria a palavra "incluiremos" com todos os outros presentes, como era esperado, e foi aí que eu o vi enxugar os olhos com um lenço e morder o lábio inferior. Seu corpo inteiro tremia de leve, como se ele fosse um velho. Foi uma visão muito estranha, meu pai chorando durante um casamento que até então parecia deixá-lo tão irritado. Aquele mesmo homem, que nunca demonstrava outra emoção além de raiva, estava chorando. Continuei olhando para meu pai e, quando se tornou óbvio que eu não voltaria a olhar para o padre, Jake, que era meu padrinho, teve de me dar uma cutucada para quebrar o encanto.

Sentado no sofá com minha mãe, pergunto:

— Quando Caitlin e Jake se casaram?

Minha mãe me olha de um modo estranho. Ela não quer mencionar a data.

— Sei que o casamento aconteceu enquanto eu estava no

lugar ruim, e também sei que estive lá durante anos. Já aceitei isso.

— Tem certeza de que você quer mesmo saber a data?

— Eu aguento, mamãe.

Ela olha para mim por um segundo, tentando decidir o que fazer, mas depois diz:

— Foi no verão de 2004. Sete de agosto. Eles estão casados há pouco mais de dois anos.

— Quem pagou pelas fotos do casamento?

Minha mãe ri.

— Você está brincando? Seu pai e eu jamais poderíamos pagar um álbum de casamento tão chique. Os pais de Caitlin foram muito generosos, montaram o álbum para nós, permitiram que ampliássemos as fotos que nós queríamos e...

— Eles deram os negativos para vocês?

— Por que eles nos dariam...

Ela deve ter visto a expressão que toma conta do meu rosto, porque para de falar imediatamente.

— Então, como você substituiu as fotos depois que o ladrão veio e roubou todas as fotos emolduradas da casa?

Minha mãe pensa na melhor forma de responder enquanto

espero por seu argumento. Ela começa a morder o interior de sua bochecha, como faz às vezes quando está ansiosa. Depois de um segundo, calmamente me diz:

— Liguei para a mãe de Caitlin, contei a ela sobre o roubo, e ela mandou fazer cópias na mesma semana.

— Então, como você explica isso? — digo, antes de tirar as fotos emolduradas do meu casamento com Nikki de trás da almofada, na outra extremidade do sofá.

Quando minha mãe não diz nada, eu me levanto e devolvo minha fotografia de casamento ao seu lugar de direito sobre o consolo da lareira. Em seguida, na parede junto à janela da frente, volto a pendurar a foto da minha família reunida em torno de Nikki em seu vestido de noiva, o véu branco espalhando-se pela grama em direção à câmera.

— Eu encontrei a caixa “Pat”, mãe. Se você realmente odeia Nikki tanto assim, é só me falar que penduro os retratos no sótão, onde durmo.

Minha mãe não diz nada.

— Você odeia Nikki? E se odeia, por quê?

Minha mãe não olha para mim. Ela passa as mãos pelo cabelo.

— Por que você mentiu para mim? Sobre o que mais você

mentiu?

— Desculpe-me, Pat. Mas eu menti para...

Mamãe não diz por que mentiu. Em vez disso, começa a chorar novamente.

Durante muito tempo, fico junto à janela olhando para a casa dos vizinhos do outro lado da rua. Parte de mim quer consolar mamãe — quer que eu sente ao lado dela e estenda um braço sobre seus ombros, especialmente porque sei que meu pai não fala com ela há mais de uma semana e está feliz pedindo comida em casa três vezes ao dia, lavando a própria roupa e suportando a imundície relativa. Peguei minha mãe arrumando aqui e ali, e sei que ela está um pouco aborrecida porque seu plano não está funcionando como ela esperava. Mas também estou bravo com minha mãe por ela ter mentido para mim, e mesmo que eu esteja praticando ser gentil em vez de ter razão, não consigo reconfortá-la agora.

Afinal, deixo minha mãe chorando no sofá. Troco de roupa e, quando saio para correr, Tiffany está me esperando.

Como se ele fosse Yoda e eu fosse Luke

Skywalker treinando no sistema Dagobah

Quando terminamos de discutir nossa vitória no torneio de Kubb e a extraordinária habilidade da Sra. Patel em pintar uma reprodução exata do rosto de Brian Dawkins sobre o capô de um ônibus escolar, escolho a poltrona preta e digo para Cliff que estou um pouco deprimido.

— O que houve? — pergunta ele, puxando sua alavanca e erguendo o apoio para os pés.

— Terrell Owens.

Cliff confirma com um gesto de cabeça, como se estivesse esperando que eu mencionasse o nome do wide receiver.

Eu não quis falar sobre isso antes, mas foi noticiado que Terrell Owens (ou T.O.) tentou se matar em vinte e seis de setembro. As notícias afirmaram que ele tomou uma overdose de um medicamento para dor. Depois, quando foi liberado do hospital, T.O. disse que não havia tentado se matar, então todos começaram a pensar que ele estava louco.

Lembro-me de T.O. como um jovem 49er, mas ele não estava na lista de 49ers quando eu assisti aos Eagles jogarem em São Francisco há algumas semanas. O que descobri lendo as páginas

de esportes foi que T.O. jogou para os Eagles quando eu estava no lugar ruim, e ele ajudou os Birds a chegarem ao Super Bowl XXXIX, do qual eu simplesmente não me lembro. (Talvez isso seja bom, já que os Eagles perderam, mas o fato de não me lembrar ainda faz com que eu me sinta maluco.) Aparentemente, T.O. pediu mais dinheiro no ano seguinte, disse coisas ruins sobre o quarterback dos Eagles, Donovan McNabb, foi suspenso na segunda metade da temporada e acabou sendo cortado do time, de modo que assinou contrato com o time que os torcedores dos Eagles mais odeiam: os Cowboys. Por causa disso, atualmente todo mundo na Filadélfia odeia T.O. mais do que qualquer outra pessoa no planeta.

— T.O.? Não se preocupe com ele — sugere Cliff. — Dawkins vai atingi-lo com tanta força que Owens vai ter medo de pegar qualquer bola no Linc.

— Não estou preocupado com as recepções e os touchdowns do T.O.

Cliff olha para mim por um instante, como se não soubesse como reagir, e em seguida diz:

— Diga-me o que o preocupa.

— Meu pai se refere a T.O. como um psicopata viciado em

remédios. E no telefone, esta semana, Jake também fez piadas sobre T.O. ter tomado aqueles remédios, chamando Owens de maluco.

— Por que isso o incomoda?

— Bem, as matérias que li nas páginas de esportes alegam que talvez T.O. estivesse lutando contra a depressão.

— Sim.

— Bem — digo —, isso indica que talvez ele precise de terapia.

— E...?

— Se Terrell Owens está realmente deprimido ou mentalmente instável, por que as pessoas que eu amo usam isso como uma desculpa para falar mal dele?

Cliff inspira profundamente.

— Humm.

— Será que meu pai não entende que eu também sou um psicopata viciado em remédios?

— Como seu terapeuta, posso afirmar que você claramente não é um psicopata, Pat.

— Mas eu tomo um monte de remédios.

— E ainda assim você não abusa deles.

Sei o que Cliff quer dizer, mas percebo que ele realmente não entende como eu me sinto, que é uma mistura de emoções muito complicadas e difíceis de expressar, e mudo de assunto.

* * *

Quando os Dallas Cowboys vêm à Filadélfia, a tenda dos homens gordos e o ônibus Invasão Asiática se juntam para fazer um superesquenta, que novamente conta com um torneio de Kubb sobre grama sintética, televisão por satélite, kebabs indianos e muita cerveja. Mas não consigo me concentrar na diversão, pois tudo ao meu redor é ódio.

A primeira coisa que noto são as camisetas estampadas que outros torcedores estão comprando, vendendo e usando. Tantos slogans e imagens diferentes. Uma delas tem o desenho de um menino urinando na estrela dos Dallas, e a legenda diz OS

DALLAS

SÓ

FAZEM

MERDA.

T.O.

COME...

COMPRIMIDOS. Outra camiseta tem a estampa de um grande

frasco de remédios com o símbolo universal de veneno no rótulo — um crânio sobre ossos cruzados — e TERRELL OWENS escrito embaixo. Outra versão apresenta o frasco de remédios na frente e uma arma nas costas, e a legenda diz: SE VOCÊ NÃO CONSEGUIR NA PRIMEIRA VEZ, COMPRE UMA ARMA.

Um grupo que está reunido perto de nós pregou a antiga camiseta dos Eagles usada por T.O. a uma cruz de três metros, que também está coberta com frascos de remédios cor de laranja iguaizinhos aos meus. Algumas pessoas estão queimando suas antigas camisetas de T.O. no estacionamento; bonecos em tamanho real e vestindo a camiseta dele foram pendurados de modo que as pessoas pudessem bater neles com bastões. E, mesmo que eu não goste dos Dallas Cowboys, sinto-me meio mal por Terrell Owens, porque talvez ele realmente seja um sujeito triste que está tendo problemas com sua mente. Quem sabe? Talvez ele tenha mesmo tentado se matar... E ainda assim todos zombam dele, como se sua saúde mental fosse uma piada, ou talvez eles queiram levá-lo ao extremo e só desejem mesmo ver T.O. morto.

Por causa de meus péssimos arremessos, Cliff e eu somos eliminados do torneio de Kubb, perdendo as cinco pratas que

meu irmão apostou para mim, e é então que Cliff me pede para ajudá-lo a trazer algumas caixas de India Pale Ale do ônibus Invasão Asiática. Quando estamos dentro do ônibus, ele fecha a porta e diz:

— O que houve?

— Nada — respondo.

— Você não estava nem prestando atenção para ver onde caíam os seus bastões de tão distraído que ficou durante os jogos de Kubb.

Não falo nada.

— O que houve?

— Você não está sentado em sua poltrona de couro.

Cliff senta-se, dá um tapinha no assento do ônibus e diz:

— Este vinil vai ter que servir por hoje.

Sento-me no banco na frente de Cliff e digo:

— Estou com pena de T.O. Só isso.

— Ele está ganhando milhões de dólares para suportar esse tipo de crítica. E ele prospera com isso. Ele provoca isso com aquelas danças arrogantes após cada touchdown. E essas pessoas não querem que T.O. morra de verdade, elas só não querem que ele jogue bem hoje. É tudo diversão.

Bem, eu sei o que Cliff quer dizer, mas isso não me parece nada divertido. E independentemente de T.O. ser ou não milionário, não acho que camisetas incentivando qualquer pessoa a dar um tiro na própria cabeça devam ser toleradas pelo meu terapeuta. Mas não digo nada.

Ao sair do ônibus, vejo que Jake e Ashwini estão na final do torneio de Kubb, então tento torcer por eles e bloquear o ódio que me cerca.

* * *

Dentro do Linc, durante toda a primeira metade do jogo, a multidão canta: “O.D... O.D., O.D., O.D... O.D... O.D.”, de overdose. Jake explica que a multidão costumava cantar: “T.O... T.O., T.O., T.O... T.O... T.O.” quando Owens era um Eagle.

Observo Owens na linha lateral, e mesmo que ainda não tenha feito muitas recepções, ele parece estar dançando no ritmo da multidão que canta O.D., e me pergunto se ele é mesmo imune a setenta mil pessoas zombando de sua quase overdose ou se ele se sente realmente diferente por dentro. Mais uma vez não consigo deixar de sentir pena do sujeito. Eu me pergunto o que faria se setenta mil pessoas zombassem de mim por eu ter esquecido os últimos anos de minha vida.

Quando chega o intervalo, Hank Baskett já conseguiu duas recepções de vinte e cinco jardas, mas os Eagles estão perdendo de 21-17.

Durante todo o segundo tempo, o Lincoln Financial Field está vivo. Nós, torcedores dos Eagles, sabemos que o primeiro lugar na NFC Leste está em jogo.

Com pouco menos de oito minutos para o fim do terceiro quarto, tudo muda.

McNabb faz um lançamento longo para o lado esquerdo do campo. Todos na minha seção se levantam para ver o que vai acontecer. O número 84 pega a bola em território dos Dallas, dribla um defensor, corre em direção à zona de finalização, e então estou no ar. Embaixo de mim estão Scott e Jake. Estou montado sobre os ombros deles. Todos em nossa seção me cumprimentam porque Hank Baskett finalmente marcou seu primeiro touchdown na NFL — um de oitenta e sete jardas — e é claro que estou usando a minha camiseta do Baskett. Os Eagles estão ganhando, e estou tão feliz que esqueço tudo sobre T.O. e começo a pensar em meu pai assistindo ao jogo em casa, em sua televisão enorme, e me pergunto se as câmeras de TV me enquadraram quando eu estava sobre os ombros de Jake e de

Scott. Talvez papai tenha me visto em tamanho real, celebrando em sua tela plana, e talvez esteja até orgulhoso.

Uma série de momentos tensos faz nosso coração disparar no final do último quarto de jogo, quando os Dallas estão reagindo, chegando a 31-24. Se eles marcarem, o jogo vai para a prorrogação. Mas Lito Sheppard intercepta Bledsoe e volta a bola para um touchdown, e todo o estádio canta o hino dos Eagles e grita as letras do nome do time, e o dia é nosso.

Quando acaba o jogo, procuro T.O. e o vejo sair correndo do campo e ir para o vestiário sem apertar a mão de um único Eagle. Ainda estou com pena dele.

Jake, Scott e eu saímos do Linc e corremos até o ônibus da Invasão Asiática, que é fácil de identificar de longe porque seus passageiros são cinquenta indianos, geralmente aglomerados, todos usando camisetas de Brian Dawkins.

“Basta procurar por cinquenta sujeitos usando o número 20”, é o que eles sempre dizem. Cliff e eu corremos na direção um do outro, celebramos e gritamos, e então todos os cinquenta indianos começam a cantar “Baskett, Baskett, Baskett!” e eu me sinto muito feliz. Ergo o pequeno Cliff sobre meus ombros e o levo de volta para o ônibus Invasão Asiática como se ele fosse

Yoda e eu, Luke Skywalker, treinando no Sistema Dagobah naquela cena do meio de O Império contra-ataca, que é, como já disse antes, um de meus filmes favoritos de todos os tempos. “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!”: cantamos diversas vezes enquanto atravessamos a multidão ao voltarmos para nosso lugar atrás do Wachovia Center, onde os homens gordos estão esperando com cervejas geladas para comemorarmos. Continuo abraçando Jake e cumprimentando Cliff com tapas de mão no alto e com encontrões de peito, e os homens gordos estão cantando com os indianos. Estou muito feliz. Estou incrivelmente feliz.

Quando a Invasão Asiática me deixa na frente de casa, já é tarde, por isso peço que Ashwini não toque a buzina com o grito de guerra dos Eagles, e ele concorda, relutante. No entanto, quando o ônibus faz a curva no final da minha rua, ouço cinquenta homens indianos cantando: “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!” Não posso deixar de sorrir ao entrar na casa de meus pais.

Estou pronto para meu pai. Depois de uma vitória tão importante — uma vitória que coloca os Eagles em primeiro lugar —, com certeza ele vai querer falar comigo. Mas, quando entro na sala de estar, não vejo ninguém. Não há garrafas de

cerveja no chão nem pratos na pia. Na verdade, a casa inteira parece impecável.

— Pai? Mãe? — chamo, mas ninguém responde.

Vi os carros deles na garagem quando cheguei em casa, então estou muito confuso. Começo a subir a escada, e a casa está mortalmente silenciosa. Dou uma olhada no meu quarto, minha cama está feita e o quarto está vazio. Bato à porta do quarto dos meus pais, mas ninguém responde. Abro a porta e imediatamente desejo não ter feito isso.

— Seu pai e eu fizemos as pazes após a vitória dos Eagles — explica minha mãe com um sorriso engraçado. — Ele quer ser um novo homem.

O lençol está puxado até o pescoço deles, mas de alguma forma sei que meus pais estão nus debaixo das cobertas.

— Esse seu amigo Baskett salvou a família — diz meu pai. — Hoje ele foi um deus em campo. E com os Eagles em primeiro lugar, pensei: por que não fazer as pazes com Jeanie?

Ainda assim, não consigo falar.

— Pat, você não quer correr? — sugere minha mãe. — Talvez uma corrida curta de meia hora?

Fecho a porta do quarto.

Enquanto visto meu traje de corrida, acho que ouço a cama de meus pais rangendo, e a casa parece tremer um pouco. Então, calço meus tênis, desço as escadas e saio pela porta da frente. Atravesso o parque, vou até os fundos da casa dos Webster e bato à porta de Tiffany. Quando ela atende, está usando uma espécie de camisola e sua expressão parece confusa.

— Pat? O que você está...

— Meus pais estão fazendo sexo — explico. — Neste exato momento.

Seus olhos se arregalam. Ela sorri e depois dá uma gargalhada.

— Deixa eu vestir uma roupa — diz ela, e depois fecha a porta.

* * *

Nós caminhamos durante horas, por toda Collingswood. A princípio eu divago e falo sobre T.O., Baskett, meus pais, Jake, a Invasão Asiática, sobre as fotos do meu casamento, sobre o fato de o ultimato de minha mãe estar realmente funcionando — sobre tudo, enfim —, mas Tiffany não diz nada em resposta. Quando minhas palavras se esgotam, simplesmente caminhamos e caminhamos e caminhamos, e por fim estamos na frente da casa dos Webster e é hora de dizer boa-noite. Estendo a mão e

falo:

— Obrigado por me ouvir.

Quando fica claro que Tiffany não vai apertar minha mão, começo a me afastar.

— Vire-se, olhos brilhantes — diz Tiffany.

Isso é uma coisa muito estranha para ela dizer, porque meus olhos são castanhos e não têm muito brilho, mas é claro que eu me viro.

— Vou lhe dar algo que vai confundi-lo, e talvez até o deixe furioso. Não quero que você abra até que esteja se sentindo muito relaxado. Hoje à noite está fora de questão. Espere alguns dias e, quando estiver se sentindo feliz, abra esta carta.

Ela puxa um envelope branco do bolso e o entrega para mim.

— Guarde no seu bolso — diz ela, e eu obedeço, principalmente porque Tiffany parece mesmo séria. — Não vou correr com você até receber sua resposta. Vou deixá-lo em paz para pensar. Independentemente do que decidir, você não pode contar

para

ninguém

o

que
está
dentro
deste
envelope. Entendeu? Se você contar para alguém, até para seu terapeuta, eu vou saber só de olhar nos seus olhos, e nunca mais vou falar com você. É melhor você simplesmente seguir minhas instruções.

Meu coração está disparado. Do que Tiffany está falando?

Tudo que quero é abrir o envelope agora.

— Você tem de esperar ao menos quarenta e oito horas antes de abrir isso. Tenha certeza de que está de bom humor quando for ler a carta. Pense bem, e então me dê sua resposta. Lembre-se, Pat, eu posso ser uma amiga muito valiosa, mas você não vai querer que eu seja sua inimiga.

Lembro-me da história que Ronnie me contou sobre como Tiffany perdeu o emprego, e começo a ficar com muito medo.

Exigirei o primeiro lugar

— Pergunta número um — diz meu pai. — Quantos touchdowns McNabb vai marcar contra os Saints?

Mal posso acreditar que estou realmente comendo à mesa com meu pai. Mamãe sorri para mim enquanto enrola espaguete no garfo. Ela chega a dar uma piscadela. Bem, não me levem a mal, estou feliz que o plano de minha mãe tenha funcionado e me sinto muito contente por fazer uma refeição com meu pai, e até conversar com ele — estou especialmente feliz por ver meus pais brincando com o amor novamente —, mas também conheço meu pai e fico preocupado que uma simples derrota dos Eagles o faça voltar a ficar de mau humor. Eu me preocupo com minha mãe, mas decido viver o momento.

— Dez touchdowns — respondo para meu pai.

Papai sorri, enfia uma pequena salsicha na boca, mastiga com entusiasmo e depois diz para minha mãe:

— Pat diz que serão dez touchdowns.

— Talvez onze — acrescento, apenas para ser otimista.

— Pergunta número dois: quantos touchdowns o novato sensação sem contrato assinado, Hank Baskett, vai fazer?

Bom, sei bem que Baskett só fez um touchdown nos primeiros cinco jogos, mas também sei que minha família está excessivamente otimista esta noite, por isso digo:

— Sete.

— Sete? — duvida meu pai, mas com um sorriso.

— Sete.

— Ele disse sete, Jeanie. Sete! — Meu pai se vira para mim e diz: — Pergunta número três: em qual quarto de jogo o quarterback Drew Brees finalmente sofrerá uma concussão por ter sido derrubado tantas vezes pela defesa superior dos Eagles?

— Humm. Essa é uma pergunta difícil. No terceiro quarto?

— Errado — diz meu pai, balançando a cabeça, fingindo desapontamento. — “No primeiro quarto” é a resposta correta. Pergunta número quatro: quando você vai trazer aqui em casa aquela garota com quem você está sempre correndo? Quando você vai apresentar sua namorada para seu pai?

Quando papai termina de fazer a quarta pergunta, enfia uma montanha de macarrão na boca e começa a mastigar. Como não respondo, ele me incentiva com a mão esquerda, traçando círculos invisíveis com o dedo indicador.

— Você viu que Pat encontrou as fotos do casamento dele e

as pendurou de volta na sala de estar? — pergunta minha mãe com a voz ligeiramente trêmula.

— Jake me disse que você tinha superado Nikki — diz meu pai. — Ele disse que você estava gostando dessa garota, Tiffany. Não?

— Vocês me dão licença? — pergunto a minha mãe, porque minha pequena cicatriz está coçando, e tenho a sensação de que vou explodir se não começar a bater o punho contra a testa.

Quando minha mãe concorda com um gesto de cabeça, vejo compreensão em seus olhos, o que aprecio.

Levanto pesos por algumas horas, até não sentir mais necessidade de bater em mim mesmo.

Visto meu novo colete refletor que minha mãe comprou para mim e corro pela noite.

Eu ia abrir a carta de Tiffany hoje à noite porque estava animado em jantar com meu pai, mas agora sei que, definitivamente, não estou de bom humor, então abrir a carta seria uma violação às regras de Tiffany, claramente definidas para mim duas noites atrás. Quase abri a carta ontem, quando estava de excelente humor, mas ainda não haviam se passado quarenta e oito horas.

Enquanto corro, tento pensar em Nikki e no fim do tempo separados, o que sempre faz com que eu me sinta melhor. Finjo que Deus fez uma aposta comigo e que, se eu correr rápido o bastante, ele vai trazer Nikki de volta, então disparo nos últimos três quilômetros de minha corrida. Logo estou correndo muito rápido, é incrível — mais rápido do que qualquer ser humano jamais conseguiu correr. Em minha mente ouço Deus me dizendo que tenho que percorrer os últimos dois mil metros em menos de quatro minutos, o que sei que é quase impossível, mas, por Nikki, tento. Corro ainda mais rápido, e, quando estou a um quarteirão de distância, ouço a contagem regressiva de Deus em minha mente. “Cinco, quatro, três, dois...” Quando meu pé direito toca o primeiro quadrado de concreto da calçada de meus pais, Deus diz “um”, o que significa que corri rápido o suficiente, que consegui chegar em casa antes que Deus dissesse “zero”. Estou muito feliz. Estou incrivelmente feliz!

A porta do quarto de meus pais está fechada quando subo, então tomo banho e me enfio sob o edredom. Tiro o envelope de Tiffany de debaixo do colchão da minha cama. Inspiro profundamente. Abro a carta. Ao ler as várias páginas datilografadas, minha mente explode com emoções conflitantes e

necessidades terríveis.

Pat,

Leia esta carta do início ao fim! Não tome qualquer decisão até que tenha lido a carta inteira! Não leia esta carta a menos que você esteja sozinho! Não mostre esta carta a ninguém! Quando terminar de ler esta carta, queime-a — imediatamente!

Você já teve a sensação de estar vivendo em um barril de pólvora e soltando faíscas?

Bem, não havia nada que eu pudesse fazer para trazer de volta meu Tommy, e a incapacidade de aceitar sua morte me deixou doente durante dois anos inteiros — mas então você entrou na minha vida. Por quê? No começo, eu pensei: Deus está me enviando um homem novo, um substituto para meu Tommy, o que me deixou louca, porque Tommy é insubstituível (sem ofensa). Mas quando ouvi a maneira como você falava da Nikki, percebi que Deus havia me enviado você para que eu pudesse ajudá-lo a encontrar o fim do tempo separados. Esta seria a minha missão. E, assim, tenho trabalhado nisso.

“O quê?”, posso ouvir você dizendo agora. “Como minha amiga Tiffany pode acabar com o tempo separados?”

Bem, esta é a parte que talvez o deixe furioso.

Você está pronto, Pat? Prepare-se.

Tenho falado ao telefone com sua Nikki... regularmente.

Todas as noites nas duas últimas semanas. Consegui o número do telefone dela com Veronica, que — através de conversas de Ronnie com sua mãe — tem informado Nikki a seu respeito desde que você foi internado permanentemente na unidade de saúde mental em Baltimore. Acontece que sua família proibiu que Nikki obtivesse notícias suas, o que eles podiam fazer, já que Nikki se divorciou de você logo depois que você foi internado permanentemente. Sei que essa última informação talvez o tenha perturbado muito. Desculpe, mas a essa altura o melhor é dizer as coisas com clareza. Não acha?

Muito bem, a parte que segue também é ruim. Nikki se divorciou porque você cometeu um crime do qual não se lembra. (Não vou dizer que crime foi esse, porque é provável que você tenho bloqueado sua memória intencionalmente; é quase certo que você ainda não está mentalmente preparado para lidar com essa realidade muito assustadora. Minha terapeuta, a Dra. Lily, e eu acreditamos que você vai se lembrar de ter cometido esse crime quando estiver pronto, mental e emocionalmente.) Nikki obteve o divórcio e todos os seus bens e, em troca, alguém

retirou todas as acusações contra você. É claro, o acordo também o enviou para o lugar ruim indefinidamente para “reabilitação”. Na época, você concordou com todos os itens acima e foi considerado uma pessoa “lúcida” pelo seu terapeuta, o Dr. Timbers, mas, logo após ser internado para sempre, “perdeu” a memória, assim como a sanidade mental.

Não estou dizendo tudo isso para ser malvada — muito pelo contrário. Lembre-se, Deus me encarregou de ajudá-lo a pôr fim no tempo separados. Acontece que Nikki quer muito se comunicar com você. Ela sente sua falta. Isso não quer dizer que ela quer se casar com você outra vez. Preciso deixar isso claro. Ela ainda se lembra do que você fez, do crime que cometeu. E ela tem um pouco de medo de você também, pois teme que você esteja com raiva dela e queira retaliar. Mas ela foi casada com você durante anos e quer vê-lo bem, e talvez até ser sua amiga novamente. Relatei o seu desejo de se reconciliar com Nikki. Para ser sincera, seu desejo é muito mais intenso do que o dela. Mas nunca se sabe o que pode acontecer caso vocês comecem a se comunicar novamente.

Dois problemas: Um. Depois que você cometeu esse crime, Nikki conseguiu uma ordem judicial de proteção contra você,

então, legalmente, você não pode entrar em contato com ela.

Dois. Em seu nome, e provavelmente em retaliação, seus pais pediram uma ordem judicial de proteção contra Nikki, alegando que qualquer contato que ela fizesse com você poderia prejudicar sua saúde mental. Por isso, também é ilegal para ela entrar em contato com você. Mesmo assim, Nikki gostaria de se comunicar com você, no mínimo para amenizar o que aconteceu. A culpa que ela sente é evidente. Ela ficou com todos os seus bens e você passou anos em uma instituição para doentes mentais, certo?

Agora, vamos ao que interessa. Estou me oferecendo como elo. Vocês dois podem se comunicar por meu intermédio, e assim não haverá confusão. Você vai poder escrever cartas para Nikki — uma a cada duas semanas. Vou ler essas cartas para Nikki pelo telefone. Ela vai ditar as respostas para mim, também por telefone, e eu as digitarei no meu laptop, imprimirei e entregarei para você.

Pat, nós somos amigos, e eu valorizo muito nossa amizade. Dito isso, você deve levar em conta que o que eu estou oferecendo me coloca em uma posição muito delicada. Se você decidir aceitar a minha oferta, estarei me arriscando sob o ponto de vista legal e também estarei arriscando nossa amizade. Preciso

lhe informar que não serei seu elo de graça. Estou lhe oferecendo uma troca.

O que eu quero?

Lembra quando eu disse que estava testando você?

Bem, quero ganhar o concurso de Dança Contra a Depressão deste ano e preciso de um homem forte para isso. “O que é Dança Contra a Depressão?”, ouço você perguntar. Trata-se de uma competição anual organizada pela Associação Psiquiátrica da Filadélfia que permite que as mulheres diagnosticadas com depressão clínica transformem seu desespero em movimento. Supostamente, o único objetivo é diminuir a depressão através do uso do corpo, mas os juízes dão uma coroa de flores para a segunda melhor coreografia e um troféu de ouro para a primeira. Dançando sozinha, ganhei a porra daquela coroa de flores dois anos consecutivos, mas este ano quero ganhar o troféu de ouro.

É aí que você entra, Pat. Deus me enviou o homem mais forte que eu já conheci em toda a minha vida! Quem vai me dizer que isso não é uma intervenção divina? Só um homem com seus músculos poderia realizar o tipo de passos aéreos que tenho em mente — passos aéreos dignos de prêmios, Pat. O concurso será realizado no Hotel Plaza, no centro da cidade, na noite de

sábado, onze de novembro. O que nos dá pouco menos de um mês para ensaiarmos. Já sei a coreografia, mas você vai estar começando do zero, e teremos de praticar os passos aéreos. Isso vai levar muito tempo.

Falei para Nikki sobre as minhas condições, e ela quer incentivá-lo a ser meu parceiro de dança. Ela diz que você precisa ampliar seus interesses e que sempre quis fazer aulas de dança com você. Portanto e está totalmente de acordo; ela o incentiva a fazer isso.

Além disso, exigirei o primeiro lugar no concurso em troca de ser seu contato. Para sua sorte, a coreografia que imaginei é de primeira. Mas, para ganharmos, você terá de mergulhar na dança. Abaixo seguem as condições inegociáveis.

Caso você decida ser meu parceiro de dança, você deverá:

1.Abrir mão dos Eagles durante nosso período de ensaio. Não irá aos jogos. Não assistirá a jogos na televisão. Não conversará sobre futebol americano com ninguém. Nada de ler as páginas de esportes. Você nem mesmo poderá usar sua amada camiseta do Baskett.

2.Terminar seu levantamento de pesos até as duas horas da tarde todo dia, quando correremos dez quilômetros; depois

ensaiaremos das quatro e quinze às onze da noite durante a semana. Nos fins de semana, vamos ensaiar de uma da tarde até dez da noite. Sem exceções.

3.Certificar-se de que ao menos quinze de seus amigos e parentes compareçam ao concurso de dança, porque os juízes costumam ser influenciados pelos aplausos.

4.Fazer o que quer que eu diga, sem perguntas.

5.Assegurar-se de que eu ganhe o concurso.

6.O MAIS IMPORTANTE: não dizer a ninguém sobre esse nosso acordo. Você pode dizer às pessoas que está ensaiando para um concurso de dança, mas não pode contar para ninguém sobre as minhas exigências e o fato de eu manter contato com Nikki em seu nome. Nunca mesmo.

Se você atender todas as seis exigências acima, vou atuar como um elo entre você e Nikki; vou tentar acabar com o tempo separados de vocês, e, então, quem sabe o que pode acontecer entre você e sua ex-mulher? Se você deixar de cumprir minhas exigências, é possível que nunca mais fale com Nikki novamente. Ela diz que esta é sua única chance.

Entre em contato comigo em um prazo de vinte e quatro horas

após tomar sua decisão. Releia a minha lista de exigências, memorize cada uma delas, e em seguida queime esta carta.

Lembre-se: se você quer que eu seja seu elo, não diga a ninguém que mantenho contato com Nikki.

Com as melhores intenções,

Tiffany

Reli a carta diversas vezes, a noite inteira. Há partes que não quero acreditar que sejam verdade — especialmente as partes sobre eu ter cometido um crime e Nikki ter se divorciado de mim, que são ideias que me dão vontade de bater o punho contra a minha testa. Que tipo de crime me colocaria em tal situação, e quem teria retirado as acusações quando eu me internei em uma unidade de saúde mental? Entendo o fato de Nikki se divorciar de mim por eu ser um mau marido, especialmente porque, bem, eu era mesmo um mau marido. Mas tenho dificuldade em acreditar que cometi um crime que pudesse resultar em medidas legais tão severas. E, no entanto, a carta de Tiffany parece explicar tantas coisas: minha mãe escondendo as fotos de meu casamento, todas as coisas horríveis que Jake e papai disseram sobre Nikki. Se estou mesmo divorciado, tudo que a minha família tem feito para manter Nikki fora de minha memória teria

sido para me proteger, principalmente porque eles não são otimistas o bastante para perceberem que não estou morto e, portanto, ainda tenho pelo menos uma chance de conseguir Nikki de volta, o que, não preciso dizer, é o lado bom da carta. Não estou certo de nada, é claro, pois não tenho memória dos últimos anos. Talvez Tiffany tenha inventado essa história apenas para me fazer participar do concurso de dança. É possível. Eu certamente não teria me oferecido para ser seu parceiro, mesmo que agora eu esteja praticando ser gentil. Entendo que a carta de Tiffany pode ser um truque, mas a possibilidade de me comunicar com Nikki é boa demais para que eu arrisque perdê-la — uma vez que pode ser minha últimaoportunidade. Além disso, o fato de Tiffany ter mencionado a vontade de Deus parece indicar que ela entende mesmo o que é o tempo separados. Faz sentido que Nikki queira que eu tenha aulas de dança. Ela sempre quis que eu dançasse com ela, mas nunca dancei. A ideia de dançar com Nikki no futuro é suficiente para me fazer aceitar o fato de que vou perder três jogos dos Eagles antes da semana de recesso, incluindo o jogo em casa contra o Jacksonville. Penso em como meu pai e Jake, e talvez até Cliff, vão ficar com raiva de mim, mas então imagino a possibilidade de finalmente viver o

final feliz de meu filme — ter Nikki de volta — e a escolha é óbvia.

Quando o sol nasce, abro a janela do banheiro, queimo a carta sobre o vaso sanitário e dou descarga nos restos carbonizados.

Em seguida, atravesso o Knight's Park, vou até os fundos da casa dos Webster e bato à porta de Tiffany. Ela atende usando uma camisola de seda vermelha e olhando para mim inquisitivamente.

— E aí?

— Quando vamos começar a ensaiar? — pergunto.

— Você está pronto para se comprometer totalmente? Pronto para abrir mão de tudo, até mesmo do futebol americano, dos Eagles?

Confirmo com um gesto de cabeça, ansioso.

— Só não posso perder a terapia às sextas-feiras, porque senão algum juiz vai me mandar para o lugar ruim, e então não poderemos vencer o concurso.

— Estarei do lado de fora de sua casa amanhã, às duas horas — informa Tiffany, e fecha a porta.

* * *

O primeiro andar da suíte anexa de Tiffany é um estúdio de dança. As quatro paredes são completamente cobertas por

espelhos, e três delas têm barras como as que a gente vê as bailarinas usando. O piso é de madeira de lei, como uma quadra profissional de basquete, só que sem as linhas pintadas e com uma camada de verniz mais fina. O pé-direito é alto, com uns nove metros, e uma escada em espiral a um canto leva ao apartamento de Tiffany.

— Construí isto aqui quando Tommy morreu — diz Tiffany.

— Usei o dinheiro do seguro. Gostou do meu estúdio?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Bom, porque vai ser sua casa pelo próximo mês. Trouxe a fotografia?

Abro a bolsa que Tiffany me mandou trazer e retiro o porta-retratos com a foto de Nikki. Mostro para Tiffany, e então ela caminha até o aparelho de som atrás da escada em espiral. Ela retira um par de fones de ouvido de um gancho de ferro na parede — daquele tipo de fone que cobre toda a orelha da gente, como protetores de orelha — e o traz para mim. O fio é muito comprido.

— Sente-se — ordena ela. Eu me sento no chão com as pernas cruzadas. — Vou tocar nossa música, a música que vamos dançar. É importante que você sinta uma profunda ligação com

ela. Ela precisa comovê-lo para poder fluir através de seu corpo.

Escolhi esta música por um motivo. É perfeita para nós dois, como você vai perceber em breve. Quando eu puser os fones de ouvido em você, quero que olhe nos olhos de Nikki. Quero que sinta a música. Entendeu?

— Não é uma música tocada por um saxofonista soprano, é? — pergunto, porque Kenny G é meu inimigo, como vocês sabem.

— Não — responde ela.

Então coloca os fones de ouvido sobre minhas orelhas, que são envolvidas pelo acolchoado. Com os fones, tenho a impressão de que estou sozinho nesta sala enorme, embora saiba que, se erguer o olhar, Tiffany estará lá. Com o retrato em mãos, olho para os olhos da Nikki e logo a música começa a tocar.

Notas de piano — lentas e tristes.

Duas vozes revezando-se.

Dor.

Conheço esta canção.

Tiffany estava certa. É a música perfeita para nós dois.

A música cresce, as vozes tornam-se mais emocionais, e tudo dentro do meu peito começa a doer.

As palavras expressam o que sinto desde que fui liberado do

lugar ruim.

Quando chega o refrão, estou aos prantos, porque a mulher que canta parece sentir exatamente o mesmo que eu, e suas palavras, sua emoção, sua voz...

A canção termina com as mesmas notas tristes de piano do começo. Ergo o olhar e percebo que Tiffany ficou me observando chorar, então fico envergonhado. Coloco a foto de Nikki no chão e cubro o rosto com as mãos.

— Desculpe-me. Só um segundo.

— É bom que a música tenha feito você chorar, Pat. Agora, só precisamos transformar essas lágrimas em movimento. Você precisa chorar através da dança. Entendeu?

Não entendo, mas concordo com um gesto de cabeça mesmo assim.

A montagem de meu filme

Explicar como aprendi a coreografia de Tiffany e me tornei um excelente dançarino seria difícil — principalmente porque nossos ensaios são longos, cansativos e extremamente tediosos. Repetimos as mesmas pequenas coisas de novo e de novo, infinitamente. Por exemplo: se eu tinha que erguer um dedo durante a coreografia, Tiffany me obrigava a fazer isso milhares de vezes todos os dias até que pudesse fazê-lo a seu gosto e comando. Então, vou poupá-los da maior parte dos detalhes entediantes. Para tornar as coisas ainda mais complicadas, Tiffany me proibiu de documentar nossos ensaios de qualquer maneira minuciosa que permitisse que outros roubassem suas técnicas. Como quer abrir um estúdio um dia, Tiffany é muito reservada quanto aos seus métodos — e também quanto à sua coreografia.

Por sorte, assim que começo a escrever esta parte, lembro-me de que, em cada um de seus filmes, sempre que Rocky tem de se tornar um pugilista melhor, eles mostram clipes dele fazendo flexões com um braço só, correndo na praia, socando cortes de carne, subindo correndo as escadas do museu, olhando

amorosamente para Adrian, ou ouvindo os gritos de Mickey, Apollo Creed ou até mesmo de Paulie — enquanto toca a música-tema, que talvez seja a melhor música do mundo, “Gonna Fly Now”. Nos filmes do Rocky, leva-se apenas alguns minutos para cobrir semanas inteiras de treinamento, e ainda assim o público entende que foi necessária muita preparação para o verdadeiro desenvolvimento das habilidades dele como lutador de boxe, apesar de só vermos alguns clipes do Garanhão Italiano trabalhando duro.

Durante uma sessão de terapia, pergunto para Cliff como se chama essa técnica. Ele tem que ligar para a mulher, Sonja, pelo celular, mas ela sabe a resposta e nos diz que o que estou tentando descrever é chamado de montagem. Então é isso que vou criar agora: a montagem do meu filme. Talvez você queira tocar “Gonna Fly Now” caso tenha um CD à mão — ou pode tocar qualquer outra música que o inspire — e ler com a música ao fundo. Nenhuma música é obrigatória, no entanto. Muito bem, aqui está a minha montagem:

Na expectativa de nossa grande apresentação, a cada dia tenho corrido um pouco mais rápido com Tiffany. Nós motivamos um ao outro e, quando chegamos ao parque, apostamos corrida nos dois últimos quilômetros até a

casa dela e ficamos muito suados. Sempre ganho da Tiffany, porque sou homem, sim, mas também porque sou um excelente corredor.

Vejam-me levantando pesos: supinos, levantamentos com as pernas, abdominais no Stomach Master 6000, bicicleta, polichinelos, flexões com os punhos — toda a série.

— Rasteje! — grita Tiffany. Então, rastejo no chão de madeira de seu estúdio de dança. — Rasteje como se você não tivesse pernas, não comesse há duas semanas e houvesse uma única maçã no meio da sala e outro homem sem pernas também rastejando em direção à maçã. Você quer rastejar mais rápido, mas não pode, porque está mutilado. O desespero flui de seu rosto como suor! Você está com muito medo de não conseguir a maçã antes do outro homem sem pernas! Ele não vai dividir a maçã com... não, não, não. Pare! Você está fazendo tudo errado! Meu Deus, Pat! Nós só temos mais quatro semanas!

— Jeanie — ouço meu pai dizer. Ele está na cozinha tomando seu café da manhã. Estou ouvindo, na escada do porão. — Por que Pat fecha os olhos e murmura toda vez que eu menciono os Eagles? Ele está ficando louco outra vez? Devo me preocupar?

— Que conversa é essa de você perder o jogo contra os Saints? — diz Jake pelo telefone quando eu retorno a ligação dele um pouco depois das onze da noite. Ele ligou para mim duas noites seguidas, e o bilhete que minha mãe deixou no meu travesseiro diz: *Ligue de volta para seu irmão, mesmo que*

chegue tarde. IMPORTANTE. — Você não quer ver o que o Baskett vai fazer esta semana? Por que você está murmurando?

— Um dançarino tem permissão de pôr as mãos em qualquer parte do corpo da parceira, Pat. Não é sexual. Então, quando você fizer essa primeira pegada do passo aéreo, sim, suas mãos devem estar apoiadas na minha bunda e na minha virilha. Por que você está andando para lá e para cá? Pat, não é sexual, é dança moderna.

Vejam-me levantando pesos: supinos, levantamentos com as pernas, abdominais no Stomach Master 6000, bicicleta, polichinelos, flexões com os punhos — toda a série.

— Estou bem, Pat. Estou bem para cacete. Você vai me deixar cair algumas vezes enquanto estivermos aprendendo os passos aéreos, mas não porque você não é forte o suficiente. Você precisa centralizar a palma de sua mão diretamente na base da minha virilha. Se precisar que eu seja mais específica, serei. Aqui. Vou lhe mostrar. Estique sua mão.

— Sua mãe me disse que você não quer conversar sobre os Eagles com seu... Por que você está murmurando? — pergunta Cliff. — Não mencionei o nome daquele saxofonista. Que novidade é essa?

— Nunca pensei que diria isso, mas talvez você devesse considerar fazer uma pausa em seus ensaios de dança e assistir ao jogo com Jake e seu pai — sugere minha mãe. — Você sabe que odeio futebol americano, mas você e seu pai

pareciam estar criando um vínculo, e Jake e você estão só começando a se comportar como irmãos outra vez. Pat, por favor, pare de murmurar.

— No segundo passo aéreo, você precisa olhar para mim, Pat. Especialmente logo antes de eu rodopiar. Não precisa olhar para minha virilha, mas deve estar pronto para me erguer, para que eu ganhe mais altura. Se você não me der um empurrão quando eu dobrar os joelhos, não vou ser capaz de completar o rodopio e provavelmente vou rachar minha cabeça no chão.

— Sei que você pode me ouvir mesmo com seu murmurar, Pat. Olhe só para você! — diz meu pai. — Encolhido na cama, murmurando como uma criancinha. Os Eagles perderam por um gol de campo em Nova Orleans, e seu amigo Baskett não fez nenhuma recepção. Zero. Não pense que o fato de você estar dançando durante o jogo não afetou o resultado.

— Você parece uma cobra retardada! Você deve rastejar com os braços, não deslizar e se remexer todo, ou sei lá que merda você está fazendo agora. Aqui. Olhe para mim.

Na expectativa de nossa grande apresentação, a cada dia tenho corrido um pouco mais rápido com Tiffany. Nós motivamos um ao outro e, quando chegamos ao parque, apostamos corrida nos dois últimos quilômetros até a casa dela e ficamos muito suados. Sempre ganho da Tiffany, porque sou homem, sim, mas também porque sou um excelente corredor.

— Com o que Tiffany está chantageando você? — pergunta Ronnie. Estamos no porão da casa de meus pais. Já o vi levantar o magro halter de menos de trinta quilos, e agora ele está tomando fôlego. Esta é uma visita surpresa disfarçada de sessão de levantamento de pesos antes do trabalho. — Eu lhe disse para se proteger. Estou lhe dizendo, Pat, você não sabe do que essa mulher é capaz. Minha cunhada é capaz de qualquer coisa. *Qualquer coisa*!

— Você está fazendo o sol com seus braços. No centro do palco, você representa o sol. E quando faz o grande círculo com os braços, tem que ser lento e deliberado, exatamente como o sol. A dança equivale a um dia de sol. Você vai nascer e se pôr no palco, ao ritmo de nossa música. Entendeu?

— Eu quero que você fale com Tiffany e diga a ela que é importante você assistir ao jogo dos Eagles com seu pai — orienta minha mãe. — Por favor, pare de murmurar, Pat. Por favor, pare com isso!

— O segundo passo aéreo é de longe o mais difícil, pois exige que você parta de uma posição agachada para uma posição ereta comigo de pé sobre suas mãos, erguendo-me bem acima de seus ombros. Você acha que é forte o suficiente para fazer isso? Porque nós podemos fazer outra coisa caso seja fraco demais, mas vamos tentar isso agora e veremos.

— Por que esse concurso de dança é tão importante para você? — pergunta Cliff. Olho para o sol pintado no teto de seu consultório e sorrio.

— O que foi? — pergunta ele.

— A dança me permite ser isso — digo, e aponto para cima.

Os olhos de Cliff acompanham meu dedo.

— Permite que você seja o sol?

— Sim — respondo, e sorrio novamente para Cliff, porque eu gosto mesmo de ser o sol, que é exatamente o que permite que as nuvens tenham um contorno luminoso, o que prova que todas as coisas têm um lado bom. Além disso, ser o sol me dará a oportunidade de escrever cartas para Nikki.

— Por favor, pare de cantarolar ao telefone, Pat. Estou do seu lado nessa história. Entendo que você queira aprender uma arte por uma mulher. Lembra quando toquei piano para você? Mas a diferença é que Caitlin nunca me pediria para perder um jogo dos Eagles, porque ela sabe que isso é mais do que apenas futebol para mim. Que merda, dá para ouvir você murmurando ao telefone, Pat, mas vou continuar falando, está bem? Você está agindo como um louco, sabia? E se os Eagles perderem amanhã para os Buccaneers, papai vai pensar que você amaldiçoou os Birds.

— Muito bem, você sabe sua parte da coreografia. Mais ou menos. Então, agora quero que você observe a minha. Vou dizer “aéreo” quando estiver na hora de um dos nossos passos aéreos, só para você saber quando acontecerão. Mas não se preocupe, porque, desde que faça sua parte, eu me certificarei de sincronizar os passos aéreos. Está bem?

Tiffany veste uma calça de malha e uma camiseta, como em todos os outros dias, mas ela transforma sua expressão pouco antes de apertar a tecla PLAY no aparelho de CD. Toda solene. As notas tristes de piano e o dueto de vozes preenchem a sala, e Tiffany começa a dançar lindamente, mas com tristeza. Seu corpo se move de forma graciosa, e só agora entendo o que ela quer dizer com chorar pelo movimento. Ela pula, rola, gira, corre, desliza. Ela grita “aéreo!” e depois cai como morta no chão, apenas para renascer numa explosão vertical quando a música volta a acelerar. E sua dança é uma das coisas mais lindas que já vi. Poderia observá-la dançar pelo resto da vida e, estranhamente, assistir a Tiffany voar sobre a pista de dança me dá aquela mesma sensação de estar flutuando sobre as ondas com a pequena Emily. Tiffany é boa *assim*.

— Seu pai parou de jantar comigo, Pat. Ele também não está mais caminhando comigo. Desde que os Eagles perderam para os Buccaneers, ele voltou ao seu... Pat, por favor, pare de murmurar. Pat!

Na expectativa de nossa grande apresentação, a cada dia tenho corrido um pouco mais rápido com Tiffany. Nós motivamos um ao outro e, quando chegamos ao parque, apostamos corrida nos dois últimos quilômetros até a casa dela e ficamos muito suados. Sempre ganho de Tiffany, porque sou homem, sim, mas também porque sou um excelente corredor.

— Acho que você não entende a importância que isso tem para minha irmã —

diz Veronica, e eu estou chocado por vê-la com a pequena Emily em minha academia no porão. — Você sabe que, desde que Tommy morreu, ela *nunca* mais pediu que a família a visse dançar? Na verdade, há dois anos ela nos proibiu de assistir a qualquer uma de suas apresentações. Mas este ano ela acha que vai fazer uma apresentação suficientemente impecável para convidar a família, está convencida disso, e embora eu esteja contente por vê-la tão feliz, tenho medo só de pensar no que ela poderia fazer caso vocês cometam algum erro na apresentação. Ela não é uma pessoa estável, Pat. Você entende isso, certo? Entende que, se vocês não se saírem bem, isso resultará em meses de grave depressão? Então preciso lhe perguntar como estão *realmente* indo os ensaios. Você acha *de verdade* que podem ganhar? *Acha*?

Antes de apagar a luz, olho para os olhos da Nikki no porta-retratos. Vejo seu nariz sardento, seu cabelo louro-acobreado, seus lábios carnudos. Eu a beijo muitas vezes. — Não falta muito — digo. — Estou fazendo tudo que posso. Não vou decepcioná-la. Lembre-se: “para sempre começa hoje à noite.”

Vejam-me levantando pesos: supinos, levantamentos com as pernas, abdominais no Stomach Master 6000, bicicleta, polichinelos, flexões com os punhos — toda a série.

— A Invasão Asiática irá buscá-lo às... — Cliff acena com a cabeça para

mim e sorri. — Ah, o murmurar outra vez. Sua mãe me disse que você não quer falar com ninguém sobre os Eagles, mas você não vai perder um jogo em casa, vai?

— O mais importante é fazer com que os passos aéreos pareçam fáceis, como se você estivesse segurando ar. Deve parecer que estou flutuando. Entendeu? Que bom, porque preciso que você pare de tremer durante a coreografia, Pat. Parece que você tem mal de Parkinson, porra, pelo amor de Deus.

— Como um time que ganhou quatro partidas e perdeu uma de repente perde três jogos seguidos? — grita meu pai do alto da escada do porão. — Uma equipe que derrotou os Dallas Cowboys com folga? Uma equipe com um ataque de primeira e mais interceptações do que qualquer outro time na liga? Você pode murmurar quanto quiser, Pat. Mas isso não muda o fato de que você tirou a sorte dos Birds e *está arruinando nossa temporada*!

Vejam-me levantando pesos: supinos, levantamentos com as pernas, abdominais no Stomach Master 6000, bicicleta, polichinelos, flexões com os punhos — toda a série.

— Tudo bem. Nada mal. Você aprendeu a rastejar, e um dos passos aéreos já não está mais horrível. Mas só nos resta uma semana. A gente dá conta? *A gente dá conta*?

— Comprei um presente para você — diz Tiffany. — Vá ao toalete e

experimente.

No lavabo de seu estúdio, tiro uma malha amarela de um saco plástico.

— O que é isso? — grito para Tiffany.

— É a sua roupa. Vista-a, e faremos um ensaio geral.

— Cadê a camisa?

— Mais uma vez — diz Tiffany, embora sejam dez e quarenta e um da noite e meus cotovelos estejam a ponto de explodir. Estou dançando só com os nervos. Estou dançando com meus ossos. — Mais uma vez!

São onze e cinquenta e nove da noite. Tiffany diz “Mais uma vez!” e então ocupa o seu lugar no lado esquerdo do estúdio. Sabendo que não adianta nada discutir, caio no chão e me preparo para rastejar.

— Isso talvez faça cócegas — diz Tiffany antes de deslizar sua gilete rosa de mulher sobre o creme de barbear que cobre meu peito, e então me mostra quantos pelos há na xícara dentro da qual ela enxágua a lâmina. Estou deitado sobre uma esteira de ioga, no meio do estúdio de dança. Meu peito está coberto por uma espécie de gel de barbear verde de aloe vera que fica branco quando você faz espuma. Ser raspado por Tiffany me dá uma sensação estranha, já que eu nunca fui barbeado por uma mulher e nunca raspei o peito. Quando ela me cobre de espuma, fecho os olhos e meus dedos das mãos e dos pés começam a formigar descontroladamente.

Eu meio que dou uma risadinha toda vez que ela raspa uma faixa de pelos

do meu peito.

Eu meio que dou uma risadinha toda vez que ela raspa uma faixa de pelos das minhas costas.

— Queremos que esses músculos brilhem como o sol no palco, certo?

— Por que não posso simplesmente usar uma camisa? — digo, embora, de um jeito estranho, eu secretamente goste de ser raspado por Tiffany.

— O sol por acaso usa camisa?

O sol também não usa calça de malha amarela, mas não comento isso.

Na expectativa de nossa grande apresentação, a cada dia tenho corrido um pouco mais rápido com Tiffany. Nós motivamos um ao outro e, quando chegamos ao parque, apostamos corrida nos dois últimos quilômetros até a casa dela e ficamos muito suados. Sempre ganho da Tiffany, porque sou homem, sim, mas também porque sou um excelente corredor.

Dois dias antes do concurso, logo antes de ensaiarmos a coreografia pela vigésima quinta vez no dia — vinte e cinco é o número favorito de Tiffany —, ela diz:

— Precisamos fazer isso com perfeição.

Então, faço o melhor que posso e, ao ver trechos da nossa coreografia refletidos nos espelhos que nos cercam, penso: realmente estamos dançando com perfeição! Sinto-me muito animado quando terminamos, porque sei que vamos vencer — especialmente porque evoluímos muito, com sacrifício e

treinamento árduo. Este minifilme terá um final feliz, com certeza!

Mas algo no comportamento de Tiffany está diferente quando fazemos uma pausa para beber água. Ela não está gritando comigo, nem dizendo palavrões, então pergunto:

— O que houve?

— Quantas pessoas você recrutou para comparecer ao concurso?

— Convidei todas as pessoas que conheço.

— Veronica me disse que sua família está brava por você ter abandonado os Eagles.

— Minha mãe não está.

— Estou preocupada porque, caso não tenhamos gente o bastante para torcer por nós, os juízes poderão ser seduzidos por outra dupla com mais torcida. Podemos não ganhar e, então, não poderei agir como seu elo com Nikki, Pat.

— Se você não for fazer nada amanhã à noite, talvez possa levar sua mulher e seus filhos ao concurso de dança — digo para Cliff. — Nossa coreografia é realmente boa e acho que podemos ganhar se tivermos apoio suficiente do público, e não acho muito provável que meu pai ou meu irmão apareçam, então...

— Depois de amanhã à noite você vai parar com esses longos ensaios?

— Sim.

— Então, você poderá ir ao jogo contra os Redskins na...

— Hummmmm.

— Só me diga isto: se eu for ao concurso de dança, você vai ao jogo dos Eagles conosco no domingo? A Invasão Asiática está sentindo sua falta e, sinceramente, estamos com a impressão de que você amaldiçoou os Eagles, abandonando-os no meio da temporada. O pobre Baskett só pegou duas bolas nos últimos três jogos e não fez nenhuma recepção na semana passada. E os Birds perderam três jogos seguidos. Nós sentimos sua falta no Linc, Pat.

— Não posso falar sobre esse assunto até que meu concurso de dança termine, amanhã à noite. Só posso dizer que preciso convidar o máximo de pessoas possível para torcerem por mim e por Tiffany, de modo que os juízes sejam seduzidos. A vitória é muito importante e Tiffany diz que a reação do público pode influenciar os juízes.

— Se eu for, você vai falar comigo sobre essa-coisa-sobre-a-qual-você-não-pode-falar após a sua apresentação?

— Cliff, não posso falar sobre isso até depois da apresentação.

— Bem, então também não posso garantir que comparecerei à sua apresentação — conclui Cliff.

No começo, acho que ele está blefando, mas ele não toca no assunto novamente e, ao fim de nossa sessão de terapia, tenho a sensação de que estraguei a minha chance de convencer Cliff a levar sua mulher ao concurso, o

que faz com que eu me sinta muito deprimido.

Olá, você ligou para *a secretária eletrônica de Jake e Caitlin. Por favor, deixe sua mensagem após o sinal. Bip.*

— Jake. Desculpe-me por ligar tão tarde, mas acabei de sair do ensaio. Sei que está bravo comigo, porque você acha que eu azarei as-tais-pessoas-que-têm-feito-eu-murmurar-ultimamente, mas, se você levar Caitlin ao meu concurso de dança, é possível que eu volte a fazer aquela coisa que costumávamos fazer aos domingos, especialmente se você torcer bem alto por mim e por Tiffany. Precisamos de pessoas para torcer por nós, porque às vezes os juízes são influenciados pelo público. É muito importante que ganhemos esse concurso. Portanto, como seu irmão, estou pedindo que, por favor, leve sua mulher ao Plaza...

Bip.

Desligo e volto a discar o número.

Olá, você ligou para a secretária eletrônica de Jake e Caitlin. Por favor, deixe sua mensagem após o sinal. Bip.

— É o Hotel Plaza que fica na...

— Alô? Está tudo bem?

É a voz de Caitlin, o que me deixa nervoso, então desligo e entendo perfeitamente que estraguei minha chance de convencer Jake a vir ao meu concurso de dança.

— Pat, você sabe que estarei lá. E torcerei muito alto por vocês, mas ganhar não é tudo — diz minha mãe. — O fato de você ter sido capaz de aprender a dançar em apenas algumas semanas já é impressionante.

— Só pergunte para o papai, está bem?

— Vou perguntar. Mas não quero que você se encha de esperança. Ele não iria a um concurso de dança mesmo que os Eagles tivessem ganhado os últimos três jogos.

Como uma sombra sobre mim o tempo todo

Veronica nos deixa de carro na frente do Hotel Plaza na sexta-feira, dizendo “Merda para vocês” pouco antes de engatar a marcha a ré. Sigo Tiffany para dentro do saguão, onde uma grande fonte projeta quatro torres de água a pelo menos três metros de altura. Peixes de verdade nadam na piscina, e uma placa diz: NÃO JOGUE MOEDAS NA FONTE. Tiffany já esteve aqui antes. Ela passa reto pelo balcão de informações e me conduz por um labirinto de corredores com papel de parede dourado e luminárias elegantes que são grandes peixes de bronze com lâmpadas nas bocas. Finalmente, encontramos o salão onde será realizado o concurso de dança.

Cortinas vermelhas emolduram um grande palco. Há uma faixa enorme pendurada sobre a pista de dança, na qual se lê: DANÇA CONTRA A DEPRESSÃO. Tentamos nos inscrever em uma mesa de recepção, e torna-se evidente que somos os primeiros concorrentes a se apresentarem, porque a mulher gorda encarregada das inscrições diz:

— As inscrições só começam daqui a uma hora.

Sentamo-nos na última fileira de poltronas. Olho em volta. Um enorme lustre oscila acima de nós, e o teto não é um teto comum, pois está repleto de flores e anjos de gesso e outras coisas extravagantes que se projetam dele. Tiffany está nervosa. Ela não para de estalar os dedos.

— Você está bem? — pergunto.

— Por favor, não fale comigo antes da apresentação. Dá azar.

Sento-me e começo a ficar nervoso, especialmente porque tenho muito mais em jogo neste concurso do que Tiffany e, obviamente, ela está uma pilha de nervos. Tento não pensar em perder minha chance de enviar uma carta para Nikki, mas é claro que só consigo pensar nisso.

Quando os outros competidores começam a chegar, noto que a maioria parece estudante do ensino médio, e eu acho isso

estranho, mas não digo nada, principalmente porque não estou autorizado a falar com Tiffany.

Nós nos inscrevemos e entregamos nossa música para o rapaz do som, que se lembra de ter visto a Tiffany no ano passado, eu noto, porque ele diz:

— Você de novo?

Depois que Tiffany confirma com um gesto de cabeça, estamos nos bastidores, trocando de roupa. Felizmente, consigo vestir minha malha antes que os outros concorrentes cheguem aos bastidores.

Estou sentado nos fundos ao lado da Tiffany, cuidando da minha vida, quando uma mulher feia se aproxima rebolando e diz para Tiffany:

— Sei que vocês, dançarinos, são muito liberais quanto a seus corpos. Mas você realmente espera que eu permita que minha filha adolescente troque de roupa na frente deste homem seminu?

Tiffany fica realmente nervosa agora. Sei disso porque ela não xinga a mulher feia, que me faz lembrar as enfermeiras do lugar ruim — especialmente por estar tão fora de forma e ter um corte de cabelo de idosa.

— Então? — diz a mãe.

Vejo um closet no outro lado da sala.

— E se eu ficar ali dentro enquanto todo mundo troca de roupa?

— Por mim, tudo bem — diz a mulher.

Tiffany e eu entramos no closet cheio de fantasias abandonadas que devem ter servido para algum espetáculo infantil — todo tipo de trajes de peça única que me fariam parecer um leão, um tigre ou uma zebra caso eu vestisse algum deles. Uma caixa empoeirada de instrumentos de percussão — pandeiros, triângulos, pratos e pedaços de madeira para serem batidos uns contra os outros me fazem lembrar da sala de música do lugar ruim e das aulas de relaxamento musical, das quais participei até ser expulso. Então, tenho um pensamento aterrorizante: e se algum dos outros concorrentes dançar uma música de Kenny G?

— Você precisa descobrir quais músicas os outros dançarinos escolheram — informo a Tiffany.

— Eu disse para você não falar comigo antes da apresentação.

— Só descubra se alguém está dançando alguma música executada por certo músico de jazz cujas iniciais são K. G.

Depois de um segundo, ela diz:

— Kenny...

Fecho meus olhos, murmuro uma única nota e,

silenciosamente, conto até dez, esvaziando minha mente.

— Meu Deus — exclama Tiffany, mas depois ela se levanta e

sai do closet.

Dez minutos depois, ela retorna.

— Nenhuma música dessa pessoa — informa Tiffany, e

depois se senta.

— Tem certeza?

— Já falei: nada de Kenny G.

Fecho meus olhos, murmuro uma única nota e,

silenciosamente, conto até dez, esvaziando minha mente.

* * *

Ouvimos uma batida à porta, e, quando Tiffany abre, vejo que há muitas mães nos bastidores agora. A mulher que bateu na porta diz para Tiffany que todas as bailarinas já se inscreveram e estão vestidas. Quando saio do closet, fico chocado ao ver que Tiffany e eu somos pelo menos quinze anos mais velhos do que as demais concorrentes. Estamos rodeados por adolescentes.

— Não deixe que a aparência inocente delas o engane — diz

Tiffany. — São todas umas pequenas víboras... e dançarinas extraordinariamente talentosas.

Antes de os espectadores chegarem, temos a oportunidade de ensaiar no palco do Hotel Plaza. Executamos a coreografia com perfeição, mas a maioria das outras dançarinas também manda muito bem em suas impressionantes coreografias, o que me deixa com medo de não ganharmos.

Logo antes de o concurso começar, os competidores são trazidos diante da multidão. Quando Tiffany e eu somos anunciados, subimos ao palco, acenamos, e os aplausos são fracos. As luzes dificultam a visão, mas vejo os pais de Tiffany na primeira fila, sentados com a pequena Emily, Ronnie, Veronica e uma mulher de meia-idade que deve ser a Dra. Lily, a terapeuta de Tiffany, porque Tiffany me disse que sua terapeuta estaria na plateia. Olho rapidamente para o restante das fileiras enquanto saímos do palco, mas não vejo minha mãe. Nem Jake. Nem meu pai. Nem Cliff. Percebo que estou triste, embora não esperasse mesmo que alguém viesse, fora minha mãe. Talvez ela esteja ali em algum lugar, penso, e essa ideia faz com que eu me sinta um pouco melhor.

Nos bastidores, admito para mim mesmo que os outros

concorrentes receberam mais aplausos do que nós, o que significa que suas torcidas são maiores do que a nossa. Embora a mulher que nos anunciou esteja fazendo um discurso, dizendo que é uma exibição, não um concurso, fico com medo de que Tiffany não receba o troféu de ouro, o que acabaria com minha chance de escrever cartas para Nikki.

Nossa apresentação está programada para ser a última, e, enquanto as outras meninas executam suas coreografias, os aplausos variam de moderados a entusiasmados, o que me surpreende, porque durante o ensaio antes do espetáculo achei todas as coreografias excelentes.

Mas, pouco antes de entrarmos em cena, quando a pequena Chelsea Chen termina seu número de balé, os aplausos são ensurdecedores.

— O que ela fez lá fora para receber tantos aplausos? — pergunto para Tiffany.

— Não fale comigo antes da apresentação — diz ela, e eu começo a ficar muito nervoso.

* * *

A mulher encarregada de apresentar o concurso anuncia nossos nomes, e os aplausos são um pouco mais animados do que os

que recebemos antes da competição. Logo antes de me deitar no fundo do palco, olho para o público para ver se Jake ou Cliff chegaram, mas tudo que vejo é o branco quente dos refletores voltados para mim. Antes que tenha tempo de pensar, a música começa.

Notas de piano — lentas e tristes.

Começo meu rastejar incrivelmente lento até o centro do palco, usando apenas os braços.

A voz masculina canta: “Turn around...”

Bonnie Tyler responde: “Every now and then I get a little bit lonely and you’re never coming round.”

Nesse ponto Tiffany entra correndo no palco e pula por cima de mim como uma gazela ou algum outro animal lindamente ágil.

Enquanto as duas vozes continuam a cantar seus versos, Tiffany faz sua coreografia: ela corre, pula, cai, rodopia, desliza — é dança moderna.

Quando entra a bateria, levanto-me e faço um grande círculo com os braços para que as pessoas saibam que eu sou o sol, e que nasci. Os movimentos de Tiffany também se tornam mais intensos. Quando Bonnie Tyler começa o refrão, cantando “Together we can take it to the end of the line; your love is like a

shadow on me all of the time”, nós nos lançamos no primeiro passo aéreo. “I don’t know what to do and I’m always in the dark.” Estou segurando Tiffany acima da minha cabeça e estou firme como uma rocha, executando a coreografia com perfeição. “We’re living in a powder keg and giving off sparks.” Começo a rodar Tiffany enquanto ela ergue as pernas e as abre num espacate, e Bonnie Tyler canta: “I really need you tonight. Forever’s gonna start tonight. Forever’s gonna start tonight.” Fazemos um giro de trezentos e sessenta graus e, quando Bonnie Tyler canta “Once upon a time I was falling in love, but now I’m only falling apart”, Tiffany escorrega para baixo nos meus braços e eu a coloco no chão, como se estivesse morta — e eu, como sol, lamento sua morte. “Nothing I can say, a total eclipse of the heart.”

Quando a música volta a subir, Tiffany dá um pulo e começa a voar lindamente pelo palco.

A música continua e volto a fazer círculos enormes e lentos com os braços, representando o sol da melhor maneira possível. Conheço tão bem a coreografia que posso pensar em outras coisas enquanto danço, então começo a achar que estou mesmo realizando nosso número com muita facilidade e que é uma pena

minha família e meus amigos não estarem aqui para me verem dançando de maneira tão sensacional. Por mais que a gente não receba o maior número de aplausos no fim — especialmente depois de Chelsea Chen ter trazido toda a família para assistir à apresentação —, começo a acreditar que vamos ganhar mesmo assim. Tiffany é muito boa, e, enquanto salta ao meu redor diversas vezes, começo a admirá-la de um jeito que eu não tinha admirado até então. Ela está dando tudo de si durante a apresentação e está mostrando um lado que eu ainda não tinha visto. Se, no último mês, ela estava chorando com o corpo enquanto ensaiávamos no estúdio, hoje à noite ela está aos prantos com o corpo, e a pessoa teria que ser feita de pedra para não sentir o que ela está oferecendo.

Bonnie Tyler começa a cantar “Together we can make it to the end of line”, o que significa que está na hora do segundo e mais difícil passo aéreo, então fico de cócoras e ponho as costas de minhas mãos sobre meus ombros. À medida que a música aumenta de intensidade, Tiffany sobe em minhas mãos e, quando Bonnie Tyler canta “I really need you tonight”, ela flexiona os joelhos, então aciono os músculos das minhas pernas e me levanto o mais rápido que posso, estendendo os braços e

elevando as palmas das minhas mãos. Tiffany é projetada no ar, faz um giro completo, cai em meus braços, e, enquanto o refrão vai sumindo, olhamos um nos olhos do outro. “Once upon a time I was falling in love, but now I’m only falling apart. Nothing I can do, total eclipse of the heart.” Ela escorrega para fora dos meus braços, como se estivesse morta, e eu — sendo o sol — me apago, o que quer dizer que me deito no chão e uso apenas os braços para lentamente me afastar do brilho dos refletores, o que leva quase um minuto.

A música vai sumindo.

Silêncio.

Por um segundo, fico com medo de que ninguém bata palmas.

Mas então o lugar explode em aplausos.

Quando Tiffany se levanta, eu faço o mesmo. Como ensaiamos diversas vezes, seguro a mão dela e me curvo para a frente, momento em que os aplausos aumentam e o público fica de pé.

Estou muito feliz, mas ao mesmo tempo estou triste porque ninguém da minha família nem meus amigos vieram me apoiar, mas então ouço o grito de guerra dos Eagles mais alto que já ouvi em toda a minha vida. “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!” Olho para

as últimas fileiras da plateia e não apenas vejo Jake, Caitlin e minha mãe, como também Scott, os homens gordos, Cliff e toda a Invasão Asiática. Todos estão vestindo camisetas dos Eagles, e eu começo a rir quando eles começam a gritar: “Baskett! Baskett! Baskett! Baskett!”

Na primeira fila, Ronnie sorri para mim, orgulhoso. Ele ergue os dois polegares quando fazemos contato visual. Veronica está sorrindo, assim como a pequena Emily, mas a Sra. Webster está chorando e sorrindo ao mesmo tempo, e então me dou conta de que ela achou a nossa dança realmente linda — linda o bastante para fazê-la chorar.

Tiffany e eu corremos para fora do palco e as adolescentes nos felicitam com olhos arregalados, sorrisos e excitação. “Caraca. Isso foi o máximo!” dizem elas. É fácil de ver que todas admiram Tiffany porque Tiffany é uma excelente dançarina e uma coreógrafa talentosa.

Finalmente, Tiffany volta-se para mim e diz:

— Você foi perfeito!

— Não, você foi perfeita! — digo. — Você acha que ganhamos?

Ela sorri e olha para os próprios pés.

— O que foi? — pergunto.

— Pat, preciso lhe dizer uma coisa.

— O quê?

— Não há nenhum troféu de ouro.

— O quê?

— Não há vencedores na Dança Contra a Depressão. É apenas uma apresentação. Inventei a história da coroa de flores apenas para motivá-lo.

— Ah.

— E funcionou, porque você foi incrível no palco! Obrigada. E eu serei, sim, o seu elo — diz Tiffany pouco antes de me beijar na boca e me abraçar por um tempo muito longo.

Seu beijo é salgado por causa da dança, e é estranho ter Tiffany me abraçando de forma tão apaixonada na frente de todas aquelas adolescentes vestindo malhas de balé, especialmente porque estou sem camisa e meu tórax foi raspado recentemente, e eu não gosto de ser tocado por ninguém, exceto por Nikki.

— Então, agora que acabamos de dançar, posso voltar a falar sobre futebol americano? Porque tem um monte de torcedores dos Eagles esperando lá fora por mim.

— Depois de ter executado a coreografia daquele jeito, você

pode fazer o que quiser, Pat — sussurra Tiffany em meu ouvido, e espero muito tempo até ela parar de me abraçar.

* * *

Depois que troco de roupa no closet, Tiffany me diz que não há mais adolescentes nuas nos bastidores, então saio para cumprimentar minha torcida. Quando desço do palco, a Sra. Webster pega minhas mãos, olha nos meus olhos e diz:

— Obrigada.

Ela continua olhando nos meus olhos, mas não diz mais nada, o que me dá uma sensação meio esquisita.

Finalmente, Veronica diz:

— O que minha mãe quer dizer é que esta noite foi muito importante para Tiffany.

Emily aponta para mim e diz:

— Pap!

— É isso mesmo, Em — diz Ronnie. — Tio Pat.

— Pap! Pap! Pap!

Todos rimos, mas logo ouço cinquenta indianos gritando:

— Baskett! Baskett! Baskett!

— É melhor você cumprimentar seus torcedores barulhentos — diz Ronnie.

Atravesso o corredor em direção ao mar de camisetas dos Eagles. Outros espectadores que não conheço me dão tapinhas nas costas e me felicitam enquanto abro caminho entre eles.

— Você foi incrível no palco! — elogia minha mãe de um jeito que dá a entender que ela ficou surpresa com minhas excelentes habilidades como dançarino, e então ela me abraça. — Estou tão orgulhosa!

Eu a abraço de volta e, em seguida, pergunto:

— Papai está aqui?

— Esqueça o papai — diz Jake. — Tem sessenta homens esperando para levá-lo para o esquenta mais glorioso de sua vida.

— Espero que você não esteja planejando dormir esta noite — diz Caitlin para mim.

— Você está pronto para terminar com a maldição de Pat Peoples? — pergunta Cliff.

— Quê?

— Os Birds não ganham desde que você parou de assistir aos jogos. Hoje à noite tomaremos medidas drásticas para acabar com a maldição — diz Scott. — Vamos dormir no ônibus da Invasão Asiática, do lado de fora do estacionamento do Wachovia. Armaremos o esquenta ao amanhecer.

— Ashwini está dando voltas no quarteirão neste instante, esperando por nós — informa Cliff. — Então, você está pronto?

Fico um pouco abalado com a notícia, especialmente porque acabei de executar uma excelente coreografia de dança e estava esperando desfrutar da minha conquista por mais do que dez minutos.

— Não trouxe roupa.

Mas minha mãe puxa minha camiseta do Baskett de uma bolsa que eu não tinha notado antes e diz:

— Você encontrará tudo de que precisa aqui dentro.

— E os meus remédios?

Cliff ergue um pequeno saco plástico com meus comprimidos dentro.

Antes que eu possa dizer ou fazer qualquer outra coisa, a Invasão Asiática começa a cantar mais alto: “Baskett! Baskett! Baskett!” Os homens gordos me erguem acima de suas cabeças e me carregam para fora do auditório, passamos pela fonte repleta de peixes, saímos do Hotel Plaza e ganhamos as ruas da Filadélfia. Então, me vejo no ônibus da Invasão Asiática, bebendo uma cerveja e cantando “Voem Eagles, voem! A caminho da vitória...”.

Paramos no Pat’s, no sul da Filadélfia, para comer cheesesteak, o sanduíche típico da cidade, que demora muito tempo para preparar já que há cerca de sessenta de nós, e ninguém se atreveria a ir ao Geno’s Steaks ao lado, porque a carne do Geno é de qualidade inferior. E logo estamos no estacionamento do Wachovia, do lado de fora do portão, para sermos o primeiro veículo admitido pela manhã e garantirmos nossa vaga da sorte. Bebemos, cantamos, jogamos bola e corremos sobre o chão de concreto; desenrolamos a grama sintética e jogamos algumas partidas de Kubb sob os postes de luz, e, apesar de ter tomado apenas duas ou três cervejas, começo a dizer a todos que os amo, porque eles vieram assistir ao concurso de dança, e eu também me desculpo por ter abandonado os Eagles no meio da temporada, mas digo que foi por um bom motivo, embora não possa dizer qual, e aí estou em um banco de ônibus e Cliff me acorda, dizendo:

— Você se esqueceu de tomar seus remédios da noite.

* * *

Quando acordo na manhã seguinte, minha cabeça está apoiada no ombro de Jake, e é bom estar perto do meu irmão, que ainda está dormindo. Levanto-me em silêncio, olho em volta e percebo

que todos — Scott, os homens gordos, Cliff e todos os cinquenta ou mais membros da Invasão Asiática — estão dormindo no ônibus. Dois ou três homens dormem sobre cada assento, cabeças pousadas nos ombros uns dos outros. Irmãos por toda parte.

Caminho na ponta dos pés até a frente do ônibus, passando por Ashwini, que está dormindo com a boca bem aberta no banco do motorista.

Do lado de fora do ônibus, vou até o pequeno trecho de grama entre a rua e a calçada e começo a mesma série de flexões e abdominais que costumava fazer no lugar ruim, antes que eu tivesse acesso aos pesos, à bicicleta ergométrica e ao Stomach Master 6000.

Cerca de uma hora depois, começa a amanhecer.

Quando termino a última série de abdominais, tenho a impressão de ter queimado meu sanduíche e as cervejas que bebi na noite anterior, mas sinto que deveria correr um pouco, então corro alguns quilômetros, e, quando volto, meus amigos ainda estão dormindo.

Em pé ao lado de Ashwini, vejo meus camaradas dormindo e me sinto feliz por ter tantos amigos. Um ônibus cheio deles.

Percebo que deixei o Hotel Plaza sem me despedir de Tiffany, e me sinto um pouco mal por causa disso, embora ela tenha dito que eu poderia fazer o que quisesse depois de termos nos saído tão bem. Também me sinto muito ansioso para escrever minha primeira carta para Nikki. Mas preciso pensar nos Eagles agora, e sei que uma vitória dos Eagles é praticamente a única coisa que poderá consertar as coisas com meu pai, então começo a me sentir esperançoso e chego até a fazer uma pequena prece a Deus, que, aposto, ficou muito impressionado com minha coreografia na noite passada e talvez por isso pegue leve comigo hoje. Olhando para todos aqueles rostos adormecidos, percebo que senti falta de meus irmãos de camisa verde, e começo a esperar pelo restante do dia com ansiedade.

Carta nº 2 — 15 de novembro de 2006

Querido Pat,

Primeiro, deixe-me dizer que é bom ter notícias suas. Faz muito tempo que isso não acontece, o que tem sido estranho para mim. Quer dizer, quando você é casada com alguém durante anos e então fica sem ver essa pessoa por quase o mesmo período de tempo, é estranho, certo? Não sei como

explicar isso, em especial porque nosso casamento terminou de forma tão abrupta e escandalosa. Nunca tivemos a chance de conversar sobre as coisas como adultos civilizados. Por causa disso, às vezes não tenho certeza se os muitos anos “sem Pat” existiram; talvez tenham sido apenas uma breve separação que parece ter durado anos. Como uma viagem solitária de carro que leva toda a noite, mas parece ter durado a vida inteira. Ao ver as faixas da estrada passando a cem quilômetros por hora, seus olhos se tornam preguiçosos e sua mente vaga pelas lembranças de toda uma vida — passado e futuro, de memórias de infância a reflexões sobre sua própria morte —, até que os números no relógio do painel não significam mais nada. Então o sol nasce e você chega ao seu destino e a viagem é que se torna a coisa irreal, porque aquela sensação surreal desaparece e o tempo volta a fazer sentido.

Finalmente entrar em contato com você é como chegar ao fim de uma longa viagem de carro e perceber que fui para o lugar errado — que de algum modo acabei no passado, no porto de origem, em vez de no cais de destino. Mas ao menos posso enfim dizer isso para você, o que é importante. É provável que soe estúpido, mas talvez você saiba o que eu quero dizer. A parte de

minha vida que você outrora preencheu não passa de faixas de estrada desde que você foi internado, e eu espero que esta troca de correspondências ajude a concluir as coisas entre nós dois, porque em breve vou voltar para o lugar onde estava antes de Tiffany entrar em contato comigo, e seremos apenas lembranças um para o outro.

Mal posso crer no quanto você escreveu. Quando ela disse que você estava me escrevendo uma carta, não esperava que você lhe entregasse duzentas páginas fotocopiadas de seu diário. Como pode imaginar, Tiffany não foi capaz de ler todas as páginas pelo telefone, porque isso teria levado horas! Ela leu para mim a nota introdutória e depois me contou o restante, citando o seu diário diversas vezes. Você precisa saber que foi muito trabalhoso para ela ler o manuscrito e escolher as partes que achou que eu deveria ouvir. Pelo bem da Tiffany, por favor, limite sua próxima carta — caso haja uma próxima — a cinco páginas, já que ler cinco páginas em voz alta leva muito tempo, e Tiffany também tem de escrever o que eu dito pelo telefone, o que já é pedir demais a ela. (Ela é mesmo uma mulher incrivelmente gentil, você não acha? Você tem sorte de tê-la em sua vida.) Talvez seja a professora de inglês em mim falando, mas

acho que limitar o número de páginas será melhor. Sem ofensa, mas vamos tentar ser concisos. Está bem?

Parabéns pelo concurso de dança. Tiffany me disse que você foi impecável. Estou tão orgulhosa de você! É difícil imaginar você dançando, Pat. O modo como ela descreveu seu desempenho foi muito impressionante. Fico feliz que você esteja se interessando por coisas novas. Isso é bom. Eu certamente gostaria que você tivesse dançado mais comigo.

As coisas na Jefferson High School estão uma grande merda. A Associação de Pais e Professores forçou a publicação dos boletins on-line, e agora os pais têm acesso às notas de seus filhos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Você estaria odiando trabalhar aqui agora por causa dessa novidade. Tudo que os pais têm de fazer é ligar o computador, ir até a página da Jefferson na internet, digitar um número de identificação e uma senha, e eles podem ver se o filho deixou de fazer o dever de casa, se ele se saiu mal em uma prova surpresa ou o que for. Isso significa, é claro, que, se estivermos atrasados com a matéria, os pais vão saber, e os mais agressivos vão telefonar. As reuniões de pais e professores têm aumentado por causa disso. Cada vez que um aluno deixa de apresentar um

único dever de casa, os pais aparecem. Nossas equipes esportivas também estão perdendo muitas partidas. Os treinadores Ritchie e Malone sentem muito sua falta. Eles realmente não foram capazes de substituí-lo, e os alunos estão indo mal sem o treinador Peoples no comando. A vida dos professores continua agitada e maluca, e fico feliz que você não tenha de lidar com esse tipo de estresse enquanto se cura.

Fico triste em saber que seu pai está sendo indiferente. Sei o quanto isso costumava perturbá-lo. E sinto muito pelos altos e baixos dos Eagles, mas pelo menos eles venceram os Redskins no último fim de semana, certo? Assistir aos jogos da temporada com Jake deve lhe dar a impressão de ter morrido e ido para o céu.

Acho melhor lhe dizer que casei novamente. Não vou entrar em detalhes, a menos que você queira, Pat. Tenho certeza de que essa informação é um choque para você, especialmente depois que Tiffany leu para mim as muitas partes de seu diário que pareciam indicar que você ainda tem esperanças de se reconciliar comigo. Você precisa saber que isso não vai acontecer. A verdade é que eu já tinha a intenção de me divorciar de você antes do acidente, antes de você ser internado

na unidade de saúde mental. Nós não éramos um bom par. Você nunca estava em casa. E, vamos admitir, nossa vida sexual era uma merda. Eu o traí por causa disso, coisa da qual você talvez se lembre, talvez não. Não estou tentando magoá-lo, Pat. Longe disso. Não me orgulho de minha infidelidade. Arrependo-me de ter traído você. Mas o nosso casamento já estava terminado antes mesmo de eu começar meu caso. Sua cabeça não está boa, mas eu soube que seu terapeuta é um dos melhores em South Jersey, que seu tratamento está dando certo e que sua memória voltará em breve. Quando isso acontecer, você vai se lembrar de como eu o magoei, e então nem vai querer me escrever, muito menos tentar recriar o que você acha que tivemos um dia.

Compreendo que minha resposta brusca à sua carta longa e apaixonada possa magoá-lo, e se você não quiser me escrever novamente, vou compreender. Mas eu queria ser honesta com você. De que serve tudo isso, se formos mentir agora?

Sua,

Nikki

P.S. Fiquei muito impressionada por você finalmente ter lido muitos dos livros de meu programa de literatura americana. Vários alunos também reclamaram do fato de os romances serem

deprimentes. Tente Mark Twain. Huck Finn tem um final feliz. Talvez você goste. Mas vou lhe dizer o mesmo que digo para meus alunos quando se queixam sobre a natureza deprimente da literatura americana: a vida não é um filme de censura livre para fazer com que a pessoa se sinta bem. Muitas vezes a vida real acaba mal, como aconteceu com nosso casamento, Pat. E a literatura tenta documentar essa realidade, mostrando-nos que ainda é possível suportá-la com nobreza. Parece que você tem suportado tudo com nobreza desde que voltou a Nova Jersey, e quero que saiba que admiro isso. Espero que você seja capaz de se reinventar e viver o restante de sua vida com uma sensação de tranquila satisfação, que é o que tenho tentado fazer desde que nos separamos.

Carta nº 3 — 18 de novembro de 2006

Querida Nikki,

Assim que li sua carta, pedi que minha mãe pegasse As Aventuras de Huckleberry Finn na Biblioteca Pública de Collingswood. Ansioso para desfrutar de um livro de literatura com final feliz, li toda a obra de uma vez, o que me obrigou a ficar acordado a noite inteira. Não sei se Tiffany leu para você as

partes de meu diário sobre meu amigo negro Danny, mas esse livro o deixaria furioso, visto que Twain usa a palavra “preto” mais de duzentas vezes. Sei disso porque depois de ler os primeiros capítulos comecei a ler o livro novamente e passei a contar. Toda vez que Twain usava a palavra que começa com a letra “p”, eu fazia uma marca em um pedaço de papel e, quando terminei o livro, havia mais de duzentas marcas! Danny diz que só as pessoas negras podem usar a palavra que começa com a letra “p”, o que é uma espécie de verdade universal hoje em dia, por isso estou surpreso que a diretoria da escola permita que você passe um livro assim para os alunos.

Mas gostei muito do livro. Embora Tom Sawyer devesse ter dito imediatamente para Jim que ele estava livre, fiquei muito feliz por Jim, no fim do romance, quando ele ganhou sua liberdade. Da mesma forma, a maneira com que Huck e Jim atravessaram juntos os maus momentos me fez lembrar de Danny e Pat apoiando um ao outro no lugar ruim. O que realmente me impressionou foi como Huck sofreu com a ideia de que Deus não queria que ele ajudasse Jim a fugir, porque Jim era um escravo. Sei que as pessoas tinham valores diferentes naquela época, e que a igreja e o governo aprovavam a escravidão, mas

Huck realmente me impressionou quando disse que, se ajudar a libertar Jim significava ir para o inferno, então ele iria para o inferno.

Quando li sua carta, chorei por um longo tempo. Eu sei que fui um mau marido e não estou bravo com você por ter me traído, me deixado ou até mesmo se casado novamente. Você merece ser feliz. E se você está casada agora, o fato de voltarmos a nos unir seria um pecado, porque isso significaria que estaríamos cometendo adultério, mesmo que eu ainda pense em você como minha mulher. Tais pensamentos me deixam tonto, como se eu estivesse perdendo o controle. Tais pensamentos me fazem querer bater com o punho contra a pequena cicatriz branca acima da minha sobrancelha direita, que coça sempre que eu fico confuso ou agitado. Para usar sua metáfora: desde que me lembro, estou dirigindo por uma estrada escura, passando por intermináveis faixas e linhas de autoestrada. Todo o restante foi apenas uma parada — a família, os Eagles, a dança, meus exercícios. Tenho dirigido em direção a você o tempo todo, querendo apenas uma coisa: nosso reencontro. E, agora, finalmente me dou conta de que estou tentando conquistar uma mulher casada, o que eu sei que é pecado. Mas acho que você

não entende quanto lutei por esse final feliz. Estou em ótima forma física, e agora resolvi praticar ser gentil em vez de ter razão. Não sou mais o homem com quem você foi casada por todos aqueles anos solitários. Sou um homem melhor. Um homem que quer levá-la para dançar e que abrirá mão dos esportes inteiramente — tanto como treinador quanto como torcedor dos Eagles —, se isso a fizer feliz. Minha consciência me diz que eu não deveria continuar a dar margem a tais sentimentos, mas me dizer para ler o romance de Twain me fez achar que talvez você estivesse me dando um sinal. Huck achava que não devia ajudar Jim a fugir, mas seguiu seu coração, libertou Jim, e foi isso que levou ao final feliz do livro. Então será que você estava me dizendo de uma forma indireta que eu deveria seguir meu coração? Por que mais você me recomendaria especificamente As Aventuras de Huckleberry Finn?

Além disso, nosso tempo juntos não foi todo ruim. Talvez o final tenha sido triste, mas você se lembra do início? Lembra-se da faculdade? Lembra quando fomos de carro para Massachusetts no meio da noite? Era uma sexta-feira após os exames semestrais e estávamos assistindo a um desses programas de turismo na TV porque nós dois achávamos que íamos viajar

muito, na época. Todos os nossos amigos tinham ido a uma festa, mas ficamos juntos para passar a noite comendo pizza e tomando vinho no sofá de minha casa. Estávamos assistindo àquele programa sobre observação de baleias na costa de Martha's Vineyard, e você me perguntou se eles faziam vinho em Martha's Vineyard. Eu disse que a temporada de crescimento dos vinhedos na Nova Inglaterra seria muito curta para que obtivessem os tipos adequados de uvas, mas você insistiu que devia haver um vinhedo por lá, já que a ilha se chamava Martha's Vineyard. Tivemos aquela falsa discussão, rindo e batendo um no outro com almofadas e, de repente, estávamos no meu velho Taurus, dirigindo para o norte.

Tenho certeza de que você não achou que eu realmente a levaria até Massachusetts sem uma muda de roupas ou produtos de higiene pessoal, mas logo estávamos sobre a ponte de Tappan Zee, e você estava sorrindo, e eu estava segurando sua mão. Nunca chegamos a Martha's Vineyard, mas passamos um ótimo fim de semana naquele motel barato perto de Cape Cod. Você se lembra de nossos passeios na praia em março? Lembra-se de termos feito amor naquele quarto que fedia a décadas de cigarros fumados por outras pessoas e de desfrutarmos um do

outro naquele quarto de motel? Lembra-se de quando pulamos no colchão e pareceu que estava saindo fumaça de cigarro pelos lados? Daquela lagosta supercara que comemos naquele restaurante brega chamado Captain Bob's, onde os garçons usavam tapa-olhos?

Nós sempre dissemos que voltaríamos a Massachusetts, pegaríamos a balsa e veríamos se Martha's Vineyard realmente tinha vinhedos. Por que não fizemos isso na ocasião? Provavelmente porque tínhamos aula na segunda-feira de manhã. Mas eu gostaria que tivéssemos pegado aquela balsa quando tivemos a oportunidade. Qual a pior coisa que poderia ter acontecido? Teríamos perdido a aula. Agora, parece tão tolo termos feito todo o caminho até Cape Cod com a intenção de pegar a balsa para Martha's Vineyard apenas para passar o fim de semana em um motel barato no continente.

O que estou tentando dizer é que talvez ainda possamos pegar aquela balsa, Nikki. Talvez não seja tarde demais.

Sei que tudo está muito complicado agora. Mas deve haver uma razão para estarmos em contato novamente. Deve haver uma razão para eu ter perdido a memória e então ter sido tomado por uma terrível necessidade de me aperfeiçoar. Deve haver uma

razão, se Tiffany conseguiu organizar esta troca de correspondência. Tudo que estou pedindo é que você mantenha em aberto a possibilidade de um reencontro, enquanto continuamos a nos comunicar por intermédio dela.

Cliff, meu terapeuta, acha que estou prestes a fazer um avanço fundamental na terapia, e ele sente que estabilizou minhas tendências violentas com medicamentos. Sei que em meus escritos mencionei ter cuspido muitos de meus remédios logo que cheguei em casa, mas estou tomando todos os comprimidos agora e posso sentir que minha saúde mental está se estabilizando. Todos os dias, sinto como se estivesse mais perto de recuperar a lembrança de nosso fracasso. E, não importa do que eu me lembre — não importa o que realmente aconteceu entre nós —, isso não mudará o que sinto por você. Você está vivendo com outro homem, você se casou outra vez — o que poderia ser pior? Eu ainda a amo. Sempre a amarei e só agora estou pronto para provar meu amor por você.

Espero que esta carta seja concisa o bastante, uma vez que foi muito difícil escrevê-la em apenas cinco páginas, mas eu consegui. Sinto muito a sua falta, Nikki. De cada sarda de seu lindo nariz.

Com amor,

Pat, seu bolinho garanhão e sexy

(Lembra que você disse isso no vídeo do casamento?)

Carta nº 4 — 29 de novembro de 2006

Querido Pat,

Tiffany me informou que você está sendo sincero, e, pelo que ela me contou sobre sua nova personalidade, parece que você é um homem completamente transformado. Seja resultado do acidente, da terapia, da medicação, ou simplesmente de pura força de vontade, você está de parabéns, porque isso não é pouca coisa.

Primeiro deixe-me dizer que recomendei Huck Finn apenas por ser uma leitura agradável. Não estava tentando enviar uma mensagem oculta. Com base em tudo que você escreveu e no que Tiffany me disse, talvez você devesse ler O apanhador no campo de centeio. É sobre um jovem chamado Holden que tem dificuldade em lidar com a realidade. Holden quer viver em um mundo infantil para o resto da vida, o que faz dele um personagem muito bonito e interessante, mas que não consegue encontrar seu lugar no mundo real. No momento, parece que

você está tendo dificuldade em lidar com a realidade. Parte de mim se emociona com as mudanças que você fez em sua vida, porque suas cartas realmente refletem um homem melhor. Mas também me preocupo que essa visão de mundo que você desenvolveu seja frágil, e pode ter sido o que o manteve na instituição de saúde mental durante tantos anos e o esteja mantendo no porão da casa de seus pais há tantos meses. Em algum momento você terá de sair do porão, Pat. Você terá de conseguir um emprego e voltar a ganhar dinheiro, e então talvez você não possa ser a pessoa que tem sido nos últimos meses.
É claro que me lembro de Massachusetts. Nós éramos tão jovens, e essa é uma bela lembrança. Vou levá-la comigo para sempre. MAS NÓS ÉRAMOS CRIANÇAS, Pat. Isso foi há mais de uma década. Eu não sou mais o tipo de mulher que dorme em motéis baratos. Talvez você tenha se tornado novamente o tipo de homem que levaria de surpresa uma mulher para Martha's Vineyard. Talvez você esteja passando por uma segunda infância. Não sei. Mas sei que você NÃO passará sua segunda infância comigo. Não sou criança, Pat. Sou uma mulher que ama muito o atual marido. Quando concordei em escrever para você, meu objetivo nunca foi lhe conceder uma segunda chance. Meu

objetivo não era permitir que você entrasse novamente em minha vida. Só queria lhe dar uma chance de dizer adeus, de resolver quaisquer questões não resolvidas. Quero deixar isso claro.

Nikki

Carta nº 5 — 3 de dezembro de 2006

Querida Nikki,

Na noite depois que os Tennessee Titans destruíram os Eagles em casa — jogo em que Donovan McNabb rompeu o ligamento cruzado anterior, dando fim a sua temporada e talvez até mesmo a sua carreira —, Andre Waters se matou com um tiro. Eu sei que você não se importa com nada disso, mas Waters era um de meus jogadores favoritos quando eu era adolescente. Ele era uma parte importante da Gang Green Defense. As pessoas o chamavam de Dirty Waters, de tantas multas que recebeu por bater nos adversários com muita violência. Quando eu era criança, Waters era um deus para mim. Jake diz que Waters provavelmente se matou depois de ver os Eagles jogarem tão mal contra os Titans, o que não é uma coisa nada engraçada de se dizer. Meu pai não tem falado com ninguém, porque está chateado com a lesão de McNabb, que provavelmente vai

arruinar as chances dos Eagles de chegarem à final. Não estão mais lançando muitas bolas para meu jogador favorito, Hank Baskett. Na verdade, ele chegou a ter uma bola interceptada em uma jogada idiota durante a vitória dos Indy Colts sobre os Birds no fim de semana passado. E, é claro, houve também a sua última carta.

Então, estou achando que essa é a parte do meu filme em que parece que nada vai dar certo. Preciso lembrar a mim mesmo que todos os personagens de filmes passam por um tipo de período obscuro como esse antes de encontrarem um final feliz.

Foi difícil esperar duas semanas por sua resposta. Sua carta me deixou muito triste, e, nas últimas vinte e quatro horas, escrevi minha resposta ao menos uma centena de vezes.

Não sei se Tiffany leu para você a parte de minhas memórias na qual descrevo o consultório de meu terapeuta, mas ele tem duas poltronas reclináveis de couro — uma preta, outra marrom. Meu terapeuta permite que seus pacientes escolham em qual delas querem se sentar, de modo que ele possa ver como está nosso humor. Tenho escolhido a preta ultimamente.

Li algumas partes de suas cartas para Cliff — que é o nome do meu terapeuta. Ele não sabe sobre o envolvimento de Tiffany,

porque prometi que não diria a ninguém que ela concordou em agir como elo. Quando Cliff me perguntou como consegui entrar em contato com você, eu me recusei a responder. Espero que você não se importe que eu leia algumas de suas palavras para meu terapeuta. É engraçado. Cliff fica insinuando que eu deveria investir em um relacionamento com Tiffany. E sei que Tiffany está lendo esta carta para você, então essa parte vai ser constrangedora para todos os envolvidos, mas Tiffany terá de lidar com isso, porque isso faz parte do trabalho de uma intermediadora, e eu dancei muito bem, cumprindo minha parte no acordo.

Cliff diz que Tiffany e eu temos muito em comum neste momento e que você e eu temos muito pouco em comum, porque estamos em lugares muito diferentes. Achei que ele quisesse dizer que você estava em Maryland e eu, em Nova Jersey, mas acontece que o que ele quer dizer é que eu ainda estou trabalhando para recuperar minha saúde mental e que você é mentalmente estável. Perguntei para Cliff por que ele ia querer que eu investisse em um relacionamento com alguém que é tão mentalmente instável quanto eu, e ele disse que você não seria capaz de me apoiar da maneira que eu preciso, e que esse foi o

motivo pelo qual nosso casamento deu errado. Fiquei muito bravo com Cliff quando ele disse isso, sobretudo porque sou o único culpado, mas ele insistiu em dizer que você permitiu que eu me tornasse a pessoa que eu era, nunca me pondo no meu lugar e deixando que eu abusasse emocionalmente de você por tanto tempo. Ele diz que Tiffany não vai permitir que eu faça isso e que a nossa amizade é baseada em uma necessidade mútua e em um compromisso de nos aperfeiçoarmos através da boa forma física e da dança.

Tiffany e eu somos bons amigos, e eu aprecio tudo que ela está fazendo por mim agora. Mas ela não é você. Eu ainda amo você, Nikki. E não se pode controlar ou alterar o amor verdadeiro.

Minha mãe pegou O apanhador no campo de centeio na Biblioteca Pública de Collingswood. Gostei muito de Holden Caulfield e senti muita simpatia por ele, porque ele realmente era um cara legal, sempre tentando fazer o melhor pela irmã Phoebe, mas sempre falhando, como quando comprou aquele disco para ela e o quebrou antes que pudesse entregá-lo.

Também gostei do modo como ele se preocupava com o que os patos da cidade de Nova York faziam no inverno. Para onde vão?

Mas a minha parte favorita é o final, quando Holden leva sua irmã para o carrossel e ela monta no cavalo e tenta alcançar a argola dourada. Holden diz: “Cheguei a ficar com medo de que ela acabasse caindo da droga do cavalo. Mas não disse e nem fiz nada. O negócio com as crianças é que, se elas querem agarrar a argola dourada, o melhor é deixar elas fazerem o troço e não dizer nada. Se caírem, caíram, mas o errado é dizer alguma coisa para elas.” Quando li essa parte, lembrei-me do que você escreveu, dizendo que eu estava vivendo minha segunda infância e que teria de “sair do porão” algum dia. Mas depois pensei que tentar me aperfeiçoar e aprender a dançar com Tiffany é como tentar pegar a argola dourada, que é você. Nikki, você é a minha argola dourada. Talvez eu caia do maldito carrossel, mas tenho de tentar alcançar você, certo?

Quero vê-la. Quero falar com você pessoalmente. Só uma vez. Depois, se você não quiser me ver de novo, poderei viver com isso. Apenas me dê uma chance de mostrar quanto mudei. Só uma chance. Um encontro cara a cara. Por favor.

Com amor,

Pat

Carta nº 6 — 13 de dezembro de 2006

Querido Pat,

Sinto muito que seu ídolo de infância tenha cometido suicídio. Sinto muito que McNabb tenha se contundido. E fico particularmente triste em saber que seu pai ainda permite que os resultados dos jogos de futebol americano governem as relações que ele mantém com a família. Coitada de sua pobre mãe.

Sua decisão de revelar a opinião de seu terapeuta a respeito de Tiffany resultou em uma incômoda conversa telefônica. É óbvio que Tiffany gosta de você o bastante para organizar esta troca de cartas. Espero que você a proteja legalmente, abstendo-se de discutir o acordo com seu terapeuta ou com qualquer outra pessoa. Você deve saber que, ao mostrar minhas cartas para Cliff, me colocou em uma posição delicada. Legalmente, não estou autorizada a ter nenhum contato com você, lembra?

Portanto, esta será minha última carta. Desculpe-me.

Quanto a Holden Caulfield e à argola dourada que Phoebe tenta alcançar no fim do romance, por favor, não pense em mim como sua argola dourada. Sou sua ex-mulher. Desejo seu bem, mas seu terapeuta estava certo ao dizer que somos incompatíveis. Posso ver claramente que não estamos progredindo em

direção ao fim do nosso envolvimento, o que me faz lamentar ter dado início a este diálogo. Minha única esperança é que, algum dia, depois que tiver estabilizado sua saúde mental, você se console com o fato de que eu lhe estendi a mão apesar de tudo que aconteceu. Desejo-lhe sorte neste mundo, Pat.

Adeus,

Nikki

Carta nº 7 — 14 de dezembro de 2006

Querida Nikki,

Acredito em finais felizes do fundo do meu coração. Tenho trabalhado demais em meu autoaperfeiçoamento para desistir de meu filme agora. Lembra-se do lugar onde eu pedi você em casamento? Encontre-me lá no dia de Natal, ao anoitecer. Esta é a única coisa que lhe peço. Mas acho que você me deve este último pedido. Por favor.

Com amor,

Pat

Um quadrado em minha mão

Meu pai se recusa a ir com mamãe, então visto o terno novo que ela comprou para mim no início do mês e a acompanho à missa à

luz de velas na St. Joseph. É uma noite fria, mas seguimos a pé pelos poucos quarteirões até a igreja e logo estamos no santuário onde fiz crisma há tantos anos. Fileiras de poinsétias vermelhas e brancas estão alinhadas no altar e antigas lâmpadas de ferro forjado montam guarda nas extremidades dos bancos, como em todas as outras vésperas de Natal. A luz das velas faz com que a igreja de pedra pareça ainda mais antiga, quase medieval. Sentar novamente em um banco desta igreja me faz lembrar de quando Jake e eu éramos meninos. Íamos à missa da véspera de Natal muito animados para o dia seguinte, prontos para rasgar os embrulhos de nossos presentes. Mas esta noite somos apenas mamãe e eu, já que Jake e Caitlin estão passando a véspera de Natal em Nova York, com os pais de Caitlin, e meu pai está bebendo cerveja em casa.

Depois de algumas proclamações e hinos de Natal, o padre fala sobre estrelas, anjos, manjedouras, burros e milagres, e, em algum ponto da história, começo a rezar.

Caro Deus, sei que seria necessário um milagre para Nikki aparecer amanhã no lugar em que ficamos noivos, mas, para minha sorte, Você e eu acreditamos em milagres. Enquanto estou aqui sentado pensando nisso, eu me pergunto se Você

realmente acredita em milagres, já que Você é todo-poderoso e pode fazer qualquer coisa. Então, tecnicamente, fazer Nikki aparecer amanhã ou colocar o Menino Jesus dentro da Virgem Maria não é mais difícil para Você do que, digamos, assistir a um jogo dos Eagles — o que tem sido muito fácil uma vez que o quarterback reserva Jeff Garcia conseguiu vencer três jogos consecutivos. É engraçado pensar nisso agora. Se Você criou o mundo em apenas uma semana, enviar Seu Filho para realizar uma missão deve ter sido moleza. Mas mesmo assim fico feliz que tenha se dado o trabalho de enviar Jesus para nos ensinar tudo sobre milagres, porque a possibilidade dos milagres acontecerem é o que faz um monte de pessoas seguir em frente aqui em baixo. Não preciso Lhe dizer que tenho trabalhado muito para me aperfeiçoar desde que começou o tempo separados. Na verdade, quero agradecer-Lhe por ter bagunçado minha vida, porque eu nunca teria me empenhado em melhorar meu caráter se não tivesse sido enviado para o lugar ruim, nunca teria conhecido Cliff nem Tiffany, e eu sei que esta jornada tem uma razão de ser. Tenho fé de que há um plano divino em curso e por isso acredito que Você garantirá que Nikki apareça amanhã. Quero agradecer a Você antecipadamente por me

ajudar a ter minha mulher de volta. Espero, ansioso, os anos futuros, quando poderei tratar Nikki do jeito que uma mulher deve ser tratada. Além disso, se não for pedir demais, por favor, permita que os Eagles ganhem no dia de Natal, porque uma vitória sobre os Dallas Cowboys nos colocará em primeiro lugar e então meu pai ficará de bom humor e talvez até fale comigo e com mamãe. É estranho: mesmo com os Birds na disputa pela final, papai tem sido um ogro nesta época de Natal, o que tem entristecido muito a mamãe. Eu a peguei chorando várias vezes, mas Você provavelmente já sabe disso, visto que Você é onisciente. Eu O amo, Deus.

Faço o sinal da cruz assim que o padre termina a homilia, e logo as velas são passadas para os fiéis e acesas enquanto todos cantam “Noite Feliz”. Mamãe está meio apoiada em mim, então passo os braços ao redor dos ombros dela e a aperto um pouco. Ela olha para mim e sorri. Seus lábios, iluminados pela luz das velas, se movem dizendo “Meu menino”, e ambos nos juntamos à cantoria.

Quando voltamos para casa, meu pai está na cama, dormindo. Mamãe serve um pouco de eggnog, acende as luzinhas e nós bebemos sob o brilho da árvore de Natal. Mamãe fala sobre os

enfeites que Jake e eu fizemos quando crianças. Ela aponta para pinhas pintadas, para as pequenas molduras feitas de palito de picolé com fotos nossas do ensino fundamental e para as renas feitas com prendedores de roupa e limpadores de cachimbo. “Lembra quando você fez isso na aula tal?”, ela pergunta toda vez, e eu confirmo com um gesto de cabeça, embora não me lembre de ter feito nenhum daqueles enfeites. É engraçado como minha mãe se lembra de tudo sobre Jake e eu, e de alguma forma eu sei que Nikki jamais vai me amar assim, não importa quanto eu melhore meu caráter, e é isso que realmente amo em minha mãe.

Quando estamos terminando o eggnog, a campainha toca.

— Quem será? — pergunta minha mãe de modo dramático, indicando que ela sabe exatamente quem é.

Começo a ficar animado, porque acho que pode ser Nikki e que minha mãe providenciou o melhor presente de Natal de todos os tempos. Mas, quando abro a porta, são apenas Ronnie, Veronica, Tiffany e a pequena Emily. Eles entram no hall e começam a cantar “We wish you a Merry Christmas. We wish you a Merry Christmas. We wish you a Merry Christmas and a Happy New Year.” Nesse ponto Tiffany para de cantar, mas

Ronnie e Veronica continuam a repetir o primeiro verso, e minha mãe é toda sorrisos enquanto ouve as boas-novas que eles trazem. A pequena Emily está parecendo um esquimó, toda empacotada, mas a cantoria de seus pais faz com que seu rosto redondo pareça satisfeito. Dá até para ver as luzes da árvore de Natal refletidas em seus olhos escuros. Enquanto canta, a família de Ronnie parece feliz, e eu invejo meu amigo.

Tiffany fica olhando para os próprios pés, mas se junta à cantoria novamente quando volta o refrão.

A canção termina com Ronnie segurando a última nota mais tempo do que o necessário, mas minha mãe bate palmas mesmo assim, e então estamos todos sentados ao redor da árvore de Natal bebendo mais eggnog.

— Que tal entregar os presentes dos seus amigos? — sugere minha mãe.

Mamãe me levou para fazer compras diversas vezes nas últimas semanas e escolhemos presentes para as pessoas que me ajudaram a ficar melhor, porque minha mãe diz que no Natal é importante reconhecer as pessoas especiais em nossa vida. Cliff adorou seu alvo de dardos dos Eagles, e Veronica e Tiffany gostaram muito dos perfumes que compramos, graças a Deus, já

que cheirei quase todos os frascos de perfume do Cherry Hill Mall. Ronnie adorou a bola de couro de futebol americano oficial da NFL que escolhi para que ele possa aperfeiçoar seus lançamentos, e a pequena Emily abraça a águia de pelúcia vestida com a camiseta dos Eagles, escolhida especialmente para ela, e começa a morder o bico amarelo tão logo termina de rasgar o papel do embrulho.

Por minha mãe, continuo esperando que meu pai desça e participe da festa, mas ele não vem.

— E nós temos um presente para você também — diz Ronnie.

— Vamos lá, Em. Vamos entregar o presente do tio Pat.

Ele entrega uma caixa muito pesada para Emily carregar, embora ela esteja andando muito bem agora, de modo que ele e Emily trazem juntos o presente até mim.

— Para o Pap! — diz Emily.

E então ela começa a rasgar o papel de embrulho.

— Você quer me ajudar? — pergunto para ela, e ela rasga o resto do papel enquanto todos observam.

Quando Emily acaba de rasgar o papel, abro a caixa, enfio a mão em meio às bolinhas de isopor e encontro algo que parece uma espécie de placa. Tiro o objeto de dentro da caixa e vejo que

é um retrato emoldurado de Hank Baskett. Ele está na zona de finalização com uma bola de futebol americano em mãos.

— Foi tirada durante o jogo contra os Dallas — informa Ronnie.

— Leia o que está escrito na foto — pede Veronica.

Para Pat,

Você está no caminho da vitória!

Hank Baskett nº 84

— Este é o melhor presente do mundo! Como você conseguiu que Baskett autografasse a foto?

— O primo de Veronica é barbeiro — explica Ronnie. — E um de seus clientes trabalha no departamento de promoções dos Eagles, portanto, conseguimos mexer nossos pauzinhos. Vinnie disse que esse foi o primeiro pedido de um autógrafo que seu contato recebeu, e Baskett ficou muito entusiasmado, na verdade, ao receber um pedido específico, já que seu autógrafo não é assim tão disputado.

— Obrigado, Ronnie — digo, e então nos abraçamos com apenas um braço, como os homens fazem.

— Feliz Natal — deseja Ronnie, enquanto dá tapinhas nas minhas costas.

— Bem, detesto acabar com a festa, mas precisamos pôr Emily na cama antes que Papai Noel desça pela chaminé — diz Veronica.

Enquanto eles colocam seus casacos, minha mãe guarda os presentes deles em uma elegante sacola com alças e motivos natalinos e agradece a todos por terem vindo:

— Vocês não sabem quanto isso significou para Pat e para mim. Vocês têm sido tão bons para nós este ano. Vocês são boas pessoas. Todos vocês. Pessoas incríveis. — Mamãe começa a chorar outra vez e diz: — Desculpem-me. Obrigada. Feliz Natal. Não se preocupem comigo. Deus os abençoe.

Logo antes de todos irem embora, Tiffany pega minha mão, me dá um beijo na bochecha e diz:

— Feliz Natal, Pat.

Quando ela tira sua palma da minha, me dou conta de que tenho um quadrado em minha mão, mas o olhar de Tiffany exige silêncio, então o enfio no bolso e me despeço da família de Ronnie.

Ajudo minha mãe a jogar fora os papéis de embrulho e a lavar as canecas vazias de eggnog, e ela me pega sob o visco pendurado no teto do corredor. Ela está apontando para cima e sorrindo,

então eu lhe dou um beijo de boa-noite e ela ergue os braços para me abraçar.

— Estou tão feliz por ter você em minha vida neste momento, Pat — diz minha mãe, flexionando os músculos dos braços com força, puxando minha cabeça para baixo de modo que seu ombro empurra meu pescoço e fica meio difícil respirar.

Em meu quarto, à luz da vela elétrica que minha mãe instalou em minha janela para celebrar o Natal, abro o bilhete que Tiffany me passou.

Carta nº 8 — 24 de dezembro de 2006

Querido Pat,

Não vou aparecer no dia de Natal. Não vou aparecer nunca. Siga em frente. Comece outra vez. Tiffany e sua família o ajudarão a passar por isso. Adeus, desta vez para valer. Não vou mais escrever para você nem atenderei às ligações de Tiffany, porque não gosto do fato de ela gritar comigo e falar palavrões em seu nome. Não tente entrar em contato comigo. A ordem judicial de proteção ainda está em vigor.

Nikki

Um episódio de crise parece inevitável

Acordo na manhã de Natal antes de o sol nascer e começo minha

série de levantamento de pesos. Estou nervoso com a ideia de me reconciliar com Nikki hoje, então dobro o tempo de meus exercícios em um esforço para diminuir a ansiedade. Entendo que o bilhete que Tiffany me entregou na noite passada sugere que Nikki talvez não esteja interessada em me encontrar naquele lugar especial ao anoitecer, mas também sei que, nos filmes, quando o personagem principal está prestes a desistir, algo surpreendente acontece, o que leva ao final feliz. Tenho certeza de que esta é a parte do meu filme em que algo surpreendente vai acontecer, por isso confio em Deus, que eu sei que não vai me decepcionar. Se eu tiver fé, se eu for até aquele lugar especial, algo maravilhoso acontecerá ao pôr do sol — posso sentir.

Quando ouço música natalina, paro de levantar pesos e subo. Minha mãe está preparando ovos com bacon. O café está no fogo.

— Feliz Natal — deseja minha mãe, e me dá um beijo no rosto. — Não se esqueça de tomar seus remédios.

Pego os frascos cor de laranja no armário e retiro as tampas. Quando engulo o último comprimido, meu pai entra na cozinha e joga o invólucro de plástico do jornal na lata de lixo. Quando ele

se volta e começa a caminhar em direção à sala de estar, minha mãe diz:

— Feliz Natal, Patrick.

— Feliz Natal — resmunga meu pai.

Comemos ovos com bacon e torradas juntos, em família, mas ninguém fala muito.

Na sala de estar, nos sentamos ao redor da árvore. Minha mãe abre o presente que meu pai comprou para ela. É um colar de diamantes de alguma loja de departamentos, minúsculos diamantes em forma de coração em uma fina corrente de ouro. Sei que minha mãe tem um colar semelhante, porque ela o usa quase todos os dias. Provavelmente, meu pai lhe deu o mesmo presente no ano passado, mas minha mãe finge estar realmente surpresa e diz:

— Patrick, não precisava... — Então beija meu pai nos lábios e, em seguida, o abraça.

Mesmo sem retribuir o abraço de minha mãe, vejo que meu pai está feliz, porque ele meio que sorri.

Em seguida, entregamos o presente que eu e minha mãe compramos para meu pai. Ele rasga o papel de embrulho e ergue uma camiseta oficial dos Eagles, não uma dessas com decalque

impresso.

— Por que não tem número nem nome? — pergunta ele.

— Como McNabb se contundiu, achamos que você gostaria de escolher um novo jogador favorito — explica minha mãe. — Então, quando você se decidir, mandaremos bordar o número e o nome corretos em sua camiseta.

— Não desperdice seu dinheiro — diz meu pai, voltando a guardar a camiseta na caixa. — Eles não ganharão hoje sem McNabb. Eles não chegarão à final. Chega de assistir aos jogos desse time fajuto.

Minha mãe sorri para mim porque eu disse a ela que papai diria exatamente isso, embora os Eagles estejam jogando bastante bem. Mas minha mãe e eu sabemos que papai vai assistir aos Eagles jogando com os Cowboys hoje, mais tarde, e que vai escolher um novo jogador favorito no próximo verão, depois de assistir a um ou dois jogos de pré-temporada, momento em que ele vai dizer algo do tipo: “Jeanie, onde está a minha camiseta oficial dos Eagles? Quero esses números bordados antes do início da temporada.”

Recebo algumas dezenas de presentes, todos comprados e embrulhados por minha mãe. Ganho um novo moletom dos

Eagles, novos tênis de corrida, roupas de ginástica, roupas sociais, algumas gravatas, uma jaqueta de couro novinha, um relógio especial que vai me ajudar a programar minhas corridas e até mesmo calcular as calorias que queimo enquanto corro, e...

— Meu Deus, Jeanie. Quantos presentes você comprou para o garoto? — exclama meu pai, mas de um modo que deixa a gente perceber que ele não está bravo de verdade.

Depois de almoçarmos, tomo banho, passo desodorante, uso um pouco da colônia de meu pai e visto uma de minhas novas roupas de corrida.

— Vou experimentar meu novo relógio — digo para minha mãe.

— Caitlin e seu irmão estarão aqui em uma hora — diz minha mãe. — Portanto, não demore.

— Não vou demorar — digo antes de sair de casa.

Na garagem, visto o traje social que escondi ali no início da semana — calça de tweed, uma camisa preta, sapatos de couro e um sobretudo caro que meu pai não usa mais. Em seguida, vou a pé até a estação de Collingswood e pego o trem de uma e quarenta e cinco para a Filadélfia.

Começa a chuviscar.

Desço na esquina da Oitava com a Market, caminho pela garoa até o City Hall e pego um metrô da Linha Laranja rumo ao norte.

Não há muitas pessoas no trem, e no subsolo não parece nem um pouco que é Natal. Mas o vapor com cheiro de lixo que entra no vagão a cada parada quando as portas se abrem, a pichação no assento laranja à minha frente, o hambúrguer meio comido largado no corredor — nada disso me deprime porque estou prestes a me reconciliar com Nikki. O tempo separados está finalmente chegando ao fim.

Desço na esquina da Broad Street com a Olney, subo os degraus e saio no norte da Filadélfia, onde chove um pouco mais forte. Mesmo que eu me lembre de ter sido assaltado duas vezes perto dessa estação de metrô quando estava na faculdade, não me preocupo, principalmente porque é Natal e porque estou muito mais forte do que quando era universitário. Na Broad Street, vejo alguns negros, o que me faz pensar em Danny e me lembrar de que ele sempre falava em ir morar com a tia no norte da Filadélfia logo que saísse do lugar ruim, sobretudo quando eu mencionava que me formei na Universidade La Salle, que, aparentemente, é perto de onde mora a tia dele. Eu me pergunto

se Danny conseguiu sair do lugar ruim, e pensar nele passando o Natal em uma instituição para doentes mentais me deixa muito triste, porque ele era um bom amigo para mim.

Enfio as mãos nos bolsos do sobretudo de meu pai enquanto caminho pela Olney. Por causa da chuva, está meio frio. Logo vejo as bandeiras azuis e amarelas que margeiam as ruas do campus e fico feliz e triste ao mesmo tempo por voltar a La Salle — é quase como olhar fotos antigas de pessoas que já morreram ou com quem perdemos o contato.

Quando chego à biblioteca, dobro à esquerda e passo pelas quadras de tênis, onde dobro à direita e passo diante do prédio da segurança.

Além das quadras de tênis há uma colina com tantas árvores que, se alguém o trouxesse até aqui com os olhos vendados, tirasse a venda e perguntasse “Onde você pensa que está?”, você jamais imaginaria estar no norte da Filadélfia.

Ao pé da colina há uma casa de chá japonesa, que é tão pitoresca quanto deslocada, embora eu nunca tenha entrado ali — é uma casa de chá particular —, e talvez o interior tenha um ar de cidade, não sei. Nikki e eu costumávamos nos encontrar nessa colina, atrás de um velho carvalho, e ficávamos sentados na

grama durante horas. Surpreendentemente, poucos estudantes costumavam passar tempo ali. Talvez eles não soubessem que esse lugar existe. Talvez ninguém mais achasse o lugar bonito. Mas Nikki adorava se sentar na colina gramada e olhar para a casa de chá japonesa, sentindo como se estivesse em algum outro lugar do mundo, em qualquer outro lugar que não o norte da Filadélfia. Não fosse a ocasional buzina de um carro ou um tiro ao longe, eu teria acreditado estar no Japão quando me sentava naquela colina, embora eu nunca tenha estado no Japão e não saiba realmente como é estar neste país específico.

Sento-me debaixo de uma grande árvore, sobre um trecho de grama seca, e espero.

As nuvens de chuva engoliram o sol há muito tempo, mas, quando olho para meu relógio, os números decretam oficialmente o anoitecer.

Sinto um aperto no peito e percebo que estou tremendo e respirando pesadamente. Estendo a mão para ver quanto estou tremendo e ela se agita como a asa de um pássaro ou talvez como se eu estivesse com calor, tentando me abanar. Tento fazer o tremor parar, e, ao ver que não consigo, enfio as mãos nos bolsos do sobretudo de meu pai, esperando que Nikki não note meu

nervosismo quando aparecer.

Fica escuro, e então fica ainda mais escuro.

Finalmente, fecho os olhos e, depois de um tempo, começo a rezar:

Caro Deus: se fiz algo de errado, por favor, permita que eu saiba o que foi para poder consertar. Vasculhando minha memória, não consigo pensar em nada que possa tê-Lo deixado aborrecido, exceto o fato de ter socado o torcedor dos Giants há alguns meses, mas eu já pedi perdão por esse deslize e pensei que isso já tivesse sido superado. Por favor, faça com que Nikki apareça. Quando eu abrir meus olhos, por favor, faça com que ela esteja aqui. Talvez ela tenha ficado presa no trânsito, ou quem sabe ela esqueceu como se chega a La Salle. Ela sempre se perdia na cidade. Tudo bem ela não aparecer exatamente ao anoitecer, mas, por favor, faça com que ela saiba que eu ainda estou aqui esperando e que esperarei a noite inteira se for preciso. Por favor, Deus. Farei qualquer coisa. Se você fizer com que ela apareça quando eu abrir os meus...

Sinto o cheiro de um perfume de mulher.

Reconheço o aroma.

Inspiro profundamente para me preparar.

Abro os olhos.

— Merda, me desculpa, está bem? — diz ela, mas não é Nikki. — Nunca pensei que daria nisso. Então, vou ser absolutamente sincera agora. Minha terapeuta acha que você está preso em um constante estado de negação, porque não teve a oportunidade de encerrar de verdade as coisas com Nikki, e eu pensei que poderia ajudá-lo a conseguir esse encerramento fingindo ser ela. Inventei essa coisa toda de ser seu elo em um esforço para que você caísse na real, com a esperança de que você saísse de sua depressão e fosse capaz de seguir em frente com sua vida assim que entendesse que se reconciliar com sua ex-mulher era uma impossibilidade. Eu mesma escrevi todas aquelas cartas, está bem? Nem cheguei a entrar em contato com Nikki. Ela não sabe que você está aqui sentado. Talvez ela nem saiba que você saiu da instituição de saúde mental. Ela não vem, Pat. Desculpe-me.

Fico olhando fixamente para o rosto encharcado de Tiffany — cabelo molhado, maquiagem escorrendo — e mal posso acreditar que não é Nikki. A princípio, não registro suas palavras, mas, quando entendo o que ela está dizendo, sinto meu peito ferver, e um episódio de crise parece inevitável. Meus olhos ardem. Meu

rosto fica vermelho. De súbito, percebo que tenho delirado completamente nos últimos dois meses, que Nikki não vai voltar nunca e que o tempo separados vai durar para sempre.

Nikki.

Não.

Vai.

Voltar.

Nunca.

Nunca.

Eu quero bater na Tiffany.

Eu quero socar o rosto dela até os nós de meus dedos se esfacelarem e Tiffany ficar completamente irreconhecível, até que ela não tenha mais um rosto com o qual possa cuspir mentiras.

— Mas tudo que eu disse nas cartas era verdade. Nikki se divorciou de você, ela se casou novamente e pediu mesmo uma ordem judicial de proteção contra você. Consegui todas essas informações com...

— Sua mentirosa! — exclamo, percebendo que estou chorando de novo. — Ronnie me disse que eu não devia confiar em você. Que você não passava de uma...

— Por favor, me escute. Sei que isso está sendo um choque para você. Mas você precisa encarar a realidade, Pat. Você vem mentindo para si mesmo há anos! Eu precisava fazer algo drástico para ajudá-lo. Mas nunca pensei que...

— Por quê? — pergunto, sentindo vontade de vomitar, com a sensação de que minhas mãos podem agarrar o pescoço de Tiffany a qualquer momento. — Por que você fez isso comigo?

Tiffany olha nos meus olhos durante o que parece ser um longo tempo, e então sua voz fica trêmula, como a da minha mãe quando está dizendo algo com muita sinceridade. Tiffany diz:

— Porque estou apaixonada por você.

Então eu me levanto e começo a correr.

A princípio, Tiffany me segue, mas — mesmo que eu esteja usando meus sapatos de couro e esteja chovendo muito agora — consigo atingir aquela velocidade masculina que ela não tem, correndo mais rápido do que jamais corri, e depois de dar várias voltas e costurar através do tráfego, olho para trás e Tiffany não está mais lá, então diminuo um pouco o ritmo e corro sem rumo pelo que me parecem horas. Meu suor se mistura às gotas de chuva, e o sobretudo de meu pai fica muito pesado. Não consigo nem começar a pensar no que tudo isso significa. Traído por

Tiffany. Traído por Deus. Traído por meu próprio filme. Ainda estou chorando. Ainda estou correndo. E logo estou rezando novamente, mas não de uma maneira gentil.

Deus, eu não pedi um milhão de dólares. Não pedi para ser famoso e poderoso. Nem mesmo pedi que Nikki me aceitasse de volta. Só pedi um encontro. Uma única conversa cara a cara. Tudo que fiz desde que saí do lugar ruim foi tentar melhorar — para me tornar exatamente o que Você quer que todos sejam: uma pessoa boa. E aqui estou eu, correndo pelo norte da Filadélfia em um dia de Natal chuvoso... — sozinho. Por que Você nos deu tantas histórias sobre milagres? Por que Você enviou Seu Filho do céu? Por que Você nos deu filmes, se a vida nunca acaba bem? Que merda de Deus é você? Você quer que eu seja infeliz para o resto de minha vida? Você quer...

Algo bate com força na minha canela, e então minhas mãos estão arrastando no concreto molhado. Sinto que estou sendo chutado nas costas, nas pernas, nos braços. Encolho-me todo, tentando me proteger, mas os chutes continuam. Quando tenho a impressão de que meus rins explodiram, ergo a cabeça para ver quem está fazendo isso comigo, mas só vejo a sola de um tênis pouco antes de ele atingir meu rosto.

Mad Nipper

Quando acordo, a chuva parou, mas estou tremendo. Sento-me, meu corpo todo dói. Meu sobretudo sumiu. Meus sapatos de couro sumiram. Todo o dinheiro que eu tinha no bolso desapareceu. Meu cinto de couro desapareceu. O relógio que minha mãe me deu de Natal também sumiu. Toco meu rosto e meus dedos ficam vermelhos.

Olhando em volta, vejo que estou em uma rua estreita, repleta de carros estacionados. Casas geminadas em ambos os lados. Algumas estão fechadas com tábuas nas portas, as varandas e os degraus de entrada precisam de reparos e os postes acima de mim estão apagados — talvez tenham sido quebrados a pedradas —, fazendo o mundo inteiro parecer escuro. Não estou em uma boa vizinhança, estou sem dinheiro, sem sapatos, e não tenho qualquer ideia de onde estou. Parte de mim quer ficar deitado na calçada para sempre, mas tenho medo de que aquelas pessoas ruins voltem para acabar comigo, e, antes que eu possa pensar em qualquer coisa, estou de pé, mancando pelo quarteirão.

O músculo de minha coxa direita parece travado e não consigo dobrar bem o joelho.

Uma das casas do quarteirão está decorada para o Natal. Na varanda há um presépio com uma Maria e um José de plástico, ambos negros. Caminho em direção ao Menino Jesus, pensando que pessoas que celebram o Natal serão mais propensas a me ajudar do que pessoas que moram em casas sem decorações de Natal, porque, na Bíblia, Jesus diz que devemos ajudar pessoas descalças que foram assaltadas.

Quando finalmente chego à casa com decoração natalina, uma coisa engraçada acontece. Em vez de bater à porta, manco em direção à Maria e ao José negros, porque quero olhar dentro da manjedoura e ver se o Menino Jesus é negro também. Minha perna ferida grita de dor e cede assim que chego ao presépio. Apoiado sobre as mãos e um joelho, entre Seus pais, vejo que o Menino Jesus realmente é negro e está ligado na tomada — seu rosto escuro brilha como âmbar e uma luz branca emana de Seu peito diminuto de bebê.

Semicerrando as pálpebras devido à forte iluminação do Menino Jesus, imediatamente percebo que fui assaltado porque amaldiçoei Deus, então rezo e peço perdão, e entendo o que Deus está me dizendo: que eu preciso trabalhar meu caráter um pouco mais antes que Ele me deixe chegar ao fim do tempo

separados.

Meu coração está pulsando com tanta força em meus ouvidos que não ouço a porta da frente se abrir nem ouço quando um homem sai à varanda.

— O que que tu tá fazendo com o presépio da tia Jasmine? — pergunta ele.

E, quando me volto para o homem, Deus me informa que aceitou meu pedido de desculpas.

* * *

Quando trouxeram Danny para o lugar ruim, ele não falava. Como eu e todos os demais, ele tinha uma cicatriz, mas a sua era muito maior, e ficava na parte de trás da cabeça, traçando uma linha clara e rosada em meio ao seu cabelo afro. Por mais ou menos um mês, ele ficou sentado em uma cadeira junto à janela de seu quarto, enquanto fonoaudiólogos o visitavam e iam embora frustrados. Eu e os rapazes parávamos para dizer olá, mas Danny continuava a olhar pela janela quando falávamos com ele, de modo que achamos que ele era uma dessas pessoas cujo trauma cerebral foi tão grave que era mais provável que se tornasse um vegetal pelo resto da vida — um pouco como meu companheiro de quarto, Jackie. Mas depois de um mês mais ou

menos, Danny começou a fazer suas refeições no refeitório conosco, a participar de sessões de terapia com música e terapia de grupo e chegou a ir a algumas excursões às lojas do porto e a jogos dos Orioles em Camden Yards. Era óbvio que compreendia o que lhe diziam e que era até uma pessoa bastante normal — ele só não falava.

Não lembro quanto demorou, mas depois de algum tempo, Danny começou a falar outra vez, e aconteceu de eu ser a primeira pessoa com quem ele falou.

Uma garota de alguma faculdade chique em Baltimore veio ministrar o que nos disseram ser “tratamentos não tradicionais”. Tínhamos que nos voluntariar para as sessões, já que a jovem ainda não era uma terapeuta de verdade. Estávamos céticos, no início, mas, quando ela veio promover o programa, logo fomos persuadidos por seu jeito de menina e seu rosto bonito e inocente. Ela era muito gentil e bastante atraente, de modo que todos fazíamos o que ela dizia, esperando mantê-la por perto, especialmente porque não havia pacientes mulheres no lugar ruim e as enfermeiras eram muito feias.

Na primeira semana, nossa estudante universitária nos fez olhar muito para nosso reflexo no espelho, enquanto nos

incentivava a realmente nos conhecermos, o que foi bem extravagante. Ela dizia coisas como: “Estude seu nariz. Olhe-o até que você de fato o conheça. Veja como ele se move quando você respira profundamente. Aprecie o milagre da respiração. Agora olhe para sua língua. Não apenas em cima, mas por baixo também. Estude-a. Contemple os milagres do paladar e da fala.”

Porém, certo dia, ela nos colocou em pares aleatórios, sentados uns de frente para os outros, e nos disse para olhar nos olhos de nossos parceiros. Ela nos fez fazer isso por um longo tempo, e foi bem estranho, porque a sala estava completamente silenciosa, e homens não costumam olhar nos olhos uns dos outros por muito tempo. Ela disse para imaginarmos que nosso parceiro era alguém de quem sentíamos falta, ou alguém a quem havíamos magoado no passado, ou um membro da família que não víamos há muitos anos. Ela nos disse para ver esta pessoa pelos olhos de nosso parceiro até que esta pessoa estivesse a nossa frente.

Olhar nos olhos de outra pessoa por um longo tempo revelou-se uma coisa poderosa. E se você não acredita em mim, tente fazer isso você mesmo.

É claro que comecei a ver Nikki, o que era estranho, porque

eu estava olhando nos olhos de Danny, e Danny é um homem negro de um metro e noventa que não se parece nem um pouco com minha ex-mulher. Mesmo assim, enquanto minhas pupilas permaneciam vidradas nas de Danny, era como se eu estivesse olhando diretamente nos olhos de Nikki. Fui o primeiro a começar a chorar, mas outros me seguiram. Nossa jovem universitária se aproximou, disse que eu era corajoso e me abraçou, o que foi legal. Danny não disse nada.

Naquela noite, acordei ao som dos grunhidos de Jackie. Quando abri os olhos, levou alguns segundos para minhas pupilas se ajustarem, mas, quando isso aconteceu, vi Danny de pé inclinado sobre mim.

— Danny? — chamei.

— Meu nome não é Danny.

Sua voz me assustou porque eu não esperava que ele falasse, sobretudo porque ele não tinha falado com ninguém desde que chegara.

— O nome é Mad Nipper.

— O que você quer? — perguntei. — Por que você está em nosso quarto?

— Só queria lhe dizer meu nome de rua, para que possamos

ser parceiros. Mas não estamos nas ruas agora, então você pode continuar me chamando de Danny.

Danny saiu do meu quarto e Jackie parou de grunhir.

Todos no lugar ruim ficaram muito chocados quando Danny começou a falar normalmente no dia seguinte. Os médicos disseram que ele tinha evoluído, mas não foi isso. Danny simplesmente decidiu falar. Nós realmente nos tornamos parceiros e fazíamos quase tudo juntos no lugar ruim, inclusive nossa série de exercícios. Pouco a pouco descobri a história de Danny.

Com o apelido Mad Nipper, ele era um rapper gângster em ascensão no norte da Filadélfia e tinha contrato com uma pequena gravadora em Nova York chamada Tougher Trade. Ele estava tocando em um clube em Baltimore quando começou uma briga e, de algum modo — Danny mudava com frequência os detalhes de sua história, por isso não posso dizer ao certo o que aconteceu —, foi atingido na parte de trás da cabeça com uma chave de roda, levado para o porto e jogado dentro d’água. Na maioria das vezes, Danny alegava que um grupo de rap de Baltimore — que estava programado para tocar antes do Mad Nipper — o chamou para fumar um baseado em um beco atrás

do clube, mas, quando ele saiu com esses outros rappers, eles começaram com um papo de não estarem gostando de ele ser a atração principal em seu bairro. Quando Danny mencionou que vendia mais discos que eles, as luzes se apagaram, e ele acordou morto, o que realmente é verdade, já que seu arquivo diz que ele esteve morto durante alguns minutos antes de os paramédicos conseguirem reanimá-lo.

Para a sorte de Danny, alguém ouviu o barulho que Mad Nipper fez quando caiu na água, e essa pessoa o pescou de lá e pediu ajuda, aos gritos, logo depois que os outros rappers foram embora. Danny afirma que foi o sal da água que manteve seu cérebro vivo, mas eu não entendo como isso pode ter acontecido, principalmente porque ele foi jogado na água suja do porto, não no mar. Depois de uma operação que removeu minúsculos fragmentos de crânio de seu cérebro, e após um longo período no hospital, Danny foi trazido para o lugar ruim. O pior foi que ele perdeu sua capacidade de fazer rap — a boca dele simplesmente não conseguia mais “rapear”, pelo menos não tão rápido como costumava, de modo que ele fez voto de silêncio, que só quebrou depois de olhar nos meus olhos por um tempo muito longo.

Certa vez, perguntei a Danny o que ele viu quando olhou nos

meus olhos, e ele me disse que viu sua tia Jasmine. Quando perguntei por que ele viu sua tia Jasmine, ele me disse que ela era a mulher que o criara até ele se tornar um homem.

* * *

— Danny? — pergunto, ajoelhando-me diante da manjedoura.

— Quem é você?

— Sou Pat Peoples.

— O Pat branco de Baltimore?

— Sim.

— Como pode?

— Não sei.

— Você está sangrando. O que aconteceu?

— Deus me puniu, mas então Ele me trouxe até aqui.

— O que que tu fez pra irritar Deus?

— Eu O amaldiçoei, mas já pedi desculpas.

— Se tu é mesmo Pat Peoples, qual é meu nome?

— Mad Nipper, também conhecido como Danny.

— Tu já comeu a ceia de Natal?

— Não.

— Tu gosta de presunto?

— Sim.

— Tu quer comer comigo e com tia Jasmine?

— Está bem.

Danny me ajuda a ficar de pé, e quando entro mancando na casa da tia Jasmine, sinto cheiro de pinheiro e presunto assado com molho de abacaxi. Vejo uma pequena árvore de Natal decorada com cordões de pipoca e luzes coloridas piscando, meias verdes e vermelhas penduradas em uma falsa lareira e, na televisão, os Eagles jogando contra os Cowboys.

— Senta — diz Danny. — A casa é sua.

— Não quero manchar seu sofá com sangue.

— Tem um forro de plástico, tá vendo?

Eu olho, e o sofá está realmente coberto com plástico, então eu me sento e vejo que os Eagles estão ganhando, o que me surpreende, já que os Dallas eram favoritos.

— Senti tua falta — diz Danny ao se sentar a meu lado. — Tu nem se despediu quando foi embora, pô.

— Minha mãe veio me buscar quando você estava na aula de relaxamento musical. Quando você saiu do lugar ruim?

— Ontem. Saí por bom comportamento.

Olho para o rosto de meu amigo e vejo que ele está sério.

— Então você saiu do lugar ruim ontem e, por acaso, eu corri

até seu bairro, fui assaltado em sua rua e encontrei você aqui?

— Parece que sim — confirma Danny.

— Parece um pouco um milagre, não parece?

— Milagres acontecem no Natal, Pat. Todo mundo sabe dessa parada.

Mas antes que possamos dizer qualquer outra coisa, uma mulher pequenina, de aparência séria, usando enormes óculos de armação preta, entra na sala de estar e começa a gritar:

— Ai, meu Senhor! Ai, Jesus!

Tento convencer tia Jasmine de que estou bem, mas ela liga para o 911, e logo estou em uma ambulância, sendo conduzido ao Hospital Germantown.

Quando chego na sala de emergência, tia Jasmine reza por mim e grita com um monte de gente até que sou levado a um quarto particular, onde tiram minhas roupas e limpam minhas feridas.

Recebo soro na veia enquanto conto a um policial o que aconteceu.

Depois das radiografias, os médicos dizem que minha perna está realmente ruim. Minha mãe, Caitlin e Jake chegam, e então minha perna é colocada em um gesso branco que começa no

calcanhar e termina logo abaixo de meu quadril.

Quero pedir desculpas a Danny e a tia Jasmine por ter estragado a ceia de Natal deles, mas minha mãe diz que eles foram embora logo depois que ela chegou, o que me deixa muito triste por algum motivo.

Quando finalmente sou liberado do hospital, uma enfermeira coloca uma meia roxa em meus dedos dos pés descalços e me dá um par de muletas, mas Jake me empurra em uma cadeira de rodas até seu BMW. Tenho de sentar de lado no banco de trás, com os pés no colo de minha mãe, por causa do gesso.

Atravessamos o norte da Filadélfia em silêncio, mas, quando pegamos a Schuylkill Expressway, Caitlin diz:

— Bem, pelo menos nunca esqueceremos deste Natal.

Ela diz isso em tom de brincadeira, mas ninguém ri.

— Por que ninguém está me perguntando como fui parar no norte da Filadélfia? — pergunto.

Depois de uma longa pausa, minha mãe diz:

— Tiffany nos ligou de um telefone público e nos contou tudo. Estávamos dirigindo pelo norte da Filadélfia procurando por você quando o hospital ligou para seu pai. Ele ligou para o celular de Jake, e aqui estamos.

— Então estraguei o Natal de todo mundo?

— Foi aquela piranha maluca quem estragou nosso Natal.

— Jake — diz minha mãe —, por favor.

— Os Eagles ganharam? — pergunto a Jake, porque lembro que eles estavam ganhando e estou torcendo para que meu pai esteja de bom humor quando eu chegar em casa.

— Sim — diz Jake de um jeito evasivo que dá a entender que ele está aborrecido comigo.

Os Eagles derrotaram T.O. e os Dallas — em Dallas — no dia de Natal, garantindo um lugar na rodada final, e Jake, que não perdia um jogo dos Eagles desde o ensino fundamental, perdeu talvez o melhor jogo da temporada porque estava rodando pelo norte da Filadélfia procurando seu irmão mentalmente perturbado. E agora percebo por que meu pai não está junto com a equipe de resgate: ele jamais perderia um jogo tão importante dos Eagles, especialmente contra os Dallas. Não consigo evitar me sentir culpado, visto que provavelmente este teria sido um Natal muito bom, sobretudo porque meu pai estaria de ótimo humor, e tenho certeza de que minha mãe preparou comida, e Caitlin está até usando uma camiseta dos Eagles, e eu só fico bagunçando a vida de todo mundo, talvez tivesse sido melhor que

os assaltantes tivessem me matado, e...

Começo a chorar, mas em silêncio, para que minha mãe não fique chateada.

— Desculpe ter feito você perder o jogo, Jake — consigo dizer, mas as palavras me fazem chorar ainda mais, e logo estou soluçando com as mãos no rosto novamente, como um bebê.

Minha mãe dá uns tapinhas na minha perna boa, mas ninguém diz nada.

Fazemos o restante da viagem em silêncio.

Como ela está?

Meu aniversário cai em uma sexta-feira. Vinte e nove de dezembro. À tarde, minha mãe me ajuda a colar sacos de lixo ao redor de meu gesso para que eu possa tomar banho pela primeira vez desde que quebrei a perna. É meio constrangedor falar sobre isso, mas minha mãe tem de me ajudar a manter o gesso fora do jato d'água, então ela segura a cortina do chuveiro para mim, protegendo o gesso, enquanto eu me sento na borda da banheira, tentando manter o peso sobre a perna boa. Minha mãe me entrega o sabão quando eu preciso e também o xampu. Ela finge não olhar para meu corpo nu, mas tenho certeza de que dá uma

olhada a certa altura, o que me dá uma sensação estranha. Não malho há dias, por isso me sinto muito pequeno e fraco, mas minha mãe não diz nada sobre a diminuição da minha musculatura, porque ela é uma mulher gentil.

Depois do banho, mamãe me ajuda a vestir calças de moletom que ela modificou, cortando uma perna à altura da coxa para que o gesso pudesse passar. Visto uma camisa social da Gap e minha nova jaqueta de couro. Desço a escada aos pulinhos, saio de muletas pela porta e entro no banco de trás do carro de minha mãe, sentando-me de lado para que o gesso caiba.

* * *

Quando chegamos na Voorhees House, vou de muletas em direção ao consultório de Cliff, escolho a poltrona preta, coloco o gesso no apoio para os pés e conto tudo para Cliff.

Quando termino a história, Cliff diz:

— Então você está de cama desde o Natal?

— Sim.

— E não tem nenhum interesse em ler ou ver televisão?

— Não.

— E você não está malhando seu tórax nem um pouco? Não está levantando pesos?

— Não.

— O que você faz o dia inteiro?

— Durmo, ou penso. Às vezes, escrevo, mas Danny tem vindo me visitar também.

Eu já tinha contado para Cliff como Deus reuniu Danny e eu, e até Cliff teve de admitir que aquilo foi meio que um milagre e que talvez tenha sido o lado bom do meu Natal horrível.

— O que você e Danny fazem quando ele o visita?

— Jogamos Parcheesi.

— Parcheesi?

— É o Jogo Real da Índia. Como você não sabe?

— Eu sei o que é Parcheesi. Só estou surpreso que você e Danny joguem jogos de tabuleiro juntos.

— Por quê?

Cliff faz uma cara engraçada, mas não diz nada.

— Danny traz seu tabuleiro de Parcheesi lá do norte da Filadélfia. Ele vem de trem.

— Isso é bom, não é? Deve ser legal rever seu velho amigo.

— Fiquei triste em saber que ele ainda não consegue cantar rap, mesmo depois de uma segunda operação, mas a tia dele arranjou um emprego para ele como zelador na igreja que ela

frequenta, e que também é uma creche durante o dia. Ele lustra os bancos com óleo de pinho, limpa os pisos com esfregão, tira o lixo e passa aspirador todas as noites. Coisas assim. Ele agora cheira a pinho também, o que é um bônus legal. Mas Danny anda mais silencioso do que costumava ser no lugar ruim.

— Você contou para Danny o que Tiffany fez com você? — pergunta Cliff.

— Sim, contei.

— O que ele disse?

— Nada.

— Ele não lhe deu nenhum conselho?

— Eu não pedi nenhum conselho.

— Entendo. — Cliff segura o queixo, o que indica que ele vai dizer algo que minha mãe lhe contou. — Pat, sei como você perdeu a memória. Todo mundo sabe. — Ele faz uma pausa nesse ponto, avaliando minha reação. — E acho que você se lembra também. Não lembra?

— Não.

— Você quer que eu lhe diga como você perdeu a memória?

— Não.

— Por quê?

Não digo nada.

— Sei que o Dr. Timbers lhe contava essa história todos os dias, como parte de sua terapia. É por isso que nunca toquei no assunto. Achei que talvez você fosse falar sobre isso quando estivesse pronto, mas já se passaram quase cinco meses, e agora você está com uma perna quebrada e as coisas parecem ter piorado. Realmente tenho a impressão de que precisamos começar a tentar outras táticas. O que Tiffany sugeriu sobre encerrar o assunto é verdade. Não estou dizendo que os métodos dela foram louváveis, mas você realmente precisa enfrentar o que aconteceu, Pat. Você precisa encerrar esse assunto.

— Talvez meu filme não tenha acabado — digo, porque às vezes os cineastas enganam o público com um falso final ruim, e bem quando você acha que o filme vai acabar mal, algo dramático acontece, o que leva ao final feliz.

Este parece ser um bom momento para algo dramático acontecer, especialmente porque é meu aniversário.

— Sua vida não é um filme, Pat. A vida não é um filme. Você é um torcedor dos Eagles. Depois de tantas temporadas da NFL sem um Super Bowl, você deveria saber que a vida real muitas vezes acaba mal.

— Como você pode dizer isso agora, especialmente depois que os Eagles venceram quatro partidas seguidas e estão a caminho da rodada final, mesmo depois de McNabb ter se contundido! — Cliff apenas olha para mim, quase como se estivesse assustado, e de repente percebo que estava gritando. Mas não posso deixar de acrescentar: — Com uma atitude negativa como essa, aí é que vai acabar mal, Cliff! Você está começando a falar como o Dr. Timbers! É melhor tomar cuidado ou você vai ser derrotado pelo pessimismo!

Há um longo silêncio, e Cliff parece muito preocupado, o que começa a me preocupar.

* * *

Na volta para casa, minha mãe diz que receberemos visitas. Ela vai fazer um jantar de aniversário para mim.

— Nikki vem? — pergunto.

— Não, Pat. Nikki não virá nunca — diz minha mãe. — Nunca.

Quando chegamos em casa, minha mãe me faz sentar na sala de estar enquanto prepara bolo de carne, purê de batatas, vagens e uma torta de maçã. Ela fica tentando conversar comigo, mas eu realmente não estou a fim de conversar.

Jake e Caitlin chegam primeiro e tentam me alegrar falando com muito entusiasmo sobre os Birds, mas não funciona. Quando Ronnie e Veronica chegam, Emily sobe no meu colo, o que faz com que eu me sinta um pouco melhor. Caitlin pergunta a Emily se ela quer fazer um desenho no meu gesso, e, quando ela confirma, minha mãe pega alguns marca-textos e todos assistimos à pequena Emily desenhar. Ela começa fazendo um círculo vacilante, o que é compreensível, já que o gesso não é perfeitamente plano nem liso. Mas depois ela só faz rabiscos de todas as cores em todos os lugares, e não dá para saber o que ela está desenhando até ela apontar para sua criação e dizer:

— Pap!

— Você desenhou o tio Pat? — pergunta Ronnie.

Quando Emily confirma com um gesto de cabeça, todos riem porque o desenho não se parece nem um pouco comigo.

Quando nos sentamos à mesa da sala de jantar, meu pai ainda não chegou. Mesmo após a vitória sobre os Dallas, ele anda bem distante ultimamente, voltando a se esconder em seu escritório. Ninguém menciona a ausência de meu pai, então também não digo nada.

A comida da mamãe está deliciosa, e todo mundo diz isso.

Quando chega a hora da torta, eles cantam parabéns para mim, e depois a pequena Emily me ajuda a soprar as velas que formam o número trinta e cinco. É difícil de acreditar que tenho mesmo trinta e cinco, porque ainda tenho a impressão de ter trinta anos — talvez eu apenas deseje ter trinta anos, porque então teria Nikki em minha vida.

Depois de comermos a torta, Emily me ajuda a abrir os presentes. Ganho de minha mãe um novo tabuleiro de Parcheesi, feito de madeira e pintado à mão, e ela diz que convidou Danny para minha festa, mas que ele tinha de trabalhar. Ronnie, Emily e Veronica me dão um cobertor de lã dos Eagles. Jake e Caitlin me dão um título de sócio de uma academia na Filadélfia. O folheto na caixa diz que o lugar tem piscina, sauna a vapor, quadras de basquete e squash e todo tipo de equipamento de levantamento de peso e outras máquinas para modelar os músculos.

— É onde eu malho — diz meu irmão. — Achei que poderíamos começar a malhar juntos quando sua perna ficar boa.

Mesmo que eu já não esteja mais muito interessado em malhar, percebo que o título é um belo presente, então agradeço a Jake.

Quando nos retiramos para a sala de estar, pergunto a Veronica sobre Tiffany.

— Como está a Tiffany? — pergunto.

Não sei muito bem por que faço a pergunta. As palavras simplesmente escorregam para fora de minha boca, e, quando isso acontece, todo mundo para de falar e um silêncio flutua no ar.

— Eu a convidei para sua festa — diz minha mãe afinal, provavelmente apenas para que Veronica não se sinta mal por sua irmã ter sido excluída.

— Por quê? — pergunta Jake. — Para ela poder mentir para Pat outra vez? Fazer com que ele regrida mais alguns anos?

— Ela estava apenas tentando ajudar — diz Veronica.

— Sua irmã tem um jeito muito engraçado de ajudar.

— Pare — pede Caitlin a Jake.

Em seguida a sala volta a ficar em silêncio.

— Então, como ela está? — pergunto, porque realmente quero saber.

Preciso de um enorme favor

Na véspera de Ano-Novo, depois de concordar em pagar todas as cervejas que nossos vizinhos quisessem, Jake consegue trocar de lugar com o torcedor à minha frente, e, assim que ele se senta, apoia o meu gesso em cima de seu ombro para que eu possa me sentar durante o jogo contra os Falcons.

No início do primeiro quarto de jogo, o técnico Andy Reid substitui os titulares, e o locutor do jogo anuncia que, de alguma forma, os Dallas perderam para os Detroit, o que significa que os Birds ganharam o NFC Leste pela quinta vez nos últimos seis anos e que o jogo atual não vale mais nada. Todos no Linc aplaudem, se cumprimentam, e é difícil ficar sentado.

Com os wide receivers titulares fora de campo, minhas esperanças em Hank Baskett aumentam, e ele chega a receber algumas bolas na primeira metade do jogo, momentos que Scott, Jake e eu celebramos efusivamente, porque estou vestindo minha camiseta de Baskett por cima de meu casaco de inverno, e todos nós gostamos de torcer pelo novato sem contrato assinado.

Os Eagles estão ganhando de 17-10 quando chega o intervalo, e Scott vai embora no meio do jogo, dizendo que prometeu para a

mulher que voltaria para casa para celebrar a véspera de Ano-Novo caso os Cowboys perdessem e o jogo não valesse mais nada para os Eagles. Eu implico com ele por estar indo embora antes do fim do jogo e fico surpreso ao ver que meu irmão não se junta a mim na gozação. Mas logo depois que Scott vai embora Jake diz:

— Olha, Pat, Caitlin quer que eu vá a uma festa de réveillon black-tie no Hotel Rittenhouse. Ela ficou brava comigo por eu ter decidido vir ao jogo de hoje, e eu estava pensando em ir embora mais cedo para fazer uma surpresa para ela. Mas não quero deixá-lo aqui com esse gesso e tudo o mais. Então, o que você acha de sairmos mais cedo?

Fico chocado e um pouco bravo.

— Quero ver se Baskett consegue seu segundo touchdown — digo. — Mas você pode ir. Vou ficar bem com todos esses verdadeiros torcedores dos Eagles, as pessoas que vão ficar para ver o jogo até o fim.

Não é uma coisa muito gentil de se dizer, especialmente porque Caitlin talvez já esteja arrumada, esperando Jake voltar para casa, mas a verdade é que eu preciso da ajuda de meu irmão para sair do Linc de muletas. Tenho a sensação de que Baskett

vai pegar muitas bolas na segunda metade e sei que, no fundo, Jake quer muito ver o jogo. Talvez ele possa usar o irmão doente mental como uma boa desculpa para faltar à primeira parte da festa de Ano-Novo de Caitlin; talvez seja isso que Jake realmente queira e precise.

— Ô da cerveja! — grito para o sujeito da Coors Light que está passando em nossa fileira. Quando ele para, digo: — Só uma cerveja porque esse cara aqui está abandonando o irmão aleijado e mentalmente perturbado para ir para o Hotel Rittenhouse tomar champanhe com não torcedores dos Eagles vestindo smokings. — Pela cara que meu irmão faz, parece que dei um soco na sua barriga, e logo ele está tirando a carteira do bolso.

— Está bem. Foda-se. Duas cervejas, então — diz Jake, e eu sorrio quando meu irmão se senta no banco de Scott e me ajuda a apoiar o gesso no encosto do assento vazio à minha frente.

Durante a segunda metade do jogo, Baskett continua a receber os lançamentos de A. J. Feeley, e no início do último quarto meu jogador favorito pega a bola e corre oitenta e nove jardas ao longo da linha lateral para marcar o segundo touchdown de sua recente carreira. Jake me ajuda a ficar de pé, e então todos em nosso setor estão me cumprimentando e batendo nas

minhas costas porque, sobre o casaco, estou vestindo a camiseta de Baskett que meu irmão me deu logo que eu saí do lugar ruim. Posteriormente eu viria a saber que Baskett é o primeiro jogador dos Eagles a agarrar dois arremessos de touchdown com mais de oitenta jardas na mesma temporada, o que é um feito, mesmo que o número 84 tenha sido apenas um jogador reserva este ano.

— E você queria ir embora — digo para Jake.

— Vai, Baskett! — grita ele, e me dá um abraço de lado, ombro contra ombro.

Depois que os reservas dos Eagles ganham o último jogo da temporada normal, os Birds terminam a sua temporada vencendo por 10 a 6, garantindo assim ao menos um jogo da rodada final em casa. Saio do Linc de muletas, com Jake agindo como se fosse meu zagueiro, dividindo as multidões e gritando: “Aleijado passando! Aleijado passando! Saiam do caminho!”

Só encontramos a turma de Cliff quando voltamos para a tenda dos homens gordos e para o ônibus da Invasão Asiática. Mas, quando chegamos lá, nossos amigos nos cumprimentam com gritos de “Vai, Baskett!”, porque o número 84 teve o melhor dia de sua carreira com cento e setenta e sete jardas de

recepções e um touchdown de oitenta e nove jardas.

Como agora temos a rodada final para discutir, ninguém quer ir embora, e por isso bebemos cervejas e falamos sobre os Giants — que estão em 8-8 —, com quem os Birds jogarão a primeira partida. Quando Cliff me pergunta se acho que nosso time vencerá os Giants, digo a meu terapeuta:

— Os Eagles não apenas vão ganhar, como Hank Baskett vai fazer outro touchdown.

Cliff confirma com um gesto de cabeça, sorri e diz:

— Você acertou em cheio antes mesmo de a temporada começar: Hank Baskett é o cara!

Jake vai embora primeiro porque ele e Caitlin têm aquela festa de Ano-Novo no hotel, então todos zombamos dele e o chamamos de pau-mandado, mas, apesar de ele estar trocando a gente pela mulher, eu lhe dou um abraço e agradeço novamente por ter ficado, por ter conseguido um ingresso de temporada para mim e também por estar pagando meus ingressos da última rodada, que são bem caros. Sei que Jake me perdoou por tê-lo feito perder o jogo contra os Dallas, porque ele retribui meu abraço e diz:

— Sem problemas, mano. Eu amo você. Sempre. Você sabe

disso.

Depois que Jake vai embora, bebemos cervejas por mais meia hora, mas finalmente muitos dos caras também admitem que têm planos com suas esposas para o Ano-Novo, e eu pego o ônibus da Invasão Asiática de volta para casa em Nova Jersey. Os Eagles venceram os últimos cinco jogos e a NFC Leste, de modo que não há como convencer Ashwini a não apertar a buzina do ônibus da Invasão Asiática quando ele estaciona diante da casa de meus pais, e, quando ele faz isso, o grito de guerra soa muito alto, “E!-A!-G!-L!-E!-S! EAGLES!”, o que traz minha mãe até a porta.

De pé no primeiro degrau, mamãe e eu acenamos enquanto o ônibus verde se afasta.

Comemos a ceia de Ano-Novo juntos, em família, mas, mesmo após outra vitória dos Eagles e com grandes chances de alcançarmos o Super Bowl, meu pai não fala muito e volta para o escritório antes que minha mãe termine a refeição, provavelmente para ler ficção histórica.

* * *

Pouco antes de começar a contagem regressiva de Ano-Novo na enorme televisão de tela plana de meu pai, minha mãe me

pergunta se quero ir lá fora bater panelas e frigideiras como costumávamos fazer quando eu era criança. Digo para mamãe que não estou com nenhuma vontade de bater panelas e frigideiras, sobretudo porque estou cansado por ter passado o dia fora, no frio, então ficamos sentados no sofá e assistimos às pessoas comemorando na Times Square.

E 2006 vira 2007.

— Será um ano bom para nós — diz minha mãe, e força um sorriso.

Sorrio de volta para ela, não porque ache que será um ano bom, mas porque meu pai foi para a cama há uma hora, Nikki não voltou, não há o menor indício de que 2007 será um ano bom para minha mãe ou para mim, e, no entanto, minha mãe continua tentando encontrar o lado bom da vida, como me ensinou a fazer há tanto tempo. Ela ainda tem esperanças.

— Será um ano bom — digo.

Quando minha mãe adormece no sofá, desligo a televisão e a observo respirar. Ela ainda é bonita, e vê-la descansando tranquilamente me faz ficar com raiva do meu pai, porque, mesmo sabendo que ele não pode deixar de ser quem ele é, eu gostaria que ele pelo menos tentasse dar mais valor à minha mãe

e passasse algum tempo com ela, principalmente porque ele não tem mais razão para ficar mal-humorado por causa dos Eagles, uma vez que a temporada está sendo um sucesso, independentemente do que aconteça na rodada final, ainda mais depois de termos chegado tão longe sem McNabb. Ainda assim, sei que é improvável que meu pai mude, porque eu o conheço há trinta e cinco anos, e ele sempre foi o mesmo homem.

Minha mãe traz os joelhos e os cotovelos para junto do corpo e começa a tremer, então eu me levanto de um pulo, pego minhas muletas e vou até o armário. Puxo um cobertor do fundo, volto até onde ela está e a cubro — mas ela continua a tremer. De volta ao armário, vejo um cobertor mais pesado na prateleira de cima, então estendo o braço e o puxo para baixo. O cobertor cai em cima de minha cabeça e ouço algo caindo no chão. Olho para baixo e, junto aos meus pés, vejo uma fita de vídeo em uma caixa de plástico branca com dois sinos na capa.

Vou até onde minha mãe está deitada e a cubro com o cobertor mais pesado.

É difícil pegar a fita com o gesso me impedindo de ficar de cócoras, e sou obrigado a me sentar no chão para pegá-la. Depois de me arrastar até a TV, introduzo a fita no aparelho de

videocassete. Olho por cima do ombro, para me certificar de que minha mãe está dormindo profundamente, e então abaixo o volume antes de apertar a tecla play.

O vídeo não está completamente rebobinado, e a parte que aparece na tela é o início do jantar da recepção. Nossos convidados estão sentados na sala de banquete do Country Club de Glenmont, que fica perto de um campo de golfe em uma cidade chique na periferia de Baltimore. A câmera está focada na porta de entrada, mas também dá para ver a pista de dança e a banda. Ao microfone, o vocalista diz “Vamos começar esta festa de casamento à moda da Filadélfia”, momento em que os metais da banda começam a tocar as primeiras notas de “Gonna Fly Now!”. O guitarrista, o baixista e o baterista logo começam a tocar, e, mesmo que não soe exatamente como a música tema de Rocky, fica parecido o suficiente para dar conta do recado.

— Os pais do noivo, o Sr. e a Sra. Patrick Peoples!

Os convidados aplaudem educadamente quando minha mãe e meu pai atravessam a pista de dança de braços dados, e a expressão de dor no rosto do meu pai sugere que essa foi uma das piores experiências de sua vida: ser apresentado no meu casamento.

— Os pais da noiva, Sr. e Sra. George Gates.

Os pais de Nikki atravessam o salão de festas meio saltitantes, parecendo bêbados, como de fato estavam, e eu rio pensando em quão divertidos eram os meus sogros quando bebiam. Realmente sinto falta dos pais da Nikki.

— A dama de honra, Elizabeth Richards, e o padrinho do noivo, Ronnie Brown.

Liz e Ronnie aparecem acenando para nossos convidados, como se fossem membros da realeza ou algo assim, o que é estranho, e sua tática quase silencia os aplausos. Ronnie parece jovem no vídeo, e eu me dou conta de que ele ainda não era pai e que Emily nem sequer existia quando este vídeo foi gravado.

— A madrinha Wendy Rumsford e o padrinho Jake Peoples!

Jake e Wendy atravessam a pista de dança e vão na direção da câmera, até que seus rostos ficam em tamanho real na enorme televisão de tela plana de meu pai. Wendy só dá um gritinho, como se estivesse em um jogo dos Eagles ou algo assim, mas Jake diz: “Amo você, irmão!” E depois beija a lente da câmera, deixando uma marca em forma de boca. Vejo a mão do cinegrafista surgir e rapidamente limpar a lente com um pedaço de pano.

— E agora, pela primeira vez, deixem-me apresentar o Sr. e a Sra. Pat Peoples!

Todos se levantam e aplaudem quando entramos no salão do banquete. Nikki está tão bonita em seu vestido de casamento. Ela mantém a cabeça naquela posição meiga e tímida, com o queixo junto ao peito, e vê-la agora me faz chorar porque sinto muita saudade dela.

Quando vamos para a pista de dança, a banda muda de ritmo, ouço acordes sensuais de sintetizador, pratos suaves ao fundo e em seguida o saxofonista soprano avança e começa a tocar "Songbird".

Algo em minha mente começa a derreter, e sinto uma dor de cabeça como se tivesse tomado sorvete muito gelado, ou como se alguém estivesse cutucando meu cérebro com um picador de gelo. Não estou mais vendo a tela da televisão, vejo uma estrada através de um para-brisa embaçado, e está chovendo loucamente. Não são nem quatro da tarde, mas está escuro como se fosse meia-noite. Estou irritado porque temos um grande jogo pela frente e o telhado do ginásio está novamente com goteiras, vazando como uma peneira, o que me forçou a cancelar o treino de basquete.

Tudo que quero fazer é tomar um banho e assistir a fitas de jogos.

Mas, quando entro em minha casa, ouço um sax soprano gemendo, e é estranho ouvir o jazz suave de Kenny G vindo de meu banheiro a uma hora dessas. As notas do Sr. G tomam conta de tudo. Abro a porta do banheiro; sinto o vapor roçar minha pele e me pergunto por que Nikki está ouvindo a música do nosso casamento no chuveiro. O solo de Kenny G atinge outro clímax. O aparelho de CD está sobre a pia, há duas pilhas de roupas no chão e um par de óculos masculinos na pia ao lado do aparelho de CD. Acordes sensuais de sintetizador, pratos suaves ao fundo.

— Sua puta desgraçada! — grito enquanto rasgo a cortina do chuveiro, expondo muita carne nua, horrível e ensaboada.

Estou de pé na banheira. Minhas mãos estão ao redor do pescoço dele. Estou entre os dois agora, e o chuveiro molha a parte de trás de meu casaco com jatos quentes, deixando meu moletom pesado, e ele está pendurado, implorando com o olhar, suplicando por um pouco de ar. Ele tenta se livrar, mas é um homem minúsculo e fraco. Nikki está gritando; Kenny G está tocando; o amante de Nikki está ficando roxo. Ele é tão pequeno que posso erguê-lo contra os azulejos com uma só mão. Afasto o

cotovelo, fecho o punho e preparo um soco poderoso, de destruir dentes. Seu nariz explode como um pacote de ketchup. Os olhos dele reviram e suas mãos largam a minha. Quando armo um segundo soco, a música para de tocar e então me vejo caído de costas na banheira, o amante nu de Nikki caiu para fora da banheira e Nikki, nua, segura o aparelho de CD em suas mãos trêmulas. Quando tento me levantar, ela volta a bater com o aparelho de CD em minha cabeça, meus joelhos cedem, e eu vejo a bica prateada erguer-se como uma cobra gorda e brilhante, que atinge o ponto sólido bem acima de minha sobrancelha direita, e então...

* * *

... acordo em um hospital e imediatamente começo a vomitar em cima de mim mesmo, até que enfermeiras se aproximam e me dizem para não mexer a cabeça. Estou chorando e chamando por Nikki, mas ela não vem. Minha cabeça dói demais. Quando toco minha testa, sinto uma espécie de curativo, mas minhas mãos estão sendo forçadas para os lados. As enfermeiras estão gritando e me segurando, e em seguida os médicos também começam a me imobilizar. Sinto uma picada no braço e...

* * *

Quando pisco, vejo meu reflexo na tela escura da televisão. O vídeo acabou. Meu reflexo está em tamanho real na tela plana de meu pai, e posso ver minha mãe dormindo no sofá, pouco acima de meu ombro direito. Enquanto continuo a olhar para mim mesmo, minha pequena cicatriz branca começa a coçar, mas não sinto vontade de bater em minha testa com o punho.

Levanto-me e vou de muletas até a cozinha. A agenda ainda está no armário em cima do fogão. Ligo para o apartamento de Jake. Enquanto o telefone toca, olho para o micro-ondas e vejo que são duas e cinquenta e quatro da madrugada, me lembro de que Jake está em uma festa elegante em um hotel e só estará em casa pela manhã, então decido deixar uma mensagem.

Olá, você ligou para a secretária eletrônica de Jake e Caitlin. Por favor, deixe sua mensagem após o sinal. Bip.

— Jake, é seu irmão, Pat. Preciso de um enorme favor...

A melhor das intenções

Pat,

Já faz algum tempo, espero que tempo suficiente.

Se você ainda não rasgou esta carta, por favor leia-a até o fim.

Como você já descobriu, sou muito melhor escritora do que

oradora neste momento de minha vida.

Todo mundo me odeia.

Você sabia que seu irmão veio até minha casa e ameaçou me matar caso eu entrasse em contato com você? A sinceridade dele me assustou — o bastante para me impedir de escrever antes.

Até meus pais me censuraram por eu ter fingido ser Nikki.

Minha terapeuta diz que minha traição talvez não seja perdoável, e, pelo modo como ela ficou repetindo a palavra imperdoável, deu para notar que ela está muito desapontada comigo. Mas a verdade é que fiz isso para seu bem. Sim, eu tinha esperanças de que, uma vez que você caísse em si e superasse Nikki, você quisesse me dar uma chance — especialmente porque somos ótimos parceiros de dança, ambos gostamos de correr, estamos em condições habitacionais semelhantes e, sejamos sinceros, estamos lutando arduamente para mantermos um pé na realidade. Temos muito em comum, Pat. Eu ainda acredito que você apareceu em minha vida por um motivo.

Porque amo você, quero lhe dizer algo que nunca disse para ninguém, exceto para minha terapeuta. É um tanto bizarro, então espero que você seja capaz de lidar com isso. No começo eu não ia lhe dizer, mas pensei que a situação não poderia ficar pior, e

talvez um pouco de honestidade possa ajudar bastante agora.

Não sei se você sabe, mas Tommy era policial. Ele trabalhava para o Departamento de Polícia de Meadowville e foi designado para ficar em uma escola de ensino médio como uma espécie de conselheiro. Portanto, ele passava metade de seu tempo aconselhando e trabalhando com adolescentes problemáticos, e na outra metade era apenas um policial comum. Estou lhe contando isso porque é importante compreender que Tommy era um homem bom. Ele não merecia morrer, e sua morte é prova cabal de que a vida é escrota, aleatória e arbitrária, até que se encontre alguém que faça tudo isso fazer sentido, mesmo que apenas temporariamente.

Enfim, Tommy era muito bom com adolescentes e chegou a criar um clube na escola para conscientizar os jovens sobre os perigos de beber e dirigir. Muitos pais achavam que o clube tolerava a ingestão de bebidas alcoólicas pelos menores, porque não tinha sido criado para evitar que os menores de idade bebessem, mas para evitar que eles bebessem e dirigissem, então Tommy teve de lutar muito para manter o grupo funcionando. Tommy me disse que um monte de jovens do ensino médio bebia todo fim de semana, e que muitos pais da cidade deixavam

que seus filhos bebessem. Para mim, o mais engraçado é que foram os jovens que o procuraram para pedir que ele fundasse o clube, porque estavam preocupados que alguém se machucasse ou morresse se seus amigos continuassem voltando para casa dirigindo depois das festas. Você se imagina falando assim com um policial quando era adolescente? Tommy era esse tipo de sujeito, as pessoas confiavam nele na hora.

Ele organizava assembleias e chegava a promover noites de karaokê nas quais os alunos pagavam para ouvir seus professores favoritos cantando os hits do momento. Tommy conseguia convencer as pessoas a fazerem coisas assim. Eu ia a esses eventos, e via Tommy no palco com todos aqueles adolescentes cantando e dançando com os outros professores, que ele havia convencido a vestirem fantasias malucas — e os pais, alunos e administradores eram só sorrisos. Não dava para evitar, porque Tommy era uma verdadeira explosão de energia positiva. Ele sempre fazia discursos durante esses eventos — enumerando fatos e estatísticas sobre beber e dirigir. As pessoas ouviam o que Tommy dizia. Elas o amavam. Eu o amava para caralho, Pat.

Uma coisa engraçada sobre Tommy era que ele gostava muito de fazer sexo. Ele sempre queria fazer amor. Quer dizer: assim

que chegava do trabalho, suas mãos vinham para cima de mim. Eu acordava de manhã e ele já vinha montando em mim. Mal podíamos fazer uma refeição sem que suas mãos deslizassem por baixo da mesa, em busca de minhas pernas. E se Tommy estava em casa, não havia como eu terminar de ver um programa de televisão, porque assim que começava um comercial ele já estava com uma ereção enorme e me olhando daquele jeito. Era bem divertido, e eu adorei isso nos primeiros dez anos de nosso casamento. Mas depois de dez anos de sexo sem parar, cansei um pouco. Quer dizer: a vida é mais do que só sexo, não é?

Então, certa manhã ensolarada, depois de termos acabado de fazer amor sob a mesa da cozinha, a chaleira apitou, eu me levantei e servi duas xícaras.

— Estive pensando: talvez devêssemos limitar o sexo a algumas vezes por semana — falei.

Nunca vou me esquecer da expressão no rosto de Tommy. Parecia que eu tinha dado um tiro na barriga dele.

— Há algo errado? — perguntou. — Estou fazendo algo errado?

— Não. Não é nada disso.

— Então, o que é?

— Não sei. É normal fazer sexo diversas vezes por dia?

— Você não me ama mais? — interrompeu Tommy com uma expressão de menino magoado, que ainda vejo sempre que fecho meus olhos à noite.

É claro que eu disse para Tommy que o amava mais do que nunca, que só queria diminuir um pouco o ritmo. Disse que gostaria de conversar mais com ele, fazer caminhadas e descobrir novas atividades recreativas, para que o sexo pudesse voltar a ser especial.

— Fazer sexo demais — falei para ele — acaba um pouco com a magia da coisa.

Por algum motivo estranho, eu me lembro de ter sugerido que andássemos a cavalo.

— Então você está me dizendo que a magia acabou? — disse ele, e essa pergunta foi a última coisa que ele falou para mim. Então você está me dizendo que a magia acabou?

Lembro-me de ter falado muito logo depois que ele disse isso, explicando que podíamos fazer sexo quantas vezes ele quisesse e que aquilo era apenas uma sugestão, mas ele estava ferido. Ficou olhando para mim com desconfiança o tempo todo, como se eu o estivesse traindo ou algo assim. Mas eu não estava. Eu só queria

desacelerar um pouco para que pudéssemos aproveitar mais o sexo. Tudo que eu queria dizer para ele era que estávamos abusando de algo bom. Mas ficou claro que eu o havia magoado, porque, antes que eu pudesse terminar de explicar, ele se levantou e subiu para tomar banho. E saiu de casa sem se despedir.

Recebi o telefonema no trabalho. Tudo que me lembro foi de ter ouvido que Tommy se acidentara e fora levado às pressas para o Hospital West Jersey. Quando cheguei ao hospital, havia uma dezena de homens em uniformes azuis, policiais por toda parte. Seus olhos lacrimejantes me disseram tudo.

Mais tarde viria a saber que Tommy fora ao Cherry Hill Mall durante sua pausa para o almoço. Eles encontraram uma sacola da Victoria's Secret repleta de peças de lingerie no carro dele, todas do meu tamanho. De volta para Meadowville, ele parou na estrada para ajudar uma senhora idosa cujo carro havia enguiçado. Tommy chamou um reboque, mas ficou junto à janela da senhora nervosa, conversando com ela, fazendo-lhe companhia enquanto ela esperava. Tommy estava sempre conversando com as pessoas. O carro estava atrás dele, o pisca-alerta estava ligado, mas ele estava de pé na beirada do

acostamento. Algum motorista que havia bebido no almoço deixou cair o celular e, ao se abaixar para pegá-lo, puxou o volante para a direita, atravessou duas pistas e...

A manchete do jornal local dizia: “Policial Thomas Reed, criador do Clube contra Embriaguez ao Volante da Meadowville High School, foi morto por motorista embriagado.” Era tudo tão irônico, quase engraçado de um jeito sádico. Havia tantos policiais em seu enterro. Os alunos da escola transformaram meu gramado em um memorial vivo — ficavam na calçada com velas e flores. Como me recusei a sair, esses adolescentes cantaram com doçura para mim nas primeiras noites, um coro de vozes tristes e lindas. Nossos amigos trouxeram comida, o padre Carey me falou a respeito do paraíso, meus pais choraram comigo e Ronnie e Veronica ficaram em minha casa durante as primeiras semanas. Mas a única coisa em que eu conseguia pensar era que Tommy morrera acreditando que eu não queria mais fazer sexo com ele. Eu me senti tão culpada, Pat. Eu queria morrer. Ficava pensando que ele não teria ido até a loja da Victoria’s Secret em sua pausa para o almoço se não tivéssemos discutido, e então ele nunca teria passado pela senhora com o carro quebrado, o que significava que não teria morrido. Eu me senti muito culpada.

Ainda me sinto culpada para cacete.

Depois de algumas semanas, voltei a trabalhar, mas tudo mudou de lugar na minha cabeça. Minha culpa se transformou em necessidade, e de repente eu estava com um desejo louco de sexo. Comecei a trepar com homens, qualquer homem que aparecesse. Tudo que eu precisava fazer era olhar para um homem de um certo jeito, e em poucos segundos já sabia se ele ia me comer ou não. E quando eles me comiam, eu fechava os olhos e fingia que era o Tommy. Para estar com meu marido novamente, eu trepava em qualquer lugar. Em um carro. No vestiário do trabalho. Em um beco. Atrás de um arbusto. Em um banheiro público. Em qualquer lugar. Mas, na minha mente, era sempre sob a mesa da cozinha, Tommy tinha voltado para mim e eu lhe dizia que não estava cansada de fazer sexo, que gostaria de fazer amor com ele quantas vezes ele precisasse, porque eu o amava com todo meu coração.

Eu estava doente. E não faltaram homens loucos para se aproveitar de minha doença. Por todos os lados havia homens prontos para — com satisfação — foder a doente mental aqui.

É claro que isso fez com que eu perdesse meu emprego e me levou à terapia e a vários exames médicos. Por sorte, não contraí

nenhuma doença, e faria os testes novamente com prazer se isso vier a se tornar um problema entre nós. Mas mesmo que eu tivesse contraído aids ou qualquer outra coisa, teria valido a pena para mim naquele momento, porque eu precisava desse encerramento. Eu precisava desse perdão. Eu precisava viver a fantasia. Precisava trepar até acabar com minha culpa, para poder escapar da névoa em que estava, sentir algo, sentir qualquer coisa e começar a viver minha vida novamente, o que só estou começando a fazer agora — desde que nos tornamos amigos.

Tenho de admitir que durante o jantar de Veronica só pensei em você como uma trepada fácil. Eu o vi com aquela camiseta idiota dos Eagles e fiquei imaginando como poderia convencê-lo a me comer, para que eu pudesse fingir que você era Tommy. Eu não fazia isso havia muito tempo. Eu não queria mais fazer sexo com estranhos, mas você não era um estranho. Você foi escolhido a dedo por minha própria irmã. Você era um homem seguro com quem Ronnie estava tentando me juntar. Então achei que começaria a fazer sexo com você regularmente, de modo que eu pudesse fantasiar sobre o Tommy outra vez.

Mas quando você me abraçou na frente da casa dos meus pais

e quando você chorou comigo, as coisas mudaram — de uma maneira muito dramática. Não entendi isso a princípio, mas, pouco a pouco, quando corremos juntos, comemos cereais com passas na lanchonete, fomos à praia e nos tornamos amigos, simplesmente amigos, sem nada de sexo para complicar as coisas, foi bom de um jeito que eu não tinha planejado. Eu apenas gostava de estar perto de você, mesmo que não disséssemos nada.

Eu soube que tinha sentimentos mais fortes por você quando comecei a estremecer por dentro sempre que ouvia o nome da Nikki. Era óbvio que você nunca mais voltaria a se relacionar com sua esposa, então liguei para sua mãe, embebedei-a no bar local e ela me contou tudo sobre você. Você não me viu, mas eu estava na garagem quando ela chegou bêbada e você a ajudou a entrar em casa. Fui eu quem dirigiu o carro naquela noite.

Depois do que aconteceu com Tommy, parei de beber. Temos nos encontrado toda semana desde então, Pat. Ela precisava de uma amiga, precisava falar com alguém sobre seu pai. E eu a ouvi. No começo eu só estava usando sua mãe para obter informações, mas agora somos amigas. Ela não sabia sobre as cartas que eu estava escrevendo em nome de Nikki, e ficou

furiosa comigo durante um tempo, após o episódio do Natal, mas ela sabe sobre esta carta, obviamente, já que foi ela quem a entregou a você. Sua mãe é uma mulher muito forte e que sabe perdoar, Pat. Ela merece alguém melhor do que seu pai, e talvez você mereça alguém melhor do que eu. A vida é engraçada assim.

Escrevi aquelas cartas na esperança de fazer você colocar um ponto final na sua história, como coloquei na minha através do sexo casual depois que Tommy morreu. Por favor, saiba que só comecei o falso esquema de ser o elo entre vocês depois de estar certa de que Nikki jamais concordaria em revê-lo, sob nenhuma circunstância. Talvez você nunca seja capaz de me perdoar, mas queria que soubesse que tive a melhor das intenções e que ainda o amo, do meu jeito maluco, mas amo.

Sinto sua falta, Pat. Sinto mesmo. Podemos ao menos ser amigos?

Tiffany

Ahá!

Quando Danny termina de ler a última carta de Tiffany, suspira, coça o cabelo afro e olha pela janela do meu quarto por um longo

tempo. Quero ver a reação dele, porque Danny é a única pessoa que eu conheço que ainda não tem uma opinião formada sobre Tiffany. Todos os outros são obviamente parciais, até mesmo Cliff.

— Então... — digo de minha cama. Estou encostado na cabeceira e meu gesso, apoiado sobre alguns travesseiros. — O que você acha que eu devo fazer?

Danny se senta, abre a caixa do Parcheesi e tira o tabuleiro de madeira pintado à mão que minha mãe me deu de aniversário.

— Estou a fim de ser vermelho hoje — diz ele. — Que cor que tu quer?

Depois que escolho azul, montamos o tabuleiro sobre a pequena mesa que minha mãe colocou no quarto para nós logo que cheguei em casa com a perna quebrada. Jogamos Parcheesi como sempre fazemos quando Danny vem me visitar, e é óbvio que ele não emitirá opinião sobre Tiffany, provavelmente porque sabe que só eu posso tomar tal decisão — mas talvez porque ele só queira jogar. Ele ama Parcheesi mais do que qualquer homem que já conheci, e quando ele ocupa uma de minhas casas e manda uma de minhas peças de volta ao círculo inicial, sempre aponta para meu rosto e grita “Ahá!”, o que me faz rir, porque ele

leva o Parcheesi muito a sério.

Embora na verdade eu não goste de jogar Parcheesi tanto quanto Danny, e ele se recuse a responder a qualquer uma de minhas perguntas sobre Tiffany, é bom tê-lo de volta em minha vida.

Jogamos Parcheesi por muitas horas. Os dias passam e meu placar contra Danny aumenta para trinta e duas vitórias contra duzentas e três derrotas. Danny é um excelente jogador de Parcheesi e o melhor lançador de dados que eu já conheci. Quando ele diz “Papai precisa de uma dupla de seis”, quase sempre saem dois seis. O que quer que papai precise, Danny consegue.

Soltar-se de um nimbo-estrato

Uma semana depois de meu gesso ser removido, estou sozinho na passarela do Knight’s Park, apoiando meu peso na balaustrada, olhando para um lago no qual eu poderia dar a volta em menos de cinco minutos. A água lá embaixo está coberta por uma fina camada de gelo, e tenho vontade de jogar pedras na superfície congelada, mas não sei a razão, principalmente porque não tenho pedras comigo. Mesmo assim, quero muito atirar

pedras no gelo, para perfurá-lo, provando que ele é fraco e temporário, e para ver a água preta emergir e sair do buraco que terei criado sozinho.

Penso nos peixes escondidos — principalmente naqueles grandes peixes dourados que as pessoas jogam no lago para que os velhos tenham o que alimentar na primavera e os meninos tenham o que pescar no verão —, peixes agora entocados na lama do fundo do lago. Ou será que esses peixes ainda não se entocaram? Será que vão esperar até o lago congelar completamente?

Eis um pensamento: sou como Holden Caulfield pensando nos patos, só que eu tenho trinta e cinco anos e Holden era um adolescente. Será que o acidente fez meu cérebro voltar ao modo adolescente?

Parte de mim quer subir na balaustrada e pular da ponte, que tem menos de dez metros de comprimento e fica apenas um metro acima do lago; parte de mim quer quebrar o gelo com os pés e afundar, afundar mais e mais na lama, onde eu possa dormir durante meses e me esquecer de tudo que me lembro e sei agora. Parte de mim deseja que eu nunca tivesse recuperado a memória, que eu ainda tivesse uma falsa esperança à qual me

segurar — que eu ainda tivesse pelo menos a ideia de Nikki para continuar seguindo em frente.

Quando finalmente paro de observar o gelo e olho para os campos de futebol, vejo que Tiffany aceitou o convite para me encontrar ali, como Cliff disse que ela faria. A essa distância ela tem apenas seis centímetros de altura, e está usando um gorro de esqui amarelo e um casaco branco que cobre a maior parte de suas coxas, fazendo-a parecer um anjo sem asas que vai crescendo e crescendo — e eu a observo passar pelos balanços e pelo grande pavilhão com mesas de piquenique. Observo-a caminhar ao longo da margem do lago até finalmente alcançar sua altura normal, que é de pouco mais que um metro e cinquenta e cinco.

Quando ela pisa na passarela, volto imediatamente o olhar para a fina camada de gelo lá embaixo.

Tiffany caminha até onde estou e para, seu braço quase tocando o meu. Usando minha visão periférica, vejo que ela também está olhando para a fina camada de gelo, e me pergunto se ela também gostaria de jogar algumas pedras.

Ficamos assim por um tempo que parece durar uma hora e nenhum de nós diz nada.

Meu rosto vai ficando muito frio, até que não posso mais sentir meu nariz nem minhas orelhas.

Finalmente, sem olhar para Tiffany, digo:

— Por que você não veio à minha festa de aniversário? — É uma pergunta idiota de se fazer neste momento, eu sei, mas não consigo pensar em mais nada para dizer, principalmente porque não vejo a Tiffany há muitas semanas, desde que gritei com ela no dia de Natal. — Minha mãe disse que convidou você. Então, por que você não veio?

Após uma longa pausa, Tiffany diz:

— Bem, como escrevi na carta, seu irmão ameaçou me matar caso eu entrasse em contato com você. Além disso, Ronnie veio à minha casa um dia antes de sua festa e me proibiu de ir. Ele disse que nunca deveria ter nos apresentado.

Já tinha falado com Jake sobre a ameaça dele, mas tenho dificuldade em imaginar Ronnie dizendo uma coisa dessas para Tiffany. Ainda assim, sei que ela está dizendo a verdade. Parece realmente magoada e vulnerável nesse momento, especialmente porque está mordendo o lábio inferior como se fosse um pedaço de chiclete. Com certeza, Ronnie disse essas palavras contra a vontade de Veronica. Sua mulher jamais permitiria que ele

dissesse algo tão potencialmente prejudicial para o ego da Tiffany, e pensar que Ronnie impediu Tiffany de comparecer à minha festa me deixa um tanto orgulhoso de meu melhor amigo, sobretudo porque ele foi contra a vontade da mulher para me proteger.

"Manos antes das minas" é o que Danny dizia para mim toda vez que eu me lamentava por causa da Nikki, quando ainda estávamos no lugar ruim — antes de ele fazer a segunda operação. Na aula de terapia artística, Danny chegou a fazer um cartaz para mim com essas palavras escritas em elegantes letras douradas que eu pendurei no espaço de parede entre minha cama e a de meu companheiro de quarto no lugar ruim, Jackie. Mas uma das enfermeiras malvadas tirou a arte de Danny quando eu não estava no quarto, fato que Jackie confirmou, piscando e batendo com a cabeça contra o ombro. Embora eu perceba que a frase é um tanto machista, a expressão agora me faz sorrir, principalmente porque Ronnie é meu melhor amigo em Nova Jersey, agora que Jake e Danny moram na Pensilvânia.

— Desculpe-me, Pat. É isso que você quer ouvir? Bem, eu vou dizer de novo, desculpe-me. Sinto muito mesmo, para caralho. — Embora Tiffany diga um palavrão na frase, a voz dela

parece vacilar como a de minha mãe quando diz algo com muita sinceridade, e isso me faz achar que talvez Tiffany comece a chorar aqui na ponte. — Tenho muitos problemas e não sei mais como me comunicar com as pessoas que amo. Mas fui sincera em tudo que lhe disse em minha carta. Se eu fosse sua Nikki, teria voltado para você no dia de Natal, mas não sou Nikki. Eu sei. E sinto muito.

Não sei o que dizer em resposta, então ficamos ali durante vários minutos, sem dizer nada.

De repente, por algum motivo louco, quero contar para Tiffany o final do filme, o filme da minha antiga vida. Acho que ela deveria saber o final, principalmente porque ela foi uma das protagonistas. Então, de repente, as palavras estão jorrando da minha boca.

— Decidi confrontar Nikki, só para que ela soubesse que eu me lembro do que aconteceu entre nós, mas que não guardo ressentimentos. Meu irmão me levou até minha antiga casa, em Maryland, e descobrimos que Nikki ainda mora lá, o que eu achei um pouco estranho, especialmente porque ela tem um novo eu, aquele tal de Phillip que trabalha com ela como professor de inglês e que sempre me chamava de bufão iletrado

porque eu não costumava ler livros de literatura — digo, omitindo a parte em que eu estrangulo e soco um Phillip nu quando o pego no chuveiro com Nikki. — Se eu fosse Phillip, provavelmente não gostaria de morar na casa do ex-marido de minha mulher, porque isso é um pouco estranho, não é?

Tiffany não diz nada quando faço uma pausa, então continuo falando.

— Quando passamos de carro por minha antiga rua, estava nevando, o que é raro em Maryland e, portanto, um grande acontecimento para as crianças. Havia apenas um centímetro de neve no chão, uma camada fina, mas já era o suficiente para se pegar com as mãos. Vi Nikki do lado de fora da casa com Phillip, e eles estavam brincando com duas crianças. Pelas cores que vestiam, supus que a de azul-marinho era um menino pequeno e a de pêssego, uma menina ainda menor. Depois que passamos ali na frente, de carro, pedi que Jake desse a volta na quadra e estacionasse a meio quarteirão para que pudéssemos assistir a Nikki brincando com sua nova família na neve. Minha antiga casa fica em uma rua movimentada, então nossa presença não ia chamar a atenção de Nikki. Jake fez o que eu pedi e, em seguida, desligou o motor, mas deixou os limpadores de para-brisa ligados

para que pudéssemos ver. Baixei o vidro de minha janela, já que eu estava no banco de trás por causa do gesso, e nós assistimos à família brincar por muito tempo, tanto tempo que Jake finalmente ligou o carro outra vez e acionou o aquecedor, porque ele estava com muito frio. Nikki estava usando o longo cachecol listrado de verde e branco que eu costumava usar nos jogos dos Eagles, um casaco marrom e luvas vermelhas. Seu cabelo louro-acobreado, repleto de cachos, balançava livremente sob o gorro verde. A nova família de Nikki estava fazendo uma guerra de bolas de neve. Dava para ver que as crianças amavam o pai e a mãe, e que o pai amava a mãe, e que a mãe amava o pai, e que os pais amavam as crianças, enquanto jogavam neve uns nos outros tão amorosamente, correndo atrás uns dos outros, rindo e caindo sobre os corpos muito agasalhados uns dos outros, e...

Faço uma pausa porque estou tendo dificuldades para tirar as palavras de minha garganta.

— Estreitei bem os olhos para tentar ver o rosto de Nikki, e, mesmo a uma quadra de distância, dava para ver que ela estava sorrindo o tempo todo e que estava muito feliz mesmo, e, de algum modo, isso foi o suficiente para que eu desse oficialmente um fim ao tempo separados e começasse a passar os créditos de

meu filme, mesmo sem ter confrontado Nikki. Então, apenas pedi para Jake me levar de volta para Nova Jersey, o que ele fez, porque ele é provavelmente o melhor irmão do mundo inteiro. Portanto, acho que só quero que Nikki seja feliz, mesmo que sua vida feliz não me inclua, porque eu tive minha chance e não fui um marido muito bom e Nikki foi uma esposa ótima e...

Tenho de fazer uma pausa novamente. Engulo em seco diversas vezes.

— Vou me lembrar dessa cena como sendo o final feliz do filme de minha antiga vida. Nikki fazendo uma guerra de bolas de neve com sua nova família. Ela parecia tão feliz... com o novo marido e seus dois filhos...

Paro de falar porque as palavras não querem mais sair. É como se o ar frio tivesse congelado minha língua e minha garganta, como se o frio estivesse penetrando em meus pulmões e congelando meu peito de dentro para fora.

Tiffany e eu ficamos na ponte por um longo tempo.

Embora meu rosto esteja dormente, começo a sentir um calor em meus olhos, e de repente percebo que estou mais ou menos chorando outra vez. Enxugo os olhos e o nariz com a manga do casaco e então começo a chorar aos soluços.

Só quando termino de chorar, Tiffany finalmente fala, embora não fale sobre Nikki.

— Trouxe um presente de aniversário para você, mas não é nada demais. Não embrulhei nem escrevi um cartão nem nada, porque, bem... porque sou sua amiga maluca que não compra cartões nem embrulha presentes. Sei que estou mais de um mês atrasada, mas, de qualquer maneira...

Ela tira as luvas, abre alguns botões e puxa meu presente do bolso interno de seu casaco.

Pego o volume de suas mãos, uma coleção de dez páginas pesadamente laminadas, cada uma medindo cerca de dez por vinte centímetros, unidas por um parafuso prateado no canto superior esquerdo. A capa diz:

TABELA DE NUVENS
DO OBSERVADOR DO CÉU
Uma tabela de identificação
durável e fácil de usar
para todos os entusiastas do ar livre.

— Você sempre ficava olhando para as nuvens quando saíamos para correr — diz Tiffany —, então pensei que você gostaria de poder diferenciá-las por suas formas.

Empolgado, viro a capa para cima para poder ler a primeira página fortemente laminada. Depois de ler tudo sobre as quatro formas básicas de nuvens: estratos, nimbos, cúmulos e cirros — depois de olhar para todas aquelas belas imagens que documentam as diferentes variações dos quatro grupos, de alguma forma Tiffany e eu acabamos deitados de costas no meio do mesmo campo de futebol em que eu costumava jogar quando era criança. Olhamos para o céu, que está todo daquela cor cinza de inverno, mas Tiffany diz que, talvez, se esperarmos bastante tempo, uma forma se liberte, e seremos capazes de identificar a nuvem usando minha Tabela de Nuvens do Observador do Céu. Ficamos esperando ali, deitados no chão congelado por um longo tempo, mas tudo que vemos no céu é o sólido cobertor cinza, que minha nova tabela de nuvens identifica como um nimbo-estrato: “uma massa de nuvens cinzentas a partir da qual cai chuva ou neve continuamente.”

Depois de algum tempo, a cabeça de Tiffany acaba apoiada sobre meu peito, meu braço acaba em volta de seus ombros e eu puxo seu corpo para perto do meu. Trememos juntos deitados no campo de futebol durante o que parecem horas. Quando começa a nevar, os flocos imensos caem com rapidez. Quase

imediatamente o campo fica branco, e é então que Tiffany sussurra a mais estranha das coisas. Ela diz:

— Eu preciso de você, Pat Peoples, eu preciso de você para caralho.

Então, ela começa a chorar lágrimas quentes sobre minha pele enquanto beija meu pescoço e funga suavemente.

É estranho ouvi-la dizer aquilo, tão distante do “eu amo você” de uma mulher comum e, no entanto, provavelmente mais verdadeiro. Dá uma sensação boa ter Tiffany perto de mim, e eu me lembro do que minha mãe disse quando tentei me livrar de minha amiga ao pedir que ela saísse para jantar comigo. Minha mãe disse: “Você precisa de amigos, Pat. Todo mundo precisa.” Lembro também que Tiffany mentiu para mim durante várias semanas; me lembro da história terrível que Ronnie me contou sobre a demissão da Tiffany e o que ela admitiu em sua carta mais recente; eu me lembro de quão bizarra tem sido a minha amizade com ela — mas então lembro que ninguém além da Tiffany poderia realmente chegar perto de entender como eu me sinto depois de ter perdido Nikki para sempre. Lembro que o tempo separados finalmente acabou, e que, embora Nikki tenha ido embora para sempre, eu ainda tenho uma mulher em meus

braços que sofreu muito e precisa desesperadamente acreditar que é linda outra vez. Em meus braços está uma mulher que me deu uma Tabela de Nuvens do Observador do Céu, uma mulher que sabe todos os meus segredos, uma mulher que sabe quão problemática é a minha mente, quantos comprimidos eu tomo, e que ainda assim permite que eu a abrace. Há algo de honesto em tudo isso, e eu não consigo imaginar nenhuma outra mulher deitada comigo no meio de um campo de futebol congelado, no meio de uma tempestade de neve, até impossivelmente esperando uma nuvem soltar-se de um nimbo-estrato.

Nikki não teria feito isso por mim, nem mesmo em seus melhores dias.

Então puxo Tiffany mais para perto, beijo o ponto rígido entre suas sobrancelhas perfeitamente bem-feitas e, depois de inspirar profundamente, digo:

— Acho que também preciso de você.